

# REVISTA DAS ITCPs



DOSSIÊ V CONGRESSO DA REDE DE ITCPs E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

Vol. 1, N. 1 - | julho – dezembro de 2021

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional

Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733

Biblioteca de Ciências Sociais - UFPel

R454 Revista das ITCPs [recurso eletrônico] / Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. - v.1, n.1, (2021). - Pelotas: Rede de ITCPs / UFPel, 2021. 200p. ; 2.31Mb

Semestral

ISSN: xxxx-xxxx

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

1. Incubação de empreendimentos solidários - Periódico 2. Economia solidária 3. Educação popular 4. Pesquisa-ação 5. Tecnologias sociais 6. Cooperativismo popular 7. Autogestão

CDD: 334

**Composição de capa: Mariana Mendonça Cabeça (Unesp-Assis)**

Fotos cedidas pelas incubadoras da Unifal-MG, UTFPR-Curitiba e UFPel.

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS



**Reitora:** Isabela Fernandes Andrade

**Vice-Reitora:** Ursula Rosa da Silva

**Pró-Reitoria Administrativa:** Ricardo Hartlebem Peter

**Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis:** Fabiane Tejada da Silveira

**Pró-Reitoria de Ensino:** Maria de Fatima Cossio

**Pró-Reitoria de Extensão e Cultura:** Eraldo dos Santos Pinheiro

**Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas:** Tais Ullrich Fonseca

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação:** Flavio Fernando Demarco

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento:** Paulo Roberto Ferreira Junior

**REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES - REDE ITCPs**



### Coordenação Nacional Colegiada

**Dr.ª Aline Mendonça dos Santos** - Região Sul – *UCPel Universidade Católica de Pelotas*

**Dr.ª Ana Maria Rodrigues de Carvalho** - Região Sudeste – *UNESP Univ. Estadual Paulista (Assis)*

**Dr. Jean Carlos Machado Alves** - Região Sudeste – *UFOP Universidade Federal de Ouro Preto*

**Esp. Luiz Dionízio Bach** - Região Sul – *UFPR Universidade Federal do Paraná*

**Ms. Magno Willams de Macedo Farias** - Região Nordeste – *UFBA Universidade Federal da Bahia*

**Dr. Marconi Tabosa de Andrade** - Região Nordeste – *UFAL Universidade Federal de Alagoas*

**Dr.ª Neli Maria Castro de Almeida** - Região Sudeste – *IFRJ Instituto Federal ECT do Rio de Janeiro*

**Ms. Odilon Sérgio** - Região Nordeste – *UNEB Universidade Estadual da Bahia*

**Dr. Valmor Schiochet** - Região Sul – *FURB Universidade Regional de Blumenau*

**Dr. Wagner de Souza Leite Molina** - Região Sudeste – *UFSCar Universidade Federal de São Carlos*

### REVISTA DAS ITCPs



#### Comitê Editorial

**Prof. Dr. Antônio Cruz** (Editor Responsável) - *Universidade Federal de Pelotas / UFPel*

**Prof.ª Dr.ª Ana Carolina Guerra** - *Universidade Federal de Alfenas / Unifal-MG*

**Prof. Dr. Dimitri Toledo** - *Universidade Federal de Alfenas / Unifal-MG*

**Prof.ª Dr.ª Marilene Zazula Beatriz** - *Universidade Tecnológica Federal do Paraná / UTFPR (Campus Curitiba)*

**Lic. Bárbara Denise Xavier da Costa** (Editora Assistente) - *Universidade Federal de Pelotas / UFPel*

**Bel. Kaio Lucas da Silva Rosa** - *Universidade Federal de Alfenas / Unifal-MG*

**Dr.ª Lourença Santiago Ribeiro** - *Universidade Tecnológica Federal do Paraná / UTFPR (Campus Curitiba)*

### Conselho Editorial – Seção Brasil (ITCPs)

**Prof. Dr. Ana Carolina Guerra** - *Unifal-MG - Universidade Federal de Alfenas*

**Prof.ª Dr.ª Ana Dubeux** - *UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco*

**Prof.ª Dr.ª Bianca Lima Costa** - *UFV - Universidade Federal de Viçosa*

**Prof. Dr. Carlos Alex Cypriano** - *IFBA - Instituto Federal da Bahia*

**Prof.ª Dr.ª Edina Souza Ramos Mendes** - *Unimontes - Universidade Estadual de Montes Claros*

**Prof. Dr. Enio Waldir da Silva** - *Unijui - Univ. Reg. do Noroeste do Estado do R. Grande do Sul*

**Prof. Dr. Genauto Carvalho França Filho** - *UFBA - Universidade Federal da Bahia*

**Prof. Dr. Geraldo Augusto Locks** - *Uniplac - Universidade do Planalto Catarinense*

**Prof.ª Dr.ª Isabela Aparecida de Oliveira Lussi** - *UFSCar - Universidade Federal de São Carlos*

**Prof.ª Dr.ª Isadora Cadore Virgolin** - *Unicruz - Universidade de Cruz Alta*

**Prof. Dr. Jean Carlos Machado Alves** - *UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto*

**Prof. Dr. José Ricardo Kreutz** - *UFPel - Universidade Federal de Pelotas*

**Prof. Dr. José Roberto Pereira** - *UFLA - Universidade Federal de Lavras*

**Prof.ª Dr.ª Laís Fraga** - *Unicamp - Universidade Estadual de Campinas*

**Prof.ª Dr.ª Lucia de Fátima Socoowski de Anello** - *FURG - Universidade Federal do Rio Grande*

**Prof. Dr. Luis Panhoca** - *UFPR - Universidade Federal do Paraná*

**Prof.ª Dr.ª Manuela Salau Brasil** - *UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Maria de Lourdes Borges** - *Unilasalle - Universidade La Salle*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Marilene Zazula Beatriz** - *UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof. Dr. **Reinaldo Pacheco da Costa** - *USP - Universidade de São Paulo*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Rosângela Alves de Oliveira** - *UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

Prof. Dr. **Tiago de Garcia Nunes** - *UCPEL - Universidade Católica de Pelotas*

#### **Conselho Editorial – Seção Internacional**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Carmen Marcuello** - *Unizar – Universidad de Zaragoza, España*

Prof. Ms. (*doctorante*) **Eduardo Letelier** - *UCM – Universidad Católica del Maule, Chile*

Prof. Ms. (*doctorante*) **Gerardo Sarachu** - *UdelaR – Universidad de la República, Uruguay*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Grisell Reyes Núñez** - *UPR – Universidad de Puerto Rico*

Prof. Dr. **Jaime García Ruiz** - *UCLV – Universidad Central ‘Marta Abreu’ de Las Villas, Cuba*

Prof. Dr. **Jean-Louis Laille** - *CNAM – Conservatoire National des Arts et Métiers à Paris, France*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Josefina Cendejas Guízar** - *UMSNH – Univ. Michoacana S. Nicolás de Hidalgo, México*

Prof. Dr. **Juan Carlos Pérez de Mendiguren** - *UPV-EHU – Universidad del País Vasco, España (EHU-UPV, Euskal Herriko Unibertsitatea, España)*

Prof. Dr. **Juan Fernando Álvarez** - *Javeriana – Pontificia Univ. Javeriana de Colombia*

PhD Resercher, Ms. **Laura Kumpuniemi** - *UEF – Itä-Suomen yliopisto (University of Eastern Finland)*

Prof. Dr. **Pedro Hespanha** - *UC - Universidade de Coimbra, Portugal*

PhD, Prof. **Peter North** - *LivUni – University of Liverpool, United Kingdom*

Prof. Dr. **Rodolfo Pastore** - *UNQ – Universidad Nacional de Quilmes, Argentina*

Prof. Dr. **Rogério Roque Amaro** - *IUL – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Ruth Muñoz** - *UNGS – Universidad Nacional General Sarmiento, Argentina*

## *Sumário*

### **Apresentação**

*Comitê Editorial*.....p. 7

### **Prefácio: Mensagem da Coordenação Nacional Colegiada da Rede de ITCPs**

*Coordenação Nacional Colegiada da Rede de ITCPs*.....p. 10

### **Dossiê: V Congresso da Rede de ITCPs**

Uma experiência de formação em economia solidária com usuários/as da Política de Assistência Social em Blumenau/SC

*Roberto R. Rautenberg, Valmor Schiochet, Geise C. Soares e Vanessa Doré Gonçalves*.....p. 13

Empreendimentos solidários no território: experiências para o fortalecimento e expansão nas regiões Norte / Noroeste Fluminense e Vale do Itabapoana

*Paula Aparecida Martins Borges Bastos, Rogério Ribeiro Fernandes e Sandra Márcia Gonçalves de Souza*.....p. 23

O mercado de resíduos sólidos na região Sul do RS e a constituição da Rede Reciclar

*Diego Rodrigues Gonçalves, Renato Della Vechia, Rovena Ramos Lima e Vanessa Monks De Silveira*  
.....p. 29

O desenvolvimento territorial de base local e a economia solidária a partir de ações da ITCP/UNIPLAC no Planalto Catarinense

*Yuri Lourenço Amaral*.....p. 46

Pensando os saberes populares e acadêmicos na relação com o Grupo “Sabores Da Vida”

*Marina da Rocha, Adriana Mello Severo, Robinson Henrique Scholz*.....p. 55

O que tem sido praticado? Uma abordagem a respeito das relações de consumo no Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG

*Kaio Lucas da Silva Rosa, Layon Carlos Cezar*.....p. 65

A educação para a sustentabilidade como elemento de fortalecimento da Economia Solidária e da Agroecologia: o trabalho da INCUBACOOP/UFRPE em Bonito-PE



<i>Ana Dubeux, Gilvania de Oliveira Silva de Vasconcelos e Beatriz Pessoa De Souza</i> .....	p. 82
Articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão em Economia Solidária - A experiência INCOOP/NuMI-Ecosol <i>Danilo Malta Ferreira</i> .....	p. 98
Economia Solidária e Saúde Mental: reflexões sobre uma experiência de incubação <i>Letícia Luana Costa Fabretti, Giovana Domingos da Silva e Ana Maria Rodrigues de Carvalho</i> .....	p. 113
Mulheres e economia popular solidária na construção do bem-viver <i>Carlúcia Maria Silva</i> .....	p. 125
Feira de Economia Solidária e Agroecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora: Uma experiência de ocupação e interação em espaços coletivos <i>Monalisa Barbosa Alves, Juliana Macário de Oliveira, Grasielle Rosa Caciano</i> .....	p. 141
<b>Outras contribuições</b>	
O Fórum Mundial e a Feira Mundial de Economia Solidária: Da caridade libertadora para a política pública no Brasil – A história e as contribuições do Projeto Esperança/Cooesperança-Santa Maria - RS –Brasil <i>Schirlei Stock Ramos</i> .....	p. 157
Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná - ITCP UFPR e turismo no litoral do Paraná: um estudo sobre as ações realizadas <i>Raquel dos Santos Vieira, Sandro Miguel Mendes, Patricia Denkewicz, Luiz Panhoca</i> .....	p. 174
Barbearia Autogestionária: Experiência de Capacitação Profissional de Jovens em Cumprimento de Medidas Socioeducativas <i>Isabela Aparecida de Oliveira Lussi, Ana Cláudia Esteves dos Reis Fugikaha, Ana Laura de Melo Alves, Claudia Daher Saad, Thauana Leticia Felicio</i> .....	p. 185

## *Apresentação*

É com imensa alegria que o Comitê Editorial da Revista das ITCPs apresenta sua primeira edição – Volume 1, Número 1, dezembro de 2021.

A ‘Revista das ITCPs’ é a revista científica da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – a Rede de ITCPs, que é apresentada por nossa Coordenação Nacional Colegiada nas páginas seguintes, em nosso ‘Prefácio’.

Foi um longo percurso até aqui. Depois de mais de vinte anos de muito trabalho, de intenso intercâmbio e de grandes realizações, nossa Rede inicia uma nova etapa, fundamental no processo de sua construção. Neste sentido, talvez a Revista possa parecer uma iniciativa tardia, se considerarmos o tempo que já caminhamos; mas ela é, sobretudo, o anúncio de nossa fortaleza, que é a nossa solidariedade – a nossa capacidade de enfrentar obstáculos e desafios e seguir contribuindo para a construção de uma economia solidária, cooperativa, autogestionária, sustentável. Especialmente se atentarmos para o fato de que nossa publicação foi gestada, na maior parte do tempo, em meio à pandemia de Covid-19, com tudo que este episódio histórico representa em termos de perdas, de tristezas, de insegurança.

Muitas vezes absorvidos pelo apaixonante trabalho da extensão universitária vinculada à economia solidária e seus temas afins, a maioria de nós termina reservando pouco tempo para plasmar suas reflexões acerca das experiências desenvolvidas. Nossa rotina de reuniões, visitas, tarefas práticas, pesquisas por soluções para os problemas dos empreendimentos, desenvolvimentos inovadores, participação em fóruns e seminários... enfim, tudo isso, que as educadoras e educadores (professores, técnicos, estudantes) que participam das ITCPs conhecem muito de perto, acaba por ocupar todo o tempo de trabalho em que estamos fora das salas de aula.

Agora, a nossa Revista das ITCPs tem a ambição de ser mais uma referência importante para a ampla gama de temas que circunda a incubação de empreendimentos econômicos solidários, cumprindo aquilo que é a tarefa de uma revista científica comprometida com a transformação social: fazer de nossas conquistas em termos de experiências e conhecimento, um patrimônio comum e acessível a quem precisar ou se interessar, para que em qualquer continente, as trabalhadoras e trabalhadores da economia solidária, e as educadoras e educadores comprometidos com um mundo melhor, possam ajudar a transformar a economia e o mundo ao seu redor.

Nosso primeiro número é uma celebração desse encontro maravilhoso de pessoas e coletivos que se chama ‘Rede de ITCPs’.

Os artigos de sua primeira seção (*‘Dossiê: V Congresso da Rede’*) foram desenvolvidos por suas autoras e autores a partir de resumos expandidos que haviam sido apresentados ao nosso V Congresso da Rede de ITCPs / III Seminário Internacional de Extensão Universitária e Economia

Solidária, realizado em maio de 2019 na cidade do Rio de Janeiro, lindamente organizado pela incubadora do CEFET-RJ, em homenagem aos 20 anos da Rede e à experiência fundadora da ITCP-COPPE-UFRJ.

Como nos congressos anteriores (UFRPE-Itamaracá/PE, 2006; USP-São Paulo/SP, 2008; UFRGS-Porto Alegre/RS, 2011; UFBA-Salvador/BA, 2015), a produção científica da Rede de ITCPs deu mostra viva de seu imenso potencial transformador, com reflexões sobre os temas que cercam nosso trabalho cotidiano. Nosso ‘Dossiê’ é dedicado à equipe organizadora do V Congresso e a todas e todos que dele participaram, sendo também uma celebração deste ‘coletivo de coletivos’ que é a nossa Rede.

Dentre as dezenas de comunicações apresentadas então, o Comitê Editorial selecionou quinze (15) trabalhos, cujas autoras e autores foram desafiados a aprofundar, apresentando-os na forma de artigos, dos quais se originaram os onze (11) textos que efetivamente integram o ‘Dossiê’. Todos os trabalhos finalizados e apresentados no ‘*Dossiê V Congresso da Rede*’ remetem a reflexões sobre experiências de incubação ou de pós-incubação, mostrando a essência do trabalho desenvolvido pelas ITCPs: a construção solidária e horizontal do conhecimento teórico e prático relativo à formação e consolidação de empreendimentos de economia solidária. Seu conjunto representa aquilo que o Prof. Paul Singer muitas vezes reivindicava: a construção de uma ampla, numerosa e sólida coleção de casos concretos, que nos permitam reflexões específicas, de um lado, e de outro lado, generalizações teóricas criteriosas e fartamente evidenciadas.

A segunda seção – ‘*Outras Contribuições*’ – está constituída por artigos que foram apresentados ao edital de chamada para a primeira edição da revista. Com as mesmas características dos artigos do Dossiê, apresentam também experiências de economia solidária, mas neste caso não necessariamente vinculadas a alguma ITCP.

Nos próximos números nós ampliaremos o número de seções, incluindo também ‘artigos convidados’ e ‘resenhas de publicações’ (de livros, e de publicações pedagógicas e audiovisuais das ITCPs).

Por fim, gostaríamos de registrar duas pequenas notas, igualmente importantes.

A primeira, diz respeito ao nosso Conselho Editorial, que é bem mais amplo e importante que o Comitê Editorial que assina esta ‘*Apresentação*’. Somente uma organização com esta capilaridade e, ao mesmo tempo, com este nível de solidariedade, seria capaz de compor um Conselho Editorial e um Corpo de Pareceristas tão numeroso, tão diverso e ao mesmo tempo tão qualificado, representando a grande maioria das incubadoras associadas à Rede. Além disso, sua ‘Seção Internacional’ está composta por estudiosas/estudiosos de outros países, que são referências de militância científica em favor da construção da economia solidária, de uma sociedade mais livre, mais justa, sustentável e



menos desigual, pesquisadoras/es que há muito reconhecem e acompanham o trabalho das ITCPs no Brasil. É uma honra trabalhar com estes coletivos.

A segunda nota é um agradecimento à Rede de ITCPs e à sua Coordenação Nacional Colegiada (a anterior e a atual). Apesar de todos os percalços, não deixaram nunca de apoiar e confiar no trabalho deste Comitê Editorial. Sem o aporte decisivo da Coordenação, em período anterior, bem como nestes últimos meses, não haveria sido possível concluir nossa edição ainda em 2021 e oferecer à Rede, finalmente, o primeiro número de nossa Revista.

Aqui estamos. O ‘Volume 1 – Número 1’, da Revista das ITCPs, está agora disponível a todas e todos que queiram aprender, ensinar e refletir acerca dos temas e das práticas sobre as quais nos debruçamos.

Viva a economia solidária! Vida longa à Rede de ITCPs, vida longa à Revista das ITCPs!

*Comitê Editorial*

### ***Prefácio: Mensagem da Coordenação Nacional Colegiada da Rede de ITCPs***

A Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – a Rede de ITCPs – foi fundada em 1998, há pouco mais de 23 anos, por um grupo de 6 (seis) incubadoras, que se reuniram sob a inspiração da experiência pioneira da ITCP-COPPE-UFRJ, constituída dois anos antes.

Naquele momento, como programas de extensão universitária, num período de aguda crise econômica (com altos índices de desemprego, precarização do trabalho, reestruturação produtiva e avanço do agronegócio em detrimento da agricultura familiar), as ITCPs se multiplicaram por todo Brasil, e em pouco tempo, no começo dos anos 2000, já eram mais de trinta programas, aproximando as universidades aos coletivos de trabalhadoras e trabalhadores, do campo e da cidade, que viam nas iniciativas econômicas coletivas/solidárias uma saída para aquela difícil situação. Nas ITCPs estavam professores, técnicos, estudantes – de graduação e de pós-graduação – que dedicavam parte significativa de seu tempo e de seus esforços, em meio às outras atividades acadêmicas, para aprender-e-ensinar com a economia solidária, para construir soluções compartilhadas, para ajudar a gerar trabalho e renda, para desenvolver formas sustentáveis de produção e de consumo, e por fim, para ajudar a transformar às suas próprias universidades.

À medida que, ao longo da década seguinte, as condições econômicas internacionais e as políticas econômicas e sociais do governo brasileiro produziram efeitos positivos sobre o emprego e a renda dos mais pobres, as incubadoras e sua Rede continuaram trabalhando e apoiando o surgimento, a consolidação e o aperfeiçoamento dos empreendimentos solidários. Novos tipos de iniciativas surgiram, para além das cooperativas de trabalho e de produção: os bancos comunitários e as moedas sociais, os grupos de consumo responsável, as redes solidárias, os programas de desenvolvimento territorial...

O esforço das ITCPs teve resposta através da Secretaria Nacional de Economia Solidária, coordenada por um ex-docente da ITCP-USP, nosso querido, saudoso, Prof. Paul Singer. Sucessivas reedições do Programa Nacional de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (PRONINC) e as linhas de financiamento de ações de apoio à economia solidária do Programa Nacional de Extensão Universitária (PROEXT), do Ministério da Educação, supervisionadas pela SENAES, permitiram o surgimento e o financiamento de mais de 70 programas universitários, com centenas de educadores, atuando no apoio a centenas de empreendimentos econômicos, com milhares de associadas e associados, em todas as regiões do Brasil.

Ao longo desses 23 anos, a Rede de ITCPs tem sido um ator coletivo decisivo neste campo, nesta história. Da formação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária e dos fóruns estaduais e locais, à presença das ITCPs nas diversas conferências nacionais de economia solidária, ou nas várias

edições do Fórum Social Mundial, nossa Rede esteve presente, através de suas associadas, em todos os eventos importantes que marcaram a economia solidária nesse período.

Por outro lado, este imenso campo de laboratório socio pedagógico da incubação de empreendimentos solidários possibilitou uma imensa acumulação de experiências, de reflexões teóricas, de desenvolvimentos metodológicos, de inovações tecnológicas, de formulação sobre políticas públicas... A produção acadêmica oriunda dessa trajetória ficou manifesta nos Congressos Acadêmicos da Rede de ITCPs e nas milhares de participações de seus membros nos seminários e encontros das diversas áreas de conhecimento – educação, psicologia, serviço social, direito, economia, administração, contabilidade, as ciências agrárias, as diversas engenharias, as diversas artes, design, computação etc. –, bem como nas publicações científicas, seja nas revistas acadêmicas, seja nas publicações originadas das próprias incubadoras.

Finalmente, em 2018, no ano de seu vigésimo aniversário, a Rede de ITCPs decidiu realizar um esforço de oferecer uma contribuição sua à difusão científica da produção acadêmica da Rede e de todas as organizações parceiras da economia solidária, através da construção de uma revista própria.

A partir do esforço combinado de toda a Rede – de suas incubadoras, de sua Coordenação, do Comitê Editorial indicado para este fim específico – temos agora, para nossa satisfação, a incumbência de apresentar à comunidade científica, e em especial ao movimento da economia solidária, no Brasil e fora dele, a Revista das ITCPs.

Nossa esperança é que os tempos difíceis em que estamos vivendo sejam superados pelo trabalho árduo, pela luta incessante dos movimentos sociais, pela autogestão, pela esperança e pela solidariedade. E sem dúvida, nossa Rede estará presente nesta transformação. A Revista das ITCPs, agora, já é parte desta história.

*In memoriam* ao Prof. Paul Israel Singer.

*Coordenação Nacional Colegiada da Rede de ITCPs*

**Seção I**

**Dossiê: V Congresso da Rede de ITCPs**

## Uma experiência de formação em economia solidária com usuários/as da Política de Assistência Social em Blumenau/SC

Roberto R. Rautenberg<sup>1</sup>

Valmor Schiochet<sup>2</sup>

Geise C. Soares<sup>3</sup>

Vanessa Doré Gonçalves<sup>4</sup>

**Resumo:** Nesse ensaio, iremos relatar a experiência sobre um processo formativo em economia solidária ofertado aos usuários dos serviços da política de assistência social através Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, de Blumenau – Santa Catarina. O percurso formativo foi executado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP, da Universidade Regional de Blumenau - FURB, ao longo de 2018. Foi desenvolvido tendo como referência a educação popular com ênfase no modo coletivo e democrático de envolvimento de usuários/as da política de assistência e a equipe da ITCP-FURB. O desenvolvimento do percurso foi pautado nos princípios da economia solidária, buscando construir processos educativos emancipatórios, com base em uma leitura crítica da realidade em oposição à prática da educação empreendedora que se concentra na formação de profissional para o mercado de trabalho e valorização das capacidades competitivas excluindo todos que não são tidos como produtivos a reprodução dessa lógica. Os usuários tiveram participação efetiva e grande envolvimento com as atividades planejadas, consciência das potencialidades e dos limites para a emancipação socioeconômica da população mais vulnerável, convencimento sobre a importância da ação coletiva para enfrentar as dificuldades inerentes a condição de vulnerabilidade. Outra característica da experiência foi o trabalho em rede envolvendo a parceria e colaboração da SEMUS - Secretaria Municipal de Saúde, da SEMUDES - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, dos Centros de Referência de Assistência Social – CRAS dos três territórios envolvidos na ação, do Instituto de Permacultura do Vale do Itajaí – IPEVI, docentes da Universidade e equipe da ITCP/FURB.

**Palavras chave:** economia solidária; política de assistência; processo formativo.

**Abstract:** In this essay, we will report the experience about a training process in solidarity economy offered to users of social assistance policy services through the Social Assistance Reference Center - CRAS, in Blumenau - Santa Catarina. The training course was carried out by the Technological Incubator of Popular Cooperatives - ITCP, of the Regional University of Blumenau - FURB, throughout 2018. It was developed with reference to popular education with an emphasis on the collective and democratic way of involving users of politics assistance and the ITCP-FURB team. The development of the path was based on the principles of solidarity economy, seeking to build emancipatory educational processes, based on a critical reading of reality as opposed to the practice of entrepreneurial education that focuses on training professionals for the job market and valuing the capabilities competitive, excluding everyone who is not considered productive to reproduce this logic. Users had effective participation and great involvement with the planned activities, awareness of the potentialities and limits for the socioeconomic emancipation of the most vulnerable population, convinced about the importance of collective action to face the difficulties inherent to the condition of vulnerability. Another characteristic of the experience was the networking involving the partnership and collaboration of SEMUS - Municipal Health Secretariat, SEMUDES - Municipal Social Development Secretariat, Social

---

1 Doutorando em Desenvolvimento Regional na Universidade Regional de Blumenau – FURB, Professor de Sociologia na UNIASSELVI. robertorautenberg@yahoo.com.br

2 Doutor em Sociologia pela UNB, Professor do departamento de Ciências Sociais na Universidade Regional de Blumenau - FURB, membro da ITCP- FURB. valmor@furb.br

3 Graduanda em Serviço Social na Universidade Regional de Blumenau - FURB. geisecsoares@gmail.com

4 Graduanda em Sociologia no Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. vanessvdg@gmail.com

Assistance Reference Centers - CRAS of the three territories involved in the action, the Instituto de Permaculture of Vale do Itajaí - IPEVI, University professors and ITCP / FURB team.

**Keywords:** solidarity economy; assistance policy; formative process.

A experiência de Formação em Economia Solidária foi implementada no âmbito do Projeto “Ações Integradas de Economia Solidária para o desenvolvimento local visando a superação da extrema pobreza no município de Blumenau - Santa Catarina”, pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/FURB), que foi criada em 1999 (Parecer do CEPE, No 145/2000) para implementar ações alternativas de geração de trabalho e renda na perspectiva da Economia Solidária (ES). A ITCP/FURB vem atuando com uma equipe interdisciplinar formada por docentes, discentes e técnicos-administrativos voltada ao processo de socialização do conhecimento da academia em diálogo com segmentos populacionais mais vulnerabilizados. Considerando o acúmulo metodológico da experiência da ITCP/FURB o projeto possibilitou uma articulação com a política de inclusão socioeconômica da assistência social a partir de uma abordagem territorial.

O processo formativo envolveu 40 trabalhadoras/es usuários dos Centros de Referência de Assistência Social - CRAS dos bairros Fortaleza, Velha e Escola Agrícola no município de Blumenau/SC. Para o desenvolvimento do projeto foi pensada uma metodologia de trabalho que busca aproximar a universidade e o conhecimento nela produzido com o conhecimento presente nas comunidades populares. Foi precedido por um processo de mobilização e sensibilização com usuários dos três CRAS. Na oportunidade dos encontros realizados em cada um dos territórios, os usuários levantaram diversas demandas, sistematizadas pela equipe de trabalho da ITCP-FURB<sup>5</sup>, para articular processos capacitação para inserção socioeconômica por meio da organização de estratégias, de trabalho associativo e comercialização para trabalhadores autônomos através da Economia Solidária.

A partir de uma abordagem territorial o processo formativo problematizou a realidade vivida e o debate as possibilidades de dinamização da economia nesses territórios por meio das metodologias, práticas e organizações de caráter colaborativo, associativo e autogestionário na economia solidária, em consonância com a experiência histórica da ITCP/FURB de ações de apoio as atividades de geração de trabalho e renda baseadas nos princípios e perspectivas da Economia Solidária

A economia solidária fundamenta-se na defesa da solidariedade, no compartilhamento e na participação autogestionária dos sujeitos envolvidos. Como preceito primordial para sua implementação, a concepção do compartilhamento encontrada na economia solidária garante formalmente a constituição da mesma.

---

5 Para o desenvolvimento deste projeto foi designada uma equipe de trabalho específica (conhecida como equipe dos territórios) composta por 2 estudantes, 4 agentes de desenvolvimento sob a coordenação de 2 docentes.



Os processos de organização da economia solidária embora muito recentes multiplicaram-se rapidamente de suas variadas formas: coletivos de geração de renda, cantinas populares, cooperativas de produção e comercialização, empresas de trabalhadores, redes e clubes de trocas, sistemas de comércio justo e de finanças etc. (LAVILLE e GAIGER, 2009). Conforme a economia solidária se desenvolve e ganha corpo mais diversas se tornam suas diferentes formas de expressões. Isto demonstra sua potencialidade de disseminação em diálogo com a realidade vivida por segmentos populacionais, que tem na sua situação de exclusão a solidariedade e ajuda mútua como perspectivas de ação. Assim, “[...] a economia solidária é mais rica do que sua face conhecida, o que torna fundamental ampliar e aprofundar a sua apresentação, para melhor conceituá-la e avaliar suas potencialidades [...]” (LAVILLE; GAIGER, 2009, p. 167).

Para os autores Laville e Gaiger, as experiências da economia solidária são mais ricas do que suas faces conhecidas, o que torna fundamental ampliar e aprofundar a sua apreensão para melhor conceituá-la e avaliar suas potencialidades. Veremos mais adiante, que tal preocupação apontada por Gaiger, encontra respostas no mapeamento da expansão do movimento da economia solidária no Brasil. E ainda, talvez mais que dantes, precisamos de uma economia na qual o desenvolvimento social não seja uma preocupação subsidiária, relegada a mecanismos compensatórios, uma economia cuja lógica intrínseca implique e estimule a cooperação e a reciprocidade, em benefício à equidade e da justiça social (LAVILLE; GAIGER, 2009, p. 168).

Em se tratando de economia solidária, podemos observar que para os autores acima mencionados há necessidade de superação por parte do movimento solidário, das restrições impostas pela realidade mercadológica mediante a economia solidária. De certa maneira, é preciso que o movimento da economia solidária assuma um caráter emancipatório, não apenas se limitando a suprir as demandas sócio históricas oriundas da disparidade gerada no interior do sistema capitalista.

O termo foi cunhado na década de 1990, quando, por iniciativa de cidadãos, produtores e consumidores, despontaram inúmeras atividades econômicas organizadas segundo princípios de cooperação, autonomia e gestão democrática (LAVILLE; GAIGER, 2009, p. 162).

O movimento de economia solidária é notoriamente reconhecido como um fenômeno mundial, um movimento que emerge a partir das contradições do sistema capitalista. As sucessivas crises geradas no interior do capitalismo se aprofundaram cada vez mais no final do século XX e início do século XXI, em decorrência da globalização da sociedade. Isso representa afirmar que a economia solidária mostra sua face como alternativa de superação das recorrentes crises, todavia, sua eficácia está amparada no aprofundamento de seu entendimento, definindo com maior clareza sua significação e ainda avaliando todo seu potencial (RAUTENBERG, 2016, p. 20).

A história da economia solidária no Brasil, assim como na América Latina, encontra seu amparo sócio histórico no caráter cíclico. Podemos afirmar, de certa maneira, que sua construção

histórica ocorre na mesma extensão de suas crises econômicas e políticas no rumo de uma alternativa para a subsistência dos cidadãos. Foi nas décadas de 1980 e 1990, com a desindustrialização do Brasil, que a economia solidária se tornou uma prática organizativa de trabalhadores e comunidades empobrecidas para o enfrentamento da crise social. Diante da crise, a economia solidária surgiu como alternativa para garantir trabalho e renda aos segmentos populacionais diretamente afetados pelo desemprego e precarização das condições de trabalho. Exemplo deste processo foram as várias empresas que ao fecharem, ou em momentos antes de fecharem, passaram a ser administradas coletivamente por seus ex-funcionários. Neste caso, Singer aponta a Anteag como um exemplo:

Após casos isolados na década de 1980, o movimento começou em 1991 com a falência da empresa calçadista Makerli, de Franca (SP), que deu lugar à criação da Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária (Anteag), à qual estão hoje filiadas mais de uma centena de cooperativas (SINGER, 2002, p. 123).

A participação da igreja católica no processo de desenvolvimento da economia solidária também é um ponto merecedor de destaque. Nos anos 1980, milhares de pequenos grupos nas regiões periféricas ou áreas rurais foram organizados e também financiados pela Cáritas<sup>6</sup>, que é ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Os chamados Projetos Alternativos Comunitários (PACs) auxiliavam na organização dos grupos, que com algum sucesso, parte deles passaram a se organizar em unidades de economia solidária. (SINGER, 2002, p. 122). Na área rural, os PACs, também contribuíram com a organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A partir de 1999, as universidades passaram a contribuir de forma efetiva no auxílio da formação de empreendimentos de economia solidária. Foi com a criação das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP), com um olhar multidisciplinar dos mais diversos campos do saber, que os empreendimentos passaram a contar com o apoio institucional das universidades. A proposta é atender os grupos e organizá-los para que estes possam administrar de maneira autogestionária seus empreendimentos (SINGER, 2002, p. 122).

E também foi em 1999, que a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB) surgiu, meio à um contexto de expansão das ITCPs no Brasil, desde seu surgimento a ITCP/FURB desenvolve metodologias de incubação que contribuam e promovam o trabalho auto gestor visando a construção coletiva do conhecimento, ações de apoio à atividades de geração de trabalho e renda, estimulando a troca de experiências e

---

<sup>6</sup> Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. Disponível em <http://caritas.org.br/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

conhecimentos nas perspectivas da economia solidária. Baseadas na Educação Popular como eixo central da ação educativa, a ITCP-FURB direciona sua atuação à complexidade do dia a dia dos trabalhadores e gestores públicos, considerando os aspectos psicossociais, políticos, econômicos e educacionais na região de Blumenau – Santa Catarina (INSTITUCIONALIZAÇÃO, 2017).

Na Economia solidária os processos educativos são vistos como emancipatórios, com base em uma leitura crítica da realidade, as práticas educativas são baseadas na valorização dos saberes e troca de experiência, pautada na crítica das desigualdades sociais, os processos de exploração e opressão social, buscando a transformação dessas relações.

São várias as maneiras de entendermos a Educação Popular. Desse modo, podemos afirmar que seu conceito é plural, entretanto, sempre se observa um eixo central. Este eixo, costumeiramente, contempla um conjunto de práticas educativas, teoria da educação, trabalho popular, emancipação dos sujeitos, lutas por transformações sociais, democratização, justiça social e outros.

Em síntese, podemos elencar pelo menos cinco princípios da Educação Popular: a) Compromisso com o trabalho e com o povo; b) Engajamento, junto com o povo, na construção de um saber específico; c) A construção deste saber acontece nas lutas pela transformação da sociedade; d) Comprometimento, através da realidade em construção, com a emancipação do sujeito; e) A construção se dá a partir do diálogo. Cabe sublinhar que o conceito de Educação Popular não está acabado. Ao contrário, está em constante transformação, assim como as realidades que os diálogos entre sujeitos geram.

No capitalismo a pobreza é vista como um problema e as pessoas em condição de vulnerabilidade econômica e social encontram dificuldades de inserção nos circuitos de produção, comercialização e consumo.

O público da Política de Assistência Social, que entre as diversas expressões da questão social manifestas no seu cotidiano, vive o desemprego, encontra dificuldade de concluir os processos de escolarização e qualificação profissional, são vistos como improdutivos, são estigmatizados e vivenciam cotidianamente preconceitos que os isolam.

Com estas premissas a ação formativa ocorreu no âmbito do projeto “Ações Territoriais” que tinha como finalidade fomentar de ações de inclusão produtiva e apoio a organização e o fortalecimento de Empreendimentos de Economia Solidária EES para gerar trabalho e renda ao público usuário dos territórios dos Centros de Referência de Assistência Social - CRAS da Escola Agrícola, Velha e Fortaleza/Blumenau/SC, por meio de reuniões de assessoria, organização de percursos formativos, organização de feiras, diálogos intersetoriais, supervisão da equipe técnica.<sup>7</sup>O

---

<sup>7</sup> O projeto foi executado por meio de Convênio envolvendo a Universidade Regional de Blumenau – FURB (que é uma autarquia municipal) e a então Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) nos anos de 2015 a 2017. As ações foram coordenadas pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, em parceria com o Comitê Gestor que é

objetivo geral do projeto foi de apoiar à implantação e complementação de ações integradas de Economia Solidária, como estratégia de promoção do desenvolvimento local e territorial sustentável, visando à superação da extrema pobreza, por meio da geração de trabalho e renda em iniciativas econômicas solidárias.

Através da articulação de ações estratégicas, buscou-se consolidar o fortalecimento do Movimento de Economia Solidária por meio do fomento, monitoramento e assessoria a novos Empreendimentos Econômicos Solidários - EES e do Fórum de Economia Solidária de Blumenau - FESB já existentes. Essas articulações são fundamentadas na perspectiva da Economia Solidária de assegurar geração de trabalho e renda ao público em situação de vulnerabilidade social e econômica. A metodologia de trabalho esteve pautada nos princípios da Economia Solidária, sendo eles a autonomia, a participação e a cooperação que devem ser permanentes e envolver de forma participativa e autogestionária os sujeitos público-alvo.

O percurso formativo realizado com a população usuária dos serviços da Assistência, teve como objetivos: articular processos organizativos de sensibilização, mobilização, capacitação, interação com usuários dos territórios e profissionais públicos; contribuir para inserção socioeconômica por meio da organização de estratégias de trabalho associativo e comercialização para trabalhadores autônomos; promover o consumo solidário; fomentar articulação política com a gestão da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SEMUDES no município de Blumenau, os técnicos e usuários dos CRAS dos três territórios, sociedade civil, equipamentos urbanos e à comunidade em geral, a fim de fomentar as atividades da ITCP.

Neste contexto, a formação é definida como uma “construção social” inerente aos processos de trabalho autogestionários, elemento fundamental para viabilizar as iniciativas econômicas e ampliar a cidadania ativa e a democracia, e como movimento cultural e ético de transformação das relações sociais e intersubjetivas enquanto base de um novo modelo de desenvolvimento. No contexto da Economia Solidária adotamos os princípios metodológicos consensuados nacionalmente que servem de referência para as atividades formativas que reconhecem a centralidade do trabalho na construção do conhecimento técnico e social, articulando o trabalho e à educação na perspectiva da promoção do desenvolvimento sustentável, orientando ações político-pedagógicas inovadoras, autogestionárias e solidárias, inseridas em um pensamento emancipatório de inclusão e transformação próprio dos atores envolvidos.<sup>8</sup> O conteúdo da formação em economia solidária está voltado para a

---

constituído por representantes do Fórum de Economia Solidária de Blumenau – FESB, representantes do Poder Público Municipal.

<sup>8</sup> A experiência considerou o Termo de Referência “EDUCAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: FORMAÇÃO E ASSESSORIA TÉCNICA” aprovado pela Recomendação nº 8, pelo Conselho Nacional de Economia Solidária (publicada no Diário Oficial da União em 11 de setembro de 2012 – DOU nº 176, Seção 1, pág. 83)

construção de uma concepção crítica da realidade e produção de outra visão de mundo, em que a solidariedade seja resgatada como elemento humanizador e transformador da vida em sociedade. No projeto pedagógico da qualificação para Economia Solidária, os conteúdos devem estar interligados com a dimensão integral da concepção pedagógico metodológica da ação formativa.

Dessa forma, a partir da aproximação feita com os usuários da política de assistência dos territórios dos bairros da Fortaleza, Velha e Escola Agrícola, foi possível, organizar encontros em cada um dos territórios, pensando a construção e o planejamento do processo formativo de forma democrática, levando em conta as demandas apresentadas pelos usuários em relação a geração de renda na perspectiva da Economia Solidária, bem como a disponibilidade e condição financeira dos participantes, buscando a garantia de participação de todos os/as interessados/das.

A partir da proposta pedagógica, foram levantados 14 temas de interesse coletivo para o percurso formativo para os Usuários dos Territórios dos bairros da Fortaleza, Velha e Escola Agrícola, sendo eles: 1 - Apresentação da proposta do curso e planejamento das ações. 2 - Mundo do Trabalho, Cooperativismos e Economia Solidária. 3 - Cooperativismo e viabilidade econômica. 4 - Noções sobre FESB, Vitrine, Feira da Ecosol na FURB e Feira Municipal. 5 - Vigilância Sanitária. 6 - Relações Interpessoais. 7 - Representações existenciais e Corporeidade. 8 - Formalização das atividades econômicas. 9 - Administração financeira, gestão de custo e formação de preços. 10 - Práticas de Comercialização. 11 - Técnicas de comunicação. 12 - A importância do Território e a Permacultura. 13 - Políticas Públicas para Economia Solidária. 14 - Encerramento e avaliação.

A necessidade de trabalhar estes 14 temas citados acima, surgiu do desafio colocado pela economia solidária e sua forma de organização local e demandas apresentadas pelas/os participantes considerando as experiências acumuladas ao longo de suas vidas, que impactavam negativamente nas suas organizações e planejamentos do dia a dia e como profissionais autônomos.

Durante construção dos temas, uma queixa coletiva trazida pelo grupo, na sua maioria mulheres, era a de que elas sentiam-se despreparadas e inseguras para lidar com o público na hora de realizar a venda de seus produtos artesanais, bem como sentiam-se desencorajadas a manifestarem-se em grandes grupos e mediar conflitos coletivos, neste sentido foi pensado em atividades práticas e coletivas, para que pudessem abordar as técnicas de comunicação, administração financeira, gestão de custo e formação de preço, práticas de comercialização, e relações interpessoais, sem expor indevidamente as participantes do percurso formativo.

Tendo em vista que os usuários estavam inserindo-se em atividades associativas de trabalho e geração de renda a partir da economia solidaria, uma das grandes demandas pontuadas pelo grupo era a de compreender o conceito, metodologias e experiências exitosas neste sentido. Sendo assim foram elaborado temas 5 temas, buscando trazer antes de tudo, noções sobre o mundo do trabalho, para que assim pudessem compreender as demais forma organizativas, como o cooperativismos e

economia Solidária, cooperativismo e viabilidade econômica, representações existenciais e corporeidade, formalização das atividades econômicas, e encerrando este módulo, políticas públicas para economia solidária, tema que oportunizou o grupo a enxergar a dimensão e a importância política da economia solidária, pensa-la para além de métodos de comercialização e geração de renda, seja em todo território nacional. Vale ressaltar que nesta atividade, foi essencial trabalhar com ferramentas de vídeo, pois foi uma das maneiras de apresentar visualmente ao grupo de 40 pessoas, que existem diversas experiências de economia solidária acontecendo por todo território nacional.

Além disso, foi proposta trabalhar com o grupo, o conceito de permacultura e como essa prática é de extrema relevância para pensar o desenvolvimento sustentável, que conversa diretamente com os eixos de ação e atuação da economia solidária seja de um território isolado ou de um grande município e que foi acatado pelo grupo.

Visando subsidiar de forma política-pedagógica os usuários do percurso, para ocuparem e participarem de espaços de organização, de planejamento e de decisões como, como, as reuniões da Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí – RESVI e reuniões do grupo de comercialização, o espaço cultural e de formação como o Centro Público Vitrine de Economia Solidária e os espaços de geração de renda, como a Feira de Economia Solidária da FURB, foi elaborado um encontro do percurso que tratou sobre noções sobre o Fórum de Economia Solidária de Blumenau – FESB e a Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí - RESVI, Vitrine, Feira da Ecosol na FURB e Feira Municipal. Neste encontro da formação contamos a participação de uma das integrantes históricas e de referência do movimento da economia solidária no município de Blumenau, para acolher o grupo de usuários e apresentar como aconteciam os espaços planejamento e deliberação da Economia Solidária, bem como conhecer os espaços físicos como a Feira de Economia Solidária da FURB e o Centro Público Vitrine de Economia Solidária. Na Economia solidária os processos educativos são vistos como emancipatórios, contemplando um conjunto de práticas educativas, teoria da educação, trabalho popular, emancipação dos sujeitos, lutas por transformações sociais, democratização, justiça social, tendo como base uma leitura crítica da realidade e as práticas educativas são baseadas na valorização dos saberes e troca de experiência, pautada na crítica das desigualdades sociais, os processos de exploração e opressão social, buscando a transformação dessas relações.

A economia solidária acolhe e valoriza o ser humano, as aprendizagens que teve ao longo de sua vida e busca pensar com ele como criar relações sociais e de trabalho colaborativas. Entendida como prática alternativa ao modelo econômico capitalista, a economia solidária se caracteriza por fundamentos metodológicos de organização não pautados pelo utilitarismo ou pela dissociação entre dimensão econômica e a experiência de vida das pessoas. Diferente da educação na lógica mercantil que se centra na formação de profissional para o mercado de trabalho e valorização do capital, excluindo todos que não são tidos como produtivos a reprodução dessa lógica.



A economia solidária fundamenta-se na defesa da solidariedade, no compartilhamento e na participação autogestionária dos sujeitos envolvidos. Como preceito primordial para sua implementação, a concepção do compartilhamento encontrada na economia solidária garante formalmente a constituição da mesma.

Além dos temas, foi acordado coletivamente que os encontros do percurso formativo aconteceriam semanalmente, tendo a duração de seis meses, com seu início marcado no mês de março de 2018 e encerrando no mês de julho de 2018. Em parceria com a FURB, foi possível executar o percurso nas salas da Universidade Regional de Blumenau, pois além deste ser um espaço o qual pode acolher todos os frequentadores, com uma infraestrutura adequada, também democratizava e popularizava o espaço da universidade, que é atualmente uma referência na região do Vale do Itajaí, nunca antes frequentado pela maioria dos usuários da política de assistências dos territórios dos bairros da Fortaleza, Velha e Escola Agrícola.

Para execução dos encontros de capacitação, contamos com a colaboração e parceria, de instituições como a SEMUS - Secretaria Municipal de Saúde, que cedeu uma profissional da Vigilância Sanitária, disposta a oferecer uma oficina, com tema pertinente aos produtores de alimentos artesanais, a SEMUDES - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, que teve um papel indispensável nesse percurso, fornecendo o vale transportes para que os usuários pudessem participar das atividades formativas, teóricas e práticas e com a equipe das técnicas de referência dos 3 Centros de Referência de Assistência Social – CRAS, Escola Agrícola, Velha e Fortaleza. Além disso, também contamos com a colaboração do Instituto de Permacultura do Vale do Itajaí – IPEVI, que aplicou uma formação sobre o tema da Permacultura, professores e professoras da FURB e profissionais da ITCP-FURB, que também colaboraram com a aplicação de aulas sobre políticas públicas, relações interpessoais comercialização, técnicas de comunicação e economia solidária.

O encerramento deste percurso também foi articulado entre a ITCP, a FURB e a SEMUDES, de modo que os frequentadores pudessem receber uma certificação formal, atestando oficialmente a formação de cada participante do curso de Formação em Economia Solidária para os Territórios da Fortaleza, Velha e Escola Agrícola no ano de 2018. Desta forma, o processo formativo foi acompanhado pelo processo organizativo comunitário dos três CRAS, através das técnicas de referência de cada território e pela equipe de Inclusão Produtiva da SEMUDES. A dimensão formativa, ainda manteve-se articulada com processos organizativos de sensibilização, mobilização, capacitação e interação com gestores públicos do município de Blumenau, visando a interação e a criação de uma rede de parceiros entre a ITCP-FURB e gestores públicos, de modo que as ações fossem otimizadas ganhando forças, para ter um resultado efetivo na aplicação de atividades para o público atendido no percurso formativo.

Desde o início do percurso de Formação em Economia Solidária para os Territórios da Fortaleza, Velha e Escola Agrícola, o público demonstrou grande interesse nas atividades pactuadas coletivamente durante o processo de planejamento, foi mediante à efetiva participação e envolvimento nas aulas que se constatou uma ampliação da consciência das potencialidades e dos limites para a emancipação socioeconômica da população mais vulnerável. Através de falas feitas pelo grupo, expondo seus anseios, manifestando de forma contínua a pertinência dos temas e necessidade de continuidade do processo formativo, constatou-se também a importância da ação coletiva para enfrentar as dificuldades, próprias do sistema capitalista.

Em síntese, podemos afirmar que a construção coletiva e troca de saberes populares, propostas pela educação popular como processo formativo da economia solidária, proporcionou aos participantes do curso uma experiência singular de acesso à informação e ao conhecimento, acolhendo metodologicamente através de práticas político-pedagógicas, as demandas mulheres e homens, jovens, adultos e idosos, trabalhadores autônomos de três bairros o município de Blumenau, interessados em inserir-se em uma dinâmica de trabalho, onde possam gerar sua renda de forma mais justa e solidária por meio da organização de estratégias, de trabalho associativo e comercialização para trabalhadores autônomos através da Economia Solidária.

## Referências

- BRANDÃO, C. R.; ASSUMPCÃO, R. **Cultura rebelde**. Escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 25<sup>a</sup> ed. (1<sup>a</sup> edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I. Economia Solidária. In: CATTANI, A. *et al.* **Dicionário Internacional da outra economia**. São Paulo: Almeida, 2009. p. 162-168.
- RAUTENBERG, R. R. **A relação da economia solidária com os mercados**. Como os diversos mercados podem influenciar na prática da autogestão. Dissertação de Mestrado. Universidade Regional de Blumenau, 2016.
- RAUTENBERG, R.; SCHIOCHET, V. (2019). Economia solidária e os mercados: as diferentes estratégias dos empreendimentos econômicos solidários. **Profanações**, 6, 77-104. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/view/1861>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- Incubadora tecnológica de cooperativas populares. **Proposta de institucionalização da Incubadora Tecnológica De Cooperativas Populares como programa permanente da Universidade Regional De Blumenau**. Blumenau: FURB, 2017. 41 p.

## **Empreendimentos solidários no território:**

### **experiências para o fortalecimento e expansão nas regiões Norte / Noroeste Fluminense e Vale do Itabapoana**

Paula Aparecida Martins Borges Bastos<sup>1</sup>

Rogério Ribeiro Fernandes<sup>2</sup>

Sandra Márcia Gonçalves de Souza<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho pretende abordar experiências desenvolvidas pela ITCP/IFFluminense com apoio da Chamada Pública CNPq/MTb-SENAES N° 27/2017, tendo como objetivo fortalecer e expandir a economia solidária nos territórios Norte/Noroeste Fluminense e Vale do Itabapoana. As bases metodológicas norteadoras utilizadas para o desenvolvimento das atividades foram a pesquisa-ação e a educação popular. A ITCP/IFFluminense atuou principalmente com grupos envolvidos na produção de alimentos artesanais, gastronomia local e agricultura familiar. Diversas atividades de capacitação foram realizadas, dentre elas: visitas técnicas, oficinas e cursos. A expansão da economia solidária nessas regiões se deu a partir de eventos como o “Seminário de Economia Solidária e Agricultura Familiar” realizado em Bom Jesus e também do apoio à participação dos grupos em eventos e feiras. Questões identitárias, conflitos interpessoais entre os membros dos empreendimentos e formas de relação entre incubadora e grupo incubado foram percebidos como focos sensíveis a serem tratados com atenção para superação e avanço nos processos de incubação e também dos empreendimentos.

**Palavras-chave:** economia solidária; produção artesanal de alimentos; mulheres; empreendimento feminino.

**Abstract:** The present work intends to approach experiences developed by ITCP / IFFluminense with support from the Public Call CNPq / MTb-SENAES N° 27/2017, aiming to strengthen and expand the solidarity economy in the North / Northwest Fluminense and Vale do Itabapoana territories. The guiding methodological bases used for the development of activities were action research and popular education. ITCP / IFF worked mainly with groups involved in the production of artisanal food, local cuisine and family farming. Several training activities were carried out, including: technical visits, workshops and courses. The expansion of the solidarity economy in these regions was based on events such as the “Solidarity Economy and Family Agriculture Seminar” held in Bom Jesus and also by supporting the participation of groups in events and fairs. Identity issues, interpersonal conflicts between members of the ventures and forms of relationship between the incubator and the incubated group were perceived as sensitive focuses to be treated with attention in order to overcome and advance in the incubation processes and also in the ventures.

**Keywords:** solidarity economy; artisan food production; women; female enterprise.

#### *Introdução*

A atuação dos Institutos Federais está intimamente ligada ao território, tendo como um de seus objetivos “[...] *estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda*

---

<sup>1</sup> Doutora em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Fluminense. Médica veterinária no Instituto Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2017). Docente do Instituto Federal Fluminense.

<sup>3</sup> Graduada em Matemática pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna. Possui Especialização em Administração Escolar pela Universidade Salgado de Oliveira.

*e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional [...]” (BRASIL, 2008). Um dos documentos referenciais da extensão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica considera serem economia solidária e desenvolvimento de tecnologias sociais conceitos e práticas que atuam na “[...] indução do desenvolvimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais nos contextos local, regional e nacional [...]”. Considerando isso, devem constar, na política de extensão dos Institutos, a implantação das “Incubadoras Sociais, tais como as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e suas congêneres [...]”, bem como “[...] a ampliação do escopo do Programa Mulheres Mil para incluir uma incubadora social em sua etapa final [...]” (GALLI et al., 2013).*

Dentre as áreas de abrangência do Instituto Federal Fluminense (IFFluminense), estão as mesorregiões Norte e Noroeste Fluminense, bem como todo o Vale do Itabapoana. Essas regiões possuem em comum um histórico voltado para a produção agropecuária, tendo havido em alguns momentos o predomínio do cultivo de café, cana de açúcar e da bovinocultura, que aceleraram o processo de pauperização do solo, o desmatamento e o êxodo rural. Essa herança de um passado nem tão remoto se junta a outros fatores, tais como ações reiteradas de descaso dos poderes públicos com os problemas específicos dessas regiões, que ficam distantes dos grandes centros urbanos, para compor um cenário socioeconômico que apresenta, em geral, os menores índices de IDH do estado do Rio de Janeiro.

O Instituto Federal Fluminense conta com uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/IFF) nascida a partir da seleção na Chamada Pública Nº 89/2013 do CNPq/MCTI/SECIS/MTE/SENAES, de apoio à formação e institucionalização de novas incubadoras tecnológicas de economia solidária. O presente trabalho pretende abordar experiências desenvolvidas pela ITCP/IFF com apoio da Chamada Pública CNPq/MTb-SENAES Nº 27/2017, objetivando fortalecer e expandir a economia solidária nos territórios Norte/Noroeste Fluminense e Vale do Itabapoana.

### *Metodologia*

A ITCP/IFFluminense estabeleceu sua ênfase na indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, tendo como bases metodológicas norteadoras a pesquisa-ação e a educação popular, bem como encontrando referência para as atividades de uma Incubadora nas etapas de pré-incubação, incubação e desincubação descritas por Nunes (2009). Ao longo de suas atividades, passou a incorporar também alguns referenciais metodológicos norteadores para essas etapas, a partir da participação da equipe no curso “Metodologia de Incubação de Empreendimentos Populares”, promovido pela Rede ITCP do Estado do Rio de Janeiro, ministrado por Gonçalo Guimarães, coordenador da ITCP/COPPE

UFRJ, e construído com base na metodologia “Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos” (CERNE).

### *Desenvolvimento*

Atuando desde 2014, a ITCP/IFF consolidou-se principalmente no apoio ao desenvolvimento de empreendimentos econômicos solidários voltados para a produção de alimentos artesanais. Suas primeiras experiências estiveram voltadas para atuação com pessoas egressas do Programa Mulheres Mil (PMM) do IFFluminense, realizando uma busca ativa no período de pré-incubação, tendo em vista essas mulheres se encontrarem em condições de participar de procedimentos de incubação com base na economia solidária, já que o foco do PMM era a inclusão social de pessoas em condição de vulnerabilidade socioeconômica através da formação focada na autonomia e na criação de alternativas para a inserção no mundo do trabalho. Em Bom Jesus do Itabapoana (RJ), a partir dessa busca ativa, foi criado um empreendimento solidário voltado para a produção artesanal de alimentos: o grupo Nutriarte Alimentos. Esse grupo, após transitar pela etapa de pré-incubação, passou a ser incubado pela ITCP/IFFluminense, desenvolvendo coletivamente ações concretas envolvendo produção, gestão e comercialização de seus produtos. Devido à necessidade de amadurecimento e fortalecimento do grupo no sentido da autogestão, atividades como oficinas e aulas expositivas foram realizadas no sentido de contribuir para que as mulheres pudessem definir mais claramente regras e formas de tomada de decisão coletiva. A partir dessa ação, as integrantes da Nutriarte Alimentos elaboraram um documento de formalização do grupo, indicando o termo de compromisso de seus membros, com o intuito de avançar para a minimização de pequenos conflitos a partir de uma pactuação coletiva de responsabilidades. Outro aspecto constantemente trabalhado durante o tempo de atuação da ITCP/IFF foram as capacitações técnicas do empreendimento. Essas capacitações foram especialmente importantes porque o grupo se dedicava à produção de alimentos, e seus produtos estavam diretamente ligados com a saúde do consumidor, o que demanda forte exigência no que diz respeito às Boas Práticas de Fabricação (BPF) e ao controle de qualidade, tanto no aspecto da higiene de produção, quanto no controle de vida útil dos alimentos, embalagem, informações nutricionais, rótulo, etc. Todos esses detalhamentos foram abordados nas ações de capacitação como forma de garantir a aplicação da legislação vigente ao trabalho da Nutriarte.

Outro grupo atendido pela ITCP/IFF foi o empreendimento solidário Restaurante Casa de Artes, da Comunidade Quilombola de Machadinho, em Quissamã (RJ). Composto majoritariamente por mulheres, o grupo de trabalhadoras do restaurante foi incubado ao longo dos anos 2017 e 2018 pela ITCP/IFF. Levando em consideração que aspectos identitários e temas referentes ao contexto socioeconômico e político em que vivem os moradores de Machadinho já são fortemente debatidos entre os membros da comunidade, capitaneados pela Associação de Remanescentes de Quilombo de

Machadinha (ARQUIMA), conforme MACHADO, F.S., 2006, SILVA, J.B., 2009, O'DWYER, E.C., 2012, a ITCP/IFF priorizou ações voltadas para a capacitação técnica e o apoio à organização econômica do empreendimento solidário.

Nos anos de 2017 e 2018, foram desenvolvidas diversas atividades voltadas para pré-incubação e incubação de um modo geral. Em fevereiro de 2018, a ITCP/IFF sediou, no *campus* Bom Jesus do Itabapoana, o Curso “Metodologia de Incubação de Empreendimentos Populares”, promovido pela Rede ITCP/RJ, que congregou incubadoras do estado do Rio de Janeiro para troca de experiências e capacitação dos membros de suas respectivas equipes. No mesmo *campus*, no mês de abril, foi realizado o “Seminário de Economia Solidária e Agricultura Familiar”, buscando sensibilizar a população local para o sentido e a potencialidade da economia popular, bem como estimular sua prática na agricultura familiar. Entendendo a importância de construção de um mercado consumidor consciente para a consolidação dos empreendimentos econômicos solidários regionais, a ITCP/IFF fomentou a organização de uma Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar em Bom Jesus do Itabapoana e a Feira de Circuito Solidário de Cambuci-RJ, além de participar da V Feira de Economia Solidária de Campos dos Goytacazes.

No processo de incubação, visitas técnicas e cursos de extensão ou oficinas foram constantemente viabilizados para os empreendimentos solidários, de forma que seus membros pudessem vivenciar outras experiências, bem como fortalecer a qualidade de produção de seus empreendimentos. Dentre essas ações, destacamos duas visitas técnicas: uma direcionada à Fábrica de Doces Alegoria, em São José do Calçado-ES; outra destinada ao Restaurante do Quilombo, no Quilombo do Campinho, em Paraty-RJ. Ambas foram realizadas pela ITCP/IFF, junto com membros da Nutriarte Alimentos e do Restaurante Casa das Artes, respectivamente.

O desenvolvimento de todas essas atividades proporcionou ocasiões, tanto para os membros da ITCP/IFF, quanto para os grupos incubados, em que algumas questões centrais se manifestaram de modo evidente como problemas que precisavam ser observados, compreendidos e, dentro da medida do possível, solucionados ou pelo menos amenizados. Foi o caso, por exemplo, da situação circunstancial que remetia à atuação da ITCP em dois municípios (Bom Jesus do Itabapoana e Quissamã) e dois grupos (Nutriarte e Casa de Artes) que até possuem aspectos semelhantes, mas que diferem bastante entre si. Foram trajetórias distintas que tenderam a se materializar em diferentes necessidades, demandas, graus de comprometimento e disponibilidade para interagir e colaborar. Não houve como, por exemplo, ignorar as questões identitárias permeando quase tudo o que se fazia em Machadinha ou, mais especificamente, na Casa de Artes; sendo que essas mesmas questões não possuíam o mesmo grau de importância para as mulheres da Nutriarte. Os modos de agir da ITCP, junto a um grupo e a outro, tiveram de ser conscientemente diferenciados para poder contemplar essa tal diversidade. Outro aspecto relevante, comum nos relatos de processos de incubação, e que também



aparecem como problema nas experiências relatadas, foram os conflitos que eventualmente acontecem entre as pessoas dos grupos incubados ou entre essas mesmas pessoas e os próprios membros da incubadora; nesse caso específico, longe de pensar que conflitos são elementos negativos que comprometem a sociabilidade, o que sobressaiu foi uma livre interpretação dialética que, muito antes de chegar a uma síntese que pode ser sinônimo de amadurecimento, ofertou oportunidades únicas de aprendizado para as pessoas envolvidas nos acontecimentos. Foi nesse mesmo ambiente dos conflitos, aliás, que surgiu um terceiro problema: o das dificuldades pontuais que às vezes impedem de se travar um diálogo profícuo e contínuo entre incubadores e incubados. As razões dessas tais dificuldades certamente vão muito além de uma análise dualista que contraponha o conhecimento erudito e o popular; os obstáculos ao exercício constante da dialogia, independentemente de suas razões, apontam para a necessidade de se conhecer e de se respeitar os limites de cada um, de cada coletivo; eles apontam também para uma outra necessidade, a de se entender que diversidade é algo mais do que um conceito. Por outro lado, não se pode perder de vista que os incubados, quando consideradas suas trajetórias de vida, podem e devem ser entendidos como materializações de algum tipo de resistência: seja contra a miséria, o desemprego, o preconceito ou contra o que mais vier pelo caminho.

### *Considerações finais*

Os grupos continuaram suas atividades em 2019. Em 2020, a pandemia do COVID-19 causou grande impacto nos grupos de economia solidária relatados nessa experiência. A necessidade de isolamento social como forma de prevenção contra o coronavírus fez com que o Restaurante Casa de Artes de Machadinho tivesse que fechar suas portas a partir de 18 de março de 2020. Sem atendimento ao público, o restaurante segue fechado. A Nutriarte Alimentos, que produzia nas dependências do IFFluminense *campus* Bom Jesus e tinha nessa comunidade escolar seu principal local de venda dos produtos artesanais, também paralisou suas atividades em consequência do cancelamento das atividades presenciais nos ambientes escolares. Muitas das pessoas envolvidas nessas atividades fazem parte do grupo de risco em função da idade e o isolamento social continua sendo a principal forma de prevenção contra a doença. A situação persiste até o presente momento. A fragilidade de alguns grupos da economia solidária e a dificuldade de outros em suas dinâmicas organizacionais, aliadas à delicada conjuntura atual, levam a pontos de incerteza. Essa situação indica, fortemente, a necessidade de um compromisso das Incubadoras Populares e das Instituições Superiores de Ensino às quais estão vinculadas na construção de alternativas e propostas de apoio para o enfrentamento aos desafios que se somam aos anteriormente já existentes, reafirmando assim seu papel extensionista e sua atuação junto às comunidades locais.

## Referências

BRASIL, 2008. Decreto Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 dez 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm). Acesso em: 13 abr. 2017.

GALLI, A.P.; BRUNI, C.A.; FERREIRA, E.R.A.; COPETTI, G.L.; BRANCHER, J.C.; PLESI, L.P.M.; LABIAK JR, S.; SANT'ANNA, T.P.; RAMOS, V.S. Arranjos Produtivos Sociais e Culturais: Políticas de Extensão para o desenvolvimento local e regional. IN: **Extensão Tecnológica – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Cuiabá: CONIF/IFMT, 2013.

MACHADO, F.S. **Memória e Tradições Culturais numa Comunidade de Descendentes de Escravos**. 119 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais). Programa de Pós Graduação em História Política e Bens Culturais (PPHPBC). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

O'DWYER, E.C. **O fazer antropológico e o reconhecimento dos direitos constitucionais: o caso das terras de quilombo no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

NUNES, D. **Incubação de empreendimentos de economia solidária: uma aplicação da pedagogia da participação**. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA, J.B. **O papel dos mediadores na (re) construção da identidade étnica de duas comunidades quilombolas do Norte Fluminense: Barrinha e Machadinha**. 2009, 121 f. Dissertação de Mestrado (Sociologia Política). Programa de Pós Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem. Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2009.

## O mercado de resíduos sólidos na região Sul do RS e a constituição da Rede Reciclar

Diego Rodrigues Gonçalves<sup>1</sup>

Renato Della Vechia<sup>2</sup>

Rovena Ramos Lima<sup>3</sup>

Vanessa Monks Da Silveira<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa dois projetos financiados pela SENAES/MTE onde uma dessas pesquisas buscou o mapeamento do número de pontos de comercialização de produtos originados pela coleta de resíduos sólidos na região do Conselho Regional de Desenvolvimento da Região Sul (COREDE Sul) do Estado do Rio Grande do Sul (RS), com área de abrangência de 22 municípios. E o projeto de extensão “Constituição de uma Rede de Empreendimentos Solidários de Coleta e Seleção de Resíduos Sólidos na Região Sul do RS”. O objetivo central foi o trabalho de mobilização, constituição e apoio a empreendimentos que atuam na coleta e seleção de resíduos sólidos na região Sul do RS. Ambas iniciativas estimuladas pela Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei nº 12.305/10. O texto percorre ainda acerca dos desdobramentos da Constituição dessa Rede de empreendimentos da coleta dos resíduos na região, tantos dos seus desafios com os processos autogestionários quanto do seu impacto nesta cadeia de comercialização da região.

**Palavras-chave:** resíduos sólidos; coleta; catadores; autogestão; comercialização.

**Abstract:** The following paper, analyses two projects financed by SENAES/MTE, where one of these surveys sought to map the number of points of sales of products originated by the collection of solid waste in the region of the Regional Development Council of the Southern Region (COREDE Sul) on the State of Rio Grande do Sul (RS), covering about 22 cities. And the extension project of “Constitution of a Network of Solidarity Enterprise for the Collection and Selection of Solid Waste in the Southern Region of RS”. The main objective was the work of mobilization, constitution and support to enterprises which act on the collection and selection of solid waste in the Southern Region of the South. Both initiatives were stimulated by the National Solid Waste Policy (PNRS), Law nº 12.305/10. The article discusses the consequences on the constitution of this enterprise network for the collection of waste in the region, working on the many challenges on the self-management process as of its impact on this region’s marketing chain.

**Keywords:** solid waste; collect; collectors; self-management; commercialization.

### *O contexto do início da Rede Reciclar*

A escassez de recursos naturais fez emergir a discussão em torno da reciclagem, termo popularizado principalmente a partir da década de 1970. Primeiramente impulsionado pelo fortalecimento do movimento ambientalista, mas principalmente pela crise energética, ou seja, a preocupação com o desabastecimento de algumas matérias-primas não renováveis, que eram a base das principais indústrias que sustentavam o padrão de consumo no pós-guerra, principalmente o

---

<sup>1</sup> Mestre em Política Social e Direitos Humanos pela Universidade Católica de Pelotas.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós Graduação em Política Social da Universidade Católica de Pelotas (Adjunto III). Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas.

<sup>4</sup> Mestra em Zootecnia pela Universidade Federal de Pelotas e Especialista em Educação Profissional pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense.

petróleo. Este fato trouxe consigo a necessidade de as empresas renovarem tecnologias de produção e de organização do trabalho, objetivando eficiência e redução de custos (GASPAR, 2015).

A concepção neoliberal do modelo de sociedade capitalista em que vivemos naturaliza o mercado como espaço absoluto de organização entre demanda e consumo. Assim, dentro desta lógica, é muito mais fácil buscar alternativas para o resíduo produzido do que repensar o consumo. Toda forma de intervenção estatal que possa limitar consumo ou concentração de capital é identificado como um entrave ao desenvolvimento econômico. Para este modelo, o desenvolvimento econômico é visto tão somente como crescimento de consumo e ampliação do capital, sem nenhuma relação com questões como sustentabilidade ou qualidade de vida.

Há uma busca incessante pelo aumento do consumo, mesmo que ao custo da geração de enormes passivos ambientais e do empobrecimento da maior parte da população. Significa que essa perspectiva precisa produzir mercadorias que tenham curto espaço de vida, que se tornem rapidamente obsoletas para incentivar a cadeia permanente do consumo. As formas de produção atuais são caracterizadas pelo aumento do desperdício como fórmula para o aumento da lucratividade e está expresso, segundo Mészáros, na taxa decrescente do valor de uso das mercadorias.

É, portanto, extremamente problemático afirmar que, ultrapassado certo ponto na história do “capitalismo avançado”, este processo - intrínseco ao avanço produtivo em geral – seja completamente revertido da mais intrigante forma: em que a “sociedade dos descartáveis” encontre equilíbrio entre produção e consumo, necessário para a sua contínua reprodução, somente se ela puder “consumir” artificialmente e em grande velocidade (isto é, descartar prematuramente) imensas quantidades de mercadorias que anteriormente pertenciam à categoria de bens relativamente duráveis. Desse modo, a sociedade se mantém como um sistema produtivo manipulando até mesmo a aquisição dos chamados “bens de consumo duráveis” que necessariamente são lançados ao lixo (ou enviados a gigantescos ferros-velhos, como os “cemitérios de automóveis” etc.) muito antes de esgotada sua vida útil (MÉSZÁROS, 2002, p. 634-659).

Com o objetivo de diminuir os impactos gerados pela atividade humana na natureza, os governos buscam criar políticas públicas que diminuam os danos ambientais e incentivem um desenvolvimento sustentável. Nesta busca não se pode esquecer a chamada “agenda marrom”, pois sendo o lixo e o esgoto dois dos principais problemas, o gerenciamento dos resíduos sólidos é parte importante do saneamento básico de uma cidade. O descarte desses resíduos passou a ser uma questão de difícil solução e com alto investimento de recursos públicos. Além disso, os antigos lixões e aterros sanitários conduzidos de formas inadequadas passaram a ser um passivo ambiental considerável para a maioria das cidades.

No Brasil, para atender esta demanda, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) criou a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), aprovada por meio da Lei nº 12.305/10 e regulamentada pelo Decreto nº 7.404/10. Importante marco legal para a questão da gestão de resíduos, reúne conjunto de princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações com vistas à gestão integrada e ao

gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos. As principais diretrizes da lei eram acabar com os lixões até 2014, implantar a coleta seletiva, a logística reversa e a compostagem dos resíduos úmidos (BRASIL, 2012).

Ao ser lançada em 2010, esta lei foi um desafio para o poder público, principalmente para os municípios que são os titulares de limpeza pública. Um dos pontos previstos na lei é a obrigatoriedade de estados e municípios elaborarem planos de gestão integrada de resíduos sólidos como condição para terem acesso a recursos da União destinados à limpeza urbana e ao manejo de resíduos sólidos. Outro aspecto importante contemplado por esta lei é o apoio à inclusão dos catadores/as de materiais reutilizáveis e recicláveis na destinação dos resíduos das cidades, priorizando a participação de cooperativas ou de outras formas de associações.

Em um de seus princípios, a PNRS reconhece o resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania. Nesse sentido se aproxima da Economia Solidária visto que propõe e incentiva a criação e o desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores/as. Priorizava, no acesso aos recursos da União, os Municípios que implantassem a coleta seletiva com a participação de cooperativas ou de associações de catadores/as (BRASIL, 2012).

No Brasil, o início da organização de empreendimentos de catadores/as como associações e cooperativas tem registros a partir do início da década de 2000. O período a partir da década de 1990 foi marcado por novas alternativas na forma de organização dos trabalhadores na perspectiva do cooperativismo, da autogestão e da economia solidária, muito em decorrência da crise econômica observada no período (SINGER, 2002, p. 123).

Até o início de 2000, eram raras as iniciativas de regulamentação da atividade dos catadores, das suas formas de produção e comercialização, suas instituições de apoio e de representação política. Nos últimos quinze anos, a economia solidária e as cooperativas de catadores vêm ganhando notoriedade como movimento social e também como objeto de políticas públicas do governo federal e de alguns governos estaduais e municipais (ZANIN; GUTIERREZ, 2011, p. 40).

Neste contexto (1998), algumas universidades brasileiras começaram a criar incubadoras universitárias voltadas ao assessoramento de grupos de baixa renda para a constituição de cooperativas de caráter popular. Já no início desse movimento um grupo de professores da UCPEL criou inicialmente (1999) um núcleo da Unitrabalho e posteriormente a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (INTECOOP), que alguns anos depois se transformou no Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas (NESIC/UCPEL) e começou a apoiar um processo de organização coletiva dos trabalhadores da área de reciclagem (entre outras ações desenvolvidas). A partir de 2012 o NESIC aprovou um projeto de extensão bem como dois projetos de pesquisa.

Uma dessas pesquisas buscou o mapeamento do número de pontos de comercialização de produtos originados pela coleta de resíduos sólidos na região do Conselho Regional de Desenvolvimento da Região Sul (COREDE Sul) do Estado do Rio Grande do Sul (RS), com área de abrangência de 22 municípios. A intenção com esta pesquisa era mapear os pontos de compra e venda, responder quem são esses comerciantes e sua relação com os/as catadores/as de materiais recicláveis, com o objetivo de identificar a dinâmica da cadeia de comercialização, que se inicia nos catadores/as, passando por diferentes níveis intermediários até chegar às indústrias de reciclagem.

Em paralelo foi executado o projeto de extensão “Constituição de uma Rede de Empreendimentos Solidários de Coleta e Seleção de Resíduos Sólidos na Região Sul do RS”. O objetivo central foi o trabalho de mobilização, constituição e apoio a empreendimentos que atuam na coleta e seleção de resíduos sólidos na região Sul do RS. Este projeto foi financiado por recursos da antiga Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE), entre os anos de 2012 e 2016.

O projeto se iniciou em 2012 na perspectiva da criação de uma rede regional para a comercialização e análise de alternativas para processamento de resíduos na região, buscando a ampliação de ganhos para os/as trabalhadores/as, diminuição de custo em relação ao transporte e na constituição de novos empreendimentos inseridos na lógica do desenvolvimento solidário e sustentável.

As duas ações foram executadas de forma paralela e complementar, sendo que a pesquisa trouxe elementos que permitiram conhecer o mercado e, desta forma, foram a base das ações de articulação e organização da futura Rede Reciclar. Da mesma forma que o conhecimento prévio dos/as catadores/as sobre mercado (valores de vendas, compradores, sazonalidade, classificação, entre outros) foi fundamental para que a pesquisa conseguisse mapear o mercado de resíduos sólidos da região.

#### *O início do processo e os desafios da concepção autogestionária da Rede Reciclar*

O projeto foi executado em cidades da chamada ‘Metade Sul do Rio Grande do Sul’ (MS), tendo como objetivo inicial o mapeamento, organização e incubação de empreendimentos solidários vinculados à coleta e seleção de resíduos sólidos, com o objetivo de constituir uma rede integrada de comercialização entre os municípios. Trata-se de uma região que foge à percepção comum que o resto do Brasil tem em relação ao Rio Grande do Sul, num claro contraste com a chamada ‘Metade Norte’. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, enquanto o PIB per capita estadual (RS) para 2015 situava-se na faixa dos R\$ 34 mil/ano, na Metade Sul ele foi de R\$ 16 mil/ano; enquanto o IDH geral do estado é 0,746, o da Metade Sul é 0,6976. A Metade Sul corresponde a 26% da população gaúcha, mas contribui com apenas 17% do PIB estadual (IBGE, 2017).

Nesse contexto, os/as trabalhadores/as da região encontram dificuldade de inserção no mercado de trabalho e necessitam buscar alternativas para geração de trabalho e renda, o que faz com que muitos migrem para o mercado informal de trabalho. Soma-se a isso o fato de que parcela significativa da população possui baixa escolaridade. Por esses motivos, o que se vê é a inserção em condições precárias de trabalho como a catação individual de resíduos sólidos como alternativa de renda.

Esta realidade pode ser comprovada durante a realização do perfil dos/as participantes/as do projeto, o que foi importante para entender a dinâmica de trabalho e fundamentar as ações. Dos/as entrevistados/as, a maioria fazia parte de famílias compostas de até quatro pessoas, com média de 20 a 30 anos. A escolaridade situa-se em nível de ensino fundamental. O sexo que predomina é o feminino, cor branca, seguida pela parda. Entre os empreendimentos que não estabelecem uma relação de parceria e apoio com as prefeituras, a renda mensal compreendia até R\$400,00 (quatrocentos reais) e naquelas em que há apoio do poder público, principalmente através da remuneração dos serviços prestados, esta renda passa a ser de até R\$900,00 (novecentos reais) (VECHIA *et al*, 2016).

O que se observa na prática é que tanto o cooperativismo como a economia solidária se fortalecem em conjunturas de crises socioeconômicas, onde há falta de postos de trabalho formal, o que pressiona para que as pessoas busquem fontes alternativas de geração de trabalho e renda. Há nas crises econômicas necessidades que promovem a articulação destes atores em uma busca de geração de renda, da manutenção de suas atividades, da colaboração e do avanço na cadeia produtiva.

Economia solidária é um termo que se popularizou no país durante a crise econômica da década de noventa, embora sua origem e seus fundamentos sejam anteriores a isto, e nada mais é do que outro modo de produção que busca uma alternativa ao modo dominante que preconiza a competição. Paul Singer, em seu livro *Introdução à economia solidária*, versa que fundamentalmente a economia solidária é

[...] outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica (SINGER, 2002, p. 10).

Para além da necessidade urgente de geração de trabalho e renda, o contexto em que este projeto foi pensado se mostrava favorável para a organização dos/as catadores/as e sua articulação com a gestão de resíduos dos municípios. Havia um contexto político e legal que amparava ações nesse sentido. Primeiramente o Ministério do Meio Ambiente (MMA) criou em 2010 a lei nº 12.305/10, futuramente regulamentada pelo Decreto nº 7.404/10. Esta lei organiza a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e reúne o conjunto de princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes,

metas e ações com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos (BRASIL, 2012).

Esta lei prevê a elaboração do Plano Nacional de Resíduos Sólidos, assim como planos estaduais e municipais, com um amplo processo de mobilização e de participação social. Contempla também a inclusão produtiva dos/as catadores/as de materiais reutilizáveis e recicláveis, priorizando a participação destes/as trabalhadores/as organizados/as em cooperativas ou em outras formas de associações.

O Plano Nacional de Resíduos Sólidos contempla a problemática dos diversos tipos de resíduos gerados, as alternativas de gestão e gerenciamento passíveis de implementação, planos de metas, programas, projetos e ações correspondentes. O documento, elaborado sob a coordenação do Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos - CI, composto por 12 ministérios, apresentou o diagnóstico atual dos resíduos sólidos no Brasil, o cenário ao qual devemos chegar até 2031, diretrizes, estratégias e metas que orientam as ações para o Brasil implantar a gestão ambientalmente adequada dos resíduos sólidos (BRASIL. Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010).

Há nessa lei uma aproximação da gestão de resíduos sólidos com a Economia Solidária, visto que propõe como um de seus princípios o reconhecimento do resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania. Nesse sentido, incentiva a criação e o desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores/as.

Neste contexto de expectativa com a implementação do Plano Nacional de Resíduos Sólidos é que o projeto ocorreu (entre os anos de 2012 e 2016), apesar do NESIC seguir acompanhando as atividades da Rede Reciclar após o fim do convênio. A execução das ações se iniciou por um processo de mapeamento e sensibilização das iniciativas de reciclagem, parceiros e entidades de apoio. Houve um contato inicial com os municípios, principalmente através do poder público e entidades afins, com o objetivo de avaliar a situação de cada cidade.

Inicialmente se buscou fazer um diagnóstico de cada município, mapeando a realidade existente, ou seja, onde havia processo de coleta seletiva, processo de triagem, se era possível observar a ação de catadores/as, se estes estavam ou não organizados em empreendimentos coletivos (formais ou não), onde havia parceria entre estes empreendimentos e o poder público, se havia estrutura e recursos para apoiar a formação de um grupo, ou seja, galpões, equipamentos para coleta e triagem, entre outros pontos importantes.

As ações iniciaram nos municípios previstos no projeto inicial: Chuvisca, Dom Feliciano, Camaquã, Cristal, Turucu, Pelotas, Capão do Leão, Pedro Osório, Cerrito e Piratini. Muitos destes não seguiram até a finalização do projeto por motivos diversos e outros foram incluídos durante a execução.



Nesse momento foi possível perceber realidades bem distintas. Desde locais onde havia atuação de poucos catadores/as individuais, passando por locais com um grande número de catadores/as, mas que não estavam organizados quer seja por falta de apoio e estrutura, quer seja por falta de interesse de uma articulação coletiva. Mas havia também municípios que já tinham o processo de coleta seletiva e ações de catadores/as organizados/as em empreendimentos (associação ou cooperativa).

O que se buscava era permitir que os/as catadores/as se organizassem em empreendimentos aptos para habilitarem-se para a participação em chamadas públicas na perspectiva de tornarem-se pontos de recebimento de resíduos sólidos da coleta seletiva, facilitando e permitindo que o poder público repassasse os resíduos dos municípios para as associações ou cooperativas conforme exigências estabelecidas na PNRS.

Onde não havia um processo organizado de coleta seletiva e triagem buscou-se identificar e contatar pessoas que já viviam do processo de catação, para que as mesmas pudessem ser integradas ao processo. Essas pessoas foram apresentadas à proposta e, se tivessem interesse, começavam a integrar o processo de formação dos empreendimentos.

Após o processo de mapeamento, se iniciou o processo chamado de pré-incubação, que consistiu no planejamento e desenvolvimento de um plano de ação e cronograma das atividades formativas. A previsão era de quatro encontros em cada município para mapeamento e três para pré-incubação, mas as dificuldades encontradas acabaram por prolongar este período inicial, atrasando o processo de incubação propriamente dito.

De acordo com os relatórios de execução do projeto (NESIC, 2016), os processos de mapeamento e pré-incubação acabaram evidenciando uma realidade distinta em cada município, o que se explica pela dimensão do projeto com municípios muito diferentes e distantes um do outro. Esse processo inicial se tornou um pouco mais complexo do que o esperado e foram encontrados muitos entraves para que se conseguisse dar andamento às ações, tais como: dificuldade de acesso a informações, resistência da inclusão dos/as catadores/as no processo de gestão de resíduos, necessidade de controle do poder público no trabalho dos/as catadores/as, falta de confiança dos/as catadores/as na gestão pública, resistência ao trabalho coletivo e organizado, presença de pessoas externas dentro dos galpões, exploração do trabalho, inconstância do número de trabalhadores/as nos empreendimentos, dificuldade de perceber o trabalho fora da triagem como importante, ausência de apoio do poder público, instabilidade durante o período eleitoral e troca de gestão local, entre outros que serão discutidos mais à frente.

Perante esta realidade, não foi possível trabalhar com todos os municípios previstos. Estava sendo realizado um investimento de tempo muito maior do que esperado no processo de mapeamento, o que poderia prejudicar o andamento do projeto em todos os municípios. Este fator, associado à

distância geográfica dos municípios participantes, gerou a necessidade de se fazer um recorte, priorizando aqueles com maior perspectiva de sucesso.

Após esta etapa, o processo de incubação buscou qualificar o trabalho dos/as catadores/as e capacitar os empreendimentos para serem inseridos no processo de gestão de resíduos dos municípios. Ao todo foram previstas aproximadamente 25 atividades formativas para cada município atendido entre oficinas, visitas técnicas e seminários. Neste momento foram abordados os temas: mobilização para o trabalho associativo, orientação sobre os aspectos jurídicos, noções sobre gestão dos empreendimentos, aperfeiçoamento do processo de triagem, noções sobre legislação ambiental pertinente, intercâmbio de saberes, visitas técnicas e dois seminários regionais.

Assim como alguns municípios foram retirados desta etapa, outros acabaram sendo incluídos ao longo do processo, quer seja por já apresentarem um processo de organização inicial, quer seja por demanda do poder público, que se mostrava receptivo a proposta.

Após o período de organização dos empreendimentos e aperfeiçoamento do processo de triagem, quando os empreendimentos já se encontravam minimamente organizados e já realizando efetivamente os processos de triagem e comercialização, foi o momento de se iniciar a articulação dos empreendimentos para a constituição da futura rede de comercialização.

Para isso o primeiro passo foi a mobilização dos empreendimentos assessorados pelo projeto em um Fórum que, inicialmente, foi denominado “Fórum de empreendimentos que atuam com resíduos sólidos da região sul do RS”. Neste momento não poderíamos chegar com a concepção de rede já estabelecida, pois dentro do processo solidário e autogestionário a construção coletiva é fundamental para o êxito da proposta. Somente com a participação e autonomia dos/as trabalhadores/as estes/as poderão se tornar protagonistas e assumirão o controle dos processos de trabalho e comercialização.

O processo de auto-organização dos/as catadores/as da região, bem como a construção coletiva de um espaço de comercialização (que futuramente viria a se identificar como a Rede Reciclar), se inicia com base nesse processo que se caracteriza pela autogestão. É nessa perspectiva que se buscou basear a organização dos empreendimentos, tendo a clareza que esse é um processo longo e difícil de consolidar, mas que demanda uma política específica para que gere resultados. Afinal, a autogestão vem na “contramão” da lógica tradicional das relações de poder constituídas em nossa sociedade.

O espaço do Fórum buscou promover a discussão dos grupos a respeito de temas de seu interesse, entre eles, a formação da rede de comercialização coletiva. Nele foi possível fazer o levantamento das demandas dos/as trabalhadores/as, o mapeamento do volume produzido em cada cooperativa/município, os valores de venda, a identificação de compradores, a verificação da logística

e a possibilidade de organização de uma rede de comercialização. A comercialização, o aumento de renda, o aperfeiçoamento do processo produtivo e o avanço dentro da cadeia foram temas recorrentes.

Em todo o momento havia o incentivo para o exercício de leitura de conjuntura política e econômica, para que os/as catadores/as praticassem o exercício de entender a realidade em que estavam inseridos/as, qual era o seu papel nesta realidade e quais ações deveriam ser tomadas e evitadas para mudar aquilo que estava em desacordo com o que era o melhor para o coletivo. Um ponto importante para isto foi a aproximação com o Movimento Nacional dos Catadores (MNCR) desde o início das atividades de formação para que o grupo se entendesse como categoria. Assim, se reconhecendo nessa categoria, começaram a perceber a necessidade da construção dessa identidade coletiva para o fortalecimento e reconhecimento do papel do/a catador/a, visando uma articulação para o acesso às políticas públicas.

Essa organização dos/as catadores/as como categoria foi beneficiada pelo reconhecimento legal da profissão de catador/a. Este fato vai muito além do aspecto da organização dos/as catadores/as, há o fator social que permite contribuição previdenciária e seus benefícios e também contribui com a melhora da auto estima da categoria, que até pouco tempo atrás sofria muito fortemente preconceitos sociais derivados de uma visão deformada dos/as catadores/as como pessoas desqualificadas, moradores de rua, vinculados ao crime, etc.

O primeiro encontro ocorreu nas instalações do Campus II da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) no dia 11 de junho de 2015. Participaram da reunião os municípios de São Lourenço, Piratini, Camaquã, Pelotas, Arroio Grande, Turuçu. A partir deste encontro inicial se avaliou a necessidade de encontros mensais, todos ocorrendo inicialmente em Pelotas nas instalações da UCPel.

Durante meio ano de encontros e discussões, se planejou as ações necessárias e se ajustou os detalhes para a realização da primeira venda. Os empreendimentos passaram por etapas de aperfeiçoamento e padronização do processo de triagem com a assessoria do NESIC, que promoveu a vinda de compradores, representantes de outras redes e palestrantes durante as reuniões mensais do Fórum e dentro dos espaços de discussão do seminário anual realizado pelo grupo.

No início do ano de 2016, três cooperativas, das cidades de Arroio Grande, Piratini e Turuçu, estavam decididas e planejadas para a realização da primeira venda conjunta. Sendo assim, em março, as três cooperativas somaram uma carga de aproximadamente 15 toneladas de papel e realizaram sua primeira venda conjunta para a região metropolitana de Porto Alegre, rompendo assim com a cadeia de atravessadores/as da região. Nascia a Rede Reciclar Sul, comercializando a preço mais justo, pois a diminuição da cadeia de atravessadores/as e o aperfeiçoamento do processo de triagem foram fatores que agregaram valor ao material processado.

Dentro do processo autogestionário, a definição consensual da venda passou por várias etapas, onde todas as decisões foram tomadas no coletivo, desde como seria o processo de venda, até qual seria a melhor ferramenta de comunicação. Nenhuma decisão foi tomada sem que houvesse uma discussão prévia. Foram definidas as condições em que as vendas ocorreriam, quantas cargas, como seria o pagamento, a emissão de notas fiscais, quais materiais seriam comercializados, quando ocorreria cada venda, rota de carregamentos em uma logística complexa tendo em vista a falta de recursos e distâncias.

Passam a comercializar os mais diversos materiais como papelão, plástico, metal, entre outros. De acordo com dados coletados durante a execução do projeto (NESIC, 2016), a venda coletiva proporcionou ganhos significativos no valor de venda do material, chegando em alguns casos a um acréscimo de 60%. Há relatos de cooperados que conseguiram aumentar sua renda em R\$ 600,00.

À medida que a Rede Reciclar passou a comercializar uma maior quantidade e variedade de materiais, foi possível perceber uma mudança no mercado. Notou-se que, as cooperativas outrora reféns das alterações de preços, subordinadas e dependentes do atravessador/a, agora começavam a receber ofertas de melhores valores dos compradores da região metropolitana.

Os encontros se tornaram um espaço importante para outras discussões além da comercialização. Um espaço de organização e articulação dos empreendimentos para o enfrentamento coletivo de suas demandas, promoveu a discussão das dificuldades enfrentadas diante do poder público, da relação delicada com os atravessadores/as, das investidas da iniciativa privada visando desarticular os grupos e de todos os interesses contrários à própria Política Nacional de Resíduos Sólidos.

#### *Mercado de Resíduos: o impacto da Rede Reciclar na dinâmica de comercialização*

Já a pesquisa “Mapeamento dos pontos de comercialização de resíduos sólidos na região do COREDE Sul do RS”, forneceu subsídios importantes para a organização em rede dos/as catadores/as da região. Com isso, foi possível entender a dinâmica de comercialização local, entre os municípios e entre os diferentes “níveis” de atravessadores/as. É muito importante conhecer os elos da cadeia de reciclagem, o resíduo percorre muitos caminhos até chegar na indústria de transformação e é neste caminho até a indústria que o resíduo vai ganhando valor.

O que designamos como atravessador/a, intermediário ou sucateiro, é a pessoa (física ou jurídica) que compra o material reciclável do/a catador/a não organizado e das cooperativas. Há diferenças entre eles de acordo com a estrutura de armazenamento, capacidade de transporte, localização e, principalmente, seu capital para aquisição de resíduos. Os grandes atravessadores/as estão situados nas regiões metropolitanas, nas grandes cidades ou à margem delas, onde também podem se encontrar as indústrias de processamento (por exemplo, Porto Alegre e Cachoeirinha). Os

médios atravessadores/as estão localizados nas cidades de médio e pequeno porte, servindo de fornecedores e/ou atravessadores/as para os grandes atravessadores/as (por exemplo, Pelotas e Piratini).

Geralmente as associações e cooperativas de triagem produzem um volume pequeno de resíduos para a comercialização direta para as indústrias e, na maioria das vezes, estão longe do complexo industrial de recuperação. Por esta razão, o papel das empresas de revenda, ou “atravessadores/as”, como popularmente são conhecidos, passam a ter forte impacto no negócio da reciclagem. São estas empresas que possuem a estrutura e o capital necessários para garantir o volume e a qualidade de resíduos que a indústria necessita (FIESC, 2014).

Essa estrutura, ou seja, galpões, maquinário, logística de transporte, capital, permite que estas empresas concentrem todo o resíduo de uma pequena região. Além disso, há, em algumas destas empresas, processos que incrementam a qualidade do produto agregando valor na comercialização. Isto acaba concentrando a renda naqueles que possuem capital e reduzindo a remuneração para a força de trabalho na ponta da cadeia, ou seja, os/as catadores/as.

Em um primeiro momento, foi mapeado o caminho entre os municípios e entre os diferentes “níveis” de atravessadores/as. Foi detectado dois municípios “pólos” que centralizam os resíduos da região: Pelotas e Rio Grande. Pelotas recebe material de quase todos os municípios da região, exceto de Santana da Boa Vista. Isso ocorre devido a distância entre os dois municípios, bem como a proximidade entre Santana da Boa Vista e o município de Santa Maria, cidade de médio porte e que já faz parte de outro COREDE.

Os dados da região apontam que os resíduos são destinados para grandes regiões metropolitanas, onde também se encontram as indústrias de processamento de resíduos como, por exemplo, Porto Alegre, Cachoeirinha, Canela, entre outros. Além disso, há registros de envio de material para outros estados como Santa Catarina e São Paulo (VECHIA; GONÇALVES; TILLMANN, 2019).

Contudo, a cadeia de comercialização não é nada linear ou simples, mesmo Rio Grande com sua capacidade logística acaba enviando certos produtos para Pelotas. Os resultados apresentados são recorrentes, ou seja, são as questões que mais se repetem neste estudo, como, por exemplo, o apontamento de Pelotas como um município importante e estratégico na cadeia.

Essa dinâmica caracteriza a região como grande pólo de recebimento dos materiais e de comercialização para fora da região, mostrando necessária a consolidação de uma estratégia regional de gerenciamento de resíduos, em especial no âmbito da logística de comercialização e transporte, atentando para que seja possível vislumbrar a valorização dos/as catadores/as com o objetivo de fortalecer a cadeia produtiva de reciclados.

Estes dados reforçam a região de Pelotas como um possível pólo de beneficiamento de resíduos, o que sempre foi um dos anseios dos empreendimentos da Rede Reciclar. Mas para isso há a necessidade de investimento em estrutura, maquinário, logística, entre outros, recursos estes escassos para a realidade dos empreendimentos solidários.

Portanto, se faz necessário expandir o estudo e conhecer a dinâmica do comércio de resíduos até o seu destino final, como forma de fornecer subsídios para que o arranjo local de empreendimentos, a Rede Reciclar Sul, possa avançar na cadeia e agregar valor ao material produzido. Além disso, há necessidade de políticas públicas que fomentem investimentos para fortalecimento e organização dos empreendimentos da região.

### *Rede Reciclar: Desafios e conquistas*

De acordo com informações fornecidas pelo MNCR (Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis), a Rede Reciclar Sul é pioneira, uma vez que é a única no estado realizando a comercialização coletiva, embora haja outras redes de articulação de empreendimentos de reciclagem em outras regiões do estado. Mesmo que ainda de maneira informal, a articulação destes grupos é um movimento pioneiro e inovador, que vem garantindo autonomia, incremento de renda e significativo aumento do controle do mercado de comercialização.

As vendas da Rede continuaram nos anos seguintes, mesmo com o fim do Projeto desenvolvido pelo NESIC/UCPEL. O acompanhamento aos empreendimentos continuou de forma mais pontual, através do acompanhamento de reuniões da Rede Reciclar e por assessorias, de acordo com a demanda.

O grupo se consolidou e passou a articular com outros parceiros e a receber apoio de outras instituições. Além do NESIC, passaram a acompanhar e apoiar a articulação da Rede Reciclar o MNCR, o Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Economia Solidária e Incubação de Cooperativas e Empreendimentos Populares do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (NESOL/IFSul), a Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária da Universidade Federal de Rio Grande Campus São Lourenço (INEESOL/FURG) e a Associação do Voluntariado e da Solidariedade de Porto Alegre/RS (AVESOL).

A Rede Reciclar passou a ser representante dos interesses dos/as catadores/as da região, passando a representar a categoria em espaços de discussão como audiências públicas, reunião com gestores e judiciário, espaços acadêmicos e espaços de formação. Sendo assim, além do crescimento econômico, houve também aumento do poder de representação da categoria na região.

Ao longo de quase cinco anos, o processo de vendas se aperfeiçoou. O conhecimento da cadeia, dos compradores e da logística, fez com que a Rede Reciclar passasse a dominar mais a comercialização de seus resíduos. As negociações passaram a ser feitas de forma mais autônoma,

procurando sempre uma maior remuneração possível, tendo relatos de impactos positivos nos preços oferecidos para os empreendimentos de forma individual. Os atravessadores passaram a assediá-los os grupos com propostas de preços até por vezes melhores que os oferecidos na venda em rede numa prova de que a articulação alterou o mercado de resíduos da região.

Neste período as vendas passaram a ser realizadas totalmente por gestão dos empreendimentos, foi estabelecida uma coordenação onde cada um tinha o seu papel estabelecido, atentando para que cada município fosse representado. Estes cargos foram decididos sempre através de auto indicação e eleição, quando necessário, estabelecendo um/a presidente com um cargo mais político, um/a secretário/a responsável pela parte de atas e listas de presença e um/a tesoureiro/a que assumiria a parte das contas.

Além disso, foi estabelecido um fundo para dar suporte nas despesas necessárias, principalmente deslocamento e despesas da diretoria. Em outro momento, este fundo veio a ser um recurso utilizado para amparar empreendimentos em situações de necessidade. Todas estas decisões foram tomadas em assembleias através de votação, mostrando o amadurecimento do grupo.

O objetivo e anseio dos empreendimentos sempre foi estabelecer uma cooperativa de segundo grau e, desta forma, formalizar a iniciativa e dar mais garantia para os/as participantes. Mas ao longo dos quase cinco anos foram muitos os problemas que acabaram por adiar esta iniciativa que nunca se concretizou, por vários motivos.

O processo de formalização é bastante burocrático e requer que todos os empreendimentos estejam com a documentação em dia, o que foi dificultado pela oscilação dos empreendimentos nestes anos de existência da rede. Alguns saíram e outros entraram, até que no início do ano de 2020 contava com 4 cooperativas das cidades de Pinheiro Machado, Turuçu, São José do Norte e Arroio Grande.

Esta oscilação pode ser entendida como resultado de diversos fatores. Nesse processo, pudemos identificar um conjunto de problemas que ao longo do tempo dificultaram a constituição da Rede Reciclar bem como a manutenção dos próprios empreendimentos, tais como a falta de transparência em alguns empreendimentos, falta de confiança, falta de entendimento da necessidade do trabalho fora do galpão, assédio dos/as atravessadores/as, dificuldade de aceitar uma liderança feminina, dificuldade de ver a contribuição da rede como investimento, entre outros. Esses problemas não eram tão observados entre aqueles que participavam da coordenação, mas eram recorrentes entre os/as trabalhadores/as que ficavam na base, no processo de catação, o que demonstra dificuldade de comunicação das informações.

O primeiro problema encontrado foi a falta de compreensão por parte de alguns gestores públicos de que muitas políticas públicas precisam ser entendidas enquanto políticas permanentes. Alguns municípios tinham se proposto a trabalhar na perspectiva do projeto de constituição de cooperativas. No entanto, após as eleições e com a troca de partidos no comando dos executivos,

muitos deles olharam com desconfiança e se retiraram do processo. Um segundo problema foi a falta de recursos para investir ou a falta de compreensão de que a constituição de cooperativas não significa gasto, mas economia ao longo do tempo. Afinal, não havendo triagem e venda de material nos municípios, o que se tem é um aumento no volume de resíduos sólidos que as prefeituras precisam mandar aos lixões licenciados, volume esse que é remunerado por tonelada.

Por outro lado, todo o material coletado e triado no plano local, ao ser vendido, gera renda direta para os/as catadores/as indiretamente e esse recurso retorna ao próprio comércio da cidade, visto que em geral as empresas que transbordam o material para outros municípios são provenientes de outras regiões, fazendo com que recursos públicos sejam remetidos para os municípios de origem dessas grandes empresas.

Outra situação identificada foi a preocupação de algumas prefeituras em controlar politicamente as pessoas que compunham a cooperativa, como se estivessem fazendo um favor pessoal ao permitir convênio do município com as mesmas, sendo que em alguns casos havia até mesmo a participação direta de gestores

Levando em conta o histórico de dependência e baixos rendimentos das cooperativas, é visível que a constituição da rede trouxe benefícios para as cooperativas e para os cooperados. Mesmo assim, ao longo do tempo a rede teve “altos e baixos”, tanto em relação à pressão dos/as atravessadores/as (que inúmeras vezes buscaram dificultar as relações internas da rede), quanto sobre as oscilações de mercado e dificuldades internas entre as cooperativas. Mas se formos analisar a média do tempo em que a mesma está organizando sua comercialização podemos perceber um salto de qualidade, tanto no rendimento como no relacionamento com algumas prefeituras municipais que melhoraram as condições dos convênios, bem como no fortalecimento da autoestima e da consciência política e social dos/as catadores/as enquanto agentes ambientais fundamentais em nossa sociedade.

A falta de uma remuneração pelos serviços prestados pelo poder público coloca estes grupos muitas vezes reféns do poder econômico dos/as atravessadores/as. Em situações extremas, onde há falta de recursos, são estes que muitas vezes emprestam um maquinário, antecipam um recurso de venda ou, até mesmo, emprestam recursos para os empreendimentos.

Para competir com as empresas atravessadoras, as associações e cooperativas de reciclagem precisam garantir qualidade e volume do produto. Para alcançar este estágio de organização precisam qualificar o processo produtivo e em uma dimensão que vai além do aperfeiçoamento técnico, ou seja, investir em qualificação e padronização do maquinário passa pela adequação da infraestrutura para o acondicionamento de resíduos, melhores condições de instalações nos centros de triagem, capacitação da equipe de triagem e, principalmente, qualificação do processo de gestão. É preciso qualificar o processo como um todo, incluídos os processos de gestão administrativa, financeira e de comunicação.



Portanto, para além do conhecimento da cadeia produtiva, se faz necessário um aperfeiçoamento do processo produtivo e para isso acontecer é necessário aperfeiçoar os processos de gestão, de difusão de informação e de produção. Este se torna o grande desafio da Rede Reciclar, principalmente no que diz respeito ao processo produtivo, onde a padronização de técnicas e maquinários requer investimentos que, na maioria das vezes, estão fora da realidade financeira dos empreendimentos.

Por outro lado, a adequação do processo de gestão pode parecer algo mais simples e rápido, mas pelo contrário, é algo complexo e que requer mudança de hábitos e comportamentos. Um fluxo de informação mais rápido, um processo de registro mais eficiente, uma contabilidade mais transparente, são mudanças que podem qualificar significativamente o processo produtivo e, conseqüentemente, qualificar os empreendimentos para prospectar mercados e recursos.

Outra dificuldade encontrada foi a mudança de conjuntura no País, o pouco suporte para a Economia Solidária, a descontinuidade da Política Nacional de Resíduos Sólidos e a dificuldade de um apoio maior através de financiamento público foram entraves para a continuidade da Rede Reciclar e para os planos de uma central de beneficiamento regional.

Nestes últimos tempos a Rede Reciclar vinha enfrentando um declínio na produção total da rede, que pode ser explicado pela diminuição do número de empreendimentos, mas, principalmente, pela redução da produção de resíduos em tempos de crise.

No ano de 2020, após os vários problemas encontrados, que foram potencializados pelo distanciamento em virtude da pandemia de Covid-19, a Rede Reciclar se desarticulou e parou de fazer a comercialização coletiva. Está passando hoje por um processo de avaliação dos gargalos e problemas enfrentados, mas com a disposição de algumas cooperativas de retomar o processo organizativo.

O caminho a ser seguido agora é o da rearticulação, consolidação e da expansão, buscando o avanço na cadeia. Para tanto, não podemos desconsiderar a importância do acúmulo de experiências desses grupos. Inclusive a participação organizada junto ao MNCR, espaço que permitiu a consolidação de uma identidade de classe e percepção da importância de suas ações para além da sobrevivência econômica, mas também enquanto agentes ambientais necessários para a manutenção da própria sociedade.

Mas para que isso ocorra com garantia de continuidade é fundamental a existência de políticas públicas que deem suporte a esta atividade econômica essencial, principalmente para o meio ambiente, mas também como espaço de geração de renda para trabalhadores/as dos municípios em questão, bem como o trabalho das entidades de apoio aos grupos de reciclagem.

## Referências

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas, **NBR 10004**: Classificação de Resíduos, Rio de Janeiro. 2004.
- BRASIL, Lei nº 12.305. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. 02 de agosto de 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm). Acesso em: 19 dez. 2021.
- BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente**. ICLEI- Brasil. Plano de Gestão de Resíduos Sólidos: Manual de Orientação. Brasília, 2012.
- CRUZ, Antônio Carlos Martins da. **A diferença da igualdade: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul**. 2006. 325p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_1967e659c7591e5bb554d3b9833c15d2](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_1967e659c7591e5bb554d3b9833c15d2). Acesso em: 19 dez. 2021.
- EIGENHEER, E. M. **Lixo: A limpeza urbana através dos tempos**. Gráfica Pallotti, Porto Alegre, RS., 2009.
- GASPAR, Ricardo Carlos. **A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos**. *Cad. Metrop.* [online]. 2015, vol.17, n.33, p. 265-296. ISSN 2236-9996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cm/v17n33/2236-9996-cm-17-33-0265.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2021.
- IBGE. Produto Interno Bruto dos Municípios: 2010-2015. IBGE, Coordenação de Contas Nacionais – Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 79p. nº 58. ISSN 1415-9813 Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101458.pdf>
- RECICLAR. **Atas de reuniões do Fórum de Empreendimentos de Resíduos Sólidos da Região Sul do RS – REDE RECICLAR**. 2017-2019
- Santaella S. T *et al.* Resíduos sólidos e a atual política ambiental brasileira. Fortaleza: (**Coleção Habitat, v. 7**) UFC / LABOMAR / NAVE, 2014. ISBN: 978-85-420-0326-0. 232 p
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- VECHIA, R. S. D.; VICTORIA, L. B. G.; GOTARDO, S. Projeto “Constituição de uma Rede de Empreendimentos Solidários de Coleta e Seleção de Resíduos Sólidos na Região Sul do RS”. **Edital de Chamada Pública de Parceria SENAES/MTE nº 004/2011**. Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas (NESIC). Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Pelotas, outubro de 2011.
- VECHIA, R. S. D.; NONTICURI, A. R; LEITZKE, C. P. SILVEIRA, V. M. **Relatório Final de Execução de Convênio MTE/SENAES nº765251/2011** – Projeto “Constituição de uma Rede de Empreendimentos Solidários de Coleta e Seleção de Resíduos Sólidos na Região Sul do RS”. Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas (NESIC). Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Pelotas, dezembro de 2016.
- VECHIA, R. S. D.; GONÇALVES, D. R.; TILLMANN, B. C. REDE RECICLAR: A Pesquisa e a extensão universitária contribuindo com uma experiência de autogestão dos/as trabalhadores/as de cooperativas de resíduos sólidos. In: DELLA VECHIA, R. S; SANTOS, A. M. ; NUNES, T. G. (Org.). **Autogestão e Extensão Universitária: 20 anos de história**. 1º ed. Marília: Lutas Anticapital, p. -, 2019.
- ZANIN, M. ; GUTIERREZ, R. F. ; TARGA, L. G. ; FRANCA, L. M. ; FRANCESCHINI, G. . Parceria entre Universidade e Gestor Público Municipal para fomentar a Economia Solidária e ampliar as atividades da Cooperativa de Catadores de São Carlos/SP. In: ZANIN, M. ; GUTIERREZ,

R. F. (Org.). **Cooperativas de Catadores: Reflexões sobre Práticas.** São Carlos - SP: Claraluz Editora, 2011, v. , p. 229-253.

## O desenvolvimento territorial de base local e a economia solidária a partir de ações da ITCP/UNIPLAC no Planalto Catarinense

Yuri Lourenço Amaral<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é refletir sobre o desenvolvimento territorial de base local e a economia solidária no Planalto Catarinense desde as práticas implementadas pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade do Planalto Catarinense. Toma-se a Cooperativa de trabalho dos catadores de materiais recicláveis do município de Otacílio Costa, estado de Santa Catarina, o campo empírico para referência da análise. A incubadora está vinculada ao Projeto de Pesquisa Educação, Economia Solidária e Emancipação Social no Grupo de Pesquisa Educação e desenvolvimento territorial: políticas e práticas do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. A abordagem é qualitativa, descritiva e participativa, ancorada na teoria do materialismo histórico e dialético. Dialoga-se com autores que refletem o desenvolvimento local com sustentabilidade tendo a economia solidária como uma estratégia de resistência ao mercado liberal e alternativa de organização socioeconômica, sob as bases dos valores da autogestão, propriedade coletiva dos meios de produção, valorização do trabalho associativo, distribuição equitativa da renda obtida, cuidado do meio ambiente e responsabilidade com o entorno social. A análise dos dados demonstra que a economia solidária é alavancadora de desenvolvimento territorial de base local sustentável por que, aposta no protagonismo da população empobrecida referenciada no paradigma de um desenvolvimento endógeno, integrado e participativo; articula-se com outras organizações da sociedade civil e com o Estado local. As condições de vida dos sujeitos cooperados e o trabalho da coleta, reciclagem e comercialização provocam outras políticas caracterizando a transversalidade, como por exemplo, geração de trabalho e renda (Secretaria de Assistência Social); cuidado com o meio ambiente (Secretaria do Meio Ambiente); cuidados de saúde dos cooperados e condições humanas de trabalho (Secretaria de Saúde). As práticas da cooperativa organizada pelos princípios da economia solidária têm apontado para um desenvolvimento que leva em consideração todas as dimensões da vida e o bem estar de todos/as.

**Palavras-chave:** desenvolvimento local; economia solidária; incubação; cooperativa de catadores.

**Abstract:** The purpose of this article is to reflect on the local-based territorial development and the solidarity economy in Planalto Catarinense since the practices implemented by the Technological Incubator of Popular Cooperatives of the University of Planalto Catarinense. The work cooperative of recyclable material collectors in the municipality of Otacílio Costa, state of Santa Catarina, is taken as the empirical field for reference in the analysis. The incubator is linked to the Education, Solidarity Economy and Social Emancipation Research Project in the Education and Territorial Development Research Group: policies and practices of the Postgraduate Program in Education at the Universidade do Planalto Catarinense. The approach is qualitative, descriptive and participatory, anchored in the theory of historical and dialectical materialism. Dialogues with authors who reflect local development with sustainability, with the solidarity economy as a strategy of resistance to the liberal market and an alternative to socioeconomic organization, based on the values of self-management, collective ownership of the means of production, valuing associative work, equitable distribution of the income obtained, care for the environment and responsibility for the social environment. The analysis of the data demonstrates that the solidary economy is a lever for territorial development of a sustainable local basis, because it bets on the role of the impoverished population referenced in the paradigm of an endogenous, integrated and participative development; articulates with other civil society organizations and with the local state. The living conditions of the cooperative subjects and the work of collection, recycling and commercialization provoke other policies that characterize transversality, such as, generation of work and income (Social Assistance Secretariat); care for the environment (Secretariat for the Environment); health care of members and human working conditions (Secretaria de Saúde). The practices of the cooperative organized

---

<sup>1</sup> Graduando em Serviço Social na Universidade do Planalto Catarinense.

by the principles of solidary economy have pointed to a development that takes into account all dimensions of life and the well-being of all.

**Keywords:** local development; solidarity economy; incubation; waste pickers cooperative.

### *Introdução*

O objetivo deste artigo é refletir sobre o desenvolvimento territorial de base local e a economia solidária no Planalto Catarinense desde práticas implementadas pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade do Planalto Catarinense (ITCP/UNIPLAC). Toma-se a Cooperativa de trabalho de materiais recicláveis do município de Otacílio Costa, (COOPERCOC), estado de Santa Catarina, como campo empírico para referência da análise. A incubadora institucionalizou-se com a Chamada Pública 089/2013 do CNPq. Sua atuação orienta-se por três eixos de trabalho: i) incubação de empreendimentos econômicos solidários; ii) assessoria a feira municipal de economia solidária em Lages; iii) acompanhamento da política pública de economia solidária no município de Lages.

A cooperativa de trabalho dos catadores de materiais recicláveis do município de Otacílio Costa (COOPERACOC) constituiu-se em 2017 e seus estatutos se regem pelos princípios e valores da economia solidária, com oito cooperados fundadores, em sua maioria mulheres.

Neste trabalho trazemos brevemente a configuração histórica do modo de produção capitalista no território; apresentamos critérios considerados fundantes para pensar o desenvolvimento territorial de base local; e finalmente descrevemos a experiência de incubação da COOPERCOC, cuja prática remete para o desenvolvimento territorial de base local.

Trata-se de uma abordagem qualitativa, descritiva e participativa. A análise se ancora em autores que refletem sobre a temática e na teoria do materialismo histórico e dialético. Esta teoria tem sua base na materialidade dos fenômenos sociais, com suas leis fundamentais, como o movimento, a contradição, a totalidade, a dialética. Estas características são fundamentais para desvendar os fenômenos históricos, sociais e culturais. Ou seja, os fatos investigados são contextualizados e desvendados em suas múltiplas determinações, tendo como critério de verdade, a prática, segundo Triviños (2011). Outra compreensão desta análise é que a descrição dos fenômenos, deve ir além de suas aparências exigindo um esforço intelectual e filosófico para se atingir sua essência, reflete Kosik (1976). A pesquisa não se limita a compreensão dos significados. A ciência, o conhecimento emergem da relação intrínseca da teoria/prática tendo sentido se voltado para a transformação da realidade. Outra dimensão desta abordagem é seu caráter participativo, pois entendemos que a pesquisa participativa pressupõe uma “[...] *compreensão dialética da histórica, uma clara intencionalidade política transformadora e uma opção de trabalho junto com as classes oprimidas na sociedade*”, segundo refletem Moretti e Adams (2011, p. 456).

## *Desenvolvimento*

O território do Planalto Catarinense é constituído por dezoito municípios organizados na Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES), uma entidade de integração político-administrativa, econômica e social. Segundo o Plano de Desenvolvimento de Santa Catarina 2030 (PDSC 2030, 2018), tem uma população estimada (2016) em 290 mil habitantes, ocupando uma área de 16.086,2 (kms); uma densidade demográfica de 17 habitantes por km<sup>2</sup>. Renda domiciliar per capita (2010) de R\$/mês 744,00. Pessoas em situação de pobreza (2016) 49.629 (Idem, p. 140). É a região mais empobrecida do Estado de Santa Catarina.

Lages, cidade polo regional, tem sua origem no século XVIII em um contexto mais amplo e articulado de país-colônia em pleno desenvolvimento da exploração do ouro a atender os interesses da metrópole portuguesa. Portanto, identifica-se na origem deste sistema econômico o modo de produção capitalista comercial em expansão. Forja-se a sociedade de classe com sua abissal desigualdade social um “[...] *resultante histórico da contradição, imanente ao modo de produção capitalista, entre capital e trabalho [...]*” (WELLEN, 2012, p. 17).

A supremacia do capital sobre o trabalho no Planalto Catarinense expressou-se territorialmente por diferentes atividades econômicas extrativistas (MUNARIM, 1990). De 1766 a 1940, através da pecuária extensiva; de 1940 a 1970, o breve e predatório ciclo da exploração da madeira nativa, a “araucária angustifólia” substituído pela monocultura do *Pinus elliottii*. Atualmente, não obstante a diversificação de outras atividades, o desenvolvimento é confundido com crescimento econômico e presidido pela lógica da exploração e acumulação da economia de mercado. Mais, as formas de poder político, pelo prisma da superestrutura, têm se configurado pelo mandonismo local, o coronelismo, o populismo e a tecnoburocracia, como demonstra Munarim (1990). Parafrazeando Bauman (2015), é legítimo afirmar que na região do Planalto Catarinense, também a riqueza de poucos não tem beneficiado a todos, ou seja, a distribuição da riqueza nunca fluiu de cima para baixo.

O desenvolvimento do território em análise mostra-se insustentável social, ambiental, econômica e culturalmente. Foram e continuam sendo as elites políticas e econômicas ocupantes do Estado que projetam as políticas governamentais voltadas para o que denominam de “desenvolvimento”. A população não é convocada a participar e dizer suas necessidades que são seus direitos. Não é chamada para opinar, nem protagonizar a superação de suas dificuldades e a conquista de melhor qualidade de vida. Fato notório e regular é a prática dos agentes do governo em diferentes esferas reunirem-se com as associações comerciais e industriais do município ou da região para conhecer ou tratar das políticas ou projetos a serem implementados. Obviamente que os projetos, com raras exceções, emergem das demandas do agronegócio, da indústria, do comércio, resumindo-se em

“logística”. Daí o intuito deste trabalho em fazer uma guinada e refletir o desenvolvimento territorial de base local. Assumimos que

[...] qualquer desenvolvimento de bases locais deve ser tendencialmente: **Localizado e integrado**, porque parte sempre de contextos particulares para outros mais amplos, alargando-se a todas as dimensões da vida das pessoas (social, cultural e econômica), mobilizando-as e aos seus grupos de pertença, na prossecução dos objetivos comuns que corporizam uma ideia identitária onde todos se reveem; **Endógeno, Ecológico e Equilibrado**, porque utiliza, respeita e potencia os recursos naturais e culturais do território, sem gerar impactos ambientais negativos e sem criar tensões sociais; **Social e cultural**, porque se orienta para o bem-estar de todos/as, para a recuperação e valorização das culturas locais e para a reabilitação do patrimônio histórico e artístico; **Participado**, porque são as pessoas (todas as pessoas!), os verdadeiros agentes de todas as suas fases e componentes. (ALCOFORADO; CORDEIRO; FERREIRA, 2014, p. 9. Grifos dos autores).

Desenvolvimento local não pode ser visto pela descrição geográfica que pode sugerir o termo. Assim que, um desenvolvimento sustentável de base local deve pensar o global, mas agir desde o local e integradamente. Os problemas e obstáculos a serem superados encontram-se imbricados no local-regional, global e vice-versa. O (sub) desenvolvimento local está relacionado às multideterminações sociais, econômicas, políticas e culturais da realidade territorial mais ampla. O que justifica a estratégia de partir “[...] de contextos particulares para outros mais amplos, alargando-se a todas as dimensões da vida das pessoas (social, cultural e econômica), mobilizando-as e aos seus grupos de pertença [...]”. (ALCOFORADO; CORDEIRO; FERREIRA, 2014, p. 9).

A história e experiência do movimento social da economia solidária no Brasil e da política pública em alguns municípios pelo país afora, demonstra que é uma alternativa adequada e eficaz para alavancar o desenvolvimento territorial de base local. Segundo Gomes *et al.* (2007), esta valoriza a diversidade, preocupação com a relação do ser humano com o meio ambiente do qual faz parte, oferece alternativas para uma construção social de desenvolvimento econômico, para a democratização da ciência e a tecnologia e para o pleno exercício da cidadania. A economia solidária é uma alternativa englobante e incluyente. Combate à pobreza, cria oportunidade de trabalho e renda. Com base nestas constatações a economia solidária tornou-se uma estratégia de combate à exclusão social. Mais, esta também denominada de “outra economia”, contesta o modelo capitalista propondo a construção de relações econômicas mais justas, solidárias e sustentáveis, fomentando desta forma o desenvolvimento local justo e solidário.

#### *A COOPERCOC, a ITCP/UNIPLAC e o desenvolvimento de base local*

A ITCP/UNIPLAC em 2015 foi procurada pelo Consórcio Intermunicipal Serra Catarinense (CISAMA) para estabelecer parceria na execução do Plano Intermunicipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PIGIRS). O Plano articula dezessete municípios do território do Planalto Catarinense organizados por proximidade geográfica, em cinco sub-regiões. Cada sub-região é

constituída por três a cinco municípios. Em cada sub-região, é preconizada a construção de uma Central de Gerenciamento de Resíduos Sólidos, que, orientada pela Lei 12.305/2010 instituinte da Política Nacional de Resíduos Sólidos, no seu Art. 8º inciso IV, “[...] incentiva a criação e desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis [...]”. Quando se refere aos Planos Municipais de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, no seu Art. 18, parágrafo 1, inciso II, a referida Lei, recomenda aos municípios, “[...] implantarem a coleta seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda [...]”.

Segundo o Termo de Cooperação consignado entre o CISAMA e a ITCP/UNIPLAC, desde 2015, cabe a incubadora a constituição das cinco cooperativas correspondentes às cinco Centrais de Gerenciamento de resíduos sólidos. São quatro cooperativas já organizadas, todas permeadas estatutariamente pelos princípios da economia solidária. No cenário de práticas da ITCP/UNIPLAC, os processos de incubação dos empreendimentos orientam-se pelos seguintes princípios: propriedade coletiva dos meios de produção, autogestão, distribuição justa do resultado do trabalho associado, cuidado com o meio ambiente, responsabilidade com o entorno social, valorização da diversidade étnico-racial, sexual, religiosa e de gênero.

Tomemos de nosso campo empírico, o caso do empreendimento econômico solidário, a Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis do Município de Otacílio Costa. Ele demonstra possibilidades da economia solidária se configurar como a estratégia adequada para o desenvolvimento territorial de base local. Otacílio Costa, segundo o IBGE (2018) tem uma população estimada em 18.510 habitantes e salário médio mensal dos trabalhadores formais de 2,8 salários mínimos.

A COOPERCOC é uma cooperativa atua há três anos, com seus oito cooperados fundadores. O processo de constituição da cooperativa teve sua mobilização deflagrada pelo Fórum de Entidades da sede do município, (Associação da Indústria e Comércio, Sindicatos, Associação de Moradores, Rádio Comunitária, Igrejas) em reunião extraordinária com participação de catadores, representantes do Fórum, secretaria do meio ambiente, o prefeito municipal, representante do CISAMA e da ITCP/UNIPLAC. Ou seja, um grupo representativo da sociedade civil e do estado local.

A mobilização inicial dos catadores e processo formativo em vista da constituição da cooperativa realizada pela incubadora foi breve. Os catadores moveram-se pela esperança de que encontrariam na cooperativa a oportunidade de trabalho e renda. Porém esta expectativa foi sendo procrastinada, pelo duplo desafio de encontrar o espaço adequado para instalação da cooperativa e a realização do contrato anual de prestação do serviço da coleta seletiva com o município.



O primeiro obstáculo foi sendo ultrapassado. Ainda em condições precárias, localizou-se um barracão, cujo aluguel de uso iniciou com um salário mínimo mensal, pago pela prefeitura municipal. Definitivamente a cooperativa iniciou sua atividade em meados de 2017, com renda exclusivamente extraída da comercialização dos resíduos coletados e reciclados. Renda mínima que demandou a complementação de uma cesta básica da Secretaria Municipal de Assistência Social. Os cooperados chegaram no limite da tolerância, ao esperar por um ano de negociação e efetiva realização do contrato de serviço com o poder público, cujo valor segundo os cooperados, garantiria um salário mínimo mensal para cada um.

A prefeitura municipal nunca negou a realização do contrato com a COOPERCOC, mas politicamente tinha compromisso com uma empresa privada que realizava a coleta dos resíduos reciclados, o que trazia dificuldades nas negociações.

No outro lado, a situação de precariedade socioeconômica dos cooperados foi se tornando insustentável. Neste período a ação da incubadora formada por professores, estudantes e técnicos, intensificou-se e foi decisiva na manutenção do projeto. A ação mais exigida pesava sobre a assistente social na mediação com entidades apoiadoras e secretaria municipal de assistência social no atendimento às necessidades básicas dos associados. Os demais membros da equipe ocupavam-se com inúmeras tratativas de negociação com a prefeitura municipal.

O que manteve persistentemente os catadores organizados e trabalhando foi a visão maior do Programa Intermunicipal de Gerenciamento de Resíduos Sólidos. A saber, a garantia de que mais tarde, quando construída, a cooperativa hospedar-se-ia nas novas instalações da Central de Gerenciamento de Resíduos Sólidos. Receberia reciclados de mais dois municípios, Palmeira e Bocaina do Sul que compõem a sub-região. Vislumbrava-se maior volume de trabalho, mais renda, portanto fortalecimento da cooperativa e melhoria das condições de vida de cada cooperado.

Obviamente que, quando refletimos o desenvolvimento não estamos restringindo-o ao econômico, mas a todas as dimensões sociais, políticas, econômicas, pessoais que afetam o desenvolvimento de base local. Contudo, o econômico-financeiro, torna-se estruturante, pois as pessoas precisam de energia para permanecerem vivas, em pé, com saúde e trabalhando na reprodução de sua existência.

É preciso desmistificar, a ideia de que organizados em associação ou cooperativa, mesmo amparados legalmente, os catadores obtêm garantia de inclusão social e produtiva, conseqüente bem estar. Os processos de incubação pressupõem vigilância e reivindicação constante dos direitos protagonizados pelos sujeitos do empreendimento. No caso de nossa ilustração, o estado local expôs a contradição entre o discurso político e sua concretude. Afinal, quem é o estado e qual sua atuação na sociedade hegemonicamente capitalista? Como reflete Godelier (2001, p. 9) nós acreditamos que “[...] é ao Estado que cabe a tarefa de recompôr a sociedade, de preencher o fosso, reduzir as

*fraturas*”. Na verdade, vivemos numa economia, conclui nosso autor, “[...] da qual o Estado decidiu se desobrigar, como decidiu se desobrigar pouco a pouco de outros aspectos da vida social”. Afinal, não nos iludamos, “[...] o Estado não é uma abstração pura, uma instituição vinda de outro planeta. O Estado governa, ele é o que aqueles que o governam fazem dele” (Idem, *ibidem*).

Qual a maior contradição nas ações da Incubadora na constituição da COOPERCOC? A atuação ambígua do Estado no cumprimento de suas responsabilidades. Não fora a persistência dos catadores organizados e realização continuada da coleta de resíduos sólidos, as parcerias locais e regional, tudo poderia desmoronar naquele ano de espera. O impasse localizava-se nos valores do contrato, a cooperativa propunha no mínimo um salário mínimo para cada cooperado, o que foi cumprido pela prefeitura depois de inúmeras tratativas. Evidenciou-se que o desenvolvimento de base local referenciado pela economia solidária não pode prescindir do papel indutor do estado. No final de 2018 foi assinado o contrato de prestação de serviços da coleta gerando maior estabilidade para a cooperativa que está na eminência de acessar ao novo espaço que abriga a central de gerenciamento dos resíduos sólidos daquela sub-região. A prefeitura também disponibilizou um caminhão por dois dias semanais para ampliar a coleta. Notável também foi a doação de um veículo à cooperativa por uma organização não governamental ambientalista existente na comunidade local.

A COOPERCOC, segue sua atividade inclusive no período da pandemia do coronavírus com a participação da ITCP/UNIPLAC por meio da utilização de tecnologia digital, tendo por desafio, o cenário eminente a ser enfrentado pela cooperativa, ou seja, atuação na Central de Gerenciamento dos resíduos sólidos. Nesta prática, ainda recente, identificamos descritores que apontam para o desenvolvimento territorial de base local, isto é, localizado, integrado, endógeno e participativo. Tem o protagonismo de sujeitos nativos; ecológico, pois se trata do serviço da coleta seletiva, na qual os associados da cooperativa realizam ações educativas junto aos moradores e nas escolas sobre o manejo dos resíduos; social e culturalmente, busca o bem estar de toda a população; inclusivo pois a base social da cooperativa é de sujeitos empobrecidos, com participação ativa de mulheres, uma delas ocupa a direção administrativa da cooperativa gerando visibilidade nas relações de gênero. Desafia o estado local na responsabilidade de ser o indutor do desenvolvimento.

### *Considerações finais*

Podemos inferir algumas considerações da descrição e análise que fizemos acerca do desenvolvimento territorial sustentável de base local a partir das práticas da ITCP/UNIPLAC, tendo por base o empreendimento econômico solidário COOPERCOC. Este paradigma de desenvolvimento, ao combater a pobreza, gerar trabalho e renda, demonstra que as saídas ou soluções não podem ser individuais, conforme sustenta o discurso neoliberal na recente narrativa ilusória de que a salvação reside no empreendedorismo, na inovação ou criatividade do indivíduo. A

inconsistência deste modelo se mostra quando os indivíduos são jogados na vala da competitividade e da concorrência onde as micro e pequenas empresas não passam de cinco anos de existência sendo engolidos pelo mercado autofágico.

Outra premissa fundamental, na visão do desenvolvimento territorial de base local, está na valorização de soluções endógenas, a partir da visão de que, todo local, todo grupo social por mais pobre que seja, pode ser portador de soluções para seus próprios problemas. Quem já viu uma empresa mesmo com grandes investimentos externos, trazer as soluções para os problemas locais ou de comunidade? Podem gerar o desenvolvimento econômico, alguns empregos, mas é uma realidade diversa do desenvolvimento solidário e sustentável. É o assentamento nas raízes locais que garantem soluções estruturantes, coletivas e duradouras. A prática dos princípios da economia solidária, sobretudo, autogestão, propriedade coletiva dos meios de produção e distribuição equitativa do resultado do trabalho, são as bases de um desenvolvimento territorial de local, justo, equilibrado e solidário.

## Referências

- ALCOFORADO, Luís.; CORDEIRO, A. M. Rochette; FERREIRA, A. G.; Territórios, Comunidades Educadoras e Desenvolvimento Sustentável. In: CORDEIRO, A. M. Rochette; ALCOFORADO, Luís; FERREIRA, A. Gomes. (Coords.) **Territórios, Comunidades Educadoras e Desenvolvimento Sustentável**. Departamento de Geografia – Faculdade de Letras. CEIS 20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX. Universidade de Coimbra. Portugal, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **A riqueza de poucos beneficia a todos nós?** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BRASIL. **LEI Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=636>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- GODELIER, Maurice. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GOMES, Fabiana Pereira et al. **Economia Solidária e Desenvolvimento Local e Sustentável**. Projecto Casa Brasil: MTE, SENAES. 2007.
- IBGE (2018). Brasil. Santa Catarina. Otacílio Costa. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/otacilio-costa/panorama>. Acesso em: 02 set. 2020.
- KOSIK. Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MUNARIN. Antônio. **A práxis sociais dos movimentos sociais na região de Lages**. 1990. 307 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1990.
- MORETTI, Chero Zanini; ADAMS, Telmo. Pesquisa Participativa e Educação Popular: epistemologias do sul. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 36, nº 2. P. 447-463. Maio/agosto, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/16999/12915>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- Plano de Desenvolvimento de Santa Catarina 2030. PDSC 2030. Governo do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Plano\\_SC\\_2030\\_VersaoFINAL.pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Plano_SC_2030_VersaoFINAL.pdf). Acesso em: 31 jul. 2018.

TRIVINOS. A. N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**. Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 2011.

WELLEN, Henrique André Ramos. **Para a crítica da economia solidária**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

## Pensando os saberes populares e acadêmicos na relação com o Grupo “Sabores Da Vida”

Marina da Rocha<sup>1</sup>

Adriana Mello Severo<sup>2</sup>

Robinson Henrique Scholz<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo refletir o processo de formação realizado no projeto União pela Valorização da Alimentação Solidária (UVAS), o qual se desenvolveu por meio do Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários (TECNOSOCIAIS), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, com financiamento do CNPq. Tal projeto teve início em março de 2018 e foi finalizado em agosto de 2019, tendo como local o bairro Vila Brás na cidade de São Leopoldo/RS. O projeto tinha como proposta a constituição de um grupo para a geração de trabalho e renda orientado pelas práticas da economia solidária. Ao longo do projeto foram realizadas oficinas com as mais diversas temáticas: formação de grupos, formação em economia solidária, gestão do empreendimento e alimentação. Tendo como fonte de informações os registros nos diários de campo, os resultados apontam para a constituição de um grupo que conseguiu realizar um trabalho solidário e cooperativo, a partir de uma formação com base na educação popular e na relação dos saberes populares e acadêmicos.

**Palavras-chave:** economia solidária; educação popular; saberes populares; saberes acadêmicos.

**Abstract:** This article is intended to reflect the formation process carried out in the União pela Valorização da Alimentação Solidária (UVAS) project, which was developed through the Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários (TECNOSOCIAIS), of the Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, with financing from CNPq. This project started in March 2018 and was finalized in August 2019, with the Vila Brás neighborhood in the city of São Leopoldo/RS as its location. The project had as proposal the constitution of a group for the generation of work and income guided by the practices of solidarity economy. Throughout the project, workshops were held with the most diverse themes: formation of groups, formation in solidarity economy, enterprise management and food. Having as a source of information the records in the field diaries, the results point to the constitution of a group that was able to carry out solidarity and cooperative work, based on popular education and the relationship of popular and academic knowledge.

**Keywords:** solidarity economy; popular education; popular knowledge; academic knowledge.

### Introdução

O projeto União pela Valorização da Alimentação Solidária (UVAS) iniciado em março de 2018 pela equipe do Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários -

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras/Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Mestra em Educação pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Unisinos e é professora na rede estadual do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Psicóloga, possui graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com ênfase em Práticas Sociais e Institucionais e especialização em Psicoterapia Individual Sistêmico-Integrativa (DOMUS).

<sup>3</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Rio dos Sinos. Mestre em Ciências Sociais e Bacharel em Administração: Hab. Recursos Humanos ambos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Trabalhou como professor de educação superior na Universidade La Salle, Canoas, RS, no curso de Administração e professor convidado no PPG Memória Social e Bens Culturais. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Tecnologias Sociais, Inovação e Desenvolvimento - TESSIDO.

TECNOSOCIAIS/UNISINOS, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, teve como objetivo a construção de uma horta e de uma cozinha coletivos no bairro Vila Brás no município de São Leopoldo, RS. O desenvolvimento desses espaços e grupos tinha como principais metas a geração de trabalho e renda para trabalhadores/as dessa região que por diversos motivos não estavam inseridos no mercado de trabalho formal. Sendo assim, uma das principais (des)construções realizadas com essa população foi a formação de um grupo para a cooperação, ou seja, que pensasse o trabalho por meio de outra perspectiva em contraposição a um sistema hostil, individualista e competitivo de mercado de trabalho (FRANTZ; SCHNEIDER, 2017). Nosso desafio inicial foi construir outra forma de olhar para as relações de trabalho, com um grupo de pessoas que não estavam acostumadas e/ou não conheciam a forma de trabalho associado e cooperativo (ADAMS, 2014).

A escolha pela comunidade da Vila Brás se deu a partir de um convênio realizado com o Programa Tecnosociais/Unisinós juntamente com a Paróquia Santo Inácio de Loyola, localizada nesta comunidade. A parceria permitiu que executássemos o projeto de uma cozinha no salão da igreja Cristo Operário na comunidade e de uma horta em um terreno cedido pela paróquia, a qual se localizava muito perto de onde a cozinha foi estruturada. Fomos desbravando o território e divulgando a proposta do projeto UVAS no início de 2018. Após divulgação na comunidade, iniciamos o cadastro de pessoas interessadas no projeto UVAS. De início os(as) interessados(as) começaram a surgir aos poucos, chegavam desconfiados(as) e com muitas dúvidas do que se tratava o projeto UVAS, aos poucos observamos um maior interesse, principalmente, quando explicávamos a proposta. Percebíamos, que os(as) interessados(as) entendiam que o projeto era de cursos profissionalizantes, o que aos poucos fomos desconstruindo e apresentando o trabalho cooperativo, tendo as práticas da economia solidária como proposta de organização dos sujeitos participantes do projeto como um coletivo autogestionário em formação (BORGES; SCHOLZ; CARGNIN, 2015).

Nos deparamos, neste primeiro momento, com muitas pessoas em busca de uma inserção ou recolocação no mercado de trabalho e/ou qualificação profissional. Sendo assim, podíamos perceber que a economia solidária (ECOSOL) era uma proposta nova e desconhecida para o público daquela região. Sabíamos do grande desafio de poder desconstruir a lógica de trabalho que era a mais conhecida por eles/as - o emprego - e oferecer uma proposta de trabalho empreendedora e autogestionária, tendo a economia solidária como uma prática de valorização dos sujeitos, a preservação da natureza, a democracia nos processos de tomada de decisão (CRUZ, 2012), bem como a cooperação como mola propulsora do trabalho.

Com um número satisfatório de pessoas cadastradas no projeto UVAS, agendamos a primeira reunião geral com o objetivo de trazer para a comunidade mais informações e também apresentar

algumas datas já definidas. Essa primeira reunião foi um momento muito importante e marcante para o projeto, já que fomos oficialmente apresentados à comunidade e iniciamos a construção de um coletivo.

Assim, descreveremos e analisaremos como se desenvolveu o processo de formação de grupo aliado com a educação popular. Além disso, destacaremos os desafios e (des)caminhos percorridos no processo.

#### *Processo formativo: (des)caminhos da constituição do grupo*

A formação do grupo aconteceu a partir das oficinas realizadas no salão de festas da paróquia no mês de maio de 2018. Inicialmente, com cerca de cinquenta inscritos/as, as oficinas tinham uma boa quantidade de participantes. Porém, com o decorrer do tempo os números foram diminuindo, uma vez que fomos apresentando o contexto da economia solidária e formação de coletivos de trabalho, muito diferente de cursos profissionalizantes, os quais são muito oferecidos na comunidade por diversas entidades sociais. Em decorrência, por fim, chegamos a dez integrantes que se reconheceram como grupo em novembro de 2018.

Para o desenvolvimento do projeto, a metodologia pensada para as oficinas teve como pano de fundo a educação popular, num contexto de valorização dos saberes dos (as) participantes, bem como, da construção coletiva de saberes.

A formação desses trabalhadores é o ponto de partida para o processo de educação popular onde seus formadores apoiados nos princípios da economia solidária pressupõem ações formativas onde a cultura, as experiências, o modo de vida sejam pressupostos para a construção de conhecimentos sobre os aspectos do associativismo e os métodos que permeiam a produção associada [...]. (BARBOSA; CRUBELATI; MACEDO, 2016).

Nessa perspectiva, as primeiras oficinas realizadas com o grupo foram as de economia solidária (ECOSOL). Inicialmente, o objetivo era sensibilizar o grupo sobre a forma de organização do trabalho e geração de renda, tratando dos princípios da democracia, autogestão, cooperação, autonomia, participação, responsabilidade social e auto sustentação (VERONESE; GAIGER; FERRARINI, 2017). Já na segunda oficina “[...] percebemos que seria importante refletir um pouco mais sobre os princípios de economia solidária [...]” (DIÁRIO DE CAMPO; 13 de junho de 2018). Desse modo, trabalhamos as oficinas de grupos em torno dos princípios de forma lúdica e, concomitantemente, com o conceito de economia solidária. Na sequência, um dos momentos mais importantes na formação inicial do grupo foi quando, na segunda oficina sobre ECOSOL, uma das participantes, a partir de sua percepção, falou ao grupo o que era economia solidária, “Uma das participantes conseguiu compreender e falar para o grupo o que ela entendia sobre economia solidária, o que fez com o que os/as demais presentes compreendessem também” (DIÁRIO DE CAMPO; 13 de junho de 2018). Nesse momento, foi possível perceber que os/as demais participantes

também tinham compreendido e já não era mais um “conceito” acadêmico, mas sim, uma compreensão coletiva a partir da vivência de cada um e cada uma dentro daquele espaço. Sendo assim, “[...] tendo em vista a vida material desses sujeitos e suas experiências de vida, a construção do conhecimento mantém uma relação direta com a forma pela qual interpretam o mundo” (BARBOSA; CRUBELATI; MACEDO, 2016).

Além de dar início as oficinas com a temática da ECOSOL, começamos também a desenvolver o fortalecimento de vínculos e a cooperação do coletivo. Chamamos essas oficinas de “Processos Grupais”, considerando que o grupo está em constante movimento e transformação. Desde o planejamento, já nos preocupávamos com a questão de como os sujeitos viriam a se tornar um grupo unido para enfrentar as adversidades que poderiam surgir ao longo do tempo. Sendo assim, “Foi interessante observar os/as integrantes do grupo conversando entre si e apresentando-se, falando um pouco de sua vida. Podia se perceber, que já se conheciam de se ver na rua, mas pouco sabiam da vida do outro” (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de junho de 2018). Além de trabalho e geração de renda aquele espaço, que estava sendo construído coletivamente na comunidade, também seria o lugar onde os (as) participantes poderiam construir vínculos com pessoas que conviviam no mesmo território. Considerando que, “[...] parte-se do pressuposto de que os papéis e/ou status ocupado pelas pessoas na sociedade estão relacionados aos vínculos que elas estabelecem em sua existência” (LIMA, 2013, p. 48), sempre que possível trazíamos para o grande grupo questões para discutir, refletir e fortalecer as relações entre os (as) integrantes do coletivo.

Utilizávamos em nossos encontros técnicas de integração de grupo, proporcionando um espaço acolhedor e confortável para os/as integrantes se manifestarem como quisessem. Recorremos também a recursos como músicas, cartazes, imagens, sempre com o cuidado de tornar acessível o assunto que iríamos abordar, considerando que algumas pessoas não eram alfabetizadas e, assim, tornava-se fundamental incluí-las neste processo, oportunizando que pudessem se expressar de outras maneiras, além da escrita e leitura. Acreditamos, desse modo, na importância da coerência de articular a formação de grupos em economia solidária, com a educação popular, pois,

[...] a educação - e, sobretudo, a popular - pode intervir como força ética e política para produzir saberes, assumindo um projeto com intencionalidade emancipadora, visando contribuir para a transformação das condições subjetivas (limites das pessoas) e condições objetivas (injustiças e desigualdades em nossa sociedade. (ADAMS, 2010, p. 17).

Nos inquietava, ainda, que este grupo não fosse somente um agrupamento de pessoas, para tornar-se um lugar onde é possível, através do contato com a multiplicidade, abrir-se para outros devires; deslocando, assim, de um lugar tomado pelo individual para o coletivo (BARROS, 1993). Foi possível perceber essa relação durante os processos de formação de grupo, como podemos observar no trecho a seguir:



[...] os demais participantes do grupo parecem estar bem apropriados sobre a importância do grupo para a formação do empreendimento. Foi bem proveitosa a oficina, porque dá pra perceber que as pessoas estão se sentindo cada vez mais “dentro” do projeto e responsáveis pela construção do empreendimento. (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de junho de 2018).

A partir disso, é possível compreender os estudos de Gayotto e Domingues (1995, p. 33), os quais orientam que “[...] o grupo se constrói em um caminho dialético de produção. Há um processo em permanente interdependência e mútua reciprocidade das pessoas na ação”, é através de um vínculo de qualidade entre os integrantes que se torna possível o grupo de pessoas realizar a tarefa grupal e atingir os seus objetivos.

Conseguimos observar o constante processo de ensino e aprendizagem que aconteceu em nossos encontros. Além disso, também percebemos a maior vinculação dos/as participantes com a equipe técnica do projeto, depositando a confiança na proposta que estávamos trazendo e compartilhando as suas experiências de vida. É possível dizer que, além de um coletivo que visa a constituição de um empreendimento, o Projeto UVAS possuía um espaço que permitia o empoderamento dos sujeitos que ali desejavam estar. Em decorrência, a perspectiva de estarem abertos (as) a aprender e a ensinar, ficou cada vez mais evidente no processo de formação: “*O que mais dá pra perceber, nas pessoas ali presentes, é a vontade de aprender e ensinar a partir de suas experiências*” (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de junho de 2018). Desse modo, buscamos uma relação de ensino-aprendizagem em que não apenas nós, enquanto formadores (as), trazíamos reflexões e perspectivas de formação, relacionados aos temas estudados nas oficinas, mas também que o grupo envolvido participasse e contribuísse com o processo de formação a partir de suas vivências, da prática. Desse modo, a relação de saberes populares e acadêmicos também perpassa pela práxis, a qual segundo Romão, inspirado em Freire, afirma, a educação é “[...] uma profunda interação necessária entre prática e teoria, nesta ordem” (ROMÃO, 2010, p. 133).

Na continuidade do projeto, introduzimos as oficinas de gestão que iniciaram concomitantemente às oficinas de prática na cozinha, principalmente no momento em que o grupo sentiu necessidade de começar a pensar a comercialização dos produtos já elaborados. Uma das questões que mais ficou evidente, a partir desse momento, foi a diferença das oficinas práticas (realizadas na cozinha) e as demais. Um dos motivos, poderia ser o fato de que as oficinas da cozinha contemplavam muitas instruções técnicas e com receitas que vinham prontas a partir do saber acadêmico. É possível observar essa “estranheza” do grupo nas primeiras oficinas de gestão:

Primeiramente, foi questionado aos integrantes, como se poderia chegar no preço para comercializar e o grupo foi desafiado a elaborar o preço para o produto. Inicialmente o grupo ficou aparentemente surpreso em elaborar o preço sozinho, pois nitidamente esperavam que nós chegássemos com uma forma pronta de cálculo, mas ao mesmo tempo se sentiram desafiados. (DIÁRIO DE CAMPO, 28 de setembro de 2018).

Portanto, nas oficinas de gestão, a contribuição dos(as) participantes se tornou componente central na construção de novos saberes. A sensibilidade dos(as) educadores/as foi essencial para essa relação, em que todos os saberes contribuíram para se chegar ao preço dos produtos a fim de iniciar a comercialização. No entanto, não foi de imediato que se desenvolveu a iniciativa e a segurança, por parte do grupo, para desenvolver e pensar nos preços e cálculos necessários para chegar a um valor final dos produtos. Percebe-se que, a partir da posição de uma das pessoas do grupo, é possível observar o estranhamento sobre sua atuação, conforme se expressa neste trecho do diário de campo: *“O colega apresentou uma grande facilidade com cálculos matemáticos o que o deixou orgulhoso, mas o restante do grupo se apresentou com medo dos cálculos”* (DIÁRIO DE CAMPO, 18 de setembro de 2018). Essas relações estabelecidas, nos encontros de formação, propiciaram um olhar humano para a constituição dos sujeitos presentes, tanto participantes, quanto formadores (as). Sendo assim, em diálogo com a educação popular, *“A educação que não tente fazer esforço, e que, pelo contrário, insista na transmissão de comunicados, na extensão de conteúdo técnicos, não pode esconder sua face desumanista”*. (FREIRE, 1977, p. 91).

Cabe aqui destacar que há uma significativa distinção de mundos e tempos entre o coletivo em processo de aprendizagem e o projeto UVAS, uma vez que os processos da universidade exigem o cumprimento de etapas de autorizações, contratos, compras, etc. Já o coletivo em formação, quer desenvolver o projeto e os cursos de culinária para ontem, devido aos tempos disponíveis, a necessidade de geração de renda e um pouco pela falta de compreensão adequada sobre o que é o projeto em si. Alguns participantes tinham como objetivo aprender as técnicas de produção de alimentos, bem como as receitas trazidas pelo projeto para poderem fazer em casa e comercializar de forma individual. Entendemos que as pessoas tem autonomia de poder conduzir suas vidas, mas ao mesmo tempo, é importante destacar a relevância de se aplicar os processos grupais e os princípios da economia solidária, no sentido de se permitir experimentar um processo de produção diferenciado. Isso pode ser percebido no diário de campo, *“Ainda ligam muito o projeto a questão de produzir alimentos para vender de forma individual, como fazer salgadinhos e bolo decorado. Mas estavam bem dispostos e animados com o projeto”* (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de maio de 2018).

Os aprendizados vivenciados, até então, contribuíram para que o grupo desenvolvesse autonomia e realizasse sua primeira feira de forma autogestionária, já que toda a organização para a realização desta ficou a cargo dos e das integrantes.

Com a autogestão, todos participam das decisões independentemente da função que executam. Por isso, todos os membros de um empreendimento solidário precisam ser formados para a gestão coletiva do próprio empreendimento. Todos precisam de uma nova formação já que a forma como a sociedade capitalista se organiza não oportuniza uma cultura de decisão coletiva (GADOTTI, 2009, p. 33).

É sempre desafiador articular saberes populares com acadêmicos, visto que é um constante exercício, onde vamos ao território com a nossa “bagagem” de conhecimentos teóricos vindos da academia e nos colocamos não apenas a escutar os saberes populares, mas também a valorizá-los e integrá-los com o acadêmico. Dessa forma, não há diferenciação já que: “*Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*” (FREIRE, 1996, p. 12). Todos nós aprendemos uns com os outros e assim (des)construímos juntos outros (des)caminhos a serem percorridos. Nós apostamos na potência dos encontros e que, assim, podemos trabalhar coletivamente para que uma outra economia seja possível.

Além disso, acreditamos importante frisar que, partindo da educação popular, como princípio educativo, buscamos a relação entre saberes populares e acadêmicos em uma perspectiva que, em algum momento, já não fosse necessário realizar essa distinção tão dicotômica, mas com o olhar de que estávamos construindo uma educação e um conhecimento de forma coletiva, sem separações, uma educação humanizadora. Como cita Romão (2010), para Freire existem duas formas de educação, no processo com o grupo Sabores da Vida, buscamos uma construção de educação, “[...] libertadora, que faz com que [...] [as pessoas] deixem de ser o que são, para serem mais conscientes, mais livres e mais humanas” (ROMÃO, 2010, p. 133). Portanto, a constituição do grupo e o processo de formação desse grupo proporcionaram um aprendizado mútuo, com seus desafios e potencialidades, o qual, acreditamos, contribuiu para que cada um(a), sejam educadores(as), ou membros do grupo, transformassem a si mesmos(as) nas relações entre si e também o mundo a sua volta.

### *Considerações finais*

A partir das reflexões e descrições realizadas podemos observar que o grupo foi formado a partir das oficinas de Processos Grupais e de Economia Solidária. No decorrer desse processo, as formações tiveram diferentes propostas, tanto por parte das diversas temáticas, quanto por parte dos(as) educadores, já que cada oficina era composta por diferentes profissionais de áreas de atuação diferentes.

Interessante destacar os aprendizados gerados neste processo de desenvolvimento do projeto e das oficinas, pois a dinâmica da universidade é muito distinta da realidade do grupo em formação, o que permitiu um maior diálogo para a adaptação das ações, as melhorias nos processos formativos, bem como a reflexão sobre a forma de planejamento das atividades do projeto. Outro ponto importante a destacar aqui é a forma como as relações sociais foram desenvolvidas com o grupo ao longo dos encontros. Foi possível acompanhar o fortalecimento do vínculo entre aqueles sujeitos que iniciaram o projeto, conhecendo muito pouco um ao outro e que, ao passar dos meses, demonstraram cuidado e solidariedade dentro coletivo. Podemos perceber isso como um resultado de constante

reflexão e diálogo que existia dentro do projeto, pois quando acontecia algum conflito no grupo nós prezamos por pausar as atividades e dar espaço para a fala, o diálogo. Houve também uma boa vinculação entre o grupo “Sabores da Vida” e equipe técnica do projeto, algo que foi construído em cada encontro. A comunidade nos acolheu e nos aproximou da realidade vivida na Vila Brás, e nós, enquanto equipe, procurávamos diminuir a distância entre os saberes acadêmicos e os saberes populares, valorizando o discurso daqueles sujeitos que confiaram e apostaram no projeto UVAS.

Uma das principais questões a se destacar foi como o grupo se constituiu em um coletivo de pessoas que trabalham de forma cooperada, o que caracteriza uma diferença muito grande do início do projeto, pois todos (as) os(as) envolvidos(as) não estavam acostumados(as) e não tinham experiência com o trabalho coletivo. Destacamos o que Adams (2014, p. 584) reforça: “[...] o trabalho associado pode constituir-se um ambiente adequado para resistir à cultura de competição e individualismo [...]”, ou seja, a partir do momento em que as pessoas do grupo não se veem mais como “concorrentes” elas passam a perceber o quanto é importante, principalmente, para o empreendimento, que as decisões sejam tomadas de forma coletiva e autogestionária, muito diferente da experiência que vivenciaram até então, no mercado hegemônico capitalista.

Contudo, sabemos que os projetos possuem um tempo de existência, com início meio e fim e nós, que participamos do Projeto UVAS, vivenciamos esse processo conjuntamente com o grupo. Tivemos a fase inicial de constituição do coletivo, a fase de oficinas técnicas e formação do coletivo e a fase final, de encerramento do projeto. O grupo “Sabores da Vida” recebeu a capacitação para a produção de alimentos, valorizando as boas práticas na produção de produtos saudáveis aos seus clientes. A cozinha foi estruturada com os recursos financeiros do projeto, bem como a aquisição de matéria prima para as oficinas e para as primeiras produções coletivas e sua comercialização. Pensar toda a logística da gestão, produção, comercialização e avaliação foi um movimento de aprendizado muito rico aos participantes do projeto, bem como para a equipe técnica. Um ponto negativo foi a dificuldade de organização e participação da comunidade na horta comunitária, por diversos fatores exógenos ao projeto e que dificultaram a alavancagem do grupo da horta. Como destaque a ser feito sob esse ponto, percebemos que o engajamento da comunidade para a efetiva organização da horta, bem como os interesses políticos da paróquia parceira (que cedeu o terreno) dificultaram as negociações para a construção do cercamento do terreno, sendo este um dos principais obstáculos para organização dos canteiros e plantio.

Infelizmente, os editais do CNPq possuem um período curto de aplicação dos recursos e desenvolvimento do plano de ação do projeto, o que inviabiliza um maior acompanhamento de formação e assessoria técnica grupo Sabores da Vida. Neste sentido, reforçamos a importância de editais de fomento com maior tempo de execução dos projetos, no sentido de potencializar a constituição dos empreendimentos econômicos solidários, seus primeiros passos de formalização e

relacionamento com o mercado, pois fortalecer vínculos de solidariedade, reciprocidade, autogestão e democracia requer tempo aos sujeitos que se mobilizam na busca por melhores condições de trabalho e geração de renda.

Por fim, a partir do desenvolvimento do projeto UVAS, acreditamos que os participantes que vivenciaram cada uma das ações do projeto, tanto a equipe técnica como os(as) beneficiários(as) da comunidade Vila Brás se constituíram como pessoas mais capacitadas e preparadas ao trabalho coletivo, o que pode possibilitar a elas lançarem novos voos na busca pela valorização da vida, de forma integral e libertadora.

## Referências

- ADAMS, Telmo. **Educação e economia popular solidária**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.
- ADAMS, Telmo. Educação na Economia solidária: desafios e perspectivas. **Educação, Santa Maria**, v. 39, n. 3, p. 577-588, set/dez 2014.
- BARBOSA, Ana Paula; CRUBELATI, Ariele Mazoti; MACEDO, Claudemir de. A importância do cooperativismo no fomento à economia solidária na ótica da educação popular. **Revista de Educação do Vale do Arinos**, Mato Grosso, v. 3, n.1, p. 71-83, jan./jul. 2016.
- BARROS, Regina Benevides de. **Grupo e produção**. In: Lancetti, Antonio (Dir.). SaúdeLoucura: grupos e coletivos. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BORGES, Maria de Lourdes; SCHOLZ, Robinson Henrique; CARGNIN, Tiago Daniel de Mello. Estratégia-como-prática na economia solidária: resultados e ações de catadores de uma cooperativa. **Desenvolvimento em Questão**. v. 13, n. 31, p. 108-142, jul/set. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/2922>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- CRUZ, Antônio. Políticas Públicas para a Economia Solidária: fronteira entre política social e política para o desenvolvimento local. **Sociedade em Debate**, v. 12, n. 1, p. 117-138, 2012.
- FRANTZ; Walter; SCHÖNARDIE Paolo Alfredo; SCHNEIDER, José Odelso. As práticas do movimento cooperativo como lugares de educação. **Revista de Didáticas Específicas**, n. 16, p. 14-26, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009 (Série Educação Popular, 1).
- GAYOTTO, Maria Leonor Cunha; DOMINGUES, Ideli. Técnica de grupo operativo - instrumento de intervenção grupal. In: GAYOTTO, Maria Leonor Cunha; DOMINGUES, Ideli. **Liderança: aprenda a mudar em grupo**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LIMA, Maria Isabel Rodrigues. **Economia solidária e vínculos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.
- ROMÃO, José Eustáquio. Educação. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VERONESE, Marília; GAIGER, Luiz Inácio; FERRARINI, Adriana. Sobre a diversidade de formatos e atores sociais no campo da economia solidária. **Cad. CRH**, Salvador, v. 30, n. 79, p. 89-104, abr. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792017000100089&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792017000100089&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 ago. 2020.

## O que tem sido praticado? Uma abordagem a respeito das relações de consumo no Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG

Kaio Lucas da Silva Rosa<sup>1</sup>

Layon Carlos Cezar<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é investigar a influência dos Clubes de Trocas desenvolvidos pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Alfenas (ITCP/UNIFAL-MG) para a reflexão sobre as relações de consumo de seus participantes. Para isso, foi conduzida uma pesquisa mista operacionalizada a partir da construção e aplicação de um *survey* em três edições do Clube ao longo de 2018. Os dados quantitativos foram avaliados a partir de técnicas de estatística descritiva e referências cruzadas e os dados qualitativos, por meio da análise de similitude e análise de conteúdo. Os principais resultados apontam o potencial do Clube de Trocas para repensar as relações de consumo, à medida que seus participantes vivenciam experiências para além da troca em si.

**Palavras-chave:** economia solidária; metodologia de incubadora; consumo; clube de trocas.

**Abstract:** The objective of this article is to investigate the influence of the Exchange Clubs developed by the Technological Incubator of Popular Cooperatives of the Federal University of Alfenas (ITCP/UNIFAL-MG) to reflect on the consumption relations of its participants. For this, mixed research was conducted operationalized from the construction and application of a survey in three editions of the Club throughout 2018. Quantitative data was evaluated using descriptive statistical techniques, cross-references and qualitative data, based on content analysis and analysis of similitude. The main results point to the potential of the exchange club to rethink consumer relations, as its participants experience beyond the exchange itself.

**Keywords:** solidarity economy; incubation methodology; consumption; exchange club.

### *Introdução*

Antes de tudo, é preciso começar do panorama societal que está posto. Por alto, recorrendo a Marx (2012), sabe-se que a lei do valor para o funcionamento do capitalismo tem predileção pelos valores de troca das mercadorias em detrimento dos seus valores de uso. O valor tem como substância o trabalho abstrato, incorporado nas mercadorias que são as riquezas da produção capitalista. A produção e o consumo marcados pela alienação, pela fetichização, são orientadores dessa ordem. À qual têm sido suscitados diferentes revides. Este estudo se vale da economia solidária e da prática do consumo solidário nos clubes de trocas como canal para materialização da crítica (SINGER, 2002). Recorre-se, por esse ponto de vista, aos possíveis revides pelo consumo solidário em relação ao modelo lesivo de produção-consumo (MANCE, 2009).

---

<sup>1</sup> Bacharel em Interdisciplinar em Ciência e Economia Acadêmico de Administração Pública pela Universidade Federal de Alfenas. Membro da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UNIFAL.

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Administração e Contabilidade da Universidade Federal de Viçosa. Doutor em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Organizações, Sustentabilidade e Tecnologia (GEPOST).

O foco estudado é bastante circunstancial: o exercício de crítica ao consumo no âmbito da ITCP/UNIFAL-MG e seu Clube de Trocas construído a partir de pressupostos teóricos-metodológicos da incubadora, que busca atuar pela resistência e construção de alternativas ao capital (FRAGA, 2018). Trata-se de uma iniciativa construção, uma experiência universitária que mira em um horizonte além, necessita ser avaliada quanto ao seu potencial, e ainda, aprimorada pela apreciação crítica. A isso se propõe este artigo, que tem como objetivo investigar a influência dos Clubes de Trocas desenvolvidos pela ITCP/UNIFAL-MG para a reflexão sobre as relações de consumo de seus participantes. Para a investigação teórico-empírica, desenvolveu-se um levantamento de campo com natureza mista e objetivo exploratório. Os dados foram obtidos por meio de questionários aplicados em 3 edições do Clube de Trocas no ano de 2018.

Quanto ao corpo deste texto, além desta introdução, é exposto como quadro teórico a discussão a respeito do consumo em voga sob o imperativo do capital; a vista pretendida a partir do consumo via economia solidária e; a possibilidade do clube de trocas como metodologia de ação. Na seção seguinte, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nesse estudo e posteriormente discutidos os resultados. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas.

#### *Onde estamos: o consumo sob o véu nebuloso do capital*

A mediação primária vigorante no metabolismo do homem com a natureza, isto é, a relação instintiva estabelecida para o atendimento às necessidades elementares e satisfação das funções sociais reprodutivas, é sobreposta por um poder degradante e estranho a ela, o imperativo das mediações de segunda ordem do capital. As mediações de primeira ordem são usurpadas pelos meios de produção alienados e suas figurações: o dinheiro; a produção voltada à troca; a variedade de formação do Estado do capital globalizado; e o mercado mundial. Por conseguinte, a reprodução do capital justapõe-se ao metabolismo social e às atividades de mediação primária, ampliando-se vigorosamente o comando do capital (MÉSZÁROS, 2011).

O sistema de metabolismo do capital tem potência alienante. A alienação, é, deste modo, correspondente ao fetiche: o fetiche-capital. O fetiche possui uma dimensão mágica, ele é social, mas aparece como natural (CARCANHOLO, 2011). Na sociedade capitalista, as mercadorias são a forma da riqueza e satisfazem as necessidades dos indivíduos. Sejam elas do estômago ou, ainda, descoladas de seus conteúdos materiais, seus valores de uso, as necessidades da fantasia. E assim, as mercadorias são trocadas por seus valores segundo uma objetividade fantasmagórica (MARX, 2012). Com efeito, em meio à massa de mercadorias, “*crece de forma igual o império das entidades estranhas a que o homem se encontra sujeito. [...] A expansão dos produtos e das necessidades se transforma em subserviência engenhosa e sempre baseada nos apetites inumanos, corrompidos, antinaturais e*



*fantasiosos.*” (MARX, 2013, p. 149). O fetichismo deturpa as conexões sociais, decompondo-as em relações materiais estabelecidas entre pessoas e relações sociais entre as coisas (HARVEY, 2013).

Com a transição da sociedade de produtores à sociedade de consumidores, a satisfação das necessidades de segurança e estabilidade a longo prazo passa à conformação de desejos individualizados, gradativos e imediatistas (BAUMAN, 2008). Alimentados por inúmeras estratégias de marketing e produtos com vida útil reduzida, a sociedade rebanhada ao consumo apoia-se de forma compulsiva para acumular bens sem refletir criticamente a respeito dos efeitos gerados nessa ação (MANCINI, 2009). O consumo na sociedade de consumidores é excessivo, alienado e reificado por uma força externa, que manipula as escolhas e as condutas individuais. Os membros dessa sociedade são transformados em mercadorias mais vendáveis pelo consumo que aumenta seus valores. A sociedade de consumidores é instituída pelo estímulo a um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, em que a adequação estrita aos preceitos desta sociedade, consumir, torna-se uma condição de afiliação (BAUMAN, 2008).

Este estudo recorre à perspectiva crítica que avalia os fenômenos aos seus tempos, o que faz com que consumo e a busca da satisfação das funções sociais reprodutivas à luz do capital não sejam tomados como intrínsecos/insuperáveis. Assume-se que é possível acarretar mudanças e transformações. O que, pela economia solidária e suas iniciativas, como os clubes de trocas, é iniciado em experimentações locais e miram no não-agora que pode ser alcançado coletivamente.

#### *Onde queremos chegar: outra economia e outro consumo via clubes de trocas*

Se por um lado, a conformação dominante da própria existência e suas nuances, como o consumo, estão sob o domínio antissocial do capital. Por outro, também é fato que respostas vêm se instituindo contrariamente à ordem posta, apontando saídas insurgentes para a recuperação do metabolismo em seus sentidos autenticamente sociais, pela predileção dos valores de uso. Tal qual é o caso da economia solidária, fenômeno em ampliação e consolidação no palco das lutas populares. É imprescindível compreender que a economia solidária “não é”, o que permitiria uma delimitação objetiva. Ela “vem sendo” compreendida a partir de seu sentido polissêmico, debates e perspectivas variadas que reivindicam propósitos aqui e acolá das investidas revolucionários, mas tangenciadas por pontos comuns.

Em meio às variadas buscas de delimitações e conceituações, Guerra (2014) apresenta a economia solidária segundo a partir de três abordagens: “*alternativa de organização do trabalho para os setores populares*”; “*alternativa de vida*”; e “*alternativa ao modo de produção capitalista*”. Este estudo ecoa o entendimento da economia solidária alternativa ao modo de produção capitalista e seus desdobramentos. Isto porque, já em suas raízes no século XIX, no pós-instituição do capitalismo industrial, ainda com as contribuições dos socialistas “utópicos” (Owen, Fourier, Buchez, Proudhon

etc.), a economia solidária decorre do sucessivo processo de luta dos trabalhadores contra o capitalismo. O entendimento da lógica da economia solidária perpassa justamente por isso, pela compreensão da crítica operária e socialista ao capitalismo (SINGER, 2000). A economia solidária constitui, por conseguinte, um modo de produção alternativo, baseado na propriedade coletiva ou associada do capital e na liberdade individual. Mais que uma resposta à força de trabalho desalentada, a partir de seu projeto instituidor, a economia solidária poderá ser uma possibilidade superior ao capitalismo (SINGER, 2002).

Nas expressões da economia solidária há a preferência pela solidariedade, formando vínculos sociais de reciprocidade, na contramão do interesse individual, e do ganho material (LAVILLE; GAIGER, 2009). O que pressupõe o consumo solidário, praticado em favor do bem-viver pessoal, e ao mesmo tempo, do bem-estar coletivo. Resultando na primazia por produtos e serviços que não geram a exploração dos trabalhadores nem a degradação ambiental (MANCINI, 2009). O consumo solidário consubstancia os clubes de trocas, iniciativas ou empreendimentos econômicos da economia solidária que operam pela lógica da reciprocidade, evocando extensas práticas antecedentes do ponto de vista histórico. A economia solidária guiada por lógicas alternativas de trabalho e renda, tem potencial para estimular seus praticantes a refletir de forma crítica a respeito do consumo, fundamentado em outros valores e práticas de gestão distantes das tradicionais (CEZAR; FANTINEL, 2018).

Quanto aos clubes de trocas, situados no movimento de economia solidária, é possível recorrer a experiências históricas. Após a experiência da bolsa de trabalho criada por Owen em 1832, com a troca de produtos das cooperativistas a preços justos. Em 1980, em Vancouver, no Canadá, ressurgiu uma estrutura denominada LETS (*Local Employment and Trade Systems*), (Sistemas de Emprego e Comércio Local), para a troca de mercadorias com o uso da moeda social (HUGON, 1995). Na década seguinte, em Bernal, Província de Buenos Aires na Argentina, essas iniciativas surgiram nomeadas como clubes de trocas. Diferente da bolsa de Owen, nos LETS e nos clubes de trocas, as trocas não necessariamente são produzidas por cooperativas, geralmente são de participantes autônomos, como pequenos produtores e prestadores de serviços (SINGER, 2004). No âmbito Latino-americano, a experiência Argentina contribui para a investigação dos clubes de trocas “[...] *como una forma de asociación libre, altamente consciente de valores y de relaciones solidarias, por medio de la cual se forman comunidades de prosumidores que intercambian sus capacidades bajo la formas de bienes o servicios producidos y consumidos por ellos.*” (HINTZE; SABATÉ; CORAGGIO, 2003, p. 19). Desde o ano de 1998, essas experiências se ampliaram mundo afora (ARKEL *et al.*, 2002).

No Brasil, um dos primeiros clubes de trocas foi registrado já em 1998, no bairro de Santa Terezinha, em Santo Amaro, São Paulo. De início, o clube atuava sob inspiração francesa de trocas de saberes, e posteriormente, inspirou-se no modelo argentino de trocas de bens e serviços

(CARNEIRO; BEZ, 2011). Os clubes de trocas são iniciativas que podem ser entendidos como “[...] *associações de produtores autônomos e independentes que estabelecem entre si relações extra-convencionais de mercado, estabelecendo regras específicas de troca a partir de compensações e moedas alternativas reguladas pelo próprio grupo.*” (CRUZ; SILVA, 2001 apud CRUZ, 2006, p. 61).

Em seu funcionamento, o clube de trocas reúne pessoas que podem oferecer bens ou serviços e também os demandam, mas a ausência de equivalentes monetários inviabiliza as trocas (SANTOS; CAMARGO; ALVES, 2015). Impasse criado, por exemplo, pelo desemprego. Como saída, os membros do clube criam uma moeda social e gerem democraticamente o clube (MATARAZZO; BOEIRA, 2016). As trocas são realizadas em reuniões periódicas, em que cada participante se apresenta e descreve suas possibilidades de trocas aos demais (SINGER, 2002).

Por meio da economia solidária, os clubes geram vantagens econômicas e muitas outras, como a criação de laços de sociabilidade, novas amizades, novos contatos e trocas de afetos, saberes, favores e gentilizas (SINGER, 2002). “*Os clubes de troca ajudam as pessoas a enfrentarem o medo de trocar, o medo de abrir mão do que têm. Seja objetos, seja sentimentos, seja saberes. Aprende-se que, quanto mais a gente reparte, mais a gente recebe.*” (CARNEIRO; BEZ, 2011, p. 15).

Esse recorte assinala apenas algumas pré-discussões que são incapazes de demarcar precisamente o que são os clubes de trocas. Se a economia solidária tem muitos significados e práticas, enquanto uns de seus veios, os clubes de trocas também funcionam em “[...] *uma dinâmica viva e flexível.*” (ARKEL *et al.*, 2002, p. 66). Nesse sentido, o Clube de Trocas sobre o qual este estudo se debruça – espaço que mais adiante será retratado enquanto Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG na seção a respeito do objeto de estudo – é formado a partir da economia solidária e entende o consumo solidário como ferramenta de frente ao metabolismo antissocial do capital. Buscar ir na contramão da sociedade de consumidores e sua fetichização, e desenvolver o consumo solidário pautando o bem-estar comum, o exercício não monetário, a socialização, os laços de reciprocidade e da ampliação das fronteiras culturais. Um espaço que reverbera as profusas práticas que os clubes de trocas construíram e constroem. Um espaço composto a partir de uma metodologia que será explanada a seguir.

*Metodologia de ação da incubadora: pela janela que se olha e os lugares pretendidos além da vista*

Do ponto de vista tipológico, os clubes de trocas podem ser organizações variadas. Em alguns dos casos, são estabelecidas parcerias com agências e entidades de apoio e fomento como uma soma de esforços e capacidades voltadas à consolidação dos clubes. As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) são importantes colaboradoras para esses fins já que são experiências inovadoras, que estabelecem um novo compromisso da universidade com a sociedade e com os

movimentos sociais, para o qual são desenvolvidas tecnologias sociais (DUBEUX, 2007). As ITCPs podem ser consideradas enquanto instrumentos para a construção de tecnologias sociais para problemas sociais, econômicos e ambientais da população social mais vulnerável (MATARAZZO; BOEIRA, 2016).

Nesse sentido, pode-se perceber a estreita relação do funcionamento dos clubes de trocas e a metodologia de ação das ITCPs. Em concordância com o compromisso inovador exposto por Dubeux (2007), o objeto deste estudo é desdobramento do papel das incubadoras orientadas à luta pelo porvir, capazes de mirar cenários possíveis e almejados. Utilizando do potencial para experimentar e instituir a esperança pela prática (FRAGA, 2018). É o que Nascimento (2008, p. 33) expõe a respeito da utopia a partir da filosofia blochiana: “[...] o ‘possível’ e o ‘ainda-não-ser’ são determinações ontológicas fundamentais da nova experiência do mundo. A esperança e o futuro encontram solo firme porque se fundamentam na realidade.” Esse possível esperado é guiado pela esperança do consumo consciente, fomentado pelas experiências geradas nos clubes de trocas realizados pelas ITCPs.

As Incubadoras situam-se no plano de um não-agora, uma utopia. Esta, firmada em seus meios de realização, tem potencial para, através da autogestão, resistir e superar a lógica do capital (FRAGA, 2018). E criar motores para uma performatividade mais crítica dos empreendimentos e de seus membros, no qual o resultado é fruto do sentido que ele tem e não do valor excedente e monetário que ele gera (LECA; GOND; BARIN CRUZ, 2014). Buscar superar a lógica do capital, é então superar o consumo sob o capital. As ações extensionistas de economia solidária das incubadoras são impulsionadas pelo “ainda-não-ser”, pela busca desse consumo para além do capital.

Metodologicamente, é formado um vínculo popular com a universidade, um processo de comunicação pelo “[...] estabelecimento de uma ligação com a classe trabalhadora, que permita um intercâmbio de conhecimentos, no qual a universidade aprenda a partir do saber popular e assessore as populações no sentido de sua emancipação crítica” (GURGEL, 1986, p. 176). O que é entendido e praticado como extensão, na perspectiva adotada pela incubadora, estabelece uma mudança: faz referência à proposição Freire (2013) do conceito de “comunicação da cultura”. Não por preferência a uma palavra, mas uma abordagem teórico-prática da interlocução universidade-sociedade construída ativamente. A extensão em uma concepção ingenuamente tecnicista busca alcançar sujeitos entendidos como inferiores e passivos para transmitir-lhes e assemelhá-los em uma “domesticação” que “deposita” conhecimento. É estar diante, estar sobre, ou estar para. Entendida como comunicação, a extensão é recusa à unilateralidade, um processo de práxis libertadora, da ação constante sobre a realidade e reflexão sobre a ação. É a universidade no papel de estar com, como participante da mudança e que impulsiona os sujeitos como agentes da mudança (FREIRE, 2013).

A comunicação, a educação popular e a pesquisa-ação estão no cerne da atuação da incubadora, o que faz do clube de trocas um espaço de construção dialógica. Pela pesquisa-ação, é

desempenhada uma “intervenção coletiva”, em que os pesquisadores e os demais sujeitos envolvidos são todos participantes práticos. Pelo conhecimento aprofundado de dado contexto, um ao lado do outro, pesquisadores e atores constroem a estratégia de atuação para modificação da realidade (DIONE, 2007) e uma metodologia para fortalecimento e autonomia do sujeito e dos grupos populares. A abordagem apresentada, deste modo, interpreta a incubadora fundamentada na perspectiva do “[...] processo de educação dialógica, no sentido da transformação social. [Em que] ambas as partes passam a ser, simultaneamente, educadores/educandos, transformam e são transformados” (PEREIRA, 2007, p. 167).

### Procedimentos Metodológicos

A investigação realizada pode ser classificada quanto à natureza como mista: quantitativa e qualitativa. O caráter quantitativo é atribuído em decorrência da natureza empírico-analítica, fundamentada pela construção objetiva registrada em valores numéricos pelos participantes (HAIR et al., 2005). A natureza qualitativa, por sua vez, pode ser explicada pela realidade verbalizada e apresentada pelos sujeitos e reconstruída de forma subjetiva e interpretativa pelos pesquisadores (FLICK, 2009). Quanto aos meios, a pesquisa é classificada como levantamento de campo, uma vez que se fundamenta em técnicas estruturadas para coleta opiniões de um público específico, no intuito de compreender o seu comportamento (CRESWELL, 2013). Quanto aos objetivos, a investigação é classificada como exploratória, pois buscou-se trazer à luz, maior familiaridade com a temática abordada (BANSAL, PRATIMA, KEVIN, 2011), iluminando os diferentes nuances propiciados nos clubes de troca.

Para a coleta de dados foi construído um *survey* com questões fechadas e abertas, explorando a natureza qualitativa e quantitativa. No questionário foi disposto inicialmente um campo para informações preliminares do público respondente (Q1 a Q4) e demais questões relacionadas ao quadro teórico abordado nesse estudo (Q5 a Q12). Todas as questões exploradas nesse instrumento estão dispostas no Quadro 1:

Quadro 1: *Survey* aplicado ao Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG

Questão	Temática abordada	Formato	Variável	Classificação
Q1	Gênero	Fechada	Qualitativa	Nominal
Q2	Idade	Fechada	Quantitativa	Discreta
Q3	Vínculo	Fechada	Qualitativa	Nominal
Q4	Ocupação	Fechada	Qualitativa	Nominal
Q5	Possui conhecimento sobre economia solidária?	Fechada	Qualitativa	Nominal
Q6	Conhece a ITCP/UNIFAL-MG?	Fechada	Qualitativa	Nominal
Q7	O Clube de Trocas é uma ação importante para repensar os hábitos de consumo	Fechada	Qualitativa	Ordinal
Q8	Ações de Extensão são importantes para repensar os hábitos de consumo	Fechada	Qualitativa	Ordinal
Q9	Porque se interessou pelo Clube de Trocas?	Aberta		

Q10	Qual a importância do Clube de trocas para repensar as relações de consumo?	Aberta
Q11	Sugestões	Aberta
Q12	Pontos Positivos e Negativos do Clube de Trocas	Aberta

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Os questionários foram aplicados em 3 edições do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG durante a ano de 2018, alcançando 26 respondentes.

Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatísticas descritiva e uso de tabulações cruzadas realizadas pelo *software* SPSS®. Qualitativamente, os dados foram analisados pelo *Software Iramuteq* fundamentando na técnica de análise de conteúdo e análise de similitude. A análise de similitude permite identificar a coocorrência de palavras que estruturam o discurso, dispostas por grafos (BOURICHE, 2005). A análise de conteúdo foi realizada a partir de três passos: 1) leitura flutuante dos dados; 2) codificação temática (estratificação dos segmentos de textos por temas comuns que os aproximam) e; 3) Análise Categórica. A partir dessas análises, as categorias “Interesse pela participação” e “Novos formatos” foram definidas *a posteriori*, emersas dos dados. Os respondentes foram codificados de E1 a E26 no intuito de preservar suas respectivas identidades.

#### *O Clube de Trocas como experiências em construção*

O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG vem sendo desenvolvido pela incubadora desde 2011. O intuito é estimular os participantes a refletirem sobre o consumo a partir da economia solidária e seus pressupostos, como o consumo solidário. Ancorado em uma perspectiva de construção coletiva, os clubes são planejados previamente nas reuniões da incubadora. Recorre-se à metodologia da incubadora, e por vezes, adota-se temáticas específicas. Nas edições realizadas durante esta investigação, as temáticas foram: em junho o Clube de Trocas Junino; a edição de novembro ocorreu em meio à programação do II Encontro de Economia Solidária, Trabalho e Lutas Sociais; em agosto, o Clube de Trocas aconteceu no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) em seu *campus* Varginha, durante o 8º Festival de Arte e Cultura.

O formato de cada Clube de Trocas é diferenciado. No geral, são iniciados com discussões formativas sobre economia solidária, seu modelo de consumo, e a pertinência dos clubes de trocas como exercício crítico. Em seguida, os seus participantes se apresentam junto ao que foi levado para a troca, seja um produto ou um serviço, em uma dinâmica de socialização. O evento tem como ápice a troca do que está sendo levado por cada participante, considerando não o seu valor monetário, mas outros aspectos subjetivos para além do preço de mercado, como o valor de uso. Durante todo o Clube, inúmeras atividades culturais acontecem: saraus, música ao vivo, declamação de poemas, manifestos, painel para escrita e livre expressões artísticas, performances e “palco livre” estão inseridas no hall dessas atividades.

### *Quem tem participado?*

Os dados preliminares permitem traçar o perfil dos respondentes-participantes dos Clubes de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG nas edições aqui investigadas. A maioria, 76,9%, identifica-se com o gênero feminino, e 23,1% com o gênero masculino. Em relação à idade, os respondentes foram divididos em quatro estratos: 15 a 17 anos: estudantes do ensino médio; 18 a 20 anos: estudantes no início ou meio do curso superior; 21 a 23 anos: estudantes caminhando para o final ou no final do curso superior e; 31 a 35 anos: profissionais formados. A análise revelou que a maioria dos participantes, 58% dos respondentes, estão na faixa dos 18 a 20 anos, ou seja, no início ou meio do curso. Em relação à ocupação, a análise revela que 65,4% são estudantes; 7,7% estudantes e técnicos administrativos da instituição e os demais (representando 3,8% cada) trabalhadora autônomo, professora, advogada e auxiliar de regulação.

Esse perfil sinaliza que a abrangência dos Clubes de Trocas pertinentes a este estudo é local, voltada para estudantes ou da própria universidade ou do CEFET-MG da cidade. Esse aspecto local do Clube, apesar de restringir a participação, permite, segundo Santos, Camargo e Alves (2015) refletir sobre o que de fato é interessante para aquele público, naquele território, naquela perspectiva cultural, levando ao fortalecimento de laços mais precisos e próximos de suas identidades.

A atuação em nível local muito específico não impede que os participantes conheçam a incubadora que promove o Clube de Trocas, visto que 65,4% dos respondentes apontam conhecer a ITCP/UNIFAL-MG. No entanto, apenas 50% dos participantes já ouviram falar ou conhecem de fato o que é a economia solidária. Dado esse contexto, é necessário que as ações da incubadora se voltem ainda mais para a disseminação de sua função e sua metodologia de trabalho, bem como a criação de mais espaços de formação sobre as temáticas. A inserção do Clube de Trocas como uma metodologia específica da incubadora auxilia nessa maior inserção das temáticas, e demarcação de uma das funções da incubadora. Todavia, as análises apontam a necessidade de aproximação de novos sujeitos.

### *Ponte para uma rota alternativa*

Considerando as características dos respondentes, foram desenvolvidas tabulações cruzadas para verificar suas possíveis relações à percepção dos participantes sobre o Clube de Trocas como ação para se repensar as relações de consumo. Assim, foram investigados três parâmetros: a) vínculo com a UNIFAL-MG; b) Participação anterior ao Clube de Trocas e; c) Conhecimento anterior sobre economia solidária.

Debruçando sobre o vínculo com a UNIFAL-MG, os dados apontam um alto grau de concordância entre os que possuem vínculo com a instituição, como apontado na Tabela 1:

Tabela 1: Relação entre vínculo com a UNIFAL-MG e importância do Clube de Trocas para repensar as relações de consumo

<b>O Clube de Trocas é uma ação importante para repensar as relações de consumo</b>		
<b>Possui Algum vínculo com a UNIFAL-MG?</b>	Concordo Muito (%)	Concordo Totalmente (%)
Sim	19,23	57,69
Não	3,85	19,23

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Como apontado na Tabela 1, os respondentes: ou concordam muito, ou concordam totalmente, que o Clube de Trocas é uma ação importante para repensar as relações de consumo. É possível notar que, do público que concorda totalmente com essa afirmativa, 57,69% possui algum vínculo com a UNIFAL-MG. Em relação ao motivo de interesse em participar, os respondentes apontam que ele está vinculado a: “[...] *repensar as relações de consumo excessivo.*” (E4), ou “[...] *creio que esse Clube de Trocas revela ainda a pureza do ser, quebrando esse estigma de que o dinheiro é o mais importante.*” (Q17).

Os dados alcançados expressam dois relevantes pontos. Inicialmente, a importante atuação da ITCP/UNIFAL-MG e das edições do Clube de Trocas no âmbito da universidade, influenciando a reflexão crítica sobre o consumo e desenvolvendo a percepção no público alcançado. Outro importante aspecto é o modo com que, para além da universidade, essas questões precisam ser mais discutidas. A maior difusão do Clube de Trocas pode legitimar esse espaço como problematizador das relações de consumo.

Como discutido por Mance (2009), mudanças nas relações de consumo buscando posturas críticas não acontecem do dia para a noite. Elas requerem decisões incrementais, mudança de comportamentos, atitudes e valores, levando a um engajamento de seus participantes em suas práticas, discursos e sentidos, visando uma tentativa de transformação. Além disso, a mudança necessita de diferentes incentivos e estímulos para despertar interesses (RADOMSKY, 2014). Assume-se então, que a participação nos Clubes de Trocas é realizada de forma gradual, incremental e dinâmica, a partir das experiências vivenciadas nesses espaços, que conduzem os participantes ou a uma continuidade ou a participações esporádicas. Assim, a investigação evidenciou que 61,54% dos respondentes não haviam participado de edições anteriores do Clube de Trocas. Tal fato indica que o grupo possui um público diversificado em suas edições, que precisa ser incentivado a retornar, como comentado a seguir.

Para além da falta de geração de vínculos com os participantes, foi verificada a relação estabelecida entre o público participante ou não de edições anteriores do Clube de Trocas, com a percepção sobre o potencial do mesmo para a mudança nas relações de consumo, como apresentado na Tabela 2:



Tabela 2: Relação entre público participante em outras edições e a percepção do Clube de Trocas para mudança nas relações de consumo.

<b>O Clube de Trocas é uma ação importante para repensar as relações de consumo</b>		
<b>Já participou de edições anteriores do Clube de Trocas?</b>	Concordo Muito (%)	Concordo Totalmente (%)
Sim	3,84	34,62
Não	19,23	42,31

Fonte: Elaborado pelos autores

A Tabela 2 evidencia que é consensual tanto entre os participantes de edições anteriores, como entre não participantes, que o Clube de Trocas é relevante para se repensar as relações de consumo. O fato da maioria dos respondentes não terem participado de edições anteriores (19,23%) reforça que se deve atentar mais com a geração de vínculos entre o público participante, no intuito de gerar experiências que os tragam de volta. Cabe aqui ressaltar que além das trocas, os Clubes contam, como supracitado, com uma vasta programação cultural, que, segundo Radomsky (2014) permite a vivência de “rituais de solidariedade”, derivados dos momentos sentidos no clube e portanto, possui potencial para geração de vínculos.

De forma paralela, o fato da maioria dos respondentes indicarem que não participaram de clubes anteriores, mas entenderem a importância do Clube de Trocas para uma reflexão mais crítica, aponta que o clube consegue “passar o seu recado” e traduzir sua legitimidade, independentemente da quantidade de participações. A percepção sobre a importância do Clube para essa reflexão crítica, torna-se visível no discurso dos que não participaram mais de uma vez e apontam que o clube tem potencial para “[...] mostrar que há um modo alternativo de consumo em que não é necessário um valor exagerado e monetário.” (E5), e que se aproxima das respostas dos participantes que já participaram do Clube e enxergam sua importância como um meio para “[...] pensar as relações de troca e o consumismo.” (E18). Sendo assim, é possível notar que o Clube tem sido um dos meios para estimular o consumo mais consciente e crítico, que somados à outras experiências e rituais de solidariedade, vivenciados pelos participantes, pode leva-los a uma mudança nessa direção.

Considerando que o público atraído ao Clube de Trocas, de certa forma, está em formação quanto às perspectivas crítica, principalmente representado por estudantes no começo ao meio do curso da UNIFAL-MG, o conhecimento a respeito da economia solidária, pode ser um rico elemento para reflexão sobre as relações de consumo. No entanto, como 50% apontaram ter conhecimento anterior em economia solidária antes da participação no Clube e 50% apontaram não ter, tornou-se imperativo analisar como estes, percebem a importância do Clube de trocas para mudança nas relações de consumo. Tal análise está expressa no Tabela 3:

Tabela 3: Conhecimento anterior sobre Economia Solidária e Importância do Clube de Trocas para mudança nas relações de consumo.

<b>O Clube de Trocas é uma ação importante para repensar as relações de consumo</b>		
<b>Possui conhecimento sobre Economia Solidária?</b>	Concordo Muito (%)	Concordo Totalmente (%)
Sim	15,38	34,62
Não	7,69	42,31

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Os dados acima indicam certa uniformidade nas respostas. Tanto a metade dos respondentes que não possuíam conhecimento em relação à economia solidária, quanto a outra metade que detém esse conhecimento, reconhecem, mesmo que em diferentes graus de concordância, o Clube de Trocas enquanto uma ação importante para a reconsideração das relações de consumo.

O resultado alcançado é reiterado pelas respostas dissertativas que apontam, tanto pelos respondentes que já possuíam conhecimento anterior sobre economia solidária, quanto pelos que não possuíam, existir um reconhecimento a respeito da importância do Clube de Trocas para repensar as relações de consumo. Essa percepção é reforçada em discursos que compreendem a função do Clube de Trocas como um meio para: “*Mostrar que há um modo alternativo de consumo em que não é necessário um valor exagerado e monetário.*” (E5) e; “[...] *um passo importante para poder começar conhecer um pouco mais sobre a Economia Solidária.*” (E20). Para esse público, refletir sobre o consumo de forma mais crítica, está além do conhecimento sobre economia solidária, no entanto, sob a ótica desenvolvida, ambas propostas estão interligadas.

O Clube de Trocas torna-se então para esse público uma porta de entrada para estímulo ao consumo mais crítico e consciente. Como apontado por Mance (2009, p. 75) essa lógica de consumo distância do consumo compulsório, visto que nessa perspectiva utilitarista de consumo “[...] *para chegar-se a um destino, é necessário pagar-se pedágio a fim de transitar por uma via, não havendo rota alternativa*”. O Clube de Trocas torna-se então uma sólida ponte para acesso a essa via alternativa guiada pelas diretrizes da economia solidária.

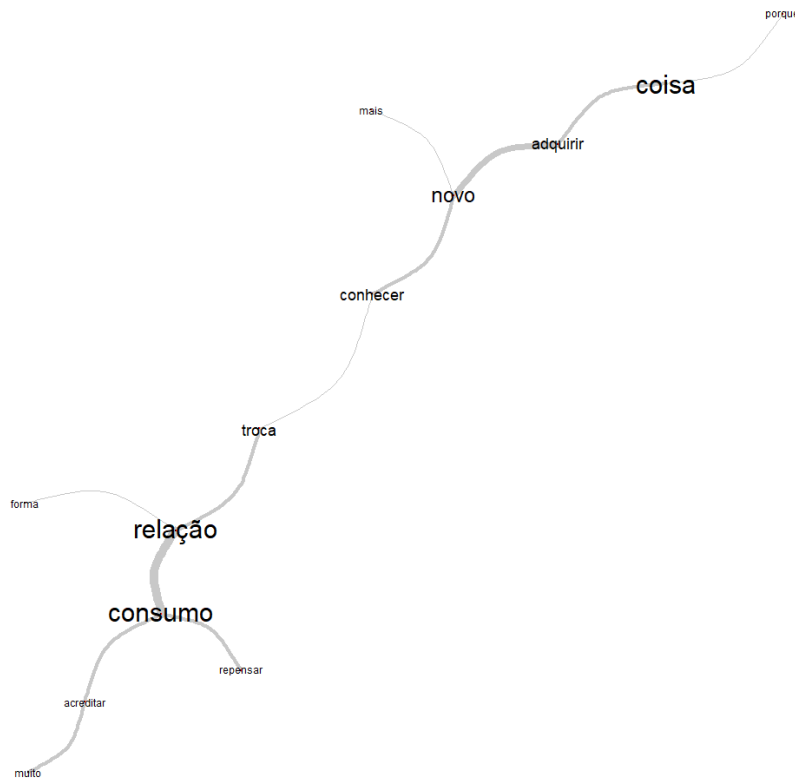
### *O que se espera depois da ponte?*

Apoiando-se na analogia do Clube de Trocas enquanto ponte para as descobertas propiciadas via economia solidária, acreditamos que os caminhos devem ser traçados a partir de construções coletivas indicadas pelos participantes. No bojo de uma economia que se desenvolve na luta antissistema, na busca por visibilidade dos excluídos e no reconhecimento de direitos sociais, é pela reunião de vozes dos seus praticantes que se permite ouvir a melodia de quem quer ir além (CEZAR; FANTINEL, 2018). Sendo assim, explorando as indicações construídas por quem vivenciaram as

experiências do Clube, podemos estruturar os resultados em duas categorias: 1) Interesse pela participação e; 2) Novos formatos.

O interesse pela participação revela os motivos que atraíram os participantes para os respectivos Clubes de Troca. A Figura 1, representa a análise de similitude realizada a partir das palavras presentes nas falas dos respondentes e que estruturam suas principais motivações:

Figura 1: Análise de similitude sobre o interesse em participar do Clube de Trocas



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Pela Figura 1, é possível notar que os participantes adotam duas posturas para a participação no Clube de Trocas. Do lado superior, existe uma perspectiva de aprendizado e conhecimento de algo novo, sinalizado principalmente pelas palavras: “conhecer” “novo” “adquirir” e “coisa”. Do lado inferior, a perspectiva da troca como mecanismo para repensar as relações de consumo é expressa principalmente pelas palavras: “troca” “relação” e “consumo”. Tais percepções permitem reforçar o argumento que o Clube atua como uma ponte ou para apresentar algo novo aos participantes, ou para estimular uma reflexão mais crítica em relação às práticas já desenvolvidas.

Em relação aos novos formatos, os participantes destacaram a necessidade de se repensar inicialmente em Clubes de Trocas temáticos pautados em datas comemorativas e culturais, como observado nos discursos abaixo, nos quais os participantes indicam o interesse nas seguintes temáticas: “Clube de Trocas Natalino (E1)”; “Mais festas típicas (E5)”; “Criar temas para os clubes: anos 80, Hippie (E9)”. Por mais que as temáticas apontadas pelos participantes não representem diretamente temáticas críticas voltadas para a economia solidária e sim para o mercado capitalista,

criador de datas comemorativas voltadas ao consumo, o fato aponta o potencial atrativo que os Clubes temáticos têm. A associação dos Clubes às temáticas, pode ocupá-las e ressignificá-las segundo a lógica da solidariedade.

A discussão do formato também se torna expressa nas falas a respeito do que pode ser evidenciado na temática, como apontado: “Trocar coisas que podem ser úteis para outro (E6)”; e “Atividades envolvendo livros. (E17)”. A fala de E6 chama atenção para a questão do valor de uso. Essa questão leva-nos a questionar se os praticantes tendem a descartar algo que seja não útil para si, utilizando o Clube como um espaço para se ver livre de algo “inútil”, ou se de fato os participantes acreditam que aquilo será mais útil para outra pessoa. Comportamento semelhante ao observado por Radomsky (2014) analisando o princípio de equivalência econômica dada por participantes de um Clube de Trocas de Porto Alegre.

Em síntese, é possível notar que, após cruzar a ponte rumo a uma reflexão crítica de consumo, os participantes dos Clubes de Trocas esperam estradas construídas por uma variedade de ladrilhos. A troca em si estimula uma reflexão sobre o processo de consumo, que precisa ser reforçada após o evento. Assim, apesar do Clube construir essa ponte, o interesse pela participação seja ela pela procura de algo novo ou para de fato refletir sobre a troca e o consumo, leva seus participantes a almejarem uma perspectiva ainda mais atrativa/temática para que o evento em si gere experiências que os levem a retornarem com maior frequência nesses espaços e se aprofundem no conhecimento da economia solidária.

### *Considerações Finais*

Frente ao sistema de capital e seus efeitos, tal qual ao consumo corrosivo e alienado, decorrem reações como a economia solidária, que conta com expressões como os clubes de trocas e a lógica do consumo solidário. A ITCP/UNIFAL-MG, à luz de sua metodologia, tem se empenhado a ecoar essas experiências, como pelo Clube de Trocas desenvolvido pela incubadora. Considerando a extensão-pesquisa como um *continuum*, este estudo busca contribuir com um procedimento para avaliação do Clube de Trocas, apontando seus avanços efetivos e potencialidades de aprimoramento.

A avaliação dos 3 Clubes de Trocas de 2018 indica que seu maior público, autoidentificado como do gênero feminino, com 18 a 20 anos e estudantes, concorda com o Clube enquanto importante ação para se repensar as relações de consumo. Reflexão que está consolidada internamente à Universidade, e tem atingido os discentes em um período formativo. O que é acertado, mas precisa ampliar seu alcance. A concordância com a referida importância é reconhecida também pela maioria que participou pela primeira vez do Clube. Este, mesmo em uma única edição, tem ganhado legitimidade e conseguido “passado seu recado”. O conhecimento em relação à economia solidária, oportuna para o exercício de outro consumo, é verificada por metade dos respondentes. E tantos os

que possuem esse conhecimento ou não, concordam que o Clube é importante para a reconsideração das relações de consumo. O Clube pode então ser uma ponte à economia solidária, podendo levar seus participantes ao maior entrosamento com a proposta de outra economia. Quanto às principais motivações para a participação, é identificada uma perspectiva de aprendizado e conhecimento de algo novo, e outra perspectiva de repensar as relações de consumo, sendo uma reflexão mais crítica das práticas já desenvolvidas pelos partícipes.

Com base no que foi apresentado, o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG pode se consolidar como espaço para a reflexão sobre as relações de consumo de seus participantes. O que precisa mirar além. Práticas alternativas às vigentes na lógica capitalista que não estejam circunscritas apenas às edições do evento. Ao apresentar um instrumento para avaliação dos clubes de trocas e promover uma discussão do consumo sob o viés solidário, este artigo avança metodologicamente e teoricamente. As contribuições deste estudo não procuram esgotar a discussão levantada, e sim suscitar debates. Algumas limitações do que foi realizado são: os posicionamentos com muita uniformidade, o número reduzido de respondentes e a amplitude das questões do questionário aplicado. Investigações futuras podem ampliar o instrumento metodológico proposto, além de fundamentar a discussão em discussões teóricas sobre o consumo, em diferentes perspectivas.

## Referências

- ARKEL, Henk et al. **Onde está o dinheiro.** Pistas para a construção do movimento monetário Mosaico. Porto Alegre: Dacasa, 2002.
- BANSAL, PRATIMA, KEVIN, Corley. The coming of age for qualitative research: Embracing the diversity of qualitative methods. **Academy of Management Journal**, v. 54, n. 2, p. 233–237, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURICHE, Boumedine. L'analyse de similitude. **Méthodes d'étude des représentations Soc.** Hors collection. Toulouse: ERES, 2005. p. 221–252. Disponível em: [https://www.cairn.info/load\\_pdf.php?ID\\_ARTICLE=ERES\\_ABRIC\\_2003\\_01\\_0221](https://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=ERES_ABRIC_2003_01_0221). Acesso em: 20 dez. 2021.
- CARCANHOLO, Reinaldo. **Capital:** essência e aparência. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- CARNEIRO, Gisele; BEZ, Antonio. Carlos. **Clubes de troca:** rompendo o silêncio, construindo outra história. Curitiba: CEFURIA, 2011.
- CEZAR, Layon Carlos; FANTINEL, Letícia Dias. The sales of craft over a Lively Talk and a cup of Coffee: social representations in a commercialization center of solidarity economy. **Brazilian Business Review**, v. 15, n. 5, p. 475–493, 1 set. 2018. Disponível em: <http://bbronline.com.br/index.php/bbr/article/view/379>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- CRESWELL, John W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches.** Thousand Oaks: [s.n.], 2013.

CRUZ, Antonio Carlos Martins da. **A diferença da igualdade: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul.** 2006. 343 f. Tese (Doutorado), Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2006.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local.** Brasília: Liber Livro, 2007.

DUBEUX, Ana. O papel das universidades na construção da economia solidária no Brasil. **Proposta: Revista Trimestral de Debate da FASE**, v. 31, n. 111, p. 4-15, 2007. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjpsfXPnMjrAhVPIbkGHfPtDxoQFjAAegQIBRAB&url=https%3A%2F%2Ffase.org.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2007%2F03%2Fproposta-111-final.pdf&usq=AOvVaw3GrXkNOVo6a92x8sRkLqn->. Acesso em: 20 dez. 2021.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman Editora, 2009.

FRAGA, Lais. As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP) na construção da contra hegemonia acadêmica. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 13, p. 496-539, 2018. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/4188>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUERRA, Ana Carolina. **Os valores da Economia Solidária e os Valores do Trabalho: um estudo em Empreendimentos Econômicos Solidários.** 2014. 157 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2014.

GURGEL, Roberto Mauro. **Extensão Universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez: Autores Associados: Universidade Federal do Ceará, 1986.

HAIR, Joseph et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração.** Porto Alegre: Bookman Companhia Ed, 2005.

HARVEY, David. **Para entender O Capital: Livro 1.** Paulo: São Boitempo, 2013.

HINTZE, Susana; SABATÉ, Alberto Frederico; CORAGGIO, José Luis. *Documento base de la Jornada Nacional sobre Trueque y Economía Solidaria.* In: HINTZE, Susana. **Trueque y economía solidaria.** Buenos Aires: Prometeo, 2003.

HUGON, Paul. **História das doutrinas econômicas.** São Paulo: Atlas, 1995.

LAVIILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio. Economia Solidária. In: CATTANI, Antonio David et al. (coord.) **Dicionário internacional da outra economia.** Coimbra: Almedina, 2009.

LECA, Bernard; GOND, Jean Pascal; BARIN CRUZ, Luciano. Building ‘Critical Performativity Engines’ for deprived communities: The construction of popular cooperative incubators in Brazil. **Organization**, v. 21, n. 5, p. 683–712, 2014.

MANCE, Euclides André. Consumo solidário. In: In: CATTANI, Antonio David et al. (coord.) **Dicionário internacional da outra economia.** Coimbra: Almedina, 2009.

MANCE, Euclides André. Revolução das redes de colaboração solidária. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECONOMIAS SALESIANAS, Sevilha, 2005. **Anais...** Sevilha, 2005. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwipkYnHlcrAhXKCrkGHZj5CEMQFjAAegQIAhAB&url=http%3A%2F%2F.euclidesmanace.net%2Fdocs%2FA\\_Revolucao\\_das\\_Redes\\_de\\_Colaboracao\\_Solidaria.pdf&usq=AOvVaw3IUTZkrdjPndigI5Yrj42L](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwipkYnHlcrAhXKCrkGHZj5CEMQFjAAegQIAhAB&url=http%3A%2F%2F.euclidesmanace.net%2Fdocs%2FA_Revolucao_das_Redes_de_Colaboracao_Solidaria.pdf&usq=AOvVaw3IUTZkrdjPndigI5Yrj42L). Acesso em: 20 dez. 2021.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2013.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MATARAZZO, Gustavo; BOEIRA, Sérgio Luís. Incubação de cooperativas populares: representações sociais e tensões entre racionalidades. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 1, p. 207–227, mar. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-39512016000100207&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512016000100207&tlng=pt). Acesso em: 20 dez. 2021.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**: Rumo a uma Teoria da Transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

NASCIMENTO, Cláudio. Autogestão: economia solidária e utopia. **Otra economía**, v. 2, n. 3, p. 27-40, 2011. Disponível em: <http://unisin.br/revistas/index.php/otraeconomia/article/view/1104>. Acesso em: 20 dez. 2021.

PEREIRA, José Roberto. Considerações metodológicas sobre o processo de incubação de cooperativas populares. In: CANÇADO, Airton Cardoso; PEREIRA, José Roberto; JÚNIOR, Jeová Torres Silva. **Economia solidária, cooperativismo popular e autogestão**: as experiências de Palmas/TO. Palmas: NESol/UFT, 2007.

RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo. O valor simbólico do dinheiro e o princípio da equivalência: um estudo sobre as moedas sociais em um clube de trocas em Porto Alegre. **Ponto Urbe**, n. 3, 8 out. 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1781>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SANTOS, Luciane Cristina Ribeiro dos; CAMARGO, Ana Cristina Mota de; ALVES, Alan Ripoll. Empreendimento de Economia Solidária: Uma análise da autogestão coletiva. **Brazilian Journal of Development**, v. 1, n. 2525–8761, p. 2–14, 2015. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/2>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SINGER, Paul. Economia Solidaria. In: CATTANI, Antonio David (org.) **La Otra Economía**. Buenos Aires: Altamira, 2004.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. (org.) **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

## **A Educação para a sustentabilidade como elemento de fortalecimento da economia solidária e da agroecologia: o trabalho da INCUBACOOOP/UFRPE em Bonito-PE<sup>1</sup>**

Ana Dubeux<sup>2</sup>

Gilvania de Oliveira Silva de Vasconcelos<sup>3</sup>

Beatriz Pessoa De Souza<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente trabalho está vinculado à ação de incubação territorial desenvolvida pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INCUBACOOOP, do Departamento de Educação, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – DEd/UFRPE, que em 2019 festejou seus 20 anos. A incubadora desenvolve um trabalho desde 2016 no município de Bonito - PE que visa criar novas possibilidades na metodologia de incubação. Em seus 20 anos de existência, a incubadora já passou por algumas fases em termos metodológicos e o presente texto busca apresentar este amadurecimento a partir de um trabalho de educação para sustentabilidade. A formação dos educadores e de monitores ambientais são elementos essenciais para a promoção da educação para a sustentabilidade, elemento de fortalecimento da educação do campo, que promove a transformação social a partir dos sujeitos do campo. Busca-se ainda, demonstrar como a educação para a sustentabilidade é essencial no fortalecimento da metodologia de incubação nos territórios aos quais as incubadoras universitárias se vinculam, fortalecendo grupos e iniciativas de agroecologia e economia solidária.

**Palavras-chave:** educação para sustentabilidade; agroecologia; economia solidária; incubação; desenvolvimento territorial.

**Abstract:** This article is linked to the territorial incubation action developed by the Technological Incubator of Popular Cooperatives - INCUBACOOOP, of the Department of Education, of the Federal Rural University of Pernambuco - DEd / UFRPE, which in 2019 celebrated its 20 years. The incubator has been developing an action since 2016 in the municipality of Bonito - PE that aims to test new possibilities in the incubation methodology. In its 20 years of existence, the incubator has gone through some phases in methodological terms and this analysis seeks to present this maturity based on a work of education for sustainability developed in that municipality. The training process of educators and environmental monitors are essential elements for the promotion of education for sustainability, an element of strengthening rural education, which promotes social transformation from the subjects of the countryside. It also seeks to demonstrate how education for sustainability is essential in strengthening the incubation methodology in the territories to which university incubators are attached, strengthening groups and initiatives of agroecology and solidarity economy.

**Keywords:** education for sustainability; agroecology; solidarity economy; incubation territorial development.

### *Introdução*

A universidade é uma instituição que precisa se reinventar. A história da construção do conhecimento humano sobre o planeta tem sido diversa, mas as ideias do positivismo que se firmaram

---

1 Este trabalho é financiado pelo CNPq através do projeto “Agroecologia e economia solidária na Incubação de iniciativas econômicas-solidárias de territórios urbanos e rurais: sistematizando conceito, método e práticas” da chamada 17/2017

2 Professora Sênior do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

3 Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

4 Graduanda de Engenharia Agrícola, com ênfase em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.



a partir do século XIX como únicas formas de pensamento foram nefastas para o reconhecimento das diferentes formas de pensamento que permeiam os grupos humanos que não necessariamente têm acesso às instituições educativas do sistema formal. As formas de pensamento complexo (MORIN, 2015) vão aos poucos sendo esquecidas ou esmagadas por epistemologias dominantes que se concretizam a partir do pensamento colonial (MENESES e SOUSA SANTOS, 2010) e a universidade precisa se reinventar em seus processos cotidianos de construção do conhecimento reconhecendo e valorizando saberes invisibilizados por esta lógica.

Na atualidade, perdemos a capacidade de nos sentir parte da natureza e de nos pensar enquanto natureza, incorporando em nosso cotidiano as referências espaço-tempo que esta relação permitia e sofremos a imposição de uma lógica linear e cartesiana, que sobretudo, mercantiliza as relações sociais, que, para além de projetar o ser humano para um lugar fora da natureza, não permite que estabeleçamos as conexões epistêmicas necessárias para compreender uma realidade cada vez mais complexa.

As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares existem no Brasil desde o início dos anos 90 e a INCUBACOOOP, incubadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), foi inaugurada em 1999 e desde então vem buscando se renovar em termos de sua metodologia. A existência das incubadoras nas universidades brasileiras, introduzem uma dimensão de esperança na perspectiva de existência universitária pois, para além de indicar um novo caminho para a extensão universitária, ressignifica o próprio processo de construção do conhecimento, onde, a partir da ação de extensão, se estabelecem ações de ensino e pesquisa, numa ótica de diálogo de saberes com o conhecimento popular (FREIRE, 1983)

Nos últimos 4 anos a INCUBACOOOP/UFRPE vem desenvolvendo um trabalho no município de Bonito – PE e nele, busca reconstruir laços ser humano / natureza que possam provocar reflexões entre tantos sujeitos que compõem o território, buscando contribuir para o fortalecimento de sua identidade. A estratégia adotada pela equipe assume uma perspectiva crítica em relação ao conceito de desenvolvimento, refletindo sobre as possibilidades de buscar “tesouros” perdidos nas epistemes locais que contribuam, ao mesmo tempo, para o refazer do trabalho universitário e para a valorização e reconhecimento dos conhecimentos dos camponeses que vivem no território.

Neste sentido, a educação no campo em articulação com a educação popular tem sido ferramentas muito importantes para alimentar um debate mais recente que temos denominado de educação para a sustentabilidade. O município, ainda dotado de uma parcela importante de Mata Atlântica e responsável pela manutenção de três unidades de conservação, tem vocação para o turismo ecológico e outras atividades ligadas ao contato com a natureza, mas, por outro lado, tem urgência na reflexão sobre os processos de destruição deste mesmo meio ambiente que lhe serve como uma das principais fontes de recursos naturais com impactos fortes em sua economia. A reflexão sobre

agroecologia e economia solidária, tem alimentado o trabalho que a INCUBACOOOP / UFRPE desenvolve junto a diferentes públicos do município. Destes, enfatizamos aqui o trabalho desenvolvido junto às escolas municipais, onde uma estratégia de educação para a sustentabilidade tem sido centralidade.

O artigo está estruturado em três partes. Na primeira, apresentamos o amadurecimento da metodologia de incubação desde a criação da incubadora utilizando como referência a agroecologia e a economia solidária. Na segunda, apresentamos uma reflexão acerca da importância da educação popular e da educação no campo como perspectiva de construção de conhecimentos a partir do diálogo de saberes com os atores locais, estratégia que indica um processo de educação para a sustentabilidade. Finalmente, na terceira parte, apresentamos as linhas gerais do trabalho desenvolvido junto às escolas municipais de Bonito e os resultados que obtivemos até o presente momento.

*Agroecologia e Economia Solidária: um enlace necessário para o fortalecimento de processos de construção de conhecimento na incubação territorial em contextos rurais*

A crítica ao conceito de desenvolvimento e aos modelos que dele decorrem é uma necessidade nos tempos atuais. O conceito, que apareceu pela primeira vez em 1949 com o célebre Ponto 4 do discurso de Truman ao assumir a presidência dos EUA, tem sido um dos principais responsáveis pelos processos de desigualdade entre seres humanos e destruição da natureza desde então. O movimento de “igualar” países como se possuíssem a mesma realidade que decorre da necessidade de “desenvolver” tem se demonstrado extremamente nefasto para os países do sul global, em geral classificados como “subdesenvolvidos” ou “em via de desenvolvimento” face aos países do norte global, em geral classificados como “desenvolvidos”.

Os critérios que determinam esta classificação, no entanto, são sempre escolhidos por uma episteme, que foi criada a partir das realidades dos países do norte, ignorando completamente que há dinâmicas e epistemes locais que certamente interferem nas possibilidades de busca de solução para as problemáticas encontradas em uma determinada realidade. MENESES e SOUSA SANTOS (2010), alertam há algum tempo para a necessidade de refletirmos sobre as consequências desta opção nos processos de construção do conhecimento e, sobretudo, nos impactos destas escolhas sobre a ciência em geral. Além disso, é imperativa a reflexão acerca de como esta classificação assume uma lógica que privilegia o mercado, ignorando a existência humana no planeta desde uma lógica de reciprocidade e cooperação.

Na reflexão sobre as realidades rurais, o que se percebe é que os ecossistemas naturais têm sido cada vez mais destruídos por processos de industrialização da agricultura e da pecuária

introduzidos pela revolução verde desde os anos 70 no Brasil<sup>5</sup>. Para o que nos interessa neste artigo, destacamos que a revolução verde provocou consequências profundas nas epistemes do campesinato brasileiro fazendo-o, pouco a pouco, substituir o pensamento, diverso e holístico pela linearidade e disciplinaridade impostas pela pós-modernidade e pela ciência cartesiana. Assim, é urgente refletir com os camponeses sobre os rumos de sua própria história pensando em alternativas territoriais onde o seu *savoir faire* não seja invisibilizado ou destruído.

Mas, antes de refletir sobre a metodologia de incubação, nos parece importante afirmar, ainda que de forma sintética, que a evolução da nossa metodologia não está separada de um movimento mais amplo na sociedade que reflete sobre os rumos da ciência. Na atualidade, a ciência em termos globais tem sido fortemente influenciada por uma lógica positivista e cartesiana. Em geral, nesta lógica, os processos educativos formais e não formais, são organizados a partir de características como a linearidade e a disciplinaridade, esquecendo que a realidade é complexa e multidimensional e tais características precisam ser considerados em qualquer processo educativo, como é concebido o processo de incubação pela incubadora da UFRPE.

Nesta perspectiva, o primeiro passo é de rever, ou pelo menos estar aberto à crítica à ciência cartesiana onde os conhecimentos são estanques e separados em caixinhas. Olhar para a realidade em sua complexidade é essencial pois suas problemáticas (multidimensionais) são interconectadas. Assim, uma das orientações teóricas que temos assumido no trabalho realizado na incubadora é o da construção de um paradigma da complexidade como apresenta Edgard Morin, cujos fundamentos são apresentados por ESTRADA (2009). Morin, que se opõe ao paradigma da simplificação, encaminha um pensamento complexo que segundo o autor

[...] parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas que se unem em dialógicas e polilógicas e, com isso, enfrenta a contradição por várias vias. (MORIN, 2000, p. 387 apud ESTRADA, op. Cit.)

Assim sendo, utiliza o conceito básico de “sistema auto-organizado complexo”, que remete à noção chave de *unitas multiplex*<sup>6</sup>. Para MORIN (2002, p. 133), a organização é

---

5 A revolução verde foi uma estratégia do agronegócio para ampliar suas bases no período do pós-guerra. Foi um movimento global, atrelado à promoção da produtividade da agricultura com o objetivo de ampliar a produção alimentar mundial no período do pós-guerra. O termo “revolução” é sobretudo empregado na América Latina. Este movimento compreendeu a implantação de novos métodos de produção com a monocultura, o uso de técnicas industriais, a ampliação da mecanização agrícola, o uso de fertilizantes e inseticidas para o controle de pragas e uma assistência técnica que visava “treinar” os agricultores para o novo pacote tecnológico.

6 Para Morin (2001, p. 55), “[...] a educação do futuro deve ser responsável para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie humana homo sapiens. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais e sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno”.

[...]o encadeamento de relações entre componentes ou indivíduos que produz uma unidade complexa ou sistema, dotada de qualidades desconhecidas quanto aos componentes ou indivíduos.

A complexidade deve assim ser ponto de partida nos trabalhos que temos desenvolvidos e provoca uma necessidade de revermos os nossos processos educativos e suas metodologias de forma paradigmática. O difícil equilíbrio unidade x diversidade, necessário nos processos de construção de conhecimento na perspectiva da complexidade tem sido o nosso maior desafio. Porém, tanto a agroecologia quanto a economia solidária tem sido nossos pontos de apoio para avançar concretamente nesta construção junto às famílias agricultoras e consumidoras dos territórios nordestinos onde a centralidade está na produção de alimentos saudáveis e a melhoria da qualidade de vida das populações rurais.

No trabalho que realizamos, a ciência que construímos vai sendo também ressignificada e aos poucos vamos consolidando um movimento dialético entre teoria e prática que nos fazem afirmar que tanto a agroecologia quanto a economia solidária devem ser vistas como ciência, prática e movimento. Do ponto de vista do acúmulo do debate teórico, compreendemos a agroecologia como multidimensional. (CAPORAL e COSTABEBER, 2000 a; 2000 b; 2001). Uma ciência que busca estudar as estratégias possíveis de fazer agricultura e pecuária a partir de um equilíbrio próprio aos ecossistemas naturais. Nesta perspectiva, o ser humano busca se reintegrar à natureza, aprendendo com ela e criando uma perspectiva sustentável de vida onde os ecossistemas naturais são manejados no sentido da recuperação e da conservação, permitindo às famílias uma melhor qualidade de vida.

Por outro lado, uma das dimensões centrais nesta estratégia é a dimensão econômica, centralidade no trabalho desenvolvido pelas incubadoras. É a reorganização da economia, a partir das estratégias territoriais quem pode permitir modos de vida mais sustentáveis, sobretudo na crítica ao capitalismo e na perspectiva de criação de estratégias socioeconômicas de proximidade, reciprocidade e cooperação onde os coletivos possam ser capazes de fazer a autogestão de suas próprias vidas, através da economia solidária (FRANÇA FILHO, 2001; GAIGER, 2003; SINGER, 2001). A Economia Solidária aparece assim como importante estratégia do fazer econômico para que a agroecologia se afirme nos territórios rurais.

A INCUBACOOP/UFRPE tem, ao longo do tempo, adequado a sua metodologia ao amadurecimento teórico necessário sobre as questões acima elencadas, repensando o próprio conceito de ciência e modelando as reflexões acerca de agroecologia e economia solidária a partir das experimentações vividas nos diferentes processos de incubação a partir de estratégias de educação popular. Nos mais de 20 anos de experiência, a INCUBACOOP, sai de uma perspectiva de incubação de empreendimentos para uma perspectiva de incubação territorial, experimentando diferentes

aproximações e reflexões nesta caminhada que amadureceram a reflexão conceitual e metodológica da equipe.

Para tanto, é fundamental pensar o território a partir da sua identidade, que se desenvolve a partir das características e dinâmicas daqueles que lá estão e não daqueles que querem “desenvolvê-lo” a partir de propostas lhes são estranhas. Concordamos assim com Milton Santos (1999, p. 8) quando este afirma que:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Pensar o processo de incubação a partir desta dimensão envolve trabalhar a realidade de forma complexa envolvendo diferentes atores. Esta é a diferença principal do processo de incubação anterior. Podemos afirmar que o trabalho desenvolvido na década de 90, visava sobretudo a geração de renda para os membros dos empreendimentos econômicos solidários acompanhados, a partir da inserção no mercado de suas iniciativas. Naquela época, olhávamos sobretudo para o desenvolvimento do empreendimento, sem necessariamente privilegiar os demais atores no território e o seu enraizamento no território.

Em escritos anteriores (DUBEUX, 2016, p. 91), já havíamos apresentado a nossa visão acerca das principais diferenças entre os modelos de incubação que estão consolidadas no quadro abaixo:

Quadro 1: Principais diferenças entre modelos de incubação

	<b>Incubação Individual de Empreendimentos</b>	<b>Incubação de Redes, com ênfase no território</b>
<b>Concepção de economia solidária</b>	Crença em um modelo alternativo ao capitalismo a partir da ótica do socialismo operário.	Crença na construção da economia plural a partir da articulação das esferas mercantil, não mercantil e redistributiva da economia a partir da articulação de atores no território.
<b>Relação entre os empreendimentos</b>	Não é imprescindível ao processo de incubação uma vez que há uma crença de que estes vão transformar o mercado e é lá que eles se encontram.	Desde o início do processo de incubação a articulação de empreendimentos é essencial para a estruturação de cada um deles. Sua existência se faz em função da rede socioeconômica que é capaz de compor no seu território

<b>Definição de território</b>	Normalmente o território é visto como um espaço geográfico.	Território como espaço de construção de identidade e, portanto, essencial para definir e redefinir a atividade socioeconômica, se relacionar com os outros atores, construir o debate público e co-construir políticas públicas de economia solidária.
<b>Relação com os outros atores do território</b>	Pontual, ou seja, na medida em que se faz necessária.	Essencial, pois é a partir da articulação dos atores no território que a criação de espaços públicos de proximidade acontece e, a partir daí a construção de uma outra economia.
<b>Tipo de incidência sobre as políticas públicas</b>	Pode ser coletiva, mas em geral, acontece de forma individual (por empreendimento).	Normalmente há uma articulação de atores que elege uma coordenação colegiada que fará em nome de todos o debate com o poder público, chamando-o na medida do possível para o debate com o conjunto dos atores.
<b>Relação com o mercado</b>	Na maior parte das vezes de maneira individual, podendo por vezes se organizar de maneira coletiva para alguns dos aspectos desta relação. Não há necessariamente uma estratégia coletiva de transformação deste espaço complexo que é o mercado.	Existência de uma organização coletiva que permite ao empreendimento acessar o mercado através dela ou individualmente. Porém o mais importante é a existência de uma estratégia coletiva de construção de mercados econômicos solidários onde as relações produção x comercialização x consumo são redefinidas, inclusive nas formas de diálogo com o mercado capitalista.

Fonte: DUBEUX (2016, p. 91)

A opção pela via territorial tem sido amadurecida na INCUBACOOOP desde 2016. Esta escolha metodológica toma uma dimensão mais ampla pois parte da lógica de articulação da economia solidária e da agroecologia no território como um todo. Além disso, coloca para a incubadora o desafio de envolver produtores, consumidores, comercializadores, gestores públicos, educadores e população em geral, num processo mais amplo de construção da economia solidária que, apesar de lento e gradual, constrói raízes no território que facilita a dinâmica de articulação de diferentes iniciativas capazes de transformá-lo. No próximo item, buscaremos compreender como a educação popular e a educação no campo têm sido referenciais importantes nesta construção, buscando compreender em que medida a escola pode ser um elemento catalisador das transformações no

território, sempre em relação com os processos desenvolvido junto aos agricultores e consumidores do município.

*Educação Popular e Educação no campo como referências para a construção do conhecimento e da sustentabilidade*

Falar de educação, não pode estar desvinculado do processo histórico social e humano, haja vista que na história da educação mostram-se indícios para legitimar e naturalizar as diferenças sociais – defendendo os interesses da classe dominante e sua concepção ideológica hegemônica. Por isso, que nas escolas, sempre é divulgado que o campo é do atraso e que as pessoas precisam ir para cidade. Lá, é o lugar ideal “de viver, de lazer, de trabalho”, além da escola urbana, ter mais recursos e conseqüentemente, pode oferecer um ensino de “melhor qualidade”.

Contudo, consideramos a educação enquanto processo de construção de conhecimentos diversos, desde os espaços escolares e não escolares, importantes para a vida e desenvolvimento do ser humano na sociedade (BRANDÃO, 2006). Esses conhecimentos são bem defendidos nas teorias da educação popular e na educação do campo, dois conceitos de tempos históricos diferentes, mas que defendem a perspectiva da construção do conhecimento contextualizado, crítico, emancipatório e formador de sujeitos autônomos que mudem suas realidades para a melhoria do coletivo.

A sociedade moderna trouxe a ideia que o progresso é necessário, mesmo que seja às custas do desmatamento, da poluição, do desequilíbrio ambiental, genocídios de populações que vivem no campo, a produção em grande escala com o uso de agrotóxicos e sementes transgênicas. Grandes empresas internacionais controlam a cadeia alimentar, impondo o que produzir, como produzir e o que iremos comer. Vale ressaltar que essas transformações/modernização estão se dando, mas existe muita resistência e luta dos povos do campo em seus respectivos movimentos e organizações sociais.

O princípio da educação rural<sup>7</sup> no Brasil partiu da ideia que o campo, é o local de grandes produções agrícolas visando apenas o mercado internacional, desconsidera todos os sujeitos que vivem do e no campo. Favorecendo a exclusão social dos diversos sujeitos do campo (agricultores familiares, pescadores, ribeirinhos, indígenas, quilombolas, assentados, extrativistas e outros)

Segundo CALAZANS (1993) desde o início, a escola nas áreas rurais, primeiro chegou bem tarde (há indícios a partir do II império) e só implantada para responder aos interesses e expectativas da estrutura social agrária, enfim, responder para formação de mão de obra para serem absorvidos no setor agrícola.

---

<sup>7</sup> Educação rural se diferencia da educação do campo, pelo fato que a primeira é oferecida às populações do campo, com o mesmo currículo das escolas da cidade, sem nenhuma preocupação com a realidade dos estudantes, não valorizando seus saberes, dificultando o processo crítico de identificar seus problemas e saídas

Segundo BAPTISTA (2003 *apud* MOURA, 2000) a forma como é e/ou era conduzida a educação no meio rural só vem prejudicar o desenvolvimento local, assim como a população que vive ali. Pois os educadores e educadoras legitimam a ideologia urbana na medida em que:

Não valorizam os conhecimentos que os alunos já trazem das experiências de seus familiares, para interagir com conhecimento mais técnico, escolar e científico, nem levam em conta a sua realidade. O aluno entra na escola como se nada tivesse aprendido com seus pais e como se, ao longo da escolaridade, nada pudesse aprender com os pais;  
Os valores cultivados na escola estigmatizam a agricultura e o agricultor, retiram-lhe a sua autoestima, desvalorizam sua identidade camponesa e de classe social;  
O papel que a escola exerce, por meio de seu “currículo oculto”, é de ensinar que, se o agricultor quiser melhorar de vida, ele tem de sair da agricultura, tem de vir morar na cidade, tem de arrumar outro emprego. A escola identifica melhorar de vida com deixar a agricultura. “Vocês precisam estudar para não ficar como os pais de vocês”;  
A identidade conhecida pela escola é a de “matuto, pé-rachado, brocoió” em oposição ao urbano, desinibido, comunicativo, sabido, esperto e com o futuro garantido. Ou, então, disfarça os preconceitos: “ela é do sítio, mas é tão bonita”, como se as meninas do sítio fossem feias e as da cidade bonitas. “É um matuto, mas é educado”, “é pobre, mas, pense num sujeito decente”, ou “é do sítio, mas não é rude” (BAPTISTA, 2003. p. 17 - 18).

Assim, com toda essa discriminação aos sujeitos do campo, a educação legítima em suas práticas, fazer com que os educandos e as educandas sintam vergonha de sua condição de filhos e filhas de agricultores(as). Segundo FERNANDES e MOLINA (2004) a educação rural no Brasil, foi estruturada para ser o que se tem de pior e inferior na escola (ideologicamente e infraestrutura). Os autores defendem uma outra proposta de educação para o campo:

O movimento Por uma Educação do Campo recusa essa visão, concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto à relação com a natureza, com o trabalho, sua cultura, suas relações sociais (FERNANDES e MOLINA, 2004, p. 09).

Portanto, a escola e suas práticas precisam ser repensadas e redesenhadas para uma sociedade e sua diversidade de culturas e povos em todos os sentidos – educacional, econômico-produtivo, político, ambiental e ético, é em busca dessas mudanças que nasce e se fundamenta o movimento da educação do campo. Levantando também as seguintes questões: qual a escola que queremos? Qual o papel político da escola na construção do desenvolvimento sustentável e inclusiva?

Foi a partir da década de 1990, com o debate de uma proposta de educação para meio rural que supere essas deficiências, tanto ideológicas quanto de infraestruturas físicas. O termo Educação do campo vem como uma proposta política das organizações sociais do campo, que defende uma educação emancipadora e que respeite a diversidade de sujeitos e de propostas de desenvolvimentos.

Ao longo dessa década, houve vários eventos que fomentaram calorosos debates políticos acerca da proposta de uma educação diferenciada e contextualizada para o meio rural brasileiro, com base nos princípios da educação popular que tem como orientação: “[...] *memória histórica, a*



*identidade coletiva e dinamização cultural; valorização da cultura popular; construção da organização popular e fortalecimento do poder popular [...]”* (HUIDOBRO, 1982, p. 48).

BRANDÃO (1994, p. 48) também defende que o “[...] *princípio operacional está na comunidade popular (como o lugar social de realização do povo) e seu fim estratégico, no movimento popular (como o lugar político de realização das classes populares) [...]”*. Por tal concepção é que se dá a aproximação com a educação popular e educação do/no campo, de modo a construir uma educação que forme sujeitos de direitos, pois o direito não pode ser tratado como uma mercadoria (CALDART, 2002).

Tais princípios contestam a sociedade capitalista, que se apoia numa educação utilitarista e que vê na escola um instrumento para reproduzir as desigualdades sociais. Surge, então, o questionamento. É possível que esta escola possa exercer outra função? Que esteja formando para a transformação, mesmo dentro do Estado? A respostas a essas questões são fortalecidas com a forte presença da comunidade no trabalho na escola, o que contribui para incluir e valorizar essas ideias no Projeto Político Pedagógico das escolas que tem consequências no compromisso assumido por docentes, gestão escolar e comunidade.

A sustentabilidade vem sendo nos últimos anos o ponto em comum para discutir, uma outra concepção de educação que promova

[...] a aprendizagem do sentido a partir da vida cotidiana, a promoção de um novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico. A educação para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. (GADOTTI, 2005, p. 15)

Os elementos acima destacados nos serviram de ponto de partida para o trabalho desenvolvido nas escolas municipais de Bonito-PE. A promoção de atividades que pudessem aproximar a escola da comunidade, formar gestores e educadores e criar um ambiente lúdico com os estudantes. Tudo isto, no sentido de refletir e valorizar a sua condição de moradores de contextos rurais, promovendo a sustentabilidade e, sobretudo, evidenciando que “Bonito Consciente: alimentação saudável é vida”, lema da campanha promovida pela INCUBACOOOP – UFRPE com os agricultores que acompanha, junto à consumidores, escolas e população em geral.

### *O trabalho desenvolvido nas escolas da Rede Municipal de Bonito - PE*

O município de Bonito, considerado uma das 7 maravilhas de Pernambuco, faz parte da mesorregião do Agreste pernambucano. Está inserido numa área de transição entre a Zona da Mata e o Agreste do estado. O município se destaca principalmente pelas áreas de remanescentes de mata atlântica bem como por sua abundante produção de água para as bacias hidrográficas dos rios Una e Sirinhaém.

A partir de 2008, Bonito começa a destacar-se ambientalmente, através de uma ação da gestão municipal, que avançou na discussão e criação de três unidades de conservação – UC - em seu território. Desde então foram formalizadas a Reserva Biológica Municipal da Mata da Chuva, o Parque Ecológico das Matas do Mucuri e Himalaia e o Parque Municipal Orquidário Natural da Pedra do Rosário. Essas UC estão localizadas em áreas estratégicas com corredores ecológicos naturais, reservas florestais particulares e uma enorme malha de mananciais hídricos compostos por nascentes, riachos, cachoeiras e pequenas e médias barragens.

Deste modo, ainda que pese o compromisso e a dedicação do governo municipal em fortalecer as políticas de conservação e manejo sustentável da biodiversidade local, a atividade agrícola convencional tem deixado suas pegadas e contribuído significativamente para degradação ambiental dos espaços protegidos e dos agroecossistemas locais mediante a chegada do modelo de agricultura convencional. No cenário econômico pernambucano, Bonito também se destaca no setor agropecuário. O município segue a tendência da região Agreste, apresentando diversidade de estabelecimentos agrícolas, em destaque a ampla expressão da agricultura familiar presente em seu território, presentes majoritariamente na zona serrana do município, com produção de frutíferas, tubérculos e algumas espécies hortícolas (IBGE, 2006).

O desafio de trabalhar a construção do conhecimento agroecológico em Bonito/PE a partir da interlocução com a comunidade, escola, universidade, gestão municipal e Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) trouxe a partir de 2016 uma visão orgânica e viva do território como centralidade nas discussões associadas à preservação da agrobiodiversidade, combate ao uso de agrotóxicos e fomento de práticas de alimentação saudável. Para além disso, estava incluída na estratégia um trabalho com as escolas municipais visando uma formação mais humana de educadores e educandos buscando transformá-los em multiplicadores do conhecimento, a fim de compartilhar uma pluralidade de saberes tecendo a formação de uma nova consciência ambiental no município.

Foi neste âmbito que a INCUBACOOOP/UFRPE elaborou o projeto financiado pela chamada 27/2017 do CNPq, que contribuiu para fortalecer uma articulação entre parceiros, quais sejam o Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco - IPA, a Universidade Federal Rural de Pernambuco através do seu Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC) e da INCUBACOOOP/UFRPE, o Coletivo Aimirim (organização informal vinculada às temáticas da Agroecologia e da economia solidária) e a Prefeitura Municipal do Bonito. O projeto tinha como centralidade a construção de rede de economia solidária e agroecologia em torno da temática da alimentação saudável articulando produtores, movimentos sociais, consumidores, gestores públicos e população em geral. Tudo isto se materializa principalmente na inauguração do Mercado da Vida em 2016, o primeiro mercado público de Pernambuco que comercializa exclusivamente alimentos

agroecológicos e que tem servido como centro de referência para os debates públicos sobre as temáticas ambientais na cidade.

Participam atualmente do Mercado da Vida cerca de 15 agricultores/as, que iniciaram no processo de transição agroecológica se adaptando às novas vertentes da agricultura não convencional. Além disso, compreende-se como um local de grande diversidade de atividades econômicas organizadas a partir dos princípios da solidariedade, autogestão e autonomia. Nessa experiência, a estratégia de aliança entre agricultores familiares em processo de transição agroecológica e economia solidária conectam-se a reflexões de tomada de consciência coletiva em torno da relação com as diferentes dimensões da vida humana sobre a terra.

Este foi o tom do trabalho com as escolas que girou em torno de implantação de horta escolar, realização de trilhas, de exposições, de visitas aos espaços de comercialização dos agricultores e de formação de um grupo de alunos que seriam multiplicadores (monitores ambientais) das propostas levadas pela equipe. Desta forma, o trabalho da incubadora pressupõe um processo pedagógico cujos eixos principais são a educação, o trabalho associado e o acesso aos direitos humanos principalmente o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e à Soberania Alimentar e Nutricional (SAN) pelas populações envolvidas nos processos de incubação territorial.

Trabalhamos em quatro escolas municipais, das quais três eram em zona rural e escolhidas a partir dos seguintes critérios: 1) Duas escolas que estivessem no mesmo espaço geográfico onde estavam os agricultores; 2) A escola presente no subdistrito que usava mais agrotóxicos no município; 3) Uma escola urbana, localizada no bairro da cidade que possuía maiores índices de pobreza e exclusão. Em cada uma das escolas tínhamos, no mínimo, um/a professor/a e um/a estudante da universidade coordenando o processo, mas quando o planejamento, execução e avaliação das atividades a equipe da incubadora trabalhava de forma coletiva. O trabalho coletivo, para além de permitir as interfaces disciplinares, indicava caminhos e estratégias comuns o que permitiu a realização de diferentes atividades onde as quatro escolas estavam presentes.

O trabalho nas escolas adotou a perspectiva da agroecologia e da economia solidária a partir do debate político adotado pela educação do campo. Para além disso, articular a formação dos estudantes com o trabalho de incubação realizado junto aos agricultores em seus sítios e no espaço de comercialização criado. A perspectiva foi de trabalhar tanto a formação de professores quanto de monitores ambientais que pudessem estar vinculados à estratégia de desenvolvimento territorial adotada na incubação. De um lado, articular consumo, produção, comercialização para os produtores; do outro, poder formar a nova geração na perspectiva do resgate da identidade do campesinato, essencial para a estratégia mais ampla de recuperação e conservação ambiental.

A ação de educação para a sustentabilidade desenvolvida pela incubadora no município, implicou em algumas etapas principais, quais sejam: a) diagnóstico com estudantes e professores; b)

desenvolvimento de ações de sensibilização; c) Criação de equipe de monitores ambientais; d) Implantação de horta escolar, e) Realização de trilhas ecológicas, f) Participação e organização em atividades no Mercado da Vida (exposições, feiras de conhecimento, entre outras. As ações foram voltadas principalmente para a valorização do território, com um enfoque no diálogo sobre a forma de produção agroecológica, importância da preservação da agrobiodiversidade local, conhecimento das reservas ambientais e unidades de conservação do município e alimentação saudável.

As estratégias de educação para a sustentabilidade utilizadas podem ser consideradas como catalisadoras de autonomia para esses indivíduos que muitas vezes enfrentam dificuldades de identificação social com o local, ocasionando o êxodo rural. Além disso, servem para refletir com os envolvidos sobre as ameaças presentes em seu território, originadas pelas práticas do monocultivo, chamando atenção para interferência das “armas químicas” acompanhada da subordinação e dominação desse sistema produtivo, que por sua vez se refletem na diminuição de soberania e segurança alimentar.

No processo, foi possível observar como a articulação de conhecimentos interdisciplinares entre os participantes do território e da universidade permitia explorar os temas vinculados ao projeto de incubação a partir da adaptação dos conteúdos curriculares. Assim, por exemplo, discutimos os conteúdos de ciências naturais a partir da horta escolar e das oficinas sensoriais com alimentos, de geografia a partir da caracterização e descrição coletiva da área trabalhada, de português a partir de oficinas com papelão reciclável admitindo o reaproveitamento de materiais para ilustrar livros e poemas ou ainda de história, conhecendo a história do município e provocando-os a refletir acerca do seu protagonismo enquanto sujeitos rurais. Destaque-se a característica transversal e interdisciplinar destas atividades, presente nas propostas de educação para a sustentabilidade. Este princípio, nos permitiu pensar na ação de extensão como retroalimentadora da ação de ensino e pesquisa, pois é o contato com a realidade do outro e a troca de experiências que permite um maior significado às demais demandas acadêmicas.

Um outro aspecto a ser ressaltado é que o processo de transição agroecológica, vivido pelas famílias agricultoras com acompanhamento da INCUBACOOOP/UFRPE, foi vivenciado com os jovens nas escolas, pois as atividades ou eram desenvolvidas nos sítios ou os/as agricultores/as eram trazidos/as para dialogar com os jovens, muitos deles seus próprios filhos, nas escolas. Neste trabalho, os jovens, educadores e gestores das escolas puderam vivenciar o uso de tecnologias sociais não agressoras do meio ambiente e a revalorização da agricultura como espaço de recuperação e de conservação ambiental. Para além disso, desencadeou um processo de reeducação alimentar impulsionando a consciência e o alerta sobre a qualidade de vida e valorizando os circuitos curtos de comercialização, principalmente atrelado ao Mercado da Vida naquele município.

A aproximação da escola incentiva ações de sensibilização sobre o manejo sustentável do agroecossistemas e recursos hídricos, como também o consumo responsável na escola e com as famílias dos estudantes. Os impactos puderam ser visíveis a partir do novo olhar estabelecido entre estudantes, professores, agricultores e consumidores do Mercado da Vida. As oficinas, encontros, reuniões, conversas, diagnósticos e formação realizadas, além do caráter coletivo das vivências, simbolizaram avanços pessoais nas suas vivências, refletidos nos comportamentos na busca pelo reconhecimento e valorização da realidade local dos jovens, no sentido de compreendê-la e transformá-la.

Os impactos ambientais também são visíveis pois, através da sensibilização dos sujeitos envolvidos a respeito da conservação da agrobiodiversidade local e da importância de fazer circular a riqueza produzida no território e o desenvolvimento local sustentável, melhoram a saúde dos produtores e consumidores, consolidando o DHAA e a SAN dos que lá vivem. Portanto, concluímos que as atividades vivenciadas estimulam a todos para reconhecer o papel da escola neste âmbito, preparando educadores, gestores e jovens capazes de multiplicar a experiência em outros espaços do município, promovendo uma alimentação mais saudável oriunda de uma produção agroecológica de alimentos.

### *Considerações finais*

Segundo a Convenção da Biodiversidade Biológica (CDB) o termo “agrobiodiversidade” significa a diversidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo os ecossistemas terrestres, marinhos, dentre outros ecossistemas aquáticos e a complexidade ecológica de que fazem parte. Pensar na agrobiodiversidade como uma temática na educação escolar rural compreende-se como um fortalecimento da construção do conhecimento agroecológico na cidade de Bonito. A sustentabilidade do planeta em seus mais amplos aspectos, se inicia pela proteção do meio ambiente e o respeito pela agrobiodiversidade local. Entender essas pautas em suas problemáticas complexas e multiculturais, desperta uma formação de consciência ecológica que surge a partir de uma ação social emancipadora.

O processo vivenciado junto às escolas municipais de Bonito-PE, indica que os objetivos do projeto foram efetivos, pois os professores, estudantes e comunidades envolvidas demonstraram maior interesse pela conservação e recuperação do meio ambiente, pela discussão dos problemas locais, participaram ativamente das atividades promovidas pela e na escola, e contribuíram de forma efetiva para a dinamização do espaço do Mercado da Vida, onde observamos por exemplo, maior presença dos pais, professores e gestores, tanto como consumidores quanto como participantes das oficinas de alimentação saudável promovida para consumidores.

Para concluirmos, gostaríamos de afirmar que no processo de incubação territorial vinculado à agricultura familiar, a educação ambiental gera um forte sentimento de esperança no sentido dado à economia solidária. A geração de vínculos de reciprocidade na realidade e o envolvimento das crianças e jovens com o processo de articulação vivido no Mercado da Vida entre produtores e consumidores nos faz pensar que Bonito terá, no mínimo, consumidores mais conscientes no futuro, mas sobretudo, cidadãos voltados para a construção de um planeta mais saudável em suas relações políticas econômicas, sociais e ambientais.

## Referências

- BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro. **Educação rural: das experiências à política pública**. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Sustentável – NEAD/Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável/Ministério do Desenvolvimento Agrário, Editorial Abaré, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os caminhos cruzados: formas de pensar e realizar a educação na América Latina. In: GADOTTI, Moacir, TORRES, Carlos Alberto (Org.). **Educação Popular: Utopia Latino-Americana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- CALAZANS, Maria Julieta Costa. Para compreender a educação do estado no meio rural (Traços de uma trajetória). In: TERRIENS, Jaques; DAMASCENO, Maria Nobre. **Educação e Escola no Campo**. Campinas: Papirus, 1993.
- CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: **Por uma Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. V. 4. Brasília, 2002.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.1, n.1, p.16-37, jan./mar. 2000a.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. In: ETGES, V. E. (org.). **Desenvolvimento rural: potencialidades em questão**. Santa Cruz do Sul: EDUSC, 2001. p.19-52.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e sustentabilidade. Base conceitual para uma nova Extensão Rural. In: WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY, 10., Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: IRSA, 2000b.
- CAVALCANTI, J. A.; FREITAS, J. C. R.; MELO, A. C. N.; FREITAS FILHO, J. R. Agrotóxicos: Uma temática para o ensino de Química. **Química nova na escola**. Vol. 32, n° 1, fevereiro 2010.
- DUBEUX, Ana - Do acompanhamento de projetos ao desenvolvimento territorial: uma análise da metodologia das incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários no Brasil. In: **Revista de Economia Solidária**, ACEESA, Ponta Delgada, nº10, 2016, p. 68-97
- ESTRADA, Adrian Alvarez. Os Fundamentos da Teoria da Complexidade em Edgar Morin. In: **Revista Akropolis**, Umuarama, v. 17, n. 2, p. 85-90, abr./jun. 2009
- FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da educação do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo (Org.) **Contribuição para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília: DF. Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2004.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional. *Sociedade e Estado*, v. 16, n. 1, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, 2005, nº 6, pág.15-29. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-72502005000200002](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502005000200002). Acesso em: 10 jun. 2010.

GAIGER, Luiz Inácio A economia solidária diante do modo de produção capitalista. *Caderno CRH*, Salvador, n. 39, p. 181-211, jul./dez. 2003.

HUIDOBRO, Juan Eduardo García. **La Relación Educativa em Proyectos de Educación Popular**. Santiago. CIDE, 1982.

MENESES, Maria Paula e SOUSA SANTOS, Boaventura (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5.ed, Porto Alegre, Sulina, 2015. 120 p.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2002

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Unesco, 2001

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Convenção da Biodiversidade Biológica. Decreto Legislativo no. 2, de 5 de junho de 1992. Disponível em: [https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf\\_dpg/\\_arquivos/cdbport.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_dpg/_arquivos/cdbport.pdf). Acesso em 01 set. 2020.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **Revista GEOgraphia**, ano. 1, n. 1 1999, São Paulo.

SILVA, L. P.; CAVALCANTI, J. A.; QUEIROZ, I. F.; FREITAS FILHO, J. R. A avaliação do impacto do uso de agrotóxico no meio ambiente e na saúde humana: O que pensa o estudante do ensino fundamental do município de Bonito - PE. *Educação Ambiental em Ação*, Número 26, ano VII, Dezembro/2008 - Fevereiro/2008.

SINGER, Paul. Economia solidária versus economia capitalista. *Sociedade e Estado*, v. 16, n. 1, 2001.

## Articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão em Economia Solidária

### A experiência INCOOP/NuMI-Ecosol

Daniilo Malta Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** A superação de problemas da realidade social como a exclusão social e desigualdades estruturais implica na produção de conhecimentos pela Universidade, em especial a Universidade Pública, que articule pesquisa, ação na realidade e processos educativos. Este processo de produção necessita passar a incluir o tornar o conhecimento acessível como parte do processo de produzir conhecimento. A atuação da Universidade mobiliza diferentes conceitos e princípios a depender da concepção ou forma econômica que pretende reforçar. A Economia Solidária como concepção econômica, baseada em princípios como autogestão, cooperação e solidariedade, tem sido considerada estratégia para superação de tais problemas. E sua promoção tem relações com a produção de novos conhecimentos, algo que as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, como experiências da Universidade, começaram a fazer, atuando no campo da Economia Solidária. Esta pesquisa teve como objetivo sistematizar a experiência do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol), sucessor da Incubadora Regional de Cooperativas Populares, da Universidade Federal de São Carlos. As estratégias gerais da pesquisa são: 1. pesquisa pós-fato: a partir da análise de documentos e depoimentos; 2. estudo de um caso: a experiência da atuação do NuMI-EcoSol desde sua origem em 1999 até 2014. Os resultados obtidos evidenciam a articulação entre pesquisa científica, a partir da realidade, acesso ao conhecimento mediante processos educativos e ação na realidade.

**Palavras-chave:** economia solidária; universidade pública; articulação ensino, pesquisa e extensão.

**Abstract:** Overcoming social reality problems such as social exclusion and structural inequalities implies the production of knowledge by the University, especially the Public University, which articulates research, action in reality and educational processes. This production process needs to start including making knowledge accessible as part of the process of producing knowledge. The University's activities mobilize different concepts and principles depending on the conception or economic form it intends to reinforce. The Solidarity Economy as an economic conception, based on principles such as self-management, cooperation and solidarity, has been considered a strategy to overcome such problems. And its promotion is related to the production of new knowledge, something that the Technological Incubators of Popular Cooperatives, as experiences of the University, began to do, acting in the field of Solidary Economy. This research aimed to systematize the experience of the Multidisciplinary and Integrated Center for Studies, Training and Intervention in Solidarity Economy (NuMI-EcoSol), successor to the Regional Incubator of Popular Cooperatives, of the Federal University of São Carlos. The general research strategies are: 1. post-fact research: from the analysis of documents and testimonies; 2. case study: the experience of NuMI-EcoSol's performance from its origin in 1999 to 2014. The results obtained show the articulation between scientific research, based on reality, access to knowledge through educational processes and action in reality.

**Keywords:** solidarity economy; public university; articulation teaching, research and extension.

#### *Economia Solidária e produção de conhecimento acessível como papel das Universidades*

As questões que originaram este trabalho têm como ponto de partida o fenômeno da Economia Solidária, que vem sendo apontado por diversos autores como forma econômica alternativa à forma

---

<sup>1</sup> Doutor em Engenharia Urbana da Universidade Federal de São Carlos (PPGEU/UFSCar). Professor das disciplinas de Materiais de Construção Civil I e II, Geologia e Sistemas Construtivos no curso de Engenharia Civil no Centro Universitário de Franca (Uni-FACEF) desde fevereiro de 2017.



vigente atual e estratégica para outra concepção de desenvolvimento, e as Instituições de Ensino Superior, entre elas as Universidades, e em especial a Universidade Pública, como instituição estratégica para transformação da sociedade, com ênfase em sua relevância social, para além da relevância científica, e que busca maior inclusão, menor desigualdade e erradicação da pobreza. Quais são as possíveis relações entre esses fenômenos, Economia Solidária e a Universidade Pública?

Para aumento da compreensão sobre o fenômeno da Economia Solidária, é importante examinar diferentes perspectivas, abordagens conceituais e teóricas. Do mesmo modo, é fundamental examinar as abordagens conceituais e teóricas sobre Universidades, em especial as experiências das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares.

### *Economia Solidária como objeto de conhecimento e prática: conceitos, teorias e experiências*

Mesmo que haja diversidade de compreensões sobre a origem, o atual significado e importância da Economia Solidária, é possível afirmar que se trata de uma concepção econômica que marca significativa diferença em relação a outras mais conhecidas. De modo geral, a Economia Solidária visa contribuir para a superação de problemas da realidade social, como precarização do trabalho, a exclusão social, as intensificações das desigualdades econômicas e sociais, a pobreza, a poluição ambiental, entre outras questões que são associadas ao sistema econômico atualmente hegemônico, a Economia Capitalista.

É possível encontrar na literatura descrições, análises e debates sobre os princípios e valores fundamentais da Economia Solidária, principalmente a autogestão, a cooperação e a solidariedade. A autogestão pressupõe que os trabalhadores de um empreendimento tenham a posse dos meios de produção, tenham um processo de tomada de decisão democrática, com a busca do consenso e o voto quando houver necessidade, divisão de trabalho mais equilibrada, compartilhamento dos ganhos e perdas, entre outros. Já o princípio de cooperação contrapõe à noção de competição - ao cooperar, os trabalhadores se associam em torno de objetivos comuns e deixam de competir entre si. A solidariedade é um conceito que, fora do âmbito da EcoSol, costuma ser entendido com viés caritativo, pressupondo a manutenção da relação entre desiguais. No âmbito da EcoSol assume carga simbólica e subjetiva, destacando o princípio da igualdade entre as pessoas, com respeito à diversidade e passa a remeter à ideia de co-dependência social (AMORIM, 2010). Participação, centralidade no trabalho e no ser humano, cooperativismo popular são exemplos de outros conceitos debatidos na literatura sobre Economia Solidária.

Singer e Souza (2000) afirmam que a Economia Solidária surge como modo de produção e distribuição alternativa ao capitalismo e que a primeira se parece com um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias, mas é uma síntese de ambas que as superam. Para Singer (2002), a economia solidária é outro modo de produção, com princípios como propriedade coletiva

(ou associada) do capital e o direito à liberdade individual. Segundo o autor, os empreendimentos associativos se constituem numa forma social de produção que historicamente se desenvolve contestando a organização capitalista do trabalho. Gaiger (2013) discorda ao afirmar que se trata de uma transformação social de longo prazo e não um novo modo de produção, defendendo que o possível papel da economia solidária está em comprovar que em termos de desenvolvimento das forças produtivas, a autogestão não é inferior à gestão capitalista. Ademais, ressalta que esta nova “forma social de produção” tem a tendência de se abrigar, de forma contraditória, sob o modo de produção capitalista.

Lavile (1994) defende que a Economia Solidária articula as três modalidades de economia (mercantil, não-mercantil, não monetária) na perspectiva de uma Economia Plural, nos termos de Polanyi (1957). Afirma ainda que a Economia Solidária se constitui como conjunto de atividades econômicas com lógica distinta do mercado capitalista e do estado. Afirma que a economia capitalista é centrada no capital, no acúmulo, nas relações competitivas e no interesse individual; já o Estado detém uma autoridade centralizada e propriedades institucionalizadas; enquanto a Economia Solidária está centrada em fatores humanos, na reciprocidade e nas formas coletivas de propriedade. França-Filho (2006) apresenta uma concepção de Economia Solidária como via sustentável-solidária de desenvolvimento em detrimento de uma via insercional-competitiva. Para este autor, a Economia Solidária está pautada na construção de estratégias territoriais de desenvolvimento em torno do fomento de outra dinâmica econômica.

Com um rápido levantamento da literatura é possível perceber que as iniciativas econômicas solidárias estão em diferentes etapas de uma cadeia produtiva como produção, distribuição, comercialização, consumo e iniciativas de finanças solidárias. (GOMES *et al.*, 2002). A Economia Solidária constitui-se como um movimento que vem se fortalecendo nestes últimos anos por meio da organização popular que reúne diversos atores sociais, que podem ser classificados em: iniciativas econômicas solidárias, gestores públicos e entidades de apoio e fomento (EAFs). Existem diversos tipos de iniciativas econômica solidárias: cooperativas de trabalho que podem ser de produção ou de serviços (as cooperativas constituem a principal forma de empreendimento econômico solidário existente), coletivos informais e associações que não necessariamente mantêm relações comerciais.

Entre os gestores públicos, na esfera federal, existiu entre 2013 e 2018 a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/MTE) que tinha como objetivo promover diversas atividades de apoio à Economia Solidária em todo o país<sup>2</sup>. Ou seja, a Economia Solidária segue agora sem amparo de uma entidade nacional. Nas esferas estadual e municipal, atualmente, existem setores, departamentos ou mesmo secretarias, porém cada localidade de uma forma própria, dependendo do

---

<sup>2</sup> A SENAES foi rebaixada a subsecretaria desde a gestão Temer e depois deixou de existir. (RIBEIRO, 2019)

projeto político e da importância dada à Economia Solidária em cada região.

Quanto as EAFs, elas são organizações civis sem fins lucrativos, públicas ou privadas, que realizam ações de apoio e fomento direto às iniciativas econômicas solidárias, seja por meio de capacitação, assessoria técnica e de gestão. Existem os articuladores em EcoSol que consistem em estruturas de coordenação de redes, centrais de cooperativas, feiras e fóruns de Economia Solidária (CORTEGOSO E SHIMBO, 2005).

Entre as EAFs existem as Universidades que têm como expoente de fomento à Economia Solidária as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs). Em 1996, influenciada por uma concepção de extensão como “transferência de tecnologia” e a partir das experiências de incubadoras de empresas de base tecnológica, de viés capitalista, surge a incubadora tecnológica de cooperativas populares na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com intuito de promover empreendimentos cooperativos populares no entorno do campus universitário. Com a difusão da metodologia desta primeira incubadora, outras começaram a se organizar em outras Universidades. A partir de 1998 formou-se, até então com seis incubadoras, a Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (a rede de ITCPs). (VECHIA *et al.*, 2011)

As ITCPs divergem das incubadoras de empresas, não apenas pelo tipo de iniciativas que fomentam, mas pelo tipo de forma econômica que reforçam. Aquelas têm intuito de fomentar a Economia Solidária enquanto essas estão interessadas em reforçar a forma econômica de mercado capitalista e fazem isto a partir de um esforço para “incluir” um público já incluído socialmente, em geral, profissionais graduados. Para isto, oferecem um conjunto de instrumentos, tecnologias, conhecimentos desenvolvidos pelas Universidades para fomento de empresas nascentes. É fato que avançam em relação ao tipo de atuação da Universidade, porém atuam a partir da Universidade prestando serviços a empresas incubadas, com foco na geração de emprego, renda e na promoção de ambientes empreendedores e inovadores. Já as ITCPs, a partir da atuação na realidade social, fazem assessoria com foco na geração de trabalho coletivo e renda, mas também atuam para além dos empreendimentos, fomentando a cooperação entre empreendimento e outros atores dentro de territórios.

Esta pesquisa tem como objeto empírico uma ITCP, inicialmente chamada de Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP) e hoje institucionalizada na Universidade Federal de São Carlos como Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol).

De forma semelhante ao que foi apresentado quanto aos conceitos, teorias e experiências de Economia Solidária, não há um conceito único e universalmente válido de Universidade. Tais conceitos foram construídos, consolidados e trazem aspectos de tempos e espaços culturais, sociais, políticos e econômicos diversos, sendo, portanto, também importante examinar tal debate.

*Papel da Universidade como produção e acesso ao conhecimento no campo da Economia Solidária*

De modo geral, as Universidades Públicas se organizam em torno das atividades de ensino, seja ele de graduação ou pós-graduação, de pesquisa científica e de extensão. No entanto, professores e estudantes raramente realizam os três tipos de atividades e mesmo quando o fazem não é considerando um mesmo objeto ou tema. Neste sentido, de onde vêm as informações que são utilizadas nas atividades de ensino? Elas são atualizadas? Por quem? Com que frequência e a partir de quais critérios? Qual a relação das atividades de ensino com as pesquisas realizadas? Quais os pontos de partida das pesquisas? Todos os professores e estudantes estão envolvidos? Quais os critérios para esta participação? O conhecimento produzido chega até as pessoas que dele necessitam? As pesquisas impactam as atividades de ensino e extensão? Em que medida? Quem faz extensão? Estas são questões sobre a atuação da Universidade, que em geral ocorre de forma segmentada, ou seja, com pouca articulação entre ensino, pesquisa e extensão (MAZZILLI, 2011). Existem experiências que fazem, ou ao menos tentam realizar, ensino, pesquisa e extensão em torno do mesmo objeto ou com maior grau de articulação entre si?

Segundo Botomé (1996), ensino, pesquisa e extensão se relacionam com a identidade da Universidade. No entanto, o autor afirma ser um equívoco considerar ensino, pesquisa e extensão como papel da Universidade, quando são apenas atividades por meio das quais a Universidade operacionaliza sua função, cumprindo seu papel. O equívoco está na substituição de sua efetiva função pelas atividades que realiza. Devido a este equívoco, o autor atribui falta de identidade a Universidade que confunde atividades de rotina com sua razão de ser. As atividades de ensino, pesquisa e extensão não são fins da Universidade, mas meios pelos quais a Universidade realiza seu fim, que o autor defende ser: produzir conhecimento novo e relevante, tornando o conhecimento existente acessível a todos.

Mas o que caracteriza tal processo de produção de conhecimento, considerando tornar o conhecimento acessível como parte de processo? Qual a relação entre este processo de produzir conhecimento e as atividades de ensino, pesquisa e extensão? Como produzir conhecimento e torná-lo acessível por meio da articulação entre ensino, da pesquisa e da extensão?

Pesquisa e educação devem ser articuladas e ter como essência a Extensão, pois separadas têm mais chance de ficarem isoladas e não ter relação alguma com problemas da sociedade. Se a extensão é tida como uma atividade à parte, isso faz com que a pesquisa e educação, em geral apontadas como alienadas, não modifiquem suas práticas. A partir de um diagnóstico de que a Universidade está separada da sociedade é proposta uma terceira atividade – a extensão – ao invés de se corrigir o que há de equivocado ou incompleto com o ensino e a pesquisa.

Neste contexto, são diversas as lacunas de conhecimento que poderiam servir como origem de processos de produção de conhecimento. Este trabalho identificou como lacuna experiências que articulem ensino, pesquisa e extensão no campo da Economia Solidária.

#### *Problema, pergunta, hipótese e estratégias gerais da pesquisa*

De modo geral, o método em pesquisa científica tem como etapas a percepção de um problema teórico ou prático, elaboração de uma pergunta de pesquisa, elaboração de possível solução (hipótese) e a verificação desta hipótese para, então, tirar conclusões. (LAVILLE e DIONNE, 1999)

O problema desta pesquisa é quanto a ausência de articulação entre ensino, pesquisa e extensão na atuação da Universidade, sobretudo a Universidade Pública. A partir deste problema, a pergunta de pesquisa é: *Quais as possíveis relações entre a Universidade Pública, tendo em vista seu papel de produção de conhecimento, em especial as ITCPs, tomando como caso decisivo a experiência do NuMI-EcoSol?*

A Hipótese a ser verificada é: *O NuMI-EcoSol possibilita que membros da comunidade acadêmica se envolvam com o processo de produção de conhecimento, com o desenvolvimento de pesquisas, a partir da ação na realidade e tenham acesso ao conhecimento produzido em oportunidades educativas e na própria ação na realidade de forma articulada em Economia Solidária.*

A partir da hipótese elaborada foi possível estabelecer as estratégias gerais de pesquisa e condução da coleta de dados para poder verificá-las, tendo como caso o NuMI-EcoSol.

Esta pesquisa contou com as estratégias gerais: 1. Levantamento pós-fato, a partir da análise de documentos e depoimentos; 2. Estudo de um caso - a experiência da atuação do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária da Universidade Federal de São Carlos (NuMI-EcoSol/UFSCar) sucessor da Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP), de sua origem em 1999 até 2014.

#### *Caracterização do objeto empírico: NuMI-EcoSol (sucessor da INCOOP)*

O Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária da Universidade Federal de São Carlos (NuMI-EcoSol/UFSCar) é o sucessor da Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP), criada em 1998, como um projeto e em seguida foi transformada em programa de extensão. Foi influenciado pelo surgimento da primeira ITCP na Universidade Federal do Rio de Janeiro que teve iniciativa expandida para outras universidades, com apoio financeiro do governo federal. Na UFSCar, nasceu do esforço conjunto de alguns núcleos de extensão, que deram suporte, inclusive financeiro, para o início das atividades junto à população de um bairro de pessoas pobres e estigmatizadas. O NuMI-EcoSol é membro da Rede de Incubadoras

Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede de ITCPs) desde sua origem em 1999, composta por incubadoras de diversas universidades no país.

A equipe do NuMI-EcoSol é composta por docentes, profissionais de diferentes campos de atuação profissional e alunos de graduação e pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento que assessoram iniciativas solidárias, articulando ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, mantém um conjunto amplo e diversificado de projetos de atendimento a segmentos da população que se apresentam excluídos do mercado de trabalho ou inseridos nele de forma precária. A assessoria aos grupos populares é realizada sob a orientação dos princípios da Economia Solidária, em diferentes situações: com ou sem demandantes externos, com diferentes tipos de demandantes e parceiros, com ou sem definição prévia dos segmentos envolvidos da população, com ou sem atividade produtiva indicada e em diferentes territórios.

Quanto à ação na realidade social, é dada centralidade na assessoria, na forma de incubação, a empreendimentos e grupos para constituição de iniciativas de Economia Solidária. É possível distinguir, observando a atuação da Incubadora entre 1999 e 2014, três momentos distintos em relação às estratégias gerais adotadas. Primeiramente a atuação entre 1998 e 2008 com centralidade na incubação de cooperativas populares e atuação no movimento de Economia Solidária; entre 2009 e 2011, com atuação preferencial em dois territórios, sendo um urbano e outro rural, com fomento ao protagonismo dos empreendimentos econômicos solidários existentes nestes territórios na criação de novas iniciativas econômicas solidárias e no aumento do acesso dos moradores dos territórios a outros direitos de cidadania (como saúde, educação matemática, lazer, cultura etc.), estratégia adotada até a extinção de um ator protagonista, a cooperativa de limpeza e; a partir de 2012 com atuação preferencial no território urbano, momento em que surge novo ator protagonista, o Banco Comunitário de Desenvolvimento Nascente.

#### *Articulação entre pesquisa, ação na realidade social e processos educativos no âmbito do NuMI-EcoSol*

A hipótese que se pretende verificar neste artigo é da articulação entre pesquisa, a ação na realidade e processos educativos como produção de conhecimento, no âmbito das equipes e dos projetos de extensão do NuMI-EcoSol.

Em geral as equipes internas do NuMI-EcoSol estão associadas a projetos em que se captou recurso mediante participação em editais públicos. Em algumas ocasiões há projetos que envolvem várias equipes e até projetos que envolvem toda equipe do núcleo. Estas equipes internas e respectivos projetos produzem conhecimentos específicos (que se relacionam mais com os temas que são objetos das equipes) e gerais (quanto ao NuMI-EcoSol como um todo) e os tornam acessíveis para trabalhadores dos EES, moradores dos territórios de atuação, parceiros diversos, para estudantes da

disciplina ACIEPE<sup>3</sup>, a equipe geral do núcleo, para gestores públicos e outros participantes do movimento de EcoSol por meio de processos educativos e ação na realidade social. O nome dos projetos e composição da equipe de cada projeto pode ser observado no Quadro 1.

**QUADRO 1 - Projetos de ensino, pesquisa e extensão, fontes de financiamento e respectivas equipes**

	<b>Título do Projeto</b>	<b>Equipe: Função e Quantidade</b>
1	Ação de um Polo incubador de Cooperativas Populares na UFSCar	Um professor
		Quatro graduados
		13 graduandos
2	Projeto de Assessoria para o Programa Piloto de Implementação de Cooperativas Populares no Estado de São Paulo	Dois Professores
		Dois graduados
		13 graduandos
3	Formação de 4 Cooperativas (Limpeza, Costura, Reciclagem e Mudanças) no Município de São Carlos	14 Professores
		Três Pós-graduandos
		Quatro Graduados
4	Formação de Cooperativa Popular de Catadores de Resíduos Recicláveis em Jaboticabal	24 Graduandos
		Uma Professora
		Uma Graduada
5	Diagnóstico para Formação de Cooperativa Popular de Catadores de Resíduos Recicláveis em Ribeirão Preto	Três Graduandos
		Uma Professora
		Cinco Graduandos
6	Produção de Conhecimento Simultaneamente a Incubação de Empreendimentos Solidários no Assentamento Rural Pirituba II, Itapeva / SP - Região de Consad. (INEMA RURAL)	Um Professor
		Dois Graduados
		Dois Graduandos
7	Produção de Conhecimento e compromisso social na formação de profissionais de nível superior para EcoSol	Uma Professora
		Sete Graduados
		15 Graduandos
8	Assessoria a incubação de uma cooperativa popular na cidade de Rio Claro - Multibrás/Consulado da Mulher	Dois professores
		Três graduados
		Sete graduados
9	Busca de melhor inserção no mercado da reciclagem de resíduos por meio de invest. e ação conj. entre Univers. e Coop. de Catadores	Três professores
		25 graduados
		Sete graduandos
10	Organização de consumidores como condição para sustentabilidade de empreendimentos solidários	Um professor
		Dois graduados
11	Incubação de empreendimentos econômicos coletivos autogestionários. com agricultura familiar da região de Araras e do assentamento Horto Loreto para produção e comercialização de derivados de cana e tomate orgânicos (INCUBAF)	Um Professor
		Cinco Graduado
		Uma Graduanda
12	Incubação de Novas ITCPs na UNESP / núcleos sede, de Assis, Ourinhos, de Presidente Prudente	Relatório não encontrado
13	Cooperasolmat: uma cooperativa solidária, ampliando a coleta seletiva de Matão/SP	Relatório não encontrado
14	Ampliando e articulando iniciativas de Economia Solidária para desenvolvimento local em territórios urbanos e rurais	14 Professores
		Três Pós-graduandos
		Duas Técnicas administrativas
		Oito Graduados
15	Economia solidária e desenvolvimento em território urbano: Jardim Gonzaga e Jardim Monte Carlo – São Carlos – SP	20 Graduandos
		Seis Professores
		Um graduado
16	Proposição de diretrizes para PP em EcoSol: como condição para desenvolvimento de território urbano: caso Jardins Gonzaga e Monte Carlo – São Carlos – SP	23 Professores
		Oito Pós-graduandos
		Dois Técnico administrativos
		19 Graduados
		39 Graduandos
17	Constituição de Arranjos Produtivos Locais na Cadeia da Música Independente em São Carlos	Um professor
		Quatro graduados
		Um graduando
18	Ampliação e articulação de iniciativas de Economia Solidária como estratégia para desenvolvimento local sustentável	Nove professores
		Um graduado
		Quinze graduandos
19	Análise da Cadeia Logística de produtos fabricados com Fuxico e a partir de resíduos como tecido, para Empreendimento Econômico Solidário	Um professor
		Dois pós-graduandos

<sup>3</sup> Tipo de disciplina existente na UFSCar desde 2002, denominada Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE). O NUMI-EcoSol oferece uma ACIEPE sobre Economia Solidária e Cooperativismo Popular.

		Quatro graduados
20	Construção de conhecimentos conjunta e articulação de ITCPs no Estado de São Paulo (Projeto Articulação)	Quatro Professores
		Três Pós-graduandos
		Nove Graduados
21	Centros digitais e cadeias produtivas - agregação de tecnologia e desenvolvimento territorial	Cinco professores
22	Fomento as ITCPs: Economia Solidária como estratégia para o desenvolvimento local e sustentável: contribuições da Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos (PRONINC 2010)	18 Professores
		Sete Pós-graduandos
		Oito Graduados
		45 Graduados
23	Constituição de Cadeias Produtivas Solidárias como estratégia para desenvolvimento local sustentável	Cinco Professores
		Um Graduado
24	Formação de estudantes e produção de conhecimento simultaneamente a consolidação de empreendimento econômico solidário dentro da cadeia dos usos múltiplos da madeira, localizado no assentamento rural Pirituba II, Itapeva, região de CONSAD e Território da Cidadania	Seis Professores
		Um Pós-graduando
		Quatro Graduados
		Cinco Graduados
25	Inserção produtiva de inscritos no Cadastro Único em Empreendimentos Econômicos Solidários na Cadeia Produtiva da Alimentação	Três Professores
		Dois Graduados
		Dois Graduados
26	Ampliação e consolidação de cadeia produtiva da limpeza em projeto de desenvolvimento territorial com Economia Solidária	Uma Professora
		Um Graduado
27	Análise do processo de desenvolvimento de produtos de confecção para Empreendimento Econômico Solidário	Dois Professores
		Um Pós-graduando
28	Desenvolvimento Territorial sustentável por meio de ações Multidisciplinares e Integradas de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária.	Doze Professores
		Quatro Pós-graduandos
		Dois Técnicos Administrativos
		Treze Graduados
29	Desenvolvimento Territorial do Jd. Gonzaga e entorno - São Carlos-SP, mediante o fortalecimento da rede de EES, a consolidação do BC Nascente e a melhoria do acesso a direitos de cidadania	Sete professores
		Oito Graduados
		Um graduando
30	Ampliação e diversificação de ações de fomento à Economia Solidária na implantação do NuMI-EcoSol	Seis Professores
		Uma Técnica Administrativa
		Cinco Graduados
		Um Graduando
31	Articulação e constituição de redes entre EES a partir do protagonismo de um empreendimento de catadores de resíduos recicláveis como estratégia de fortalecimento da EcoSol	Dois docentes
		Dois graduados
		Seis graduandos
32	Promoção de práticas éticas, responsáveis e solidárias de comercialização e consumo como suporte e fomento à Economia Solidária	Seis Professores
		Uma Técnica Administrativa
		Um Graduado
		Três Graduandos
33	Inserção laboral de pessoas com transtorno mental e usuários de álcool ou outras drogas por meio da Economia Solidária	Seis Professores
		Três graduados
34	Caracterização de condições favorecedoras e desfavorecedoras de ações em Economia Solidária na região do campus Lagoa do Sino no processo de estruturação das atividades de ensino, pesquisa e extensão: a contribuição da equipe do NuMI-EcoSol	Uma Professora
		Uma Graduada
		Quatro Graduandos
35	Implementação e sistematização de processos de fomento à Economia Solidária a partir da atuação do NuMI-EcoSol	Dois Professores
		Uma Técnica Administrativa
		Seis Graduandos
36	Habitação Popular, Desenvolvimento Urbano e Economia Solidária como estratégia para o Desenvolvimento Territorial e proposição de diretrizes para Políticas Públicas.	Cinco Professores
		Três Pós-graduandos
		Uma Graduanda
37	Estudos de viabilidade para a constituição de empreendimentos de Economia Solidária para atendimento à comunidade acadêmica em trânsito em São Carlos	Seis Professores
		Uma Técnica Administrativa
		Dez Graduados
		Cinco Graduandos
38	Comercialização e consumo de produtos e serviços de Economia Solidária em São Carlos e região	Seis Professores
		Uma Técnica Administrativa
		Seis Graduados
		16 Graduandos
39	Estímulo a implantação de cooperativas sociais em São Carlos e região	Seis Professores
		Uma Técnica Administrativa
		Sete Graduados
		Quatro Graduandos
40	Economia Solidária: Obstáculos e estratégias para o Desenvolvimento Territorial	Oito Professores
		Quatro Graduados
		Nove Graduandos
41	Ações de suporte em saúde e educação matemática à Empreendimentos de Economia Solidária e ao NuMI-EcoSol – São Carlos	Seis Professores
		Uma Técnica Administrativa
		Dois Graduados
		Três Graduandos

Fonte: Elaborado pelo autor.



Com a coleta destes dados foi possível identificar 41 projetos de extensão entre 1998 e 2014. A partir desta coleta e elaboração do Quadro 1, é possível identificar que a grande maioria dos projetos com relatórios analisados tem equipes formadas por professores, graduados e estudantes de graduação (são 19 de 27), e que 21 projetos contam com estudantes de graduação. Também é possível identificar quantos membros de cada função aparecem nos relatórios analisados. Em 27 dos 41 projetos de extensão executados entre 1998 e 2014, o NuMI-EcoSol envolveu pelo menos 41 professores, 21 pós-graduandos, 4 técnicos administrativos, 70 graduados e 190 graduandos, o que possibilita verificar que se trata de uma oportunidade para comunidade acadêmica produzir conhecimento articulando pesquisa, ação na realidade e educação.

Para verificação de qual atuação na realidade por parte das equipes internas é derivada pesquisa científica foi elaborada uma planilha com: 1. o título de projetos de extensão; 2.a equipe executora e; 3. A produção científica (publicações) e oportunidades educativas (como estágio, TCC, IC) que o membro da equipe participou ou produziu individualmente, que para tanto foi realizada busca nos currículos lattes de cada membro e identificado tema e período das publicações. Um exemplo deste preenchimento para um projeto pode ser observado no Quadro 2.

**QUADRO 2 - Exemplo da Produção científica a partir da atuação no NuMI-EcoSol na cadeia produtiva de alimentação**

Projeto	Equipe	Publicações e oportunidades educativas derivadas do projeto	
Inserção produtiva de inscritos no Cadastro Único em Empreendimentos Econômicos Solidários na Cadeia Produtiva da Alimentação – PROEXT/MEC 2010	Professores	Professora da Terapia Ocupacional (UFSCar)	Não derivou qualquer publicação com relação a este projeto de extensão
		Professora A da Enfermagem (UFSCar)	Apresentação de trabalho Título: Economía solidaria, ciudadanía y cualidad de vida en el territorio: la generacion del trabajo, sueldos, salud y seguridad alimentaria nutricional. Evento: XVI Congreso Latinoamericano de Nutrición. Ano: 2012
		Professora B da Enfermagem (UFSCar)	Apresentação de trabalhos 1. Título: Economía Solidária e práticas educativas em saúde: promovendo qualidade de vida no território. Ano: 2011. 2. Título: Economía solidaria, ciudadanía y cualidad de vida en el territorio: la generacion del trabajo, sueldos, salud y seguridad alimentaria nutricional. Evento: XVI Congreso Latinoamericano de Nutrición. Ano: 2012
	Graduados	Profissional Agrônomo	Não derivou publicação
		Profissional Biólogo	Não derivou publicação
	Estudantes de Graduação	Estudante de Ciências Biológicas	Não derivou publicação
		Estudante de Enfermagem	Estágios: 1. 03/2008 - 06/2008: Estágios, UFSCAR - INCOOP, Estágio realizado, curso de Inclusão digital de sócios de empreendimentos solidários: introdução a alguns recursos disponíveis em computadores; 2. 08/2009 - 11/2010: Estágios, UFSCAR - INCOOP, Estágio realizado, Estagiária da frente de trabalho Qualidade de vida.  Orientações outra natureza: 1. Ampliando e articulando iniciativas de Economía Solidária para desenvolvimento local em territórios urbanos e rurais; 2010; Orientação de outra natureza: (Enfermagem) - Universidade Federal de São Carlos, Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome; Orientador: Professora B da Enfermagem.  Apresentação de trabalhos Título: Economía Solidária e prácticas educativas em saúde: promovendo qualidade de vida no território. Ano: 2011.

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir da ação na realidade por meio do projeto de extensão “Inserção produtiva de inscritos no Cadastro Único em Empreendimentos Econômicos Solidários na Cadeia Produtiva da Alimentação” financiado pelo programa PROEXT do ministério da Educação (MEC), é possível observar que as duas professoras e uma estudante de graduação da equipe apresentaram trabalhos na área do projeto, sobre alimentação. Neste exemplo já é possível afirmar que há no NuMI-EcoSol articulação entre a pesquisas científicas e ação na realidade.

Se considerarmos que a ação na realidade é também uma oportunidade educativa e que no processo de produção, o conhecimento deve se tornar acessível e isto se dá através de oportunidades educativas diversas, também já seria possível afirmar que há articulação entre pesquisa, ação na realidade e processos educativos.

No caso específico de estudantes de pós-graduação foi elaborado o Quadro 4 em que se pode observar um levantamento das dissertações e teses desenvolvidas no âmbito do NuMI-EcoSol.

**QUADRO 3 - Levantamento de pesquisas de doutorado e mestrado no âmbito do NuMI-EcoSol**

Mestrado / Doutorado / Pós-Doutorado	Título da pesquisa / Programa / Ano
Tese	Pessoas com deficiência organizando-se em cooperativas: uma alternativa de trabalho. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSCar. Defendida em dezembro de 2004.
Tese	Trabalho, reabilitação psicossocial e rede social: concepções e relações elaboradas por usuários de serviços de saúde mental envolvidos em projetos de inserção laboral, doutorado em Enfermagem Psiquiátrica. Universidade de São Paulo, USP Ano de obtenção: 2009
Dissertação	Economia Solidária, Cooperativa de Catadores de Resíduos Recicláveis e o Poder Público Municipal: uma experiência no município de Jaboticabal-SP, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana. Defesa: abril de 2005.
Dissertação	A Utilização dos Métodos de Planejamento Participativo durante o Processo de Incubação de Cooperativas Populares. 2007. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos.
Dissertação	Prospecção de Oportunidades para Cooperativas de Catadores da Região de São Carlos - SP na Reciclagem de Plásticos. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência e Engenharia dos Materiais) – Universidade Federal de São Carlos, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
Dissertação	Economia Solidária e Desenvolvimento Local: uma reflexão preliminar dos programas do Governo Federal no Período 2003-2007. 2008. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos.
Dissertação	Saúde Mental e inclusão social pelo trabalho na perspectiva da Economia Solidária - a experiência dos integrantes do Recriart. 2009. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
Dissertação	Incubação de Cooperativas Populares e Extensão Universitária - O Caso da INCOOP - Incubadora Regional de Cooperativas Populares da UFSCar. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos.
Dissertação	Empreendimentos econômicos solidários de catadores no estado de São Paulo: cadeias produtivas de resíduos, processos tecnológicos e parcerias produtivas de resíduos, processos tecnológicos e parcerias. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
Dissertação	Economia Solidária como estratégia de Desenvolvimento Territorial: a atuação da INCOOP no Jardim Gonzaga e entorno, São Carlos, SP. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
Dissertação	O processo de incubação de um empreendimento coletivo autogestionário de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) a experiência da equipe de incubação. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de São Carlos, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Dissertação	Autogestão e tecnologia em cooperativa de catadores (as) de resíduo: uma análise intersubjetiva sob a óptica do campo CTS. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência, tecnologia e sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
Dissertação	Variáveis de empreendimento econômico solidário organizado em cadeia produtiva que impactam no desenvolvimento local de um território urbano. 2011. Programa de Pós-graduação em Engenharia Urbana. Universidade Federal de São Carlos.

Dissertação	A presença de processos autogestionários nos empreendimentos de Economia Solidária pesquisados pelo SIES e a contribuição no campo CTS. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, 2012.
Dissertação	ETNOMATEMÁTICA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: o caso de um grupo de produção de sabão caseiro. Dissertação (Mestrado em Educação Para a Ciência) - Faculdade de Ciências de Bauru, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2012.
Dissertação	Cooperativas de catadores e parcerias com gestores públicos: aspectos promotores de autonomia. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2012.
Dissertação	Conversão do conhecimento: estudo de caso em incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, 2012.
Dissertação	Educação CTS e descrição de situação-problema para ensino de práticas de consumo ético, solidário e responsável para crianças. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2013.
Dissertação	Produção autogestionária de janelas e adequação sociotécnica. Caso: Carcenaria Coletiva de Mulheres, assentamento Pirituba II, Itapeva/SP. 144f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.
Dissertação	A experiência educativa de um banco comunitário na periferia de São Carlos/SP. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2014
Dissertação	A atuação dos terapeutas ocupacionais em experiências de geração de trabalho e renda no âmbito da saúde mental: estudo sobre a realidade do estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2014
Dissertação	Economia solidária e dinâmica familiar de catadores de materiais recicláveis: um estudo no campo Ciência, Tecnologia e Sociedade. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2014.

Fonte: Levantamento da Equipe do NuMI-EcoSol

Para as dissertações e teses desenvolvidas no âmbito do NuMI-EcoSol (QUADRO 4) é possível observar que os temas se relacionam com o tema da EcoSol e que há indicações de objetos empíricos que são empreendimentos ou iniciativas de economia solidária assessoradas pelo NuMI-EcoSol.

O conjunto das pesquisas e publicações de cada equipe, que são realizadas a partir dos projetos compõe as pesquisa e publicações do NuMI-EcoSol como um todo. O NuMI-EcoSol elaborou e procura manter atualizada uma lista do que tem chamado de produções científicas. Esta lista contém as produções desde o início de sua atuação. No Quadro 5 pode ser observada síntese quantitativa desta produção acadêmica.

QUADRO 4 - Levantamento quantitativo da produção de conhecimento do NuMI-EcoSol da origem até 2014

Tipos de publicação		Quantidade	Total
Produção bibliográfica	Artigos completos publicados em periódicos	39	566
	Livros publicados/organizados ou edições	11	
	Capítulos de livros publicados	49	
	Textos em jornais de notícias/revistas	3	
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	142	
	Resumos expandidos publicados em anais de congressos	20	
	Resumos publicados em anais de congressos	125	
	Apresentações de trabalho	172	
	Demais tipos de produção bibliográfica	5	
Produção técnica	Trabalhos técnicos	6	52
	Demais tipos de produção técnica	46	

Orientações em andamento	Tese de Doutorado	6	31
	Dissertação de mestrado	4	
	Iniciação científica	6	
	Orientações de outra natureza	2	
	Monografia de conclusão de curso de especialização	12	
Supervisões e Orientações concluídas	Supervisão de pós-doutorado	1	152
	Tese de Doutorado	2	
	Dissertação de mestrado	21	
	Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/ especialização	1	
	Trabalho de conclusão de curso de graduação	28	
	Iniciação científica	28	
	Orientações de outra natureza	71	
Projetos de pesquisa		24	
Prêmios e títulos		2	
Participação em eventos		172	
Organização de eventos		11	

Fonte: Adaptado de documento interno do NuMI-EcoSol

O levantamento da produção acadêmica indica que existe produção científica no NuMI-EcoSol e em diferentes tipos. Assim é possível verificar a articulação entre pesquisa, ação na realidade e processos educativos.

### Conclusões

Este estudo possibilitou explicitar evidências de que a produção de conhecimento, a partir da realidade, possibilitou acesso ao conhecimento via processos educativos e ação na realidade (como uma forma de extensão) e indicam estratégias e condições para experimentação de iniciativas para articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

O processo de produção de conhecimento, como papel da Universidade, se dá pela articulação entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Este processo deve incluir tornar o conhecimento produzido acessível e é importante a quem ele se dirige ou beneficia. A pesquisa científica, a partir da ação na realidade possibilita a produção de conhecimentos que se tornam acessíveis pela educação e pela ação na realidade. Quem tem e quem deveria ter acesso à educação superior? Este processo de produção, que pode passar por algo aparentemente simples e corriqueiro, não é o mais habitual na Universidade. Em geral o conhecimento se torna, no máximo disponível, e não chega, ou demora chegar, a quem dele necessita.

A experiência das ITCPs embora sejam, em geral, mais conhecidas pela atuação enquanto extensão universitária (muitas incubadoras começaram e a grande maioria ainda é projetos ou programas de extensão), tanto pesquisa, quanto ensino estão presentes. Existem experiências de

ITCPs nas Universidades, que produzem conhecimento articulando pesquisa, ação na realidade e processos educativos.

A experiência examinada nesta pesquisa, o NuMI-EcoSol, desde sua origem, parte da ação na realidade e busca articular esta ação com pesquisa e processos educativos. É possível perceber, na trajetória do NuMI-EcoSol as diversas mudanças nas estratégias de atuação. A opção pela ação na realidade social difere do que é mais comum na Universidade que é a teoria explicativa dos fenômenos sociais.

Como parte deste processo de promoção da EcoSol pelo no NuMI-EcoSol, tanto o processo de produção de conhecimento quanto as ações na realidade e as atividades educativas envolveram estudantes de graduação e pós-graduação, graduados e professores. Os trabalhadores associados foram envolvidos em ações educativas, mas ainda não participam ativamente do processo de produção de conhecimento científico, apesar de participarem indiretamente e participarem da produção de outros saberes. Qual seria o potencial para as experiências em análise se os trabalhadores fossem protagonistas do processo de produção de conhecimento científico?

As contribuições deste trabalho possibilitam a reflexão sobre o papel da Universidade, sobretudo a Universidade Pública e a Economia Solidária. A Universidade pode ser pensada para além de formadora de profissionais para o mercado de trabalho ou como produtora de pesquisas científicas apartadas da realidade, mas como produtora de conhecimento que se torna acessível por meio da articulação entre educação, pesquisa e ação na realidade. E a Economia Solidária não deve ser pensada apenas como geração de trabalho e renda ou como política compensatória, mas como estratégia em moradores e cidadãos de um dado território podem ser protagonistas, ou seja, para além da renda e dos ganhos econômicos, se prevê a participação e a autonomia dos mesmos, na perspectiva de produção de seus próprios conhecimentos populares e científicos por meio deste repensar do papel da Universidade Pública.

## **Referências**

AMORIM, Andressa Nunes. **Economia Solidária – princípios e contradições**. Dissertação (Mestrado) em Política Social pelo Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Pesquisa Alienada e Ensino Alienante: O equívoco da extensão universitária**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos; Caxias do Sul, RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

CORTEGOSO, Ana Lucia e SHIMBO, Ioshiaqui. Empreendimentos solidários, universidades, movimentos sociais e gestores públicos: articulação de esforços na promoção da Economia Solidária no Brasil de hoje. In: **2ª Jornada Universitaria sobre Cooperativismo, Economía Solidaria y Procesos Asociativos**. Montevideo, 2005.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. (Org.) et al. **Ação pública e economia solidária: uma**

perspectiva internacional. Salvador: EDUFBA; Editora da UFRGS, 2006. 326 p. (Série Sociedade e Solidariedade). ISBN 85-7025-859-3.

GAIGER, Luiz Inácio. **A Economia Solidária diante do modo de produção capitalista**. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18642>. Acesso em: set. de 2013.

GOMES, Fabiana Pereira, KLEIN, Maurício José, et al. **Introdução a Economia Solidária**. Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES): Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E. 2002.

LAVILLE, Jean-Louis. (org.) **L\_économie solidare: une perspective internationale**. Paris, Desclée de Brouwer, 1994.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v.27, n. 2, p. 205 - 221, maio/ago. 2011

POLANYI, Karl. **The Great Transformation**. Foreword by Robert M. MacIver. Boston: Beacon Press, 1957.

RIBEIRO, Mônica. O lugar da Economia Solidária no atual governo. **Conexão Planeta: inspiração para a ação**. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/o-lugar-da-economia-solidaria-no-atual-governo/#fechar>. Acesso em: set de 2020.

SINGER, Paul. **Introdução a Economia Solidária**. São Paulo: Contexto. 2002.

SINGER, Paul. e SOUZA, André Ricardo. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

VECHIA, Renato Della., et al. A Rede de ITCPs - Passado, Presente e alguns Desafios para o Futuro. **Diálogo**, 18. 2011.

## **Economia Solidária e Saúde Mental: reflexões sobre uma experiência de incubação**

Letícia Luana Costa Fabretti<sup>1</sup>

Giovana Domingos da Silva<sup>2</sup>

Ana Maria Rodrigues de Carvalho<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo destacar a trajetória da Associação de Usuárias/os, Familiares e Amigas/os da Saúde Mental de Assis – PIRASSIS, dando continuidade ao registro das experiências de assessoria realizadas pela equipe da Incubadora de Cooperativas Populares da Unesp<sup>4</sup> Assis – Incop Unesp Assis.<sup>5</sup> Nos utilizamos da reflexão sobre o processo de incubação durante os anos de 2018 e 2019, sobretudo no que tange às iniciativas da Economia Solidária, visando geração de trabalho e renda e sua relação com os princípios da Estratégia Atenção Psicossocial, proposta decorrente da Reforma Psiquiátrica e do Movimento da Luta Antimanicomial, em sintonia com a concepção de Redes. Ao longo do relato, refletimos sobre as experiências de campo vivenciadas e destacamos a articulação existente entre Economia Solidária e Saúde Mental.

**Palavras-chave:** economia solidária; saúde mental; reabilitação psicossocial.

**Abstract:** The objective of this research is to highlight the trajectory of Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental de Assis - PIRASSIS, continuing the registration of advisory experiences carried out by the Incubadora de Cooperativas Populares da Unesp Assis - Incop Unesp Assis. We use the reflection on the incubation process during the years 2018 and 2019, especially with regard to Solidarity Economy initiatives, aiming generation of work and income and its relationship with the principles of the Psychosocial Care Strategy, proposal resulting from the Psychiatric Reform and the Anti-Asylum Fight Movement, in line with the conception of networks. Throughout the report, we reflected on the field experiences lived and highlighted the existing link between Solidarity Economy and Mental Health.

**Keywords:** solidarity economy; mental health; psychosocial rehabilitation.

### *Introdução*

A Economia Solidária propõe um modelo alternativo para a organização da produção e da oferta de serviços, apontando para a transformação social, “[...] proporcionando uma distribuição mais justa da renda e estimulando relações sociais e de produção e consumo baseadas na

---

1 Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - "Júlio de Mesquita Filho" (2015 - 2020) com atuações na Rede Pública de Saúde pela abordagem da Psicologia Social e Psicanálise, tendo ênfase em: Saúde Coletiva, Saúde Mental e Gênero e Sexualidade.

2 Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp - Campus de Assis. Áreas de atuação: Economia Solidária, Saúde Mental e Sexualidade e Gênero. Psicóloga na Atenção Psicossocial e Atenção Básica - Secretaria Municipal da Saúde de Assis/SP.

3 Doutora em Psicologia Social - USP SP. Professora aposentada pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp - Campus de Assis. Professora voluntária e Coordenadora da Incubadora de Cooperativas Populares Unesp Assis.

4 Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

5 O primeiro registro ocorreu com a elaboração do trabalho apresentado no II Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária – CONPES, em 2018, UFSCar, São Carlos, no qual procurou-se refletir sobre os métodos de incubação e os desafios e potencialidades do início da parceria.

*cooperação, na solidariedade e na satisfação e valorização dos seres humanos e do meio ambiente.”* (MELLO, 2005, p. 152).

A organização coletiva de trabalhadoras/es, ao constituírem um empreendimento econômico solidário, seja uma cooperativa, associação ou grupo informal, desencadeia um complexo movimento de aspectos objetivos e subjetivos. Reúnem-se pessoas com experiências e saberes distintos, mas com alguns propósitos em comum, como o de gerar trabalho e renda sem a presença do patrão. Elas se tornam sócias! A construção dessa realidade democrática requer a desconstrução de lógicas já incorporadas no cotidiano de uma sociedade capitalista, cujos valores são antagônicos aos da Economia Solidária. Aos invéses da competição, a cooperação; o grande trunfo não reside na conquista individual, mas no fortalecimento do coletivo; no lugar da obediência, o protagonismo.

Neste sentido, essas pessoas colocam-se diante de diversos desafios, desde a organização do processo produtivo ao estabelecimento de novos tipos de relações sociais e econômicas, agora solidárias. Não é pouco para pessoas educadas a cumprirem ordens terem que planejar o próprio trabalho, destacando-se ainda o processo de expropriação de saberes ao qual as/os trabalhadoras/es foram submetidos a partir da divisão social do trabalho. Afeitas, em geral, à execução de uma parcela do processo do trabalho, impedidas de terem a visão do todo, bem como do produto final, essas pessoas, agora não mais empregadas, mas sócias-trabalhadoras, são solicitadas a exercitarem e/ou desenvolverem suas capacidades de antevisão de resultados, de efetuarem controles administrativos, de realizarem a gestão do próprio empreendimento. E mais, guiadas por princípios democráticos, a partir de novas formas de relações sociais.

Esta forma de organização das relações de produção, além da geração de renda, proporciona uma educação democrática e construção de redes que viabilizam experiências novas de arranjos socioculturais e de convivência solidária e cooperativa.

Singer (2008) previa que essas transformações atingiriam não só as pessoas diretamente envolvidas com o trabalho organizado a partir dos princípios da Economia Solidária, mas suas relações coletivas, econômicas e familiares, estimulando a constituição de uma nova sociedade articulada de modo não tão competitivo ou mesmo antagônico.

Ao pensarmos na articulação entre Saúde Mental e Economia Solidária, partimos da construção de Andrade (2000) sobre a relação loucura – trabalho como sendo parte da elaboração de uma política pública intersetorial. A autora aponta o trabalho como meio de interlocução entre essas duas políticas públicas, em curso desde 2004. A junção destas gera reflexões a respeito da relação quanto ao modo, ao significado e ao impacto do trabalho na vida das/os que buscam inclusão social. Dessa forma, sua execução é compreendida através dos significados que lhe são atribuídos, como: “[...] recurso terapêutico, como direito humano, como produtor de subjetividade, como possibilidade



*concreta de cidadania e de emancipação como instrumento de autonomia dos usuários dos serviços.*” (ANDRADE et al, 2013, p. 179).

E Singer (2005), ao referir-se às articulações entre Saúde Mental e Economia Solidária, destaca que:

[...] a economia solidária e o movimento antimanicomial nascem da mesma matriz – a luta contra a exclusão social e econômica. Uns são excluídos (e trancafiados) porque são loucos, outros porque são pobres. [...] A matriz comum de ambos é uma sociedade que fabrica pobres e loucos de modo casual e inconsciente. (p. 11).

### *Estratégia Atenção Psicossocial versus Modelo Asilar*

Compreendemos, como Singer, essa raiz em comum entre Economia Solidária e Reforma Psiquiátrica, a partir de uma conquista social por uma maior inclusão no que tange à visibilidade e existência, perante uma sociedade que vive em constante tentativa de apagamento desses corpos loucos e pobres.

A construção da política pública do Ministério da Saúde, centrada na Atenção Psicossocial, decorreu de longo processo histórico de lutas populares, em crescimento constante, desde o final da década de 70. Nesse período, a Reforma Psiquiátrica, juntamente com a Reforma Sanitária, reivindicava uma compreensão inovadora do termo saúde em sua associação ao bem-estar, em favor da mudança dos modelos de atenção e gestão nas práticas de saúde, defesa da saúde coletiva, equidade na oferta dos serviços e protagonismo das/os trabalhadoras/es e usuárias/os dos serviços de saúde nos processos de gestão e produção de tecnologias de cuidado (BRASIL, 2005, p. 6).

Costa-Rosa (2013) destaca que o entendimento existente sobre saúde mental – no período anterior à Reforma Psiquiátrica – era baseado no princípio antagônico de “saúde-doença”, patologizando aquilo que destoava do “normal”. Em correlação a esse princípio, encontrava-se o de “doença-cura”, responsável por empregar diagnósticos e tratamentos na tentativa de se obter uma cura (ou exclusão) que correspondesse aos ideais sociais. O paradigma psiquiátrico hospitalocêntrico medicalizador (PPHM) engloba ambas visões. No início da década de 80, temas como loucura e suas formas de institucionalização – no contexto de uma política de exclusão e isolamento, somados à violência sofrida pelas/os internas/os dentro dos estabelecimentos – deram origem a um movimento social que exigia do Estado a concretização dos direitos à saúde da população. A partir da atualização do termo saúde, concebido como “[...] *resultante da complexidade de fatores sociais, econômicos, culturais e políticos* [...]” (YASUI, 2006, p. 25), em 1987, foi realizado o II Congresso Nacional do MTSM – Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental, em Bauru/SP, que adotou o lema “Por uma sociedade sem manicômios”. Nesse ano, surgiu o primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no Brasil, na cidade de São Paulo.

Estabelece-se na Atenção Psicossocial que qualquer sofrimento psíquico há de ser acolhido de maneira horizontalizada, abandonando-se todas as relações de poder autoritárias e verticalizadas. Ao compreender a pessoa como particular e responsável por seu tratamento, possibilita-lhe a compreensão de suas próprias questões e o direito de viver integrado a uma estrutura social que ainda reluta quanto à sua inclusão.<sup>6</sup>

#### *As redes na Estratégia Atenção Psicossocial*

A concepção de rede é assunto discutido pelas Ciências Sociais desde o século XVII e implica em inter-relações sociais entre pessoas e grupos que se articulam formando uma teia de conexões. (COSTA, 2017). Abrangendo o conceito no contexto da Estratégia Atenção Psicossocial, Costa-Rosa sugere o termo “*redes sociais de contratualidade*” e as define “[...] *como a multiplicidade de vínculos que podem abrir para os indivíduos a possibilidade efetiva de realizar trocas econômico-produtivas, socioculturais, afetivo-relacionais e subjetivas [...]*” (2008, p. 1). Segundo o autor, a relevância de se pensar em redes desta maneira evidencia-se quando a Atenção Psicossocial preconiza o retorno dos sujeitos institucionalizados ao convívio familiar e social e o tratamento do sofrimento psíquico em espaços abertos territorializados. Neste sentido, implementar redes tem o propósito de aumentar o poder de contratualidade dos indivíduos.

Quanto mais complexo for o conjunto das redes maior será a autonomia do indivíduo, pois mais amplas e complexas serão suas interdependências e suas referências: a casa, os familiares, os amigos, outros relacionamentos afetivos, as trocas comunicacionais, as trocas socioeconômicas, intercâmbios e experiências culturais (COSTA-ROSA, 2008, p. 1).

Cabe destacar que, de acordo com Quinderé et al (2014), a alta complexidade que exige a assistência do Sistema Único de Saúde (SUS) demanda a constituição de redes assistenciais. As/os autoras/es ressaltam que nenhum equipamento ou serviço de saúde pode ser considerado autossuficiente e, portanto, as redes são determinantes para o funcionamento do cuidado.

Neste sentido, a Portaria nº 3.088 de 23/12/2011, estabeleceu a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) como referência de atenção dos casos de pessoas em sofrimento psíquico e com necessidades devido ao uso de crack, álcool e outras drogas. Projeto de implementação de serviços descentralizados e investimento em equipamentos e equipes de saúde capazes de se conectarem e agenciarem os diferentes níveis e âmbitos dos serviços, garantindo o atendimento às demandas dos sujeitos em sofrimento, em sua mais alta complexidade. Dentre os equipamentos que compõem a RAPS, o CAPS representa o principal dispositivo estratégico, posicionando-se como a referência de Saúde Mental para a Atenção Primária, Secundária e Terciária. O serviço se divide nas modalidades CAPS I, CAPS

---

<sup>6</sup> FABRETTI, Letícia; BENELLI, Sílvia. O lugar do Acompanhante Terapêutico nas equipes multidisciplinares da rede pública de saúde. Relatório de Pesquisa. FCL Unesp Assis. 2019.

II, CAPS III, CAPS AD, CAPS AD III e CAPS i, de acordo com o porte, a complexidade e o tamanho da população (COSTA, 2017, p. 103 e 104).

A Reabilitação Psicossocial, constituída por iniciativas de geração de trabalho e renda, empreendimentos solidários e cooperativas sociais, também compõe a RAPS, juntamente com outros equipamentos, equipes de saúde e instituições destinadas à oferta de tratamento para pessoas em sofrimento psíquico. O objetivo principal dessas iniciativas é a articulação das redes de saúde e de Economia Solidária com os recursos do território, visando assegurar às pessoas usuárias e suas famílias melhorias das condições de vida, desenvolvimento da autonomia, contratualidade e inclusão social. (BRASIL, 2011).

A reabilitação psicossocial é uma estratégia global, múltipla, ética e de solidariedade, que ajuda os sujeitos a lidarem com sua doença em meio aos seus afazeres cotidianos, sua contratualidade afetiva, social, econômica, e viabiliza o melhor nível possível de autonomia para a vida em comunidade (PITTA, 2001; SARACENO, 1999 apud PITIÁ; FUREGATO, 2008, p. 71).

### *Metodologia do Trabalho: tecendo redes com a PIRASSIS*

A Incop Unesp Assis<sup>7</sup>, desde 2006, acompanha, em diversos municípios do Oeste Paulista, associações e cooperativas, atuando junto aos segmentos de catadoras/es de materiais recicláveis, agricultura familiar, rede de consumo solidário e responsável e usuárias/os de serviços de saúde mental (a PIRASSIS, mais recentemente). Sua metodologia baseia-se em referenciais teórico-críticos e na articulação de conhecimentos acadêmicos e populares, buscando produzir a superação das contradições históricas e a transformação da realidade econômica e social.

O acompanhamento dos empreendimentos ocorre por meio de visitas, reuniões semanais, capacitações e oficinas temáticas, visando contribuir para o desenvolvimento desses, intermediar suas relações com gestores públicos e outras instituições, bem como incentivar a organização política das/os trabalhadoras/es. Concomitantemente, a equipe também assessora gestoras/es públicas/os na elaboração e implementação de políticas de inclusão produtiva e estimula atividades de fortalecimento da Economia Solidária, como a organização de fóruns locais e regionais. (MENDES *et al.*, 2014).

A PIRASSIS foi constituída em 2002, por iniciativa de trabalhadoras/es e usuárias/os do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS II de Assis/SP que, a partir da produção de artefatos em

---

<sup>7</sup> A Incop Unesp Assis constitui-se em Projetos de Extensão Universitária, cadastrados e financiados pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura – PROEX.

Ao mesmo tempo, é Núcleo de Estágio Profissionalizante da Graduação em Psicologia.

As atividades desenvolvidas, nesse período, contaram também, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e Ministério do Trabalho, Subsecretaria de Economia Solidária - SENAES (Chamada CNPq/MTb- SENAES 27/2017).

oficinas do serviço de saúde, encontraram uma alternativa para a geração de renda. (LAZARI *et al*, 2018).

No decorrer de sua trajetória, a PIRASSIS, sempre vinculada ao CAPS, estreitou relações com pessoas, coletivos e instituições comprometidos com os princípios da Reforma Psiquiátrica e da Economia Solidária. Dentre essas/es parceiras/os, destacaram-se a Unesp Assis, por meio de núcleos de estágios do curso de Psicologia e o Circuito de Interação de Redes Sociais – CIRCUS, que também atua com a Economia Solidária (Idem, p. 6).

No entanto, com “[...] o encerramento do Núcleo de Estágio Modo de Atenção Psicossocial da UNESP/Assis em 2016, parte das/os estagiárias/os que desempenhavam atividades no CAPS e na PIRASSIS perderam o vínculo com as instituições [...]” (Ibidem, p. 7). A situação na Associação apontava para a importância da retomada de processos educativos que pudessem fortalecer os princípios da Economia Solidária, situação essa que oportunizou a parceria com a equipe da Incop Unesp, em 2017.

Os planos para assessoria de empreendimentos de economia solidária, ainda que orientados por um roteiro, expressam particularidades da situação e das relações que estabelecidas entre trabalhadoras/es e equipe. No processo de incubação da PIRASSIS alguns pontos foram priorizados: reorganização das reuniões semanais, nas quais se dava o processo de gestão; recomposição das frentes de trabalho; mapeamento das parcerias existentes e dos espaços de comercialização; pequeno número de pessoas participando das atividades da Associação. Para tanto, foram restabelecidos pactos e objetivos da PIRASSIS.

É importante ressaltar que essa “reformatação” e demais propostas de assessoria eram colocadas no grupo como sugestões, cuidando para evitar engendramentos cristalizadores. Sistemáticamente, o processo de incubação considerou a organicidade do grupo, as histórias de vida, os afetos e as espontaneidades todas, tendo como norte uma postura política antimanicomial (LAZARI *et al*, 2018, p. 9).

No cotidiano do trabalho de campo, a equipe composta por duas estudantes, buscava adotar estratégias de assessoria fundamentadas nos objetivos estratégicos da Incubadora: acadêmicos, econômicos e sócio-políticos. Para tanto, reuniam-se para refletir sobre o acompanhamento do grupo e efetuar o planejamento das atividades de campo. Os encontros semanais com o empreendimento eram voltados ao desenvolvimento de atividades de formação, levantamento de propostas de melhorias dos processos de trabalho, organização das “retiradas” das/os trabalhadoras/es. Além disso, a equipe envolvia-se com diversas outras tarefas como, junto às/aos associadas/os, cotar preços dos insumos, participar das produções e vendas, articular a participação da Associação em espaços de comercialização, culturais e políticos.

A assessoria debruçou-se, ainda, sobre as questões administrativas e burocráticas, visando à regularização de documentos e revisão do Estatuto, tornando-o mais adequado às práticas atuais da PIRASSIS. A capacitação, uma estratégia permanente, atravessava todos os encontros, fossem reuniões, oficinas de produção ou outros espaços, como os de comercialização<sup>8</sup>. Eram sempre conversas e atividades norteadas pelos princípios da autogestão e do cooperativismo, contribuindo para as práticas de trabalho (produção e comercialização) e auxiliando na divisão das retiradas.

É importante destacar que no início de 2018, tanto em decorrência dos esforços empenhados nos primeiros momentos de incubação, em busca do fortalecimento da Associação, bem como da mudança de endereço do CAPS II de Assis, vindo para um prédio na região central da cidade, materializou-se a oportunidade para que a sede da PIRASSIS, antes situada no CAPS II, fosse transferida para o Ponto de Cultura Galpão Cultural, localizado bem próximo ao novo endereço do Serviço de Saúde. Essa mudança foi extremamente significativa para a Associação. O compartilhamento do espaço com coletivos diversos possibilitou maior contato das/os usuárias/os com outros grupos, bem como a participação na gestão daquele espaço coletivo. Como consequência, ampliou-se consideravelmente a rede de relações sociais, culturais, educacionais e de trabalho da PIRASSIS.

Neste contexto, a Associação reaproximou-se da CIRCUS e de pessoas e coletivos artísticos que começaram a contratar seus serviços culinários para eventos realizados no Galpão Cultural. Estreitou sua parceria com os agricultores familiares do Assentamento de João Ramalho/SP e com a Rede de Consumo e Comercialização Trem Bão, passando a comprar seus hortifrutigranjeiros, constituindo um bonito movimento de transações solidárias. Também foi possível à PIRASSIS conquistar novos espaços para comercialização de seus produtos: Feira Noturna de Assis, quinzenalmente, na região central e Feira de Economia Solidária, mensalmente, do Galpão Cultural. Toda essa movimentação contribuiu para uma maior visibilidade da Associação. A possibilidade de adentrar espaços culturais sempre causou muito entusiasmo nas/os associadas/os. A partir dessas experiências, foram criando vínculos com pessoas e ambientes, o que para muitas/os antes era impensável. Diversas vezes relataram estar frequentando esses lugares com a família e encontrar amigas/os, fora do horário de trabalho.

A participação em reuniões e fóruns regionais de Economia Solidária e nos Fóruns do Galpão Cultural e da Rede Trem Bão também foi geradora de muita expectativa nas/os associadas/os. Nesses encontros, elas/es tinham oportunidade de viajar para outras cidades e entrar em contato com empreendimentos e coletivos antes desconhecidos. Esses compromissos também representaram

---

<sup>8</sup> Destaque para a Oficina “Precificação e Preço Justo”, coordenada por Caio Momesso (pesquisador do CEAPG).

importantes espaços de formação política. Aprendizados ressoavam e sempre apareciam nas falas das/os associadas/os em momentos de trabalho e da reunião de gestão.

Essas vivências impulsionaram, ainda, o desejo dessas pessoas de adentrar em órgãos de controle social. Desde o final de 2019, a PIRASSIS tem participado da constituição e organização do Fórum Assisense de Economia Solidária (FAES) e lutado por uma vaga no Conselho Municipal Sobre Drogas de Assis (COMUD).

### *Fragments do cotidiano da PIRASSIS: o trabalho e as afetações*

Desde o início do processo de incubação, a Associação contou com a participação mais ativa de cerca de dez usuárias/os e algumas/uns estagiárias/os da Unesp Assis, dentre as/os quais duas assessoras da Incop Unesp Assis. Juntas/os compuseram, como frente principal de trabalho, uma oficina de culinária. A partir dela foram experimentadas diversas receitas, entre as quais “receitas de família” trazidas pelas/os associadas/os, posteriormente comercializadas em ambientes públicos.

Em 2019, construímos coletivamente a estratégia “reunião de gestão” para avaliação e planejamento de atividades. Nessas reuniões semanais, no Galpão Cultural, eram traçados planos de trabalho para os próximos eventos, discutidos cardápios (produtos necessários, onde providenciar, por quem), definidas as divisões de tarefas e os turnos de vendas, efetuados os cálculos e partilhas das “retiradas”, decorrentes das comercializações. Sem romantizar, não eram tarefas fáceis, nem para as/os associadas/os, nem para a equipe.

Outra estratégia construída estava no processo produtivo: encontros para a preparação dos alimentos, de modo rotativo para que todas/os pudessem participar da execução daquela receita. Divididas/os em pequenos grupos trabalhavam para fazer uma torta, com ritmos distintos: certa turma preparava os ingredientes – “mise en place” (para soar “chique”); outra preparava a massa, outra limpava o espaço. E ainda, o grupo que ia para a área externa do Galpão fumar cigarro e conversar, entendido como espaço de “ambiência”, sempre muito necessário para a realização dos acolhimentos daquelas/es que não estavam se sentindo bem naquele dia.

Nesses encontros eram debatidos assuntos relacionados aos entraves sociais que as/os atingiam, possibilitando uma abordagem política, para além do foco de uma oficina terapêutica. Era possível apreender suas reflexões sobre o tratamento no serviço de saúde, a utilidade dos dispositivos extramanicomiais, a importância daquele trabalho de geração de renda e emancipação social.

Enquanto cozinhavam, as/os associadas/os costumavam comparar fases da vida: antes e depois do envolvimento com a PIRASSIS, observando as diferenças. Era comum ouvirmos relatos do que aquela receita escolhida representava a cada um deles. Algumas/uns diziam com muita tristeza que antes do “diagnóstico da doença” costumavam cozinhar para filhas/os ou parentes e depois, isso ficou perdido dentro deles. Outras/os relatavam que nunca haviam cozinhado, que era uma novidade

muito interessante; que se pensavam “incapazes” de poder segurar uma faca dentro de casa e o quanto aquele espaço era libertador.

Finalizado o processo de trabalho, a estratégia era compor os turnos de vendas, conforme os espaços e produtos. Na Feira Noturna, quinzenalmente, eram vendidos salgados e doces: tortas, “pastelões”, esfirras, bolachinhas de nata, bolos de pote ou em pedaços, entre outros. Na Feira de Economia Solidária eram vendidas bebidas “patenteadas” como “SucoPira” e “Chá PIRASSIS”. Em ambas, era comercializado o sabão líquido ecológico “Pirabão”<sup>9</sup>. Esses espaços de comercialização, feiras e eventos, eram sempre permeados por muitos acontecimentos e encontros.

Processos de produção e venda finalizados, no próximo encontro ocorria a última estratégia, sempre muito polêmica: as retiradas das/os associadas/os, a partir da contagem dos turnos trabalhados. Esses momentos exigiam grande esforço, exercício de diálogo e de compreensão da autogestão, o que nem sempre era possível para todas/os. Percebíamos, muitas vezes, certo “desespero” quando o valor recebido era menor do que as expectativas pessoais. Ocasionalmente, por falta de consenso, a reunião era encerrada sem finalizar os valores a serem partilhados. Em assembleia, deliberaram por retiradas mensais, no “dia do pagamento”, definidas a partir da apresentação dos valores arrecadados, despesas e tempo de trabalho de cada. Essa proposta causou muita ansiedade a algumas/uns associadas/os, gerando discussões e até mesmo brigas durante as reuniões. Nesses momentos, só nos cabia realizar o manejo e compreensão do sofrimento individual, propondo uma abertura ao diálogo para que todas/os fossem contempladas/os por suas infelicidades e expectativas frustradas, todavia, à luz da realidade concreta.

Concomitantemente a esses trabalhos de autogestão e autoconhecimento da Associação, dávamos andamento ao processo de revisão do Estatuto e realização das novas eleições. A equipe de assessoria debruçou-se nas atividades burocráticas, atualizando os demais nas “reuniões de gestão”, apesar das dificuldades de compreensão. A realização da assembleia e seus resultados foram muito significativos e prazerosos. Tudo foi didaticamente planejado, especialmente a apresentação das responsabilidades da Diretoria, do Conselho Fiscal e respectivos cargos a serem eleitos. A despeito dos entraves por conta de algumas/uns associadas/os serem tutelados por familiares e outras/os que não gostariam de assumir grandes responsabilidades, tudo deu certo. No decorrer da reunião foram compreendendo que aqueles cargos, apesar do nome colocado, seria responsabilidade de toda a Associação e que o presidente não decidiria nada sozinho, por exemplo. Percebemos um crescente ânimo pela possibilidade de se responsabilizarem por um espaço que entendiam enquanto delas/es próprias/os, e que a manutenção e preocupação daquilo dependeria unicamente delas/es.

---

<sup>9</sup> O grupo aprendeu a fazer o sabão em uma Oficina da Secretaria do Meio Ambiente de Assis.

Conseguimos finalizar a eleição com todos os cargos preenchidos e com uma grande euforia no ar por aquela conquista. Entenderam a dimensão de estarmos “dentro da lei” e que a partir dali a Associação estaria na legalidade. Por mais trabalhoso e demorado que esse processo possa ter sido, é importante ressaltar que percebemos que as/os usuárias/os não estavam em uma posição alienante de toda aquela situação, somente aceitando o que dizíamos, elas/es fizeram parte assídua de toda essa construção coletiva, exigiram entender de fato o que estava acontecendo, mesmo que demandasse pautar por duas ou mais reuniões de gestão as burocracias. Não havia pressa de resolução, havia somente a vontade de entender enquanto sócias/os de um trabalho coletivo.

### *Considerações Finais*

As atividades da PIRASSIS, quando vistas pela perspectiva da geração de trabalho e renda, ainda requerem avanços, a dependerem da superação de desafios de ordem objetiva e outros, simbólicos. Entre os desafios concretos cabe destacar: ampliação dos espaços de aprendizagem, como oficinas visando fortalecer o processo de criação e aperfeiçoamento da produção, inclusive dos artesanatos em geral; a construção de um processo participativo para a criação de uma marca para os produtos que possa dar identidade visual, articulando o Movimento da Luta Antimanicomial e da Economia Solidária. Com relação aos desafios de natureza simbólica, apenas possíveis de serem superados, em médio e/ou longo prazo, merece atenção o sentido dado pelas/os usuárias/os aos espaços e fazeres na PIRASSIS.

O certo é que, até agora, a renda gerada às/aos usuárias/os tem sido simbólica, não supre suas necessidades, certamente, apenas produz uma satisfação pela recompensa recebida. No entanto, por ser pequena tem sido para algumas/uns motivo de frustração, para outras/os, oportunidade de manifestação das expectativas de um futuro mais promissor, a partir da luta de todas/os.

A despeito de sua relevância, os aspectos econômicos não têm sido os mais destacados pelos envolvidos com as atividades da PIRASSIS; seus encontros têm sido espaços valiosos de socialização entre usuárias/os e estudantes. Momentos de resgate e relatos de histórias e experiências pessoais e familiares, de compartilhamento e valorização de seus saberes, competências e habilidades, de reconhecimento de si, a partir dos olhares de outras pessoas, de fortalecimento identitário e de elevação da auto estima. Em complemento, os encontros da PIRASSIS com a comunidade, em feiras, festas, fóruns, entre outros, têm sido marcados por muita alegria e reconhecimento social. Momentos para “um dedo de prosa”, rever pessoas conhecidas, apresentar companheiras/os, comercializar produtos, enfim, de diversão e trabalho juntos.

Finalizando, destacamos que o trabalho em rede é um dos pressupostos da Atenção Psicossocial e da Economia Solidária. No caso da PIRASSIS, é evidente como a incrementação da rede de contratualidade social tem contribuído para sua afirmação enquanto uma associação de



geração de trabalho e renda, para além do viés terapêutico. Ao tecer suas redes, enquanto trilha sua trajetória e reafirma sua identidade, a PIRASSIS abre caminhos para que suas/seus associadas/os conquistem espaços, criem e fortaleçam vínculos, implicando-se em seus processos subjetivos e socioculturais.

## Referências

ANDRADE, Márcia Campos. O trabalho como interlocutor entre a saúde mental e economia solidária. In F. HASHIMOTO, Francisco (Org.), **Psicologia e trabalho: desafios e perspectivas**. Assis: UNESP, 2010. p. 241-266.

ANDRADE, Márcia Campos *et al.* Loucura e trabalho no encontro entre saúde mental e economia solidária. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 1, 2013. p. 174-191. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000100014&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 3.088/2011. Preconiza o atendimento a pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, n. 96, 21 mai. 2011. Seção I, p. 37-38. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088\\_23\\_12\\_2011\\_rep.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html). Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. **Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas**. OPAS. Brasília, D.F; MS, 2005. 56 p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15\\_anos\\_Caracas.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf). Acesso em: 31 jul. 2019.

COSTA, Maico Fernando. Concepções de rede e estratégia na Atenção Psicossocial: diferenças, contradições e (inter)conexões. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.9, n.22, 2017. p. 98-112. Disponível em: <http://stat.cbsm.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/viewFile/3369/5005>. Acesso em: 14 ago. 2020.

COSTA-ROSA, Abílio da. **Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica: contribuições a uma clínica crítica dos processos de subjetivação na Saúde Coletiva**. São Paulo: Ed. UNESP, 2013. 334 p. Disponível em: <http://medicalizacao.org.br/wp-content/uploads/2014/08/0.-Costa-Rosa-A.-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-al%C3%A9m-da-Reforma-Psiqui%C3%A1trica-vers%C3%A3o-revisada.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

COSTA-ROSA, Abílio da. **Redes de contratualidade social em sujeitos do sofrimento psíquico grave: Integrando a Estratégia Saúde da Família e Estratégia Atenção Psicossocial no Território**. Assis: Unesp. 06 p. mimeo.

LAZARI, Daiane; DOMINGOS, Giovana; CASADORE, Marcos Mariani; CARVALHO, Ana Maria Rodrigues de. *Experiência de incubação em uma associação de usuárias/os de saúde mental: perspectivas e potencialidades*. In: **II CONPES - Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária**. 2018, São Carlos/SP, UFSCar. p. 01-20. Disponível em: [http://www.conpes.ufscar.br/wp-content/uploads/trabalhos/iiconpes/gt07/1/lazari\\_daianep.m.de\\_domingos\\_giovana\\_casadore\\_marco\\_sm..pdf](http://www.conpes.ufscar.br/wp-content/uploads/trabalhos/iiconpes/gt07/1/lazari_daianep.m.de_domingos_giovana_casadore_marco_sm..pdf). Acesso em: 25 fev. 2019.

MELLO, Sylvia Leser de. In FÍGARO, Roseli (Org.). **Gestão da Comunicação: no mundo do trabalho, educação, terceiro setor e cooperativismo**. São Paulo, Atlas, 2005. p. 151-158.

PITIÁ, Ana Celeste de Araújo; FUREGATO, Antônia Regina Ferreira. O Acompanhamento Terapêutico (AT): dispositivo de atenção psicossocial em saúde mental. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 13, n. 30, 2008. p. 67-77. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832009000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000300007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 mar. 2019.

QUINDERÉ, Paulo Henrique Dias; JORGE, Maria Salete Bessa; FRANCO, Túlio Batista. Rede de Atenção Psicossocial: qual o lugar da saúde mental? **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, 2014. p. 253-271. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v24n1/0103-7331-physis-24-01-00253.pdf>. Acesso em 22 mai. 2019.

SANTIAGO, Eneida; YASUI, Silvio. O trabalho como dispositivo de atenção em saúde mental: trajetória histórica e reflexões sobre sua atual utilização. **Revista de Psicologia da UNESP**. v.10 n.1, 2011. p. 195-210. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/582>. Acesso em 04 fev. 2019.

SARACENO, Benedetto. **Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível**. Instituto Franco Basaglia. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Te Corá, 1999. 175 p.

SINGER, Paul. Saúde Mental e Economia Solidária. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Mental e Economia Solidária: inclusão social pelo trabalho**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. p. 11-12. Disponível em: [http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/SAUDE\\_MENTAL\\_ECONOMIA\\_SOLIDARIA.pdf](http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/SAUDE_MENTAL_ECONOMIA_SOLIDARIA.pdf). Acesso em 09 mai. 2019.

SINGER, Paul. Economia solidária: entrevista com Paul Singer. **Estud. av.**, vol. 22 n°. 62. São Paulo, Jan./Abr. 2008. p. 288-314. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a20v2262.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006. 208 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4426/2/240.pdf>. Acesso em 15 ago. 2018.

## Mulheres e economia popular solidária na construção do bem-viver<sup>1</sup>

Carlúcia Maria Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho é fruto de ações extensionistas desenvolvidas por docentes e discentes da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG Barbacena), em 2018 e 2019. As ações do referido Projeto tiveram como um de seus principais objetivos acompanhar, na Microrregião Barbacena, grupos de mulheres atuantes na prática do cooperativismo, da autogestão e da economia popular solidária. Metodologias de pesquisa-ação foram adotadas com o uso das seguintes estratégias: participação em reuniões, observação direta junto a empreendimentos de economia popular solidária, diário de campo objetivando o registro de informações e observação participante em eventos formativos, organizativos e celebrativos dos empreendimentos. A participação nas reuniões do Fórum Regional Vertentes de Economia Popular Solidária e do Fórum Estadual de Economia Solidária. Foram também espaços privilegiados de formação e organização. Os resultados apontam o protagonismo das mulheres e a economia popular solidária como ferramenta e instrumento de participação, cidadania; inclusão produtiva, em busca do Bem-viver.

**Palavras-chave:** trabalho; mulheres; economia popular solidária; bem-viver.

**Abstract:** The present work is the result of extension actions developed by professors and students of the State University of Minas Gerais (UEMG Barbacena), in 2018 and 2019. In its actions, the referred Project had, as one of its main objectives monitored, in the Barbacena Microregion, groups of active women in the practice of cooperativism, self-management and the popular solidarity economy. Action-research methodologies were adopted using the following guidelines: participation in meetings, direct observation with popular solidarity economy ventures, field diary aiming to record information and observation in formative, organizational and celebratory events of the ventures. Participation in the meetings of the Regional Forum on Solidarity Economy and the State Forum of Solidarity Economy. There was also privileged spaces for training and organization. The results show the role of women and the popular solidarity economy as a tool and instrument of participation, citizenship; productive inclusion, in search of well-being.

**Keywords:** work; women; popular solidarity economy; well-being.

### Introdução

As profundas mudanças ocorridas nas últimas décadas e os dilemas da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea têm agravando mais ainda a produção de desigualdades e configurado um notório crescimento da informalidade no trabalho. Este conjunto multifacetário de transformações, decorrentes do fortalecimento do neoliberalismo, demarcaram o crescimento do desemprego e formas atípicas de trabalho, determinando assim, a informalidade e precarização das condições de trabalho.

As consequências sociais para os trabalhadores são perceptíveis e o debate sobre o papel do Estado e sua capacidade de intervenção socioeconômica cada vez mais ganha centralidade. O

---

1 Parte dos resultados desta pesquisa foi apresentada no GT 1 “Mulheres e Economia Solidária”, durante o V Congresso da Rede das ITCPs, no GT, realizado no Rio de Janeiro, de 1 a 4 de maio de 2019 e, posteriormente, no XXXII Congresso Internacional ALAS PERU 2019 - Hacia un nuevo horizonte de sentido histórico de una civilización de vida, realizado em Lima, entre os dias 1.º a 6 de dezembro do mesmo ano.

2 Pós-doutora em Psicologia Social (UEMG/FAFICH) doutora e mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, graduada em Direito também pela PUCMINAS e docente pesquisadora na Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Barbacena, Departamento de Ciências Humanas.

mercado de trabalho até então era norteado pela política do pleno emprego e sua ânsia modernizadora, agora tem como marca, relações de trabalho flexíveis e precárias, nas quais, tais processos desnaturalizaram os modos de organização da produção até então instituídos nos países centrais - e no caso do Brasil e da América Latina - a informalidade perde seus referenciais históricos, orientados por ideais marxistas.

São vários os estudos demonstrando que nos períodos de crise do capitalismo a retração do mercado de trabalho formal, com a introdução de novas tecnologias e novos modelos de gestão organizacional, possibilitou a proliferação do setor de serviços e cooperativas de produção. O crescente cenário de desemprego, subemprego e informalidade, sobretudo entre os trabalhadores menos qualificados tem contribuído para o surgimento de iniciativas populares e heterogêneas de organização do trabalho associado. A economia popular solidária desponta enquanto experiências de trabalho e geração de renda em um contexto socioeconômico complexo e um mercado de trabalho desestruturado. Estudos têm demonstrado que nessas experiências, a presença feminina é predominante novas sociabilidades são construídas, visando não somente ganhos monetários, mas também outros valores desta outra “economia possível”.

O presente artigo objetiva apresentar experiências de economia solidária em Minas Gerais, protagonizadas por mulheres. Fruto de ações extensionistas realizadas pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em parceria com organizações da sociedade civil, a pesquisa buscou responder a seguinte questão: como o Bem Viver é compreendido e vivenciado pelas mulheres em suas experiências de economia popular solidária e qual a importância dos Fóruns de Economia Popular Solidária em suas práticas cooperativas e autogestionárias? As ações extensionistas foram desenvolvidas no acompanhamento de empreendimentos solidários na microrregião de Barbacena<sup>3</sup> e nas reuniões do Fórum Regional Campo das Vertentes<sup>4</sup>, sendo adotadas metodologias de pesquisa-ação com o uso das seguintes estratégias: participações em reuniões e oficinas nos empreendimentos e nos fóruns de economia popular solidária, observação participante em eventos formativos e festivos, observação direta nos espaços de trabalho e diário de campo com registro de informações.

Os resultados demonstraram que as práticas de cooperativismo popular, além de solidárias são também educativas, fortalecedoras de processos autogestionários, e de inclusão socioproductiva. Demonstraram também que a participação nos fóruns tem sido importante elemento aglutinador de processos educativos e sociopolíticos. No entanto, apontaram também as condições vulneráveis em que esses grupos sociais se encontram. O trabalho cooperado possibilita ganhos econômicos e

---

3 Integram a Microrregião Barbacena 15 municípios. São eles: Alfredo Vasconcelos, Alto Rio Doce, Antonio Carlos, Barbacena, Capela Nova, Carandaí, Cipotânea, Desterro de Melo, Ibertioga, Paiva, Ressaquinha, Santa Bárbara do Tugúrio, Santa Rita de Ibitipoca, Santana do Garambéu e Senhora dos Remédios.

4 Região mineira situada entre a Zona da Mata e o Sul de Minas.

alimentam sua busca pelo Bem viver. No entanto, cotidianamente, esses trabalhadores e trabalhadoras são desafiados a garantir sua sobrevivência diária, além de enfrentar grandes dificuldades nos processos mobilizadores de suas lutas por direitos, cidadania e inclusão socioproductiva.

Além de uma breve introdução e a conclusão, o artigo está estruturado em três partes. A primeira expõe de forma sucinta transformações no mundo do trabalho e suas reconfigurações. A segunda, discute a economia popular solidária, sua pedagogia feminista e o Bem Viver, e a terceira, relata observações e percepções decorrentes das ações extensionistas desenvolvidas pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no acompanhamento às iniciativas de economia popular solidária em Minas Gerais.

### *Transformações e novas reconfigurações na dinâmica do trabalho*

Na formação das sociedades modernas, o trabalho vem ocupando destaque, não apenas no que diz respeito à produção de bens e serviços, mas também enquanto elemento constitutivo de subjetividades, identidades, construção de vínculos sociais e qualidade de vida. No entanto, a inserção ocupacional, sua ação e destino, não decorrem somente de estratégias autorreguladas e autônomas. Expressa também relações de poder e valores culturais em constante mutação no tempo e no espaço. Vários estudos<sup>5</sup> têm demonstrado que nos anos 1990 ocorrem profundas transformações na economia brasileira sob a bandeira do neoliberalismo. Muitos trabalhadores caíram na informalidade, a outros tantos restaram apenas ocupações nos setores de serviços marcados pela heterogeneidade de condições de empregos e baixos salários. O crescente desemprego deu vazão a uma maior fragilidade nas relações de trabalho apoiados por leis federais de ajuste e desproteção da legislação trabalhista que alteraram as regras trabalhistas básicas, possibilidades legais nos contratos de trabalho em nome da desoneração do custo do trabalho. De acordo com Costa (2005), mais do que flexibilização, ocorreu a desregulamentação e a perda de direitos resultando para a classe trabalhadora, um verdadeiro desmonte dos direitos de proteção ao trabalho e um retrocesso para o movimento sindical.

O trabalho assume novas configurações marcadas pela economia informal e processos de flexibilização, fenômeno que cada vez mais se amplia e se expande, frente a um mercado cada vez mais preocupado em atender às demandas por um custo menor possível, realidade esta que tem contribuído cada vez mais para o crescimento de trabalhadores informais, enquanto mão de obra disponível e excedente no mundo do trabalho. Trabalhadores explorados, sobretudo nos setores mais modernos do mercado de trabalho denunciando assim, novas configurações em que vigoram processos de flexibilização, informalidade e precarização. Transformações que conseqüentemente, possibilitaram o aumento do poder econômico de camadas privilegiadas, o aprofundamento das

---

5 Cf. Cacciamali, (2000), Leite (2009), dentre outros.

desigualdades e novas formas organizativas de trabalho. O desemprego tornou-se a manifestação mais profunda e visível de relações de trabalho, e a “*desestabilização dos estáveis*” (CASTEL, 1998, p. 526) torna-se a base fundante da descontinuidade do trabalho.

As múltiplas dimensões da desigualdade, fruto do capitalismo legitimado no mundo ocidental, mantém no Brasil atual as marcas de uma exclusão histórica. Desigualdades e diferenças manifestadas na distribuição desigual da renda, ausência de políticas públicas e sociais, violações dos direitos humanos fundamentais que vitimizam, sobretudo, grupos sociais vulnerabilizados e estigmatizados, dentre os quais, a mulheres são “[...] o incremento da força de trabalho que se subproletariza [...]” (ANTUNES, 2009, p. 208). Desigualdades de classe, gênero e de raça/cor que se articulam e reforçam situações de pobreza e exclusão e se fazem presentes no cotidiano de muitos trabalhadores e trabalhadoras.

No Brasil, os níveis preocupantes do desemprego decorrente da fragilização dos sistemas de proteção social garantidos na Constituição Federal de 1988, para além da carência de renda ou privação, reafirmam que a reprodução da pobreza é mediada pela reprodução das condições de vida. E como se não bastasse, a Emenda Constitucional n.º 95<sup>6</sup>, também conhecida como a Emenda Constitucional do Teto dos Gastos Públicos e da reforma trabalhista<sup>7</sup>, recentemente aprovadas pelo Congresso Nacional, da além de retirarem mais direitos, incorporaram novas formas de inserção ocupacional, elevaram os índices de subemprego, do trabalho precário, da informalidade, da pobreza e da exclusão. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística reiteradamente vem demonstrando isso. Nesse sentido, Crelier (2020) fazendo referência à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD Contínua), demonstrou que a taxa de desocupação no segundo trimestre de 2020 foi de 13,3% e taxa de subutilização, 29,1%. No que se refere aos desalentados, os dados apontam que

[...] A população desalentada (5,7 milhões de pessoas) foi recorde na série histórica, com alta de 19,1% (mais 913 mil pessoas) em relação ao trimestre anterior e de 16,5% (mais 806 mil pessoas), em relação ao mesmo trimestre de 2019. O percentual de desalentados em relação à população na força de trabalho, ou desalentada (5,6%), foi recorde, com a alta de 1,2 ponto percentual, tanto em relação ao trimestre anterior (4,3%), quanto a igual trimestre de 2019 (4,4%). (CRELIER, 2020, 1).

---

6 A Emenda Constitucional n.º 95, de 15 de dezembro de 2016, congelou por 20 anos os gastos e investimentos públicos, limitando assim os investimentos em políticas públicas e sociais.

7 A Reforma Trabalhista, instituída pela Lei Federal n.º 13.467/2017, trouxe mudanças significativas na legislação trabalhista brasileira, entre elas o trabalho intermitente, ou seja, a normatização do contrato de trabalho ou prestação de serviços com subordinação, podendo este ser prestado em períodos alternados, descontínuos e irregulares, e o salário pago proporcionalmente aos dias ou às horas trabalhados.

Vivemos processos de profundas mudanças, tanto do ponto de vista econômico e político, quanto no aspecto sociocultural. Para Castel (1998), a nova tessitura social que vem sendo formatada e consolidada neste conjunto de transformações, decorre de decisões políticas frente à correlação de forças estabelecidas entre capital e trabalho, da ruptura do pacto fordista do pós-guerra e conseqüentemente, a sociedade salarial. Nova reconfiguração social, que prenuncia a “[...] *passagem de uma ordem estabelecida para outra [e] esgotamento de um período de longa duração no meio de um percurso [...]*” (LEITE, 2009, p. 67). Processos de trabalho e globalização neoliberal resultantes de um modelo de acumulação anterior, desencadeando assim, novos rearranjos socioeconômicos tendo em vista a (re)adequação do mercado financeiro e produtivo.

Nas últimas décadas o trabalho vem assumindo novas configurações, marcadas pela economia informal, que em muitos casos pode representar evasão e sonegação fiscais. Observa-se também nesta complexidade, o trabalho terceirizado realizado por meio de microempresas, comércio de rua, comércio ambulante, contratação ilegal de trabalhadores assalariados nativos ou migrantes, trabalho temporário e/ou trabalho em domicílio, dentre outros. Um cenário de “crise” cujo impacto é fortemente plasmado nas relações de trabalho e conseqüentemente, favorece a emergência de empresas terceirizadas, relações de trabalho cada vez mais precarizadas, processos de acumulação flexível<sup>8</sup> e de “mercadificação”. Vale destacar ainda, a expropriação e privatização de bens públicos, cujo impacto é visível não somente para os trabalhadores desses setores, como também à população historicamente excluída do acesso aos bens e serviços públicos. Esta nova ordem econômica e social, além da perda de direitos, carrega consigo tensões e incertezas.

Processos de flexibilização que possibilitaram novas formas de trabalho e suas manifestações atípicas - trabalho intermitente, tempo parcial ou por tempo determinado, ausência de vínculo institucional entre empregado e empregador, frente a ausência de registro em carteira de trabalho e as relações de trabalhos fortemente marcadas por perdas de direitos.

É neste processo de novas configurações do trabalho, surge o trabalho atípico, caracterizado não somente pela nova informalidade, “[...] *mas também, por atividades cujos contratos se diferenciam do paradigma do trabalho assalariado a tempo integral, estável e protegido [...]*” (NEVES, 2011, p. 3), Criado a partir de estudos realizados pela Organização Internacional do Trabalho – OIT, em 1972, o conceito trabalho atípico, surge a partir de estudos nos quais foram observadas formas perceptíveis de deterioração das condições de trabalho e em sua realização predominavam o trabalho por tempo parcial ou por tempo determinado, trabalho em domicílio ou por conta própria. Vale ressaltar também a emergência do trabalho corporativo, ou mesmo outras formas

---

<sup>8</sup> A acumulação flexível segundo Leite é caracterizada pela “[...] *flexibilização da jornada de trabalho, dos processos e das relações de trabalho e dos vínculos de emprego, restando aos trabalhadores, formas de trabalho atípico, como única alternativa [...]*”. (LEITE, 2009, p. 69).

de emprego, de acordo com Antunes (2009) rompem com o modelo anterior, cuja característica básica era o emprego homogêneo e estável. Neste sentido, sua realização geralmente ocorre em

[...] condições de inserção ocupacional caracterizadas por atividades de escala reduzida, baixa produtividade e rendimentos inferiores aos do setor formal. A ausência de proteção social e de relação salarial, marca uma nova ordem em que trabalhadores integrados na sociedade salarial, tornam-se assalariados disfarçados, excedentes de mão de obra disponível às necessidades dos setores mais modernos (LEITE, 2009, p. 71).

Por trabalho atípico, segundo Neves (2011) entende-se um novo arranjo produtivo que ultrapassa territórios e fronteiras, mudam as relações políticas e de poder, acarretando consequências para além da esfera nacional. Do chão da fábrica, as relações de produção invadem o espaço urbano e por meio de pequenos empreendimentos interdependentes e interligados ao processo produtivo de empresas globais, integram a cadeia produtiva e constroem uma rede de atividades interrelacionadas. Relações de poder na esfera nacional e internacional em que são determinadas as diferenciações quanto à inserção de trabalhadores nesta cadeia, sobretudo nas unidades implantadas em territórios menos desenvolvidos. Trabalho atípico em que, por menores salários e ausência de proteção social, são recrutados trabalhadores menos qualificados.

O trabalho atípico se insere na chamada “nova” informalidade, agora normatizada em contratos de trabalho por tempo parcial, temporário ou terceirizado, e por meio do qual, diferentes formas de precarização legal e/ou ilegais, configuram novas formas de inserção na cadeia produtiva. A ‘nova informalidade’ é caracterizada pela presença de “[...] novos trabalhadores informais em velhas e novas atividades articuladas ou não, com processos produtivos formais ou pela presença desses trabalhadores em atividades tradicionais da velha informalidade redefinidas nesse novo contexto [...]” (NEVES, 2011, p. 3). Vale destacar que seu público por excelência são os pobres, os pretos e pardos e as mulheres.

A busca por trabalho tornou-se um processo marcadamente penoso, competitivo e desestabilizador das lutas por direitos e dignidade no trabalho. E não somente desestabilizador no que se refere às relações capital-trabalho, mas também, enquanto processo gerador e desencadeador de inseguranças e incertezas, repercutindo no modo de vida, nas relações e interações sociais, na formação das identidades e na saúde dos trabalhadores. Essas formas atípicas de trabalho tornam-se cada vez mais a regra ditada e adotada pelo mercado de trabalho, atingido não somente determinados grupos e/ou categorias sociais, mas também amplos setores e novas categorias de trabalhadores. E o mais dramático que a oferta de trabalho cada vez mais flexível, precário, informal tem sido caracterizada nas ações governamentais, como políticas públicas de combate ao desemprego, tornando-se cada vez mais a regra ditada e adotada pelo mercado de trabalho, transformando os excluídos da sociedade salarial em assalariados disfarçados, quando não excedentes de mão de obra disponível.



*Trabalho e economia popular solidária: a pedagogia de uma economia feminista e do bem viver*

A abertura indiscriminada do mercado brasileiro às importações nos anos de 1990, bem como a adoção de uma política nacional de altas taxas de juros, contribuíram para o agravamento da crise salarial, a proliferação de atividades econômicas autônomas e iniciativas de economia popular solidária. Argumentam Leite (2009) e Barbosa (2007) que esta realidade constituiu um novo campo da sociologia do trabalho, cuja emergência social se cruza com um conjunto de fenômenos estruturais e conjunturais presentes na atualidade, dentre eles, a expansão de desocupados de longa permanência. Frente a esta realidade, trabalhadores e trabalhadoras, sobretudo jovens e mulheres, encontraram nas iniciativas de economia popular solidária um novo campo de produção e inclusão socioprodutiva. Mas que economia é essa capaz de incorporar um contingente de homens e mulheres em busca de trabalho, inclusão socioprodutiva, dignidade e cidadania?

A economia popular solidária é um modo de produção de bens ou prestação de serviços, de comercialização e de consumo, cujo trabalho é realizado de forma coletiva, tendo como principais fundamentos e princípios, a solidariedade, a autogestão, a cooperação e a sustentabilidade. A produção, a comercialização e as relações de consumo são pautadas em valores não capitalistas. -O que os animam a investir na proposta de uma ‘outra economia’ é seu princípio basilar de organização da vida social, desenvolvimento humano e o bem viver. Relações de trabalho definidas por regras mínimas e jornada de trabalho, salário e rateio do lucro coletivamente decididos entre os integrantes do empreendimento.

A partir de engajamentos de cidadania, as experiências de economia popular solidária são conhecidas por uma multiplicidade de terminologias, tais como: socioeconomia solidária, economia do trabalho, empresas autogestionárias, novo cooperativismo, investimento ético, empresa social, redes de consumo solidário, dentre tantas outras denominações. Constituídas por um conjunto de práticas econômicas e sociais, predominantemente desenvolvidas pelas mulheres, essas iniciativas têm no seu horizonte, não necessariamente uma economia contra o mercado, mas novas relações de produção, comercialização e consumo solidários, pautados em princípios e valores não capitalistas que contribuam para a democratização da economia. Este conjunto de iniciativas urbanas e rurais, são também denominadas de economia feminista e na sua diversidade trazem consigo o despertar da agroecologia, da permacultura, o revigoramento das formas familiares de produção agrícola e expressões do contramovimento em defesa de novas formas de (con)viver e de se relacionar. Nesta diversidade de práticas econômicas e sociais, potencializam-se a democratização dos saberes, a valorização do ser humano em sua integralidade e a busca de um modelo de desenvolvimento local sustentável.

Essas iniciativas possuem uma racionalidade econômica ancorada na geração de recursos (monetários ou não), cuja destinação visa prover e repor meios de vida. Tem no seu horizonte a construção de processos socioeducativos fomentadores de paradigmas produtivos contra hegemônicos e de acordo com Gaiger (2019), buscam integrar, nos processos de produção e comercialização, eficiência, viabilidade, corresponsabilidade e princípios democráticos. Processos nos quais estejam presentes a autogestão e compromisso, conjugando sempre a obtenção de resultados econômicos com outros benefícios. E assim, movida por uma racionalidade econômica distinta da empresa capitalista, essas iniciativas, segundo Gaiger (2007), utilizam recursos humanos próprios, agregados em unidades de trabalho e realizam, de modo individual ou familiar, modalidades de trabalho associativo, formalizados ou não, isto é, cooperativas, empreendimentos autogestionários, oficinas de produção associada, centrais de comercialização de agricultores familiares, associações de artesãos, dentre outros.

As experiências de economia popular solidária se tornam cada vez mais presentes<sup>9</sup>, sobretudo nos setores populares. Araújo e Lombardi (2013), Neves (2012) e Silva (2019), afirmam que o público dos empreendimentos solidários, majoritariamente são constituídos por mulheres pobres, muitas delas são mães chefes de família com filhos e/ou netos ainda pequenos, possuem baixa escolaridade e idades bem variadas. Grande parte dessas mulheres são procedentes do interior de Minas Gerais e sempre estiveram na informalidade, pois nunca tiveram a carteira de trabalho assinada. No entanto, a participação, protagonismo e liderança das mulheres nos empreendimentos de economia popular solidária é notória, e em suas práticas resgatam experiências e metodologias referendadas na sabedoria popular e na troca de saberes, encontrando nos empreendimentos solidários, o horizonte de suas utopias. Práticas holísticas, em vistas do Bem Viver.

E o que é o ‘Bem Viver’? Nos últimos anos, este conceito foi incorporado em diversos países latino-americanos, como Equador e Bolívia na busca de encontrar novas formas de viver e conviver que superem a concepção depredadora produtivista-consumista. Um projeto emancipador, que embora referenciado nos povos indígenas andinos e amazônicos, está presente em diversas culturas, tornando-se assim uma possibilidade de enfrentamento e superação da “[...] crise multifacetada – social, econômica, ecológica, política e civilizatória [...]” (TURINO, 2019, p. 18), tão presente na atualidade. Mas o que é o mesmo o ‘Bem Viver’?

O Bem Viver é uma filosofia em construção, e universal que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós no Brasil, como o teko porã dos guaranis [...] na ética e na filosofia africana do ubuntu – “eu sou porque nós somos”. [...] no ecosocialismo [...] no fazer solidário do povo [...]. Seu significado é viver em aprendizado e convivência com a natureza, fazendo-nos reconhecer

---

9 Cattani (2003), França Filho e Laville (2004), Singer; Souza (2000), dentre outros.

que somos “parte dela e que não podemos continuar vivendo “à parte dos demais seres do planeta” (TURINO, 2019, p. 22-23).

Acosta (2019) em seu trabalho “O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos possíveis” argumenta a interrelação entre os humanos e todos os seres vivos e não vivos. Relacionando direitos humanos e direitos da natureza, chama atenção para os efeitos das mudanças climáticas, as crescentes marginalizações e violências sociais, e fundamenta o *Bem Viver*, como alternativa ao desenvolvimento humano e sustentável. Reflexões e argumentos que demandam repensar a produção e reprodução da vida, considerando os limites do Planeta e exigências de sua biodiversidade. Nesta mesma direção, Melo Lisboa (2005) chama atenção para o modelo de produção, comercialização e consumo propostos na concepção do *Bem Viver*, e neles, um conjunto de potencialidades democráticas, mobilizadores de participação e de organização social.

Ainda sobre a relação *Bem Viver* e economia popular solidária, Sardenberg (2011) destaca a originalidade desta outra economia: estar no mercado sem se submeter à busca de maximização do lucro. A preocupação social e ecológica na produção e a prática do preço justo nos empreendimentos são referenciais importantes. As finanças solidárias democratizando o acesso ao crédito, permitindo conciliar rentabilidade econômica e respeito aos valores éticos e humanistas. Neste sentido, o *Bem Viver*, vem de encontro às diferentes práticas educativas denominadas de pedagogias feministas, cujas práticas educativas são incorporadas nas experiências e iniciativas de economia popular solidária, tendo em vista o “[...] desenvolvimento de uma consciência crítica, como um primeiro passo essencial para ações coletivas transformadoras [...]” (SARDENBERG, 2011, p. 19).

Prosseguindo nesta linha de raciocínio e considerando que as práticas de economia popular solidária se referenciam na pedagogia feminista - aqui entendida como fortalecimento de processos emancipatórios, irruptores de relações assimétricas de poder e hierarquias de gênero -, numa sociedade marcada por desigualdades, seu principal objetivo é promover processos. Processos educativos e feministas que possibilitem o fomento de novas interações e relações sociopolíticas, condição essencial para “[...] libertar homens e mulheres das amarras ideológicas e hierárquicas de gênero, rompendo assim a construção social das diferenças/desigualdades entre os sexos [...]” (SARDENBERG, 2011, p. 19). Considerando que esta pedagogia feminista está relacionada a um conjunto de “práticas educativas”, não se pode falar de pedagogia feminista no singular. Essas práticas educativas desencadeiam processos de educação libertadora, formação da consciência crítica e empoderamento de si, sendo por isso, utilizadas tanto na educação formal, como também no trabalho realizado nos setores populares.

Aliada aos princípios e valores do cooperativismo e da economia popular solidária, a pedagogia feminista, de acordo com Moraes et al (2018), potencializa a troca de saberes, valoriza processos de subjetivação dos sujeitos, ressignificam histórias de vida e potencializa saberes

adquiridos, enquanto elemento agregador indispensável para a construção horizontal e dialógica do conhecimento. As mulheres se reconhecem enquanto sujeitos de direitos e protagonistas de uma nova história. A partir do olhar para si e para a realidade onde vivem reconhecem e reafirmam novos processos organizativos e políticos, mobilizadores de lutas por direitos e por políticas públicas emancipatórias. Sardenberg (2011), no entanto, chama atenção para as contradições e paradoxos que se fazem presentes, uma vez que grande parte dessas mulheres carregam consigo profundas cicatrizes de vivências e experiências marcadas por perdas e exclusões históricas. Histórias e memórias vivenciadas que muitas vezes desafiam a permanência dessas mulheres nesses espaços, comprometendo assim, a “[...] *garantia de que os resultados desejados sejam alcançados, pelo menos, não em curto prazo [...]*” (SARDENBERG, 2011, p. 30).

#### *Ações extensionais e sociedade civil na construção do bem viver*

Imbuída em sua missão de promover o Ensino, a Pesquisa e a Extensão de modo a contribuir para a formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento e a integração dos setores da sociedade e das regiões do Estado, a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) criada em 1989, tem buscado, desde a sua fundação, realizar ações extensionistas, tendo em vista fomentar oportunidades de elaboração da práxis do conhecimento acadêmico, maturidade profissional e produção científica. O compromisso com o fortalecimento de políticas públicas voltadas para todas as áreas do conhecimento, faz com que a UEMG conceba a extensão universitária enquanto um conjunto de processos educativos, culturais e científicos, muitas vezes interdisciplinares, que, articulados com o Ensino e a Pesquisa, produzem conhecimento decorrentes das práticas docentes, compromisso com a educação pública, gratuita e de qualidade e para isso, a relação estabelecida entre os discentes e a comunidade em geral.

Na visão dos docentes da UEMG comprometidos nessas práticas e saberes, as ações extensionistas estreitam a distância entre a Universidade e a comunidade, e reciprocamente, ambas se retroalimentam, pois a comunidade na qual a Universidade se insere, passa a participar da vida acadêmica e nessa simbiose, a vida acadêmica se nutre do conhecimento advindo da comunidade que a acolhe. Essa troca de saberes potencializa a relação transformadora entre a Universidade e Comunidade.

As ações extensionistas da UEMG, no campo da economia popular solidária, têm sido desenvolvidas desde o ano de 2015, inicialmente na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a partir de demandas advindas de cooperativas de catadores de materiais recicláveis e empreendimentos econômicos solidários organizados por mulheres. O Projeto “Apoio às iniciativas de economia popular solidária: um suporte técnico, jurídico e administrativo a empreendimentos econômicos solidários e seus espaços de formação, organização e articulação” é uma dessas ações extensionistas,

desenvolvidas pela UEMG em conjunto com outras parcerias. Em 2018 o projeto passou a ser executado também na Região do Campo das Vertentes de Minas Gerais, sendo interrompido em 2020, devido a pandemia da COVID-19. As ações realizadas objetivaram apoiar empreendimentos econômicos solidários, propiciando aos estudantes de graduação da UEMG, oportunidades para vivenciar a extensão como dimensão universitária geradora de conhecimento e de impacto social. Realizadas em caráter processual e sistemático, as atividades realizadas possibilitaram a esses grupos produtivos populares, maior capacitação administrativa, técnica e sociopolítica.

Numa perspectiva dialógica e participativa, as ações, intervenções e interações realizadas durante a implementação do referido Projeto foram direcionadas a grupos produtivos populares, compostos majoritariamente por mulheres e organizados sob os princípios da economia popular solidária. Fomentar novas sociabilidades e potencializar práticas autogestionárias, tendo em vista o fortalecimento desses empreendimentos no campo da gestão foram processos construídos, tendo em vista fomentar redes de produção e de comercialização, condição *sine qua non* para a emancipação socioeconômica desses grupos vulnerabilizados. A presença e o acompanhamento da UEMG nas iniciativas de economia solidária, seja em reuniões e eventos promovidos nos empreendimentos, ou em reuniões dos fóruns de economia solidária possibilitaram interfaces com organizações da sociedade civil.

Importante salientar que os fóruns<sup>10</sup> são instâncias organizativas fomentadoras do protagonismo dos sujeitos e espaços de formação e articulação de organizações da sociedade civil em suas lutas por direitos. Organizadas em nível nacional, estadual, regional e local, os fóruns de economia popular solidária em Minas Gerais<sup>11</sup> são também espaços de participação, diálogo e troca de saberes. Considerando seu caráter não institucional, reúne representantes de organizações da sociedade civil, entidades de apoio e fomento parceiras, gestores públicos e universidades. Neles também se fazem presentes pessoas comprometidas com o fortalecimento da democracia participativa e cidadã.

Em Minas Gerais, a articulação em fóruns tem sido possível, graças ao apoio de entidades de apoio e fomento, gestores públicos e universidades. Sua estrutura organizativa tem os mesmos modelos, tanto na esfera nacional, como nas esferas estadual regional e local. As ações dos fóruns são desenvolvidas pelas comissões de trabalho, sendo que em Minas Gerais estão constituídas as seguintes comissões: marco legal; formação; comunicação e finanças solidárias. Dessas comissões, o

---

10 Estruturados em nível municipal, regional e estadual, os fóruns de economia popular solidária em Minas Gerais são espaços de debates, deliberações e construção de estratégias de articulação, fomento e fortalecimento dos empreendimentos econômicos solidários.

11 Considerando a extensão geográfica do estado de Minas Gerais e seus 853 municípios, o Fórum Mineiro de Economia Popular Solidária conta com quinze os fóruns regionais.

trabalho em redes, por ramo de atividade<sup>12</sup> ganha visibilidade. As reuniões dos fóruns regionais são realizadas de forma itinerante, sua coordenação é eleita em Assembleia e a partir do aprendizado lento e progressivo, processos organizativos e políticos são construídos. Nelas, além do estudo e reflexão sobre políticas públicas de fomento e gestão administrativa dos empreendimentos, são discutidos também desafios e propostas a serem apresentadas nas reuniões do Conselho Estadual de Economia Popular Solidária (CEEPS)<sup>13</sup>.

Não obstante a importância da participação cidadã desses trabalhadores nesses processos organizativos e políticos, percebe-se também insatisfações entre seus integrantes, evidenciando, inclusive, situações conflituosas nas relações de parcerias construídas com órgãos governamentais. É o que podemos observar no relato abaixo:

Nós não queremos migalhas. Queremos mudar o foco da política e da economia. Repensar ações que ajudem a pensar a vida, o bairro, a sobrevivência, a cultura. Buscar potencializar o desenvolvimento local sustentável, à luz da economia voltada para a comunidade. Como pensar o município, o Estado nesta perspectiva? Mudar totalmente o paradigma de desenvolvimento. E aí também a Economia Solidária faz uma denúncia. Não adianta ficar com pequenas coisas, apenas com o discurso. É preciso fazer mudanças radicais. Repensar a economia, repensar o Estado. [...] Os desafios são muito grandes, mas também nos alegra saber que o povo está se empoderando e vendo que é possível. Vendo que um outro mundo é possível e uma outra economia de fato acontece. No entanto, se faz necessário mudanças na política e também nas nossas finanças, porque da forma como o sistema financeiro está estruturado, seja no Brasil, seja no mundo, é um impeditivo para o crescimento da proposta da Economia Solidária. Ele acaba permitindo algumas migalhas, algumas concessões. [...] A gente sabe que a política faz isso, ela cria concessões, algumas brechas onde as pessoas conseguem ter algumas participações, mas ela não faz mudança no eixo. O eixo político ainda é patriarcal, autoritário, de cima para baixo, em que uma minoria pensante pensa para uma maioria e tenta ser beneficiária desta proposta, contra a proposta de democracia, contra o povo e para o povo.<sup>14</sup>

### *Desafios e possibilidades nesta interação Universidade e Sociedade Civil*

As experiências de economia popular solidária nos empreendimentos acompanhados vivenciam grandes desafios no enfrentamento sua busca pelo *Bem Viver*. Essas iniciativas são permanentemente provocadas a desvelar sua existência e sobrevivência, muitas vezes precária, cuja viabilidade e crescimento têm uma forte dependência de aportes públicos e privados. Embora nessas experiências se façam presentes o discurso do empreendedorismo, autonomia e independência, ficou

---

12 Na atualidade, são três as redes de produção, comercialização e consumo, ou seja: redes de confecção, rede de alimentação e rede de artesanato. Cada uma dessas redes planeja suas estratégias de ações e as deliberações são socializadas nas reuniões dos fóruns.

13 O Conselho Estadual de Economia Popular Solidária (CEEPS) é também um importante espaço de articulação sociopolítica, ferramenta de monitoramento no controle social de políticas públicas e de ações governamentais voltadas para este público. Criado em Minas Gerais pela lei estadual nº. 15.028, de 19 de janeiro de 2004 é constituído por 12 (doze) membros efetivos, com representação paritária de órgãos públicos e entidades civis afetas ao desenvolvimento da Economia Popular Solidária.

14 Plenária “Democracia Participativa e o fortalecimento do Controle Social: uma agenda necessária”, realizada no I ENCONTRO MINEIRO DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA: Diálogos para fortalecer a Democracia, a Rede de Cooperação e o Desenvolvimento Social, ocorrido em Belo Horizonte, nos dias 4, 5 e 6 de julho de 2018.

evidenciado que muitas das ações nos empreendimentos só foram possíveis, devido à presença e apoio financeiro de entidades de fomento e gestores públicos, ou resultantes da ação indutora de governos, universidades e igrejas. Os tempos são sombrios, marcados por retrocessos e a conjuntura sociopolítica e econômica atual ameaça mais ainda o risco de perdas de conquistas significativas, conquistadas a duras penas nas últimas décadas. Pobreza e exclusão se intensificam e ameaçam mais ainda este público tão vulnerável.

Considerando a realidade socioeconômica das mulheres, constatou-se também, que frente à atual crise econômica, este público enfrenta situação de maior precariedade. A baixa escolarização é um elemento complicador. Essas iniciativas pressupõem que os empreendimentos tenham capacidade de autogestionar seu negócio e, na medida em que lhes falta conhecimento neste campo, somente a “boa vontade” dessas mulheres não é suficiente para dar conta de todo o processo. O desafio da renda, da falta de espaço físico e de infraestrutura foram alguns dos elementos salientados, pois quem chega naquele empreendimento vem apenas com a mão de obra e o desejo de vencer. Falta equipamento, crédito, capital de giro, formação, qualificação e espaços para a comercialização de seus produtos.

A ausência de políticas públicas para o público dos empreendimentos de economia popular solidária é perceptível e na visão de lideranças dos fóruns, o Poder Público tem realizado algumas ações, apoiado alguns projetos, os quais, efetivamente, não correspondem às reais necessidades dos empreendimentos, uma vez que, na avaliação dessas lideranças, os governos não dialogam com seus pares. As iniciativas não são assumidas como política pública e os projetos desenvolvidos pelas entidades de apoio e fomento não oferecem garantia de continuidade.

Outro dilema constatado diz respeito ao processo de constituição dos grupos. A formação inicial de um empreendimento é extremamente desafiadora. O desenvolvimento humano e envolvimento de equipe é um processo lento, contínuo e precisa ser trabalhado no cotidiano, exigindo metodologias que possibilitem isso. Formas emancipatórias e não doutrinárias que ajudem seus integrantes a perceberem que aquele caminho é viável porque possibilita a cooperação e promove qualidade de vida não somente para os seus integrantes, mas para a comunidade toda e para as gerações futuras. Alinhado aos conflitos internos que se fazem presentes, as reuniões e debates realizados chamaram a atenção para a valorização de princípios e valores fundamentados na solidariedade, no apoio mútuo e na participação. Os ganhos e conquistas são por todos valorizados, ou seja, tanto por parte de lideranças, como também pelos demais integrantes dos empreendimentos.

Vale ressaltar aqui, se por um lado, as experiências de economia popular solidária representam novas estratégias organizativas, revelam também a perversidade do modelo capitalista de produção e consumo, que cada vez mais atinge as mulheres, gera novas formas de segregação, aprofunda desigualdades e contribui para que parcelas significativas da população permaneçam excluídas do acesso aos bens e serviços essenciais. Daí a importância de as Universidades em resposta ao

cumprimento de sua função educativa e social fomentarem a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão através do fomento às incubadoras tecnológicas de cooperativas populares (ITCPs). Uma presença comprometida e qualificada, no intuito de contribuir com a organização e fortalecimento dos empreendimentos.

Não obstante as questões problematizadoras que dizem respeito aos desafios e dilemas da economia popular solidária nos territórios acompanhados é inquestionável as potencialidades que permeiam essas experiências e iniciativas. São alternativas de produção, de caráter não apenas de econômico, mas também experiências holísticas. Seu potencial emancipatório, sua perspectiva de êxito e organização comunitária vão além dos processos econômicos, associados às atividades produtivas e dinâmicas integradas a processos culturais, afetivos, sociais e políticos. Os desafios a serem cotidianamente enfrentados e superados são inúmeros, no entanto, as experiências de economia popular solidária reafirmam mudanças significativas, sendo possível, inclusive, mensurar o antes e o depois da inserção desses sujeitos sociais nos empreendimentos de economia popular solidária.

### *Conclusão*

As experiências acompanhadas e analisadas apontaram para a necessidade de mais investimento na formação humana e gerencial, de fortalecer os fóruns de economia solidária, potencializar o trabalho em redes de produção, comercialização e consumo solidário. Ou seja, abrir-se a outros campos, a partir de novas possibilidades que estão escondidas nessas iniciativas, de modo que não somente apareçam somente as condições de pobreza e vulnerabilidade dessas mulheres. Além da necessidade de fortalecimento do trabalho e organização em redes, torna-se imprescindível também, que o movimento social em defesa da economia popular solidária potencialize processos políticos em vista de garantir a implementação de políticas públicas emancipatórias e a reinvenção da reprodução da vida.

Não obstante as questões problematizadoras que dizem respeito aos desafios e dilemas da economia popular solidária nos territórios acompanhados é inquestionável a necessidade de valorizar essas experiências e iniciativas. São alternativas de produção, de caráter não apenas econômico, mas também experiências holísticas. Seu potencial emancipatório, sua perspectiva de êxito e organização comunitária vão além dos processos econômicos, associados às atividades produtivas e dinâmicas integradas a processos culturais, afetivos, sociais e políticos. Os desafios a serem cotidianamente enfrentados e superados são inúmeros, no entanto, os ganhos não-econômicos reafirmam mudanças significativas, sendo possível, inclusive, visualizar o antes e o depois da inserção desses sujeitos sociais nos empreendimentos de economia popular solidária.

Na avaliação dos envolvidos nas ações realizadas, a participação nesses espaços foi muito importante, pois além do diálogo com organizações da sociedade civil e com órgãos do poder



públicos, possibilitou a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, maior integração entre teoria e prática e interfaces entre diferentes disciplinas da grade curricular dos cursos de Pedagogia e Ciências sociais oferecidos pela UEMG Unidade Barbacena.

## Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver** – uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante. [4ª reimp.], 2019.

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. [2 ed., 10 reimp. rev. e ampl.]. São Paulo, Boitempo.2009.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de Pesquisas** [online], v.43, n.149, p. 452-477, ago. 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200005&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 27 jun. 2020.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Proceso de informalidad y sector informal: reexamen de una discusión. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, Caracas, v.6, n.3 (sep.-dic.), p. 95-110, 2000.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Tradução de Iraci D. Poletti. Petrópolis, Vozes. 1998.

CATTANI, Antonio David. A outra economia: os conceitos essenciais. In: CATTANI, Antonio David. (Org.). **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz, p. 9-15. 2003.

CRELIER, Cristiane. PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 13,3% e taxa de subutilização é de 29,1% no trimestre encerrado em junho de 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28478-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-13-3-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-29-1-no-trimestre-encerrado-em-junho-de-2020> Acesso em 12 set. 2020

COSTA, Márcia da Silva. O sistema de relações de trabalho no Brasil: alguns traços históricos e sua precarização atual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 20 n.59, out, 2005, p. 111-170.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; LAVILLE, Jean-Louis. **A Economia Solidária**: uma abordagem internacional. Porto Alegre: UFRGS. 2004.

GAIGER, Luiz Inácio. A outra racionalidade da economia solidária. Conclusões do primeiro Mapeamento Nacional no Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79, dezembro 2007: 57-77. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/725>. Acesso em: 23 jul. 2019.

GAIGER, Luiz Inácio. Eficiência Sistémica. In: CATTANI, A D. (Org.) *La otra economia: los conceptos esenciales*. Buenos Aires: Editorial Altamira, 2004b, p. 213-220. Disponível em: <https://www.economiasolidaria.org/sites/default/files/Laotraeconomia.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HASENBALG, Carlos. A relação senhor/escravo. In: HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdade raciais no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005, p. 35-66.

LEITE, Marcia de Paula, GEORGES, Isabel Pauline Hildegard. Novas configurações do trabalho e economia solidária: democratização, inclusão ou precarização? (In) Georges Isabel Pauline Hildegard; LEITE, Marcia de Paula. **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. Annablume\FAPESP, p. 13-30. 2012.

LEITE, Márcia de Paula. **O trabalho e suas reconfigurações**: conceitos e realidades. In: LEITE, Márcia de Paula; ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro (Orgs.). **O trabalho reconfigurado: ensaios sobre o Brasil e México**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

MELO LISBOA, Armando. Economia Solidária e Autogestão: imprecisões e limites. **Revista de Administração de Empresas**, vol. 45, núm. 3, julho-septiembre, 2005, p. 109-115 Fundação Getúlio Vargas São Paulo, Brasil Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155116027005>. Acesso em: 24 jun. 2019.

NEVES, Magda de Almeida. Dilemas dos empreendimentos solidários: entre a precarização e a inserção social. In: LEITE, Márcia de Paula, GEORGES, Isabel P. H. **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. São Paulo: Annablume: FAPESP, p. 323-349. 2012.

NEVES, Magda de Almeida. **Trabalho Atípico**. In: CATTANI, A. D. (Org.) **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. Editora Zouk: Porto Alegre, 2011.

SILVA, Carlúcia Maria. **Mulheres e economia popular solidária**: trabalho, inclusão socioproductiva e cidadania. Appris. 2019.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs.). **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. Contexto, 2000, 360 p.

TURINO, Célio. Prefácio à edição brasileira. In: ACOSTA, Alberto. **O bem viver** – uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante. 4ª Reimp. 2019.

## Feira de Economia Solidária e Agroecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora:

### Uma experiência de ocupação e interação em espaços coletivos

Monalisa Barbosa Alves<sup>1</sup>

Juliana Macário de Oliveira<sup>2</sup>

Grasiele Rosa Caciano<sup>3</sup>

**Resumo:** As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares cumprem função fundamental na inserção das universidades nos debates sobre desigualdade, exclusão social, trabalho e modo de produção. Nesse contexto, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Juiz de Fora (Intcoop/UFJF) consiste em um projeto de extensão que visa oferecer suporte à formação e ao desenvolvimento de geração de trabalho e renda, sob a forma de associações e/ou cooperativas populares compostas por coletivos de trabalhadores desempregados ou que vivenciam situações de trabalho precário, assim como coletivos que buscam maior viabilidade econômica e social de suas iniciativas. Em 2017, com o objetivo de fortalecer a economia local e solidária; aproximar os grupos assessorados pela incubadora, incentivando a troca de saberes e experiências entre seus integrantes; dar visibilidade à Intcoop e à Economia Solidária não só no meio universitário e acadêmico, como também a toda sociedade; criar novos espaços de lazer e formação na cidade, aproveitando o espaço estratégico do campus da universidade; e, atender à demanda comum dos grupos assessorados por novos espaços de comercialização, a Intcoop organizou a primeira Feira de Economia Solidária e Agroecologia no campus da universidade. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo central apresentar a experiência de realização da Feira de Economia Solidária e Agroecologia enquanto espaço não só de comercialização, mas, sobretudo, como espaço de formação, lazer e de produção de novas sociabilidades. O presente trabalho constitui, portanto, um relato de experiência vivenciada durante a realização da feira. Pode-se concluir que esta pode ser um importante instrumento de ocupação e interação em espaços públicos e coletivos, contribuindo e fortalecendo o movimento de economia solidária na reafirmação de seus princípios.

**Palavras-chave:** feira de economia solidária; economia solidária; incubadora tecnológica de cooperativas populares; extensão universitária.

**Abstract:** Technological incubators of popular cooperatives play a fundamental role in the insertion of universities in the debates on inequality, social exclusion, work and mode of production. In this context, the Popular Cooperative Technological Incubator of the Federal University of Juiz de Fora (Intcoop / UFJF) consists of an extension project that aims to support training and development of work and income generation, in the form of associations and / or popular cooperatives composed of groups of workers unemployed or experiencing situations of precarious work, as well as collectives that seek greater economic and social viability of their initiatives. In 2017, with the aim of strengthening the local economy and solidarity; to approach the groups advised by the incubator, encouraging the exchange of knowledge and experiences among its members; give visibility to Intcoop and the Solidarity Economy not only in the university and academic environment, but also in every society; create new spaces for leisure and training in the city, taking advantage of the strategic space of the university campus; and, to meet the common demand of the groups advised by new commercial spaces, Intcoop organized the first Fair of Solidarity Economy and Agroecology in the

---

1 Doutora e Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/IP/UFRJ). Pós-graduada em Gestão Ambiental. Graduada em Turismo (UFJF).

2 Possui graduação em Administração de Cooperativas pela Universidade Federal de Viçosa (2003) e Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015).

3 Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Juiz de Fora, atuante do movimento de Economia Solidária em Juiz de Fora através da Incubadora tecnológica de Cooperativas Populares da UFJF.

campus of the university. In this sense, the main objective of this article is to present the experience of the Solidarity Economy and Agroecology Fair as a space not only for commercialization, but also as a space for training, leisure and the production of new sociabilities. The present work constitutes, therefore, an experience report during the fair. It can be concluded that this can be an important instrument of occupation and interaction in public and collective spaces, contributing and strengthening the solidarity economy movement in the reaffirmation of its principles.

**Keywords:** solidarity economy fair; solidarity economy; technological incubator of popular cooperatives; university extension.

### *Introdução*

O processo histórico que levou à precarização das condições e relações de trabalho e ao aumento do desemprego, com o acirramento da concorrência na economia globalizada, resulta no ambiente no qual os modelos alternativos de desenvolvimento, em geral, e as práticas baseadas nos princípios da economia solidária, em particular, se desenvolveram. Neste contexto, enquanto proposta distinta ao modelo hegemônico de relações de trabalho, tem emergido, em diferentes partes do mundo, práticas de relações econômicas e sociais que propiciam a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida de milhões de pessoas.

Segundo Schiochet (2011), a economia solidária pode ser entendida como uma proposta socializante e democrática dos movimentos à “questão social”<sup>4</sup>, do final do século XX. Assim, nos últimos anos, esta temática ganhou espaço em diversos cenários na sociedade brasileira, seja ele no âmbito acadêmico em suas diversas instâncias: ensino, pesquisa e principalmente, no que se refere à dimensão da extensão universitária.

A extensão universitária propicia a relação universidade e sociedade a partir do conhecimento gerado em ambos os espaços e se caracteriza pela práxis apoiada no conhecimento científico, cultural, educativo e na sua atuação como importante ente para o projeto de desenvolvimento da cidadania, com base na ética, na inclusão social, na democratização do acesso à produção humana, na redução das desigualdades sociais e no desenvolvimento sustentável (COIMBRA; SOUZA, 2007).

Diante desta perspectiva, surge em meados da década de 1990, a iniciativa de desenvolvimento de um projeto acadêmico de incubação de cooperativas populares - ITCPs, objetivando assessorar e fomentar o desenvolvimento de geração de trabalho e renda, sob a forma de cooperativas e associações populares compostas por grupos de trabalhadores desempregados ou que vivenciam situações de trabalho precário, assim como grupos que buscam maior viabilidade econômica e social de suas iniciativas.

---

4 A análise da questão social é indissociável das configurações assumidas pelo trabalho e encontra-se situada em uma arena de disputas entre projetos societários distintos. A questão social é indissociável do processo de acumulação e dos efeitos que produz sobre a classe trabalhadora. Não é um fenômeno recente, e sim, tributária das formas assumidas pelo trabalho e pelo Estado na sociedade burguesa. E mais, em sua dinâmica produz e reproduz suas condições materiais de existência, as relações sociais contraditórias e formas sociais através das quais se expressam.

Neste aspecto, surge no âmbito da Coordenação de Programas de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), a primeira Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. Estruturada como programa de extensão universitária, a ITCP/COPPE/UFRJ tem, desde o início, a proposta de empregar os recursos da universidade no fomento a empreendimentos econômicos populares em modelos alternativos à forma capitalista de produção, fundamentado sobre os princípios da economia solidária (HECKERT, 2003).

A partir desta ação pioneira, diversas universidades brasileiras passaram a implantar projetos similares, sendo um dos primeiros, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Juiz de Fora (Intcoop/UFJF). Criada em 1998, a Intcoop sempre buscou reconhecer e valorizar os saberes dos diversos setores populares, incorporando sua ótica no desenvolvimento do conhecimento acadêmico, desenvolvendo uma verdadeira ação de extensão interativa (HECKERT, 2003).

A incubadora esteve ativa por cerca de doze anos e desenvolveu uma ação de destaque na cidade e região. Entretanto, após um processo de desmantelamento das atividades de extensão voltadas aos trabalhadores e crises institucionais internas e externas à UFJF, ela praticamente se extinguiu. Após um período de inatividade, por meio da aprovação do projeto<sup>5</sup> “Revitalização e fortalecimento da incubação de empreendimentos econômicos solidários do Núcleo da Economia Solidária (NUSOL/UFJF)”, executado a partir de abril de 2016, a Pró-Reitoria de Extensão da UFJF (PROEX/UFJF) procura estruturar ações para reativar a Intcoop/UFJF.

Após o término deste projeto, a Intcoop deu continuidade a suas atividades através do projeto de emenda parlamentar, no âmbito das ações da PROEX/UFJF intitulado: “Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – Intcoop/UFJF – reativação da extensão universitária como importante campo de fortalecimento de coletivos populares de geração de renda”, vinculado à Faculdade de Serviço Social da UFJF.

As ações da Intcoop se pautam no acompanhamento e formação de coletivos de trabalhadores, que experimentam em sua prática cotidiana situações de precariedade e vulnerabilidade ou que compartilham de princípios contra hegemônicos, na perspectiva de geração de renda sob o viés da economia solidária, visando incorporar a ótica dos setores populares no desenvolvimento científico, tecnológico, artístico e cultural gerado na universidade.

É importante ressaltar que as atividades populares empreendidas a partir da perspectiva da economia solidária impactam, em diversos casos, as condições de vida mais gerais das pessoas no

---

<sup>5</sup> O projeto foi elaborado, anteriormente a abril, para atender ao edital de chamada MCTI-SECIS/MTESENAES/CNPq nº 21/2015, publicado com o objetivo de selecionar propostas para apoio financeiro a projetos de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e extensão de incubadoras tecnológicas de empreendimentos econômicos solidários aptas a contribuir para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação no Brasil.

seu plano socioterritorial, como a melhoria da infraestrutura urbana, por exemplo, não se limitando ao seu aspecto econômico, mas também envolvendo “[...] *as dimensões social, política, cultural e ambiental num determinado contexto espacial [...]*” (FRANÇA FILHO, 2006, p. 262).

As iniciativas de economia solidária, com base em princípios de solidariedade, democracia participativa, liberdade e autogestão, caracterizam-se pela constituição de espaços públicos comunitários, onde os próprios indivíduos decidem os rumos do desenvolvimento que almejam para suas respectivas comunidades (SINGER, 2002).

Diante desta perspectiva, a Intcoop idealiza, em 2017, o que vê como um dos maiores e mais amplos projetos que poderia desenvolver enquanto espaço de fortalecimento do movimento de economia solidária: a Feira de Economia Solidária e Agroecologia. A feira, que recebeu o nome “É Feito Feira”, tem como objetivo fortalecer a economia local e solidária, além da agroecológica; aproximar os grupos assessorados pela incubadora, incentivando a troca de saberes e experiências entre seus integrantes; dar visibilidade à Intcoop e à Economia Solidária não só no meio universitário e acadêmico, como também a toda sociedade; criar novos espaços de lazer e formação na cidade, aproveitando o espaço estratégico do campus da UFJF; e, atender à demanda comum dos grupos incubados por novos espaços de comercialização.

Neste sentido, a feira surge enquanto proposta de ser não apenas um espaço de comercialização solidária dentro do campus universitário, mas, sobretudo como um espaço de troca, lazer e formação, visando, assim, fortalecer a relação entre a universidade, a incubadora, os coletivos assessorados e os moradores da cidade de Juiz de Fora, fazendo valer os princípios da extensão universitária.

A relevância deste trabalho reside no fato deste dar visibilidade e compartilhar práticas e experiências entendidas como contra-hegemônicas, ao propor cristalizar a existência de outras formas de relações econômicas e sociais que não as estabelecidas. Para tanto, este artigo constitui um relato de experiência sobre a Feira de Economia Solidária e Agroecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

### *Metodologia*

O presente trabalho consiste em um relato de experiência vivenciada pelos membros da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Juiz de Fora (Intcoop/UFJF), através da organização e realização da Feira de Economia Solidária e Agroecologia no campus da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. A feira foi criada em 2017 e foram realizadas três edições. A Intcoop, à época, formada por uma equipe multidisciplinar contando com técnicos e bolsistas das áreas de Serviço Social, Administração, Turismo, Engenharia, Direito, Ciências

Contábeis e Pedagogia desenvolveu, para além de um espaço de comercialização, um intercâmbio de ideias e formação.

No que se refere à sistematização da organização e realização da feira, esta consiste em reuniões quinzenais de toda a equipe visando descrever as principais ações a serem desenvolvidas. Em um segundo momento, a equipe, baseada nos princípios de cooperação e solidariedade, há a reunião com os coletivos para divisão de equipes visando a operacionalização do evento, através de planejamento de oficinas, programação e agendamento das apresentações culturais, assim como organização de toda logística e infraestrutura do evento. Na última etapa, após a realização da feira, é realizada uma reunião avaliativa com a presença dos membros da incubadora e dos representantes dos coletivos com o objetivo de identificar aspectos positivos e negativos do evento realizado e planejar o próximo.

Os coletivos assessorados e/ou parceiros da Intecoop são: Associação de Artesãos Caminho Novo; Feira de Economia Solidária (FECOSOL); Associação de Reciclagem e Artesanato (LIXARTE); Coletivo de Mulheres Feito por Mim; Coletivo de Apicultores de Juiz de Fora e Região; Monte de Gente Interessada em Cultivo Orgânico (MOGICO); Movimento Sem Terra (MST).

Quanto ao público alvo do evento, o intuito foi pensar uma feira como um espaço de interação para crianças, famílias, jovens, adultos e aposentados, independente de classe social, grau de instrução ou gênero, prevalecendo um espaço aberto à diversidade e a favor da aproximação de todas e todos.

Vale ressaltar que a UFJF, em especial, é um espaço que se difere das demais universidades federais por possuir um campus, no que se refere a abertura física integral do campus. Ao longo dos últimos anos se consolidou como um espaço privilegiado para a vivência do lazer com uma área que contempla uma gama de museus, academia ao ar livre, jardim sensorial, pista de skate, de corrida, ciclovia, praça cívica, além de uma área verde capaz de contemplar uma gama de práticas, como piqueniques, esportes, encontros de grupos de adolescentes, dentre outros. Tal fato, por si só, já atrai uma grande movimentação e concentração de pessoas, principalmente aos finais de semana, para a realização de atividades esportivas e de lazer.

Portanto, com o objetivo de relatar a experiência de Feira de Economia Solidária e Agroecologia da UFJF o presente trabalho buscou introduzir a temática da economia solidária; contextualizar a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFJF; apresentar e descrever a experiência da Feira de Economia Solidária e Agroecologia realizada no campus da universidade enquanto forma de ocupação e interação de espaços coletivos, assim como espaço de fomento a novas formas de sociabilidades.

### *Resultados e Discussão*

As relações de concorrência exigidas pelo mercado capitalista e agravadas no contexto da globalização hegemônica, produzem formas de sociabilidade empobrecidas, balizadas em ganhos individuais em detrimento da solidariedade e do comprometimento com o outro e com o meio ambiente.

Diante deste contexto de crise estrutural que perpassa as dimensões econômica, social, ambiental e civilizatória colocando em xeque o padrão societário individualista e pautado no consumo excessivo que produz desigualdades, vários sujeitos têm buscado formas de sobrevivência em pequenos focos de resistência. Esses espaços têm primado pela articulação de esforços para a construção de práticas e processos de produção que resgatem o sujeito coletivo em diferentes contextos, através de variadas formas de luta.

Assim, na contradição do individualismo competitivo característico do capitalismo, a solidariedade encontrada em alguns empreendimentos, no sentido de relação mútua no compromisso pelo qual os indivíduos se apoiam uns aos outros, está fortalecendo o movimento da economia solidária. Neste sentido, as iniciativas econômicas solidárias vêm sendo incentivadas como estratégias de dinamização socioeconômica em processos de desenvolvimento local e territorial sustentável, na perspectiva de promover a coesão social, a preservação da diversidade cultural e do meio ambiente (MTE, 2014).

Estas iniciativas fazem parte de uma reação social ao processo de precarização das relações de trabalho, processo este marcado pelo aumento do desemprego, da informalidade e do desassalariamento, principalmente após a adoção das políticas neoliberais e suas consequências no que se refere à pobreza e à exclusão social. A crise do mercado de trabalho tradicional, em um período de intensa liberalização da economia, somada à persistência do desemprego de alguns segmentos sociais, representam uma necessidade de intervenção nas práticas de economia solidária, como solução alternativa à mencionada crise.

Apesar do crescente número de iniciativas e experiências que operam com base nos princípios da economia solidária, ainda não há unidade em sua conceituação, visto que é largamente debatida. No entanto, existem alguns elementos principais que caracterizam as práticas de economia solidária, como assinala Singer (2011, p. 116):

Economia Solidária é hoje um conceito amplamente utilizado dos dois lados do Atlântico, com acepções variadas, mas que giram todas ao redor da ideia de solidariedade, em contraste com o individualismo competitivo que caracteriza o comportamento padrão nas sociedades capitalistas. O conceito se refere a organizações de produtores, consumidores, poupadores etc., que se distinguem por duas acepções: (a) estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e (b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos.

Considera-se que tal multiplicidade conceitual sobre as quais a economia solidária é interpretada, longe de fenecer o debate sobre a temática, concorre, sim, para o seu enriquecimento



teórico-prático, dado que pode ser remetido à vários contextos analíticos; bem como à várias conjunturas práticas as mais distintas.

Paul Singer (2002, p. 10), um dos especialistas mais conhecidos na área, define a economia solidária como

[...] um outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica (SINGER, 2002, p. 10).

França Filho (2006) confirma a questão da coletividade como marco fundamental dos EES, mas destaca outros elementos como o caráter periférico, urbano e informal destes empreendimentos, além da reciprocidade/solidariedade como fundamento de tais práticas. Em suas palavras a economia solidária diz respeito a um conjunto de atividades de produção, comercialização ou prestação de serviços efetuadas coletivamente (e sob diferentes modalidades do trabalho associado) pelos grupos populares, principalmente no interior de bairros pobres e marginais das grandes cidades latino-americanas. Tais grupos se estruturam, em geral, de modo bastante informal e encontram nas relações de reciprocidade tecidas no cotidiano de suas formas de vida (ou seja, nos próprios laços comunitários) os fundamentos de tais práticas (FRANÇA FILHO, 2006, p. 58).

Iaskio (2007), como síntese de sua resenha sobre os conceitos de economia solidária, considera que

[...] a economia solidária é, portanto, toda organização formada e gerida por trabalhadores que detêm os meios de produção, com vistas à geração de trabalho e renda. Essa organização deve ser pautada em princípios de solidariedade e de autogestão. Entre os empreendimentos de economia solidária estão as cooperativas, as associações, as empresas autogestionárias e qualquer outro empreendimento cujas características conferem com as descritas (IASKIO, 2007a, p. 59).

Nesta perspectiva, a Economia Solidária tem sido uma resposta importante dos trabalhadores em relação às transformações ocorridas no mundo do trabalho, por meio de iniciativas que propõem uma forma de trabalho alternativa à tradicional, pautadas em princípios de solidariedade, na propriedade coletiva dos meios de produção e na participação coletiva das tomadas de decisão.

De acordo com França Filho (2007), a dinâmica no âmbito da economia solidária parece evoluir de formas de auto-organização socioeconômica para formas de auto-organização sócio-política, o que leva o autor a apontar tal campo como um tipo de movimento social de natureza singular, precisamente em função da característica dos atores que o compõem. Tais atores ou instâncias organizativas que compõem o movimento de economia solidária no Brasil compreendem basicamente: os empreendimentos econômicos solidários (EES), as entidades de apoio e fomento (tais como as incubadoras) e o poder público.

Segundo França Filho (2008), tais práticas remetem a uma forma mais plural de sociabilidade, uma vez que considera outras dimensões que compõem a vida em sociedade, como a reciprocidade e os laços sociais. Por serem autogestionárias, estas experiências contribuem para o fortalecimento da autonomia, da consciência e da participação coletiva.

Assim, ao mesmo tempo em que se desenvolve no campo das práticas sociais, a economia solidária passa a ser alvo de pesquisas acadêmicas que refletem a respeito do fenômeno e logo se torna uma importante atividade de extensão universitária, via Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP).

Neste contexto, a construção de uma perspectiva de desenvolvimento dialógico bem como a elaboração de soluções sistêmicas aos problemas econômicos, sociais e ambientais que perpassam a sociedade brasileira é um desafio que as universidades públicas podem mediatizar através da produção e socialização do conhecimento, fundamentada pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

De acordo com o artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988, as universidades obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, sendo este tripé o eixo fundamental da universidade brasileira. É papel da universidade pública que o saber produzido em seus espaços de conhecimento seja replicado e aplicado a espaços e projetos que sejam de interesse público e social, e, que os conhecimentos gerados a partir dessas experiências sejam disponibilizados através de estudos, artigos, dentre outras formas de produção, visando efetivar a indissociabilidade da práxis universitária, ou seja, ensino, pesquisa e extensão.

Santos (2004) acrescenta que o conhecimento universitário foi, ao longo do século XX, um conhecimento predominantemente disciplinar, cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano das sociedades. No entanto, no século XXI, aconteceu o que o autor aponta como uma passagem do conhecimento universitário para o conhecimento pluriversitário, que se distingue do conhecimento produzido anteriormente por ser contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada. Aplicação esta que acontece para além dos muros universitários fomentando uma partilha entre pesquisadores e utilizadores. Assim, o autor afirma que o conhecimento característico do século XXI, “[...] é um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento [...]” (SANTOS, 2004, p. 41).

A relação com alguns desses outros conhecimentos pode ser engendrada na atividade de extensão, que se achega ao conhecimento prático desenvolvido para responder a demandas da vida cotidiana. Neste contexto, a extensão universitária ganha maior centralidade nas discussões sobre a universidade como um todo, o que reflete na ideia da curricularização da extensão universitária. De acordo com Plano Nacional de Educação 2014-2024 é preciso assegurar, no mínimo, dez por cento

do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação para áreas de grande pertinência social (BRASIL, 2014).

A curricularização da extensão faz parte, de um lado, da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão na universidade, e, de outro, da necessária conexão da universidade com a sociedade, realçando o papel social da universidade, bem como a relevância social do ensino e da pesquisa. Neste sentido, Gadotti (2017) afirma que a extensão universitária pode ser um ponto de partida de um repensar do projeto político-pedagógico da universidade.

A extensão realiza, por excelência, o sentido da universidade, já que tem uma função integradora e articuladora da vida universitária como um todo. É possível afirmar que ela subsidia pesquisas de cunho teórico-reflexivo, recheando-os com elementos práticos e empíricos permitindo explorar as três perspectivas do processo educacional de forma indissociável. Assim, pode ser entendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.

Diante desta perspectiva, a Intecoop trabalha a partir de ações que visem o fortalecimento do movimento de economia solidária no âmbito local e regional. Em âmbito local uma das iniciativas da incubadora é a organização da Feira Solidária e Agroecológica - É Feito Feira.

A feira, idealizada como espaço de comercialização, lazer e formação foi organizada a partir de princípios básicos da economia solidária, tais como cooperação e solidariedade. Segundo Jesus e Tiriba (2009, p. 80),

O termo cooperação está dicionarizado como o ato de cooperar ou operar simultaneamente, colaborar, trabalhar em conjunto. Está associado às ideias de ajuda mútua, de se contribuir para o bem-estar de alguém ou de uma coletividade. No sentido amplo, indica a ação coletiva de indivíduos com o intuito de partilhar, de forma espontânea ou planejada, o trabalho necessário para a produção da vida social.

Quanto ao princípio da solidariedade, Laville (2009) afirma que esta baseia-se tanto na ajuda mútua, como na expressão reivindicativa, tangendo, ao mesmo tempo, à auto-organização e ao movimento social. Pressupõe a liberdade de acesso ao espaço público para todos os cidadãos, e se empenha em aprofundar a democracia política mediante uma democracia econômica e social.

Neste sentido, compreender a importância dos eventos de economia solidária como espaços de formação, de troca de saberes, de comercialização, de fortalecimento sócio econômico, articulação de redes de produção e consumo e de difusão do conceito de economia solidária, leva-nos a perceber aspectos importantes para a consolidação dessa outra economia, uma vez que envolve membros dos empreendimentos econômicos solidários, que já atuam sob a lógica da solidariedade e da cooperação, bem como o público visitante que, apesar da lógica do individualismo e da competição arraigada na sua constituição cultural, podem acessar durante o evento, outras práticas que possibilitam a construção de relações mais justas e solidárias (SILVA, 2017).

As feiras de economia solidária se configuram como espaços de exposição e comercialização de produtos, porém, não estão restritas a essas atividades. Este espaço também se constitui pela realização de apresentações culturais e artísticas, de informação e formação política em economia solidária, bem como divulgação e estímulo do consumo ético, justo e solidário.

Amorim (2014, p. 8) afirma que

[...] as feiras se constituem em espaços para trocas solidárias de informações e de saberes; apresentações culturais; avanço conceitual e difusão de uma economia centrada no cuidado e no respeito humano; bem como espaços de integração e articulação de empreendimentos econômicos solidários, instituições governamentais e entidades de assessoria, apoio e fomento à economia solidária.

Nesse sentido, a realização da Feira de Economia Solidária e Agroecologia no campus da UFJF simboliza a oportunidade de dar visibilidade aos coletivos e aos princípios que norteiam o movimento de economia solidária, assim como a construção de espaços públicos comunitários baseados em outras formas de sociabilidades. Contudo, cabe ressaltar que esses eventos também se configuram como uma das formas de organização e fortalecimento do movimento, uma vez que a construção desses espaços já revela um processo coletivo onde é possível vivenciar os princípios e práticas dessa outra economia em diversos momentos.

Diante desta perspectiva, a Feira de Economia Solidária e Agroecologia da UFJF abrange três dimensões: lazer, através da ocupação da área verde e ao ar livre do campus, onde uma série de atividades culturais são propostas ao longo do evento; formação, através da realização de oficinas e intercâmbio de ideias e aprendizagens entre os coletivos e os frequentadores do evento; e, trocas, seja através da comercialização direta de produtos/serviços em barracas, ofertados pelos grupos assessorados e participantes do projeto, ou pela troca livre entre todos os participantes.

A necessidade de espaço para feiras foi uma demanda comum em todos os coletivos com os quais a Intecoop vem trabalhando desde o seu retorno. Assim, a feira representa, ainda, um espaço de fortalecimento da economia local e seus agentes, uma vez que cria um terreno inédito e fértil de troca, formação e aproximação entre os coletivos solidários, a comunidade acadêmica e o público que frequenta o campus.

A primeira edição da feira aconteceu em setembro de 2017, de 9 às 17 horas, e teve como tema central a chegada da primavera. Além do espaço de comercialização dos coletivos de economia solidária a feira contou em sua programação com oficinas e programação cultural. As oficinas realizadas foram: oficina de grafite para crianças; oficina de Agroecologia; e, oficina de Economia Solidária.

As edições subsequentes da feira buscaram abordar a temática referência do mês tal como pode ser observado na figura 01. Sendo assim, a feira de outubro teve como tema central “Crianças”

e a feira de novembro “Consciência Negra”. Nesse sentido, as oficinas e apresentações culturais buscavam dialogar com a temática proposta.

Figura 01: Carta divulgação da Feira de Economia Solidária e Agroecologia da UFJF.



A estrutura de comercialização da feira foi composta por uma média de vinte barracas, onde os coletivos de economia solidária comercializaram produtos da agricultura familiar e orgânicos; produtos artesanais como pães, doces, licores; além de produtos do artesanato local, compondo uma diversidade de produtos, conforme figura 02.

Figura 02: Espaço de comercialização



Tal como apresentado no decorrer do artigo a Feira de Economia Solidária e Agroecologia da UFJF não tem como objetivo ser apenas um espaço de comercialização, neste sentido, em paralelo a estrutura composta por barracas dos coletivos de economia solidária, ocorrem as oficinas e as apresentações culturais, tais como apresentado nas figuras a seguir.

Figura 03: Apresentação Cultural





Figura 04: Espaço de comercialização e convivência



Figura 05: Oficina para crianças



Portanto, o evento se configura como um espaço de ocupação, interação e produção de novas sociabilidades. A partir desta experiência é possível afirmar que as incubadoras tecnológicas de cooperativas populares significam um importante espaço de efetiva incorporação dos setores populares, através da inserção em uma nova forma de organização para o trabalho, pautada nos princípios da economia solidária; como também para fomentar este movimento pautado em relações sociais e econômicas mais solidárias.

Assim, as ações da Intcoop têm como escopo a consolidação de experiências enquanto respostas factíveis à problemática socioeconômica da exclusão e desemprego e também a contribuição para o aprimoramento do discurso e práticas da Economia Solidária.

### *Considerações Finais*

A economia solidária tem sido uma resposta importante dos trabalhadores em relação às transformações ocorridas no mundo do trabalho, por meio de iniciativas que propõem uma forma de trabalho distinta à tradicional, pautadas em princípios de solidariedade, na propriedade coletiva dos meios de produção e na participação coletiva das tomadas de decisão.

Em âmbito nacional, vários pesquisadores argumentam que temos um conjunto considerável de iniciativas bem sucedidas, que vêm sendo experimentadas por diferentes organizações da sociedade civil, que avançam na ausência do Estado, formulando e experimentando alternativas locais de fortalecimento das práticas autogestionárias.

Nesta perspectiva, as incubadoras tecnológicas de cooperativas populares cumprem função fundamental na inserção das universidades nos debates sobre desigualdade, exclusão social, trabalho e modo de produção, além de auxiliarem a aproximação do saber científico das realidades cotidianas dos trabalhadores. As experiências universitárias de assessoria a grupos populares na formação de coletivos de trabalho autogestionário têm significado uma das mais importantes e fecundas iniciativas de extensão, que verdadeiramente tem efetivado o princípio da indissociabilidade entre outras duas dimensões da universidade: o ensino e a pesquisa.

A Intcoop/UFJF vem desde sua reativação estabelecendo ações que primem pelos princípios da economia solidária, visando se estabelecer enquanto um elo importante entre a universidade e a sociedade. Assim, suas ações no desenvolvimento de iniciativas de trabalho e renda têm como escopo a consolidação destas experiências enquanto respostas à problemática socioeconômica do desemprego e também a contribuição para o aprimoramento do discurso e práticas da economia solidária.

Neste contexto, destaca-se a Feira de Economia Solidária e Agroecologia que desde sua primeira edição tem se firmado enquanto espaço de interação e construção de novas sociabilidades; de comercialização; de trocas; de formação; e, de lazer. Resultando, contudo, no fortalecimento do movimento de economia solidária a nível local e regional.

### **Referências**

AMORIM, Rizioneide. Feiras de Economia Solidária: fenômeno de socialização ou redescoberta do mercado? In: **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://cirandas.net/fbes/artigos-e-reflexoes/feiras-de-economia-solidaria-fenomeno-de-socializacao-ou-redescoberta-do-mercado>. Acesso em 19 mai. 2019.

BRASIL. Lei Nº 13.005/2014, de 25 de Junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 22 mai. 2019.

COIMBRA, Ana Livia de Souza; SOUZA, Marcela Braga. Princípios e ações em economia solidária: a Intcoop/UFJF e o cooperativismo popular com egressos do sistema penitenciário de Juiz de Fora/MG. In: **Revista Proposta**. n.112, 2007. 15 p. Disponível em: <http://fase.org.br/wpcontent/uploads/2014/08/proposta-112-final.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FBES. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Carta de princípios da Economia Solidária. Disponível em [http://www.fbes.org.br\\_PDF\\_POWERED\\_PDF\\_GENERATED](http://www.fbes.org.br_PDF_POWERED_PDF_GENERATED) 23 December, 2011, 11:05.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. A via sustentável-solidária no desenvolvimento local. In: **Organizações & Sociedade**. n.45, 2008. 14 p. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-92302008000200017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302008000200017). Acesso em: 19 fev. 2018.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. Economia popular e solidária no Brasil. In: FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho; LAVILLE, Jean Louis; MEDEIROS, Alzira; MAGNEN, Jean Philippe (Orgs.). **Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS (Série Sociedade e Solidariedade), 2006. p. 57-77.

GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: Para quê? 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-para-que>. Acesso em: 13 mai. 2019.

HECKERT, Sonia Maria Rocha. **Cooperativismo popular: reflexões e perspectivas**. Juiz de Fora, Ed. UFJF, 2003.

IAMAMOTO, Marilda Villela. A questão social no capitalismo. In: **TEMPORALIS. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social**. n.3, ABEPSS/Graflina, 2001. 23 p.

IASKIO, E. L. S. O que é economia solidária? In: BERGONSI, S. S. S. e LACERDA, G. B. de (orgs.). **Cooperativismo, Economia Solidária e Inclusão Social: Métodos e Abordagens**. Curitiba: PROEC, p. 49-66, 2007.

JESUS, Paulo de; TIRIBA, Lia. Cooperação. In: CATTANI, Antonio David; LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio; HESPANHA, Pedro. **Dicionário Internacional de Outra Economia**. São Paulo, Almedina, 2009. p. 80-86.

LAVILLE, Jean-Louis. Solidariedade. In: CATTANI, Antonio David; LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio; HESPANHA, Pedro. **Dicionário Internacional de Outra Economia**. São Paulo, Almedina, 2009. p. 310-315.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Plano Nacional de Economia Solidaria. 2014. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/index.php/trabalhador-economiasolidaria/plano-nacional-de-economia-solidaria>. Acesso em: 17 jan. 2016.

SANTOS, Boaventura Souza. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo, Cortez, 2004. 89 p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro, Record, 2010. 85 p.

SILVA, André Luis Ferreira. A metodologia de construção das feiras de economia solidária e seu impacto sobre os ganhos: um estudo sobre a Feira Baiana. In: **Revista Mundo do Trabalho Contemporâneo**, n.2. São Paulo, 2017. 25 p.



SINGER, Paul. A Economia Solidária no Governo Federal. In: BENINI, E.; SARDÁ DE FARIA, M.; NOVAES, H. T.; DAGNINO, R. *Gestão Pública e Sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária*. São Paulo: Outras Expressões, 2011, p. 407-412.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. Fundação Perseu Abramo, 2002. 128 p.

SCHIOCHET, Valmor. Políticas Públicas de Economia Solidária: breve trajetória e desafios. In: BENINI, Edi; SARDÁ DE FARIA, Maurício; NOVAES, Henrique; DAGNINO, Renato. **Gestão Pública e Sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária**. São Paulo, Outras Expressões, 2011.p. 443-452.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Revitalização e fortalecimento da incubação de empreendimentos econômicos solidários do Núcleo da Economia Solidária (NUSOL/UFJF)**. Juiz de Fora, 2016.

**Seção II**  
**Outras contribuições**

## O Fórum Mundial e a Feira Mundial de Economia Solidária:

### Da caridade libertadora para a política pública no Brasil – A história e as contribuições do Projeto Esperança/Coesperança-Santa Maria -RS –Brasil.<sup>1</sup>

Schirlei Stock Ramos<sup>2</sup>

**Resumo:** A América Latina hoje é palco de inúmeras experiências que buscam enfrentar a tragédia socioambiental causada pela hegemonia neoliberal das últimas décadas. A economia solidária- ES, no espectro da diversidade cultural do nosso continente, se apresenta como um dos caminhos de afirmação de novos valores nas relações sociais de produção (Lianza & Chedid, 2012). Neste viés, a cidade de Santa Maria-RS é reconhecidamente um dos principais pólos de geração de trabalho e renda por meio de Economia Popular e Solidária no Brasil e na América Latina. É a cidade onde vêm ocorrendo conjunta e anualmente a Feira de Economia Solidária do Mercosul, a Feira Nacional de Economia Solidária e a Feira Estadual do Cooperativismo do RS (FEICOOP) organizadas pelo projeto Esperança/Coesperança com apoio e articulação de diversos segmentos da sociedade. Neste ambiente e com a pretensão de trazer a lume as raízes desse movimento (que transformou questões sociais que assombravam as economias periféricas, nos tempos pós-muro de Berlim, em questões proeminentemente políticas dentro da agenda governamental brasileira e latino-americana), o presente artigo investigou a evolução do Movimento Social da Economia Solidária (ES) a partir da criação do Projeto Esperança/Coesperança na cidade de Santa Maria-RS. Pretendeu-se também compreender as origens, as correlações e o nexos de o Fórum Mundial de Economia Solidária ocorrer na cidade de Santa Maria apresentando a visão sociopolítica e o relato de uma das principais lideranças do movimento.

**Palavras chave:** economia solidária; Fórum Mundial de Economia Solidária; Santa Maria - RS - Brasil.

**Abstract:** Latin America today is the scene of countless experiences that seek to confront the environmental tragedy caused by neoliberal hegemony in the last decades. The solidarity economy - SE, in the spectrum of cultural diversity of our continent, is presented as one way of affirmation of new values in the social relations of production (Lianza & Chedid, 2012). In this bias, the city of Santa Maria - RS is recognized, in Brazil and Latin America, as one of the main centers of employment and income generation through Popular and Solidarity Economy. It is the city where the annual Fair and Solidarity Economy of Mercosur occur together, the National Solidarity Economy and Fair State Fair of Cooperatives RS (FEICOOP) organized by Hope/Coesperança project with support and coordination from various segments of organized society. In this environment and the desire to bring to light the roots of the movement that transformed social issues that haunted the peripheral economies in the post- Berlin Wall, prominently in political issues within the Government agenda and Latin American time, this paper investigated the evolution of the Social Movement of Solidarity Economy (SE) from the creation of Project Esperança/Coesperança in Santa Maria - RS. The intention was also to understand the origins, correlations and causation of the World Forum for Solidarity Economy occur in the city of Santa Maria, having as parameter the political vision and the report of one of the main leaders of the movement.

**Keywords:** solidarity economy movement; World Solidarity Economy Forum; Santa Maria - RS - Brazil.

### *Introdução*

---

1 Este trabalho foi desenvolvido na Incubadora Social da Universidade Federal de Santa Maria -UFSM e originalmente apresentado no 9º Congresso internacional de Educación Superior Universidad 2014: “por una universidad socialmente responsable” no Palácio de las convenciones em la Habana, Cuba em fevereiro de 2014.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA/UFSM). Membro do Grupo de Pesquisa Tecnologias, Inovação e Sociedade (GPTIS/CNPQ).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a situação econômica da maioria dos países era caótica. Presumindo-se o cenário de crise, em 1944 ocorreu a Conferência Internacional de Bretton Woods (New Hampshire, EUA), onde as 44 nações presentes estabeleceram as bases que estruturaram a economia mundial nos próximos anos. Nesta conjuntura, foram criados o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) os quais a partir de 1946 faziam empréstimos para a recuperação dos países afundados na crise pós-guerra. Este encadeamento permitia interferências na gestão das taxas de câmbio mundiais e o financiamento dos desequilíbrios fiscais de longa duração que se verificaram ao longo do tempo no balanço de pagamentos dos países em crise.

A partir dos anos de 1990, com o fim da bipolaridade e a ascensão da “nova ordem mundial”, as economias regionais sofrem pressões pela especialização e globalização os mercados (Santos, 2000). A automação substituiu o trabalho manual, e o mercado regional de trocas transformou-se em mercado global, com ganhos de eficiência e custos unitários menores, na maioria dos casos, à custa da concentração da renda do proprietário da máquina ou do processo. Surge desse quadro um contingente de trabalhadores desempregados. O capital assim conectado transformaria as economias periféricas em peças de uma engrenagem global e as submeteria aos movimentos ascendentes e descendentes de crises cíclicas típicas do capitalismo. Os efeitos destas políticas logo se refletiram nas economias em desenvolvimento, e, não obstante nas economias latino-americanas.

Como reflexos destas políticas internacionais, no Brasil, o panorama na década de 1980 era de grande estagnação econômica, desemprego, falta de acesso à educação, e outras deteriorações que ampliavam a exclusão social, a miséria e a desigualdade econômica entre as diferentes regiões do país. No Brasil, assim como na América latina, a década de 1980, ficou conhecida como “a década perdida”, em função da drástica redução das taxas de crescimento do PIB. Na segunda metade da década de 80, esse contexto assumiu claramente um processo hiperinflacionário, truncado pela adoção de sucessivos planos de estabilização (GIAMBIAGI; ALÉM, 2011, p. 83). Ao mesmo tempo, ainda que retraídos, emergem movimentos de resistência. Surgem comunidades, ideias e experiências, que mesmo dissociadas da política, buscaram soluções para habilitar um novo tipo de desenvolvimento e evitar a eminente destruição do tecido social. Neste período, constata-se, na sociedade brasileira a idealização de projetos de caráter popular que tencionaram recuperar os valores da política com a proposta de transformar as sociedades e promover uma economia sem o cerceamento das grandes corporações econômicas que avançavam sobre o direito dos trabalhadores. Buscavam ser uma alternativa à imposição das políticas internacionais que financiavam déficits públicos destruía a soberania dos Estados fomentando a corrupção nos governos.

Com o propósito de apoiar e incentivar a proximidade e participação de vários grupos sociais, comunidades urbanas e rurais para “reinventar a economia” (Revista FEICOOP, 2015), concretiza-

se no município de Santa Maria - RS, o Projeto Esperança/Cooesperança<sup>3</sup>, essa reinvenção significava tornar a economia em consubstancial e social. Deste modo, o valor comercial e a produção para o mercado não se tornariam os critérios e os fins de toda economia (Tévoédjrè, 1978). Na prática, essa era a problemática que o Projeto Esperança/Cooesperança intentava resolver no início da década de 1980 na região Central do estado do RS.

### *Metodologia*

Este artigo buscou investigar a evolução do Movimento Social da Economia Solidária (ES) a partir de uma abordagem analítico investigativa da criação do Projeto Esperança/Cooesperança na cidade de Santa Maria- RS. Para alcançar o objetivo proposto, adotou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica e documental associado ao método de história de vida de uma das principais articuladoras do projeto em questão. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo (NOGUEIRA, et.al, 2017). A análise documental de acordo com Gil (1991) é elaborada a partir de materiais já publicados, livros, artigos e periódicos, e materiais publicados na internet. De acordo com Gil (1999) a pesquisa documental relaciona-se com materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou podem ser reformulados, a qual explora documentos escritos ou não escritos, de fontes primárias ou não. Deste modo foram analisados informações, registros e publicações na imprensa local e nacional e documentos do acervo do Projeto Esperança/Cooesperança para compreender sua evolução e contribuições para a Economia Solidária (ES) no Brasil.

Paralelamente, buscou-se também compreender as origens, as correlações e o nexos de o Fórum Mundial de Economia Solidária ocorrer na cidade de Santa Maria. Para tanto, recorreu-se, além da pesquisa bibliográfica, à técnica de entrevistas, onde se destaca a entrevista e a história de vida de uma das líderes e pioneira na implantação do Projeto Esperança/Cooesperança e que também é atualmente uma das principais organizadoras do Fórum Mundial de ES que ocorre em Santa Maria - RS. A entrevista possibilitou comparar as evidências coletadas nas fontes bibliográficas para reforçar o entendimento histórico com a finalidade de ampliar a confiabilidade das conclusões e melhorar a compreensão da realidade pesquisada.

### *A Pobreza, A Riqueza dos Povos - A transformação pela solidariedade.*

Notícias sobre a experiência de Santa Maria e os conceitos de ES, circulam há alguns anos nos meios de comunicação regional. A cidade realiza há duas décadas uma feira regional de

---

3 <http://www.esperancacooesperanca.org.br/>

comercialização de produtos advindos da ES. Este influxo da cidade fortalece o entusiasmo das pessoas que conhecem mais a fundo esta forma de organização. Assim, a cidade de Santa Maria - RS, se alicerçou como capital Mundial de Economia Solidária (Arquidiocese de Santa Maria, 2012; Carta Aberta do 11º Seminário Latino Americano de Economia Solidária, 2015) e foi escolhida para a realização do Fórum Mundial de Economia Solidária e a Feira Mundial de Economia Solidária. Em Santa Maria ocorrem anualmente a Feira Latino Americana de Economia Solidária - ECOSOL, a FEICOOP – Feira Internacional do Cooperativismo, a Mostra da Biodiversidade e Feira da Agricultura Familiar Camponesa, o Seminário Latino Americano de Economia Solidária, A Caminhada Internacional e Ecumênica pela PAZ e Justiça Social e o Acampamento do Levante Popular da Juventude. No ano de 2015 o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES escolheu a Cidade de Santa Maria para sediar a entrega do Prêmio Boas Práticas de Economia Solidária - Troféu Sandra Magalhães, para 48 Experiências do Brasil.

Destaca-se que a agenda de relações internacionais, tanto da Cáritas como do Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES tem permitido intercâmbios, trocas em que as experiências Brasileiras são discutidas em conjunto com experiências de outros países da América Latina. Santa Maria tem contribuído efetivamente nessa agenda. Desde o ano de 2005, representantes de seus empreendimentos tem viajado com delegações do FBES. Recentemente, a experiência de Santa Maria foi tema de seminário latino americano. Mas o que chama atenção é a vinda de agentes e empreendimentos de alguns países para a feira anual (Sarria Icaza, 2006). Na opinião pública da imprensa local e de gestores públicos regionais e brasileiros, isso se deve ao trabalho permanente do Projeto Esperança/Coesperança, fundado por Dom Ivo Lorscheister no início da década de 1980.

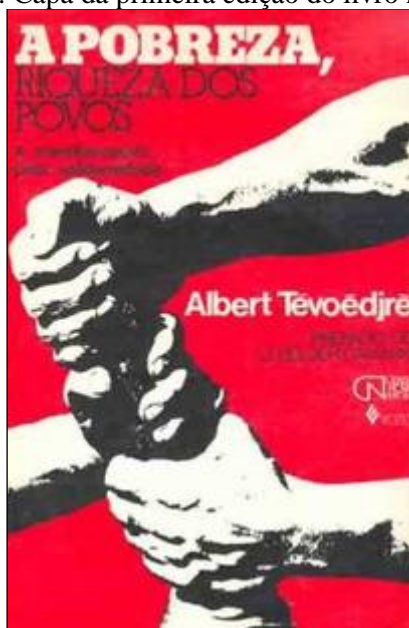
Dom José Ivo Lorscheister, nasceu a 07 de dezembro de 1927, em São José do Hortêncio, 2º distrito de São Sebastião do Cai, localidade de Fritzenberger no Estado do Rio grande do Sul (Brasil). A exemplo de seu irmão mais velho, que estudava com padres jesuítas, foi encaminhado por sua família, aos 11 anos de idade para o sacerdócio. Assim, Dom Ivo estudou no Seminário de São José, em Gravataí e cursou Filosofia no Seminário Central em São Leopoldo - RS - Brasil. Sua ordenação como Padre foi em Roma, na Itália, no dia 20 de dezembro de 1952. A nomeação como bispo de Santa Maria, pelo Papa Paulo VI, ocorreu no dia 06 de fevereiro de 1974, depois de já ter atuado como Bispo na Capital Gaúcha. Dom Ivo sempre ocupou cargos importantes na Organização Católica Brasileira, realizando importante trabalho na propagação do ecumenismo<sup>4</sup>, do qual sempre foi um dos protagonistas no Brasil, e em Santa Maria. Além disso, foi um grande incentivador das pastorais sociais, movimentos sociais e todas as formas de organização popular.

---

<sup>4</sup> **Ecumenismo** é o processo de busca da unidade. O termo **ecumênico** provém da palavra grega **οἰκουμένη** designando "toda a terra habitada". Num sentido mais restrito, emprega-se o termo para os esforços em favor da unidade entre igrejas cristãs; num sentido lato, pode designar a busca da unidade entre as religiões.

Destaca-se que em seus estudos Dom Ivo teve contato com as ideias apresentadas no livro “A pobreza, a riqueza dos povos: A transformação pela solidariedade”, do autor africano Tèvoèdjre<sup>5</sup>. A tese central da obra apresenta uma reflexão filosófica sobre inúmeros aspectos do desenvolvimento, reflexão assumida por um autor de cultura africana autêntica, profundamente marcada por uma cultura ocidental, particularmente, a francesa. Não restrito à reflexão intelectual, Dom Ivo, entabulou-se às ideias inovadoras, para a época, expressas no livro que fora publicado originalmente em 1978. Dom Ivo, então, entra em contato com a editora Brasileira Vozes<sup>6</sup> e articula a tradução e publicação da primeira edição do livro em Território Brasileiro.

Figura 1: Capa da primeira edição do livro no Brasil.



Fonte: Editora Vozes, 1978.

Foi a partir destas reflexões que se fortaleceu e difundiu no RS o modelo de caridade libertadora, ou seja, a caridade organizada, através dos Projetos Alternativos Comunitários – os PACs<sup>7</sup>, que se definem como instrumentos de educação para a cultura da solidariedade; para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, solidária. Originalmente o projeto teve como princípios norteadores **a) organização e planejamento participativo, 2) espírito comunitário e transformador, 3) viabilidade econômica e inserção no mercado, 4) respeito ao meio ambiente e a vida, 5) compromisso e vivência dos princípios de cooperação, igualdade e autogestão, defesa e promoção de vida digna para todos, 6) fortalecimento**

---

5 Tèvoèdjre, Albert. A pobreza a Riqueza dos povos: A transformação pela solidariedade. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

6 <http://www.editoravozes.com.br/main/main.html>

7 Fonte: Projeto Esperança/Cooesperança. Disponível em: [http://www.esperancacooesperanca.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=123&Itemid=77](http://www.esperancacooesperanca.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=123&Itemid=77)

**da cultura da solidariedade, cooperação em redes, produção ecológica, consumo justo, ético e solidário.**

Desse modo, em 15 de agosto de 1987, Dom Ivo, juntamente com um grupo de lideranças da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e EMATER<sup>8</sup> criou o Projeto Esperança/Cooesperança cujo empreendimento ficou a cargo do Banco da Esperança<sup>9</sup> em articulação com outros segmentos da sociedade organizada. O projeto Esperança surgiu, como se pôde verificar, da aplicação do livro *A pobreza, a riqueza dos povos - A transformação pela solidariedade*, cujos estudos e seminários iniciaram em Santa Maria em 1982. O nome Esperança aparece no livro de Tévoédjrè (1978, p. 137) exemplificado como um projeto ainda utópico, entretanto factível na visão do autor. Em 1984, no 3º Congresso da Cáritas<sup>10</sup>, Dom Ivo, então Bispo Diocesano de Santa Maria, com base nos fundamentos do livro desafiava a Cáritas/RS a criar e aperfeiçoar os PACs, com uma nova abordagem de se construir o desenvolvimento e encontrar soluções alternativas para os grandes problemas sociais que assolavam o mundo após a “nova ordem mundial”. Essas desordens sociais no Brasil se traduziam em desemprego, êxodo rural, crescimento desordenado das cidades, fome, miséria e a exclusão social.

Figura 2: Identidade visual do Projeto Esperança/ Cooesperança.



Fonte: Projeto Esperança/ Cooesperança (2015).

Para auxiliar Dom Ivo na tarefa que se iniciava, a Arquidiocese de Santa Maria, por meio da Comunidade Religiosa Filhas do Amor Divino, designou três missionárias para assumirem o trabalho e coordenar o Projeto Esperança/Cooesperança. Foram designadas as missionárias Cecília Dahmer, Lucia Riffel e Irmã Lourdes Dill. Optou-se por entrevistar para este artigo a missionária Lourdes Dill, porque ainda coordena o projeto e porque atualmente se destaca na sociedade brasileira como uma

---

8 Empresa pública gaúcha para extensão rural. Ver: <http://www.emater.tche.br/site/index.php>

9 O banco da Esperança foi criado em 20 de dezembro de 1977, é uma entidade Social, ligada à Igreja católica de assistência social, sem fins lucrativos. É uma entidade que realiza promoção social humana, educacional, cultural, formativa, organizativa na geração de trabalho e renda.

10 Fundada no Brasil em 12 de novembro de 1956, a Cáritas Brasileira faz parte da Rede Caritas Internationalis, presente em 165 países e territórios. É uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário.



personalidade articuladora e organizadora do Fórum Mundial de Economia Solidária, da Feira Mundial de Economia Solidária, evento mundial que ocorre anualmente na cidade de Santa Maria – RS - Brasil.

Ao pesquisar as raízes do movimento de ES na cidade de Santa Maria, fica evidente a visão de renúncia da cultura de opulência como defesa contra a exploração do trabalho humano. O projeto surgiu como alternativa ao modo puramente capitalista de organizar as relações sociais dos seres humanos entre si e destes com a natureza. A experiência organizativa centrada em práticas solidárias, iniciada em Santa Maria em 1984, é em grande parte alicerçada nas ideias manifestadas no livro de Tévoédjèrè que inspirou Dom Ivo. O projeto Esperança/Coesperança ganhou relevância e importância à medida que se mostrou uma alternativa concreta e possível para a crise de trabalho que o Brasil enfrentou na década de 80. A experiência do Projeto Esperança/Coesperança se multiplicou em muitos lugares da região central do RS, no Brasil, e do MERCOSUL, onde se fortaleceram redes de ES. (Revista Arquidiocese - SM, 2012). Entretanto, a ES expressa um movimento que ocorre atualmente no mundo todo e diz respeito a produção, consumo e distribuição de riqueza com foco na valorização do ser humano.

Já no campo acadêmico no Brasil, a expressão “Economia Solidária”, conforme Motta (2010) foi usada de modo pioneiro por Paul Singer, em 1996 em um artigo publicado em 11 de junho no Jornal Folha de São Paulo, intitulado “Economia Solidária contra o desemprego”. A ES é considerada como uma forma concreta de prática econômica e também um projeto de transformação social e por isso, uma causa. Como realidade existente e como utopia, há visões que associam a solidariedade ao socialismo e outras que a consideram como uma alternativa para os pobres, por exemplo, (SENAES, 2013).

A Organização Católica é um ator importante no fomento da ES no Brasil. É possível observar que as ideias que estruturavam o projeto Esperança/Coesperança buscavam combater a exclusão social através da inclusão produtiva e do protagonismo dos sujeitos no planejamento público. Contudo, não há evidências de que na década de 1980, as ações do Projeto assumissem algum viés político-partidário. Na arena política, quando os regimes socialistas praticamente foram derrubados pós 1989, ou seja, nos tempos pós muro de Berlim; isso trouxe um impasse para a “esquerda”, que teve necessariamente que rediscutir o significado do socialismo e o futuro das economias socialistas.

No Brasil, também houve defluências desta mudança no cenário mundial e o Partido dos Trabalhador (PT) que se declarava socialista desde sua criação, viu a necessidade de realizar uma série de seminários sobre “socialismo no PT” (Singer, apud SENAES, 2012). Esses seminários foram, então, organizados pelos professores Paul Singer e Chico de Oliveira. De acordo com Singer (2012), na ocasião um dos seminários foi sobre ES e no qual ele próprio teve a oportunidade de pronunciar-se sobre ES, assunto que já era temática de suas publicações, mas que na época ainda era um debate

pequeno dentro e fora do partido. Por ocasião deste seminário, que se realizou no ano de 1992, toda a direção do partido estava presente e houve uma anuência de que a ES deveria necessariamente estar nas plataformas e nos programas dos candidatos do PT. Nos anos que se seguiram, as diretrizes da ES ganham força e maior articulação nos segmentos populares do país. O curso da história política brasileira registra fatos, acontecimentos e mudanças que culminaram na chegada histórica do partido dos trabalhadores ao governo.

### *A Transformação das Questões Sociais em Questões Políticas no Cenário Brasileiro*

Quando o partido dos trabalhadores chega ao poder no final do ano de 2002, decorrente do processo eleitoral que culminou com a vitória do Governo Lula, o então GT-Brasileiro<sup>11</sup> elaborou a Carta ao Governo Lula intitulada “Economia Solidária como Estratégia Política de Desenvolvimento”. O documento de interlocução com o futuro governo apresentava as diretrizes gerais da ES e reivindicava a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). A I Plenária Brasileira de ES, realizada em São Paulo, nos dias 9 e 10 de dezembro de 2002, contou com mais de 200 pessoas - entre trabalhadores de empreendimentos associativos, entidades de representação, entidades de assessoria/fomento e gestores de políticas públicas – e nela foi aprovada e encaminhada a Carta ao governo brasileiro (FBES, 2011).

A II Plenária realizada durante o Fórum Social Mundial (FSM) de janeiro de 2003, em Porto Alegre, foi aberta pelo GT- Brasileiro e presidida pelo professor Paul Singer. Neste evento foi publicado e distribuído o livro: “Do Fórum Social Mundial ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária” para os 800 participantes. Estes eram representantes de empreendimentos, entidades de fomento e redes internacionais. Neste evento foi então anunciada a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária –SENAES, vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A Plenária definiu agenda de mobilização de debates e sensibilização pelas regiões do Brasil e legitimou o GT- Brasileiro como promotor do processo de mobilização da ES. Neste processo, a ES foi desafiada a gerir abastecimento, comercialização, trabalhar com moeda social, promover rodadas de negócio, realizar feiras em todos os estados, fazer campanha de consumo consciente, comércio justo e solidário, constituir redes, cadeias produtivas, finanças solidárias, trabalhar no campo do marco legal (especialmente: lei geral do cooperativismo e cooperativa de trabalho). Destas articulações e com

---

11 Grupo de Trabalho (GT): As doze entidades e redes nacionais que em momentos e níveis diferentes participavam do GT-Brasileiro eram: Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária (RBSES); Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS); Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE); Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas em Autogestão (ANTEAG); Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (IBASE); Cáritas Brasileira; Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST/CONCRAB); Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede ITCPs); Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS/CUT); UNITRABALHO; Associação Brasileira de Instituições de Micro-Crédito (ABICRED); e alguns gestores públicos que futuramente constituíram a Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária.

base do no Decreto nº 4.764 de 24 de junho de 2003 foi criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) e criado o Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES). No mesmo dia de criação da SENAES, se realizava em Brasília a “III ° Plenária de Economia Solidária” no qual se fundou então o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES).

O III FSM (2003) realizado em Porto Alegre - RS, reuniu representantes da América Latina, por meio de seminários, encontros e feiras, promoveu-se a ampliação das perspectivas de integração regional do movimento de Economia Solidária e, com isso, o trabalho de articulação com a América Latina entrou definitivamente na agenda do FBES. Em 2006, após a realização de Conferências Estaduais, quando foram escolhidas as/os delegadas/os e definidas as reivindicações e propostas, verifica-se a realização da I Conferência Nacional de Economia Solidária, em Brasília, no período de 26 a 29 de junho. Na Conferência foram discutidas as resoluções voltadas à participação no Conselho Nacional de Economia Solidária e propostas para políticas públicas para a Economia Solidária.

Não se pretende aqui, discorrer sobre a organização e funcionamento, das entidades e órgãos integram o FBES, intenta-se somente dar ao leitor a dimensão que o movimento de ES assumiu no Brasil a partir do ano de 2002. Verifica-se a partir daí uma teia de articulação e expressivo crescimento da ES e de sua organização popular. Para exemplificar este crescimento, observa-se que em 2002 a organicidade da ES se manifestava em apenas cinco estados, em 2003 as plenárias estaduais foram realizadas em 17 estados. A partir de 2006, os Fóruns Estaduais estão presentes em todos os 27 estados brasileiros (SENAES, 2012). O crescimento também promoveu articulações e intercâmbios internacionais, especialmente com América Latina na Rede Intercontinental para a Promoção da ES (RIPESS). Contudo, apesar dos avanços e da institucionalização, especialmente, através da criação da SENAES e do Conselho Nacional, ainda não há uma definição do papel político e estratégico da ES na construção da economia brasileira.

A figura abaixo pretende demonstrar sinteticamente as articulações da ES dentro da conjuntura política Brasileira entre os anos de 2002 até 2015:

Figura 3: A economia Solidária no Brasil.



Saiba mais o que acontece na Economia Solidária no site do Fórum Brasileiro de Economia Solidária

Acesse: [www.fb.es.org.br](http://www.fb.es.org.br)

Fonte: [www.fb.es.org.br](http://www.fb.es.org.br), 2015.

### *O Fórum e a Feira Mundial de Economia Solidária: Correlações com a Cidade de Santa Maria - RS*

Esta sessão, busca, por fim, demonstrar as correlações e o nexo da cidade de Santa Maria como *lócus* articulador e potencializador do fórum e da feira mundial de ES. Para se preservar a informação de fontes primárias, optou-se por apresentar a entrevista concedida pela missionária Lourdes Dill, uma das fundadoras e atual coordenadora do Projeto Esperança/Coesperança da Arquidiocese de Santa Maria - RS:

**Pergunta:** A senhora trabalhou ao lado de Dom Ivo e certamente conhece as motivações que o levaram a iniciar os PACS. Como ele usava essas ideias para agregar mais pessoas a esse projeto?

**Resposta:** “*Sim, trabalhei durante 20 anos ininterruptos com Dom Ivo Lorscheiter [...]. Ele viajava muito e via as possibilidades que eram possíveis para solucionar os problemas do Planeta Terra. Ele sabia unir a Fé e Vida. Foi um homem simples, corajoso e cheio de Esperança. Entre muitas frases dele destaco uma que ele pronunciou e foi colocada num livro do Projeto Esperança/Coesperança: “Eu desejava, olhando o futuro, que a nossa região de Santa Maria, que é relativamente pobre, fosse mais intensamente ajudada com atitudes de Esperança. Nós, não queremos pessoas desanimadas, não queremos iludir ninguém, não queremos criar falsas expectativas, mas a Esperança verdadeira” (Dom José Ivo Lorscheiter – 21/04/2005). Assim, pouco a pouco foi se formando o fio condutor de um importante trabalho que hoje já completa 3 décadas de história, que é o Projeto Esperança/Coesperança idealizado por ele e com o apoio de um grupo pensante”.*

**Pergunta:** Como foi a metodologia inicial para difundir as ideias de Tévoédjrè entre os participantes e fundadores do projeto Esperança/Coesperança?

**Resposta:** “[...] realizou-se muitas reuniões de estudo, seminários e interação com a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), Pastorais Sociais, Paróquias, Movimentos Sociais, entre outros. Foi um tempo significativo de conhecer a proposta. Os participantes foram: Dom Ivo Lorscheiter, Professores da UFSM, lideranças das Comunidades, EMATER, Pastorais Sociais, entre outros e uma equipe de pessoas que buscaram contribuir conjuntamente com este importante Projeto de Economia Solidária”.

**Pergunta: Quando o projeto começou a atuar, vocês conheciam outras experiências semelhantes no Brasil ou fora dele? Consideram-se pioneiros?**

**Resposta:** “Quando iniciou o Projeto Esperança, não se tinha notícia de nenhuma outra experiência similar no Brasil e em outros Países. [...]. Consideramos os PACs e o Projeto Esperança/Coesperança de fato pioneiro, pois iniciou um ciclo de debates e reflexões que foram além das Cooperativas tradicionais e Associações já organizadas. Trata-se de um Modelo de Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial que tem como base a organização popular, a Mística de Igreja, a Tecnologia das Universidades e as Políticas Públicas”.

**Pergunta: A solidariedade por vezes é associada ao socialismo. Na época o Brasil vivia sob a ditadura militar. Para divulgar o projeto Dom Ivo e a Caritas difundiam a ideia de caridade organizada. Existia a preocupação de não conflitar com o poder político vigente na época?**

**Resposta:** “A Solidariedade é um tema muito usado no mundo inteiro hoje. Na época que iniciou o Projeto Esperança/Coesperança, foi uma palavra inovadora. [...] De certa forma esta palavra estava associada, sim, à dimensão da construção do socialismo. Durante da Ditadura Militar, a Solidariedade era uma palavra inovadora e profética, mesmo que muitos ainda não a assimilassem, pois consideravam uma palavra subversiva. Quanto à questão da Caridade Organizada, era sim uma ideia forte e promissora. Não havia preocupação de conflitos com o Poder Político, mas a proposta era contrária ao que a Ditadura determinava e o capitalismo pregava na sua Missão Globalizada. Hoje, usamos vários termos como a Cultura da Solidariedade, a Globalização da Solidariedade e a Transformação pela Solidariedade e Solidariedade a Caminho da Transformação Social, entre outros”.

**Pergunta: Quais eram na época as barreiras para o crescimento do projeto? Como eram as articulações do projeto na pré-constitucionalização de 1988?**

**Resposta:** “Havia no início muitas barreiras. A ideia era de fato inovadora. [...] Havia um empecilho muito grande no que tange a comercialização direta. Houve resistência do produtor e da fiscalização. Na lógica de muitos a comercialização direta, era confrontada com o mercado tradicional e capitalista. Foi interessante a motivação dos consumidores, que se tornaram grandes aliados e defensores desta proposta. Temos consumidores com mais de 26 anos de participação ininterrupta, comprometida, assídua e são propagadores da proposta. A articulação com a pré-

*constitucionalização de 1988 era boa, mas na época a ideia das Políticas Públicas ainda era frágil. As mobilizações nas ruas, eram no sentido reivindicatório. Hoje, há também parte desta metodologia, mas se enfoca muito mais a construção coletiva, Democracia Participativa, Autogestão e a Construção das Políticas Públicas, onde o povo unido e organizado torna-se o grande protagonista da mudança e cidadania e inclusão social, fortalecendo a cidadania e autogestão”.*

**Pergunta: Quando e como vocês tomaram contato com o termo Economia Solidária?**

**Resposta:** *“No cenário da Economia Solidária somos sujeitos na construção desde o início. Iniciou pelos PACs, depois foi para a Economia Popular Solidária e hoje é a Economia Solidária. Podemos afirmar que este tema foi construído por muitos, com a participação significativa e comprometida de Santa Maria, através do Projeto Esperança/Coesperança e da Cáritas RS e Cáritas Brasileira, com a entrada dos governos, as Políticas Públicas onde o tema Economia Solidária, criou mais visibilidade e participação do Poder Público. A base de toda esta experiência foi o povo organizado com as organizações que acreditaram nesta proposta e foram se lançando corajosamente para este novo cenário organizativo, através de Economia Solidária com Políticas Pública”.*

**Pergunta: A Senhora como uma das fundadoras do projeto ainda pensa que esse modelo se fundamenta na caridade libertadora? Por quê?**

**Resposta:** *“Sim, estou no Projeto Esperança/Coesperança desde o início. Foi desafiador começar um tão importante trabalho. Este modelo se fundamenta na Caridade Libertadora e tudo o que acena para uma visão transformadora, interativa com Democracia Participativa que se fortalece. Tudo isso, porque o assistencialismo presente na Sociedade, na Igreja e na Política, não produzia efeitos transformadores e não torna o pobre, sujeito de sua mudança social e dos seus paradigmas. A Teologia de Libertação, pela qual o projeto Esperança/Coesperança se inspirou abre caminhos de reflexão e ação, pautadas na metodologia do Ver, Julgar e Agir”.*

**Pergunta: Como surgiu o Fórum Mundial de ES, e a Feira Mundial de ES? A escolha da cidade de Santa Maria para sediá-lo é o reconhecimento do pioneirismo do Projeto Esperança/Coesperança?**

**Resposta:** *“No ano de 2009 por uma decisão do Judiciário local, devido a Gripe Influenza A (H1N1), que não ouviu os organizadores, as atividades da 16ª FEICOOP, 5ª Feira de Economia Solidária do MERCOSUL e demais programações, não ocorreram, foram canceladas judicialmente. Havia uma tentativa, de cindir essa experiência de organização coletiva da Economia Solidária por parte de alguns. Mas, a esperança de construir um novo mundo e uma nova sociedade, pautada na fraternidade e na solidariedade, as organizações da Economia Solidária, decidiram convocar para 2010, o 1º Fórum Social da ECOSOL e a 1ª Feira Mundial da ECOSOL, em Santa Maria, e na Grande Porto Alegre, durante a realização do Fórum Social Mundial 10 Anos. O 1º Fórum e a 1ª Feira Mundial de Economia Solidária, combinaram de forma transversal e num processo*

*multiplicador Nacional e Internacional. Uma Comissão Organizadora combinada à dinâmica local acumulada, há mais de 16 anos de Feiras e Encontros, organizada em 60 Comissões com compromisso e autogestão. A escolha de Santa Maria foi devido a Feira cancelada de forma judicial e arbitrária pelo Ministério Público e a Justiça. Mesmo assim vieram para Santa Maria mais de 600 pessoas de 15 Estados Brasileiros, que se reuniram diariamente em lugares fechados, pois, estava proibido pela justiça aparecer aglomerado de pessoas em lugares públicos. Foram nestes encontros, estudos, Marcha pela Justiça até o Fórum de Santa Maria, celebração no Santuário-Basilica Nossa Senhora Medianeira e outros debates que nasceu a ideia de fazer o 1º Fórum Social e a 1ª Feira Mundial de Economia Solidária, juntamente com os 10 anos do Fórum Social Mundial, que se realizou em Porto Alegre. De agosto de 2009 até janeiro de 2010, foi organizada, em apenas seis meses, com dificuldade financeira, pois, na Feira cancelada ninguém ajudou a pagar as despesas, a não ser o Projeto Esperança/Coesperança e o IMS (Instituto Marista de Solidariedade) de Brasília, DF”.*

*“Apresento alguns dados numéricos do 1º Fórum Social e 2ª Feira Mundial de Economia Solidária: Representantes dos 5 Continentes, de mais de 32 Países, de muitas Caravanas dos Países do Mercosul da América Latina e de outros Continentes, de 27 Estados Brasileiros, de mais de 800 Empreendimentos de Economia Solidária do Brasil e das Redes Inter-continentais e muitas Redes de Economia Solidária, Uma significativa representação do FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária) e dos Fóruns Estaduais de Economia Solidária, 408 Municípios, Representantes de mais de 200 Entidades e Organizações, Movimentos Sociais, Pastorais Sociais, Cáritas e Setores de Gestores Públicos, Universidades e Veículos de Comunicação, entre outras. +/- 60 Comissões que contribuíram na organização dos Eventos Mundiais. 5ª Caminhada Internacional e Ecumênica pela PAZ e Justiça Social – 2.000 pessoas. 450 jovens no 5º Levante da Juventude/PJR na Feira de Santa Maria – RS. Seminários, Oficinas, 5 Eixos Temáticos, Atividades de Formação, Reuniões Ampliadas, Oficinas Autogestionárias, Programas de Rádios, TVs, Atividades Culturais e um grande Show Latino Americano de Música Popular com os Artistas da Caminhada. Passaram pelos Eventos Mundiais de Economia Solidária mais de 130 mil pessoas segundo a Brigada Militar de Santa Maria. Foi um grande Encontro Mundial que dialogou com um “Outro Mundo Possível” e “Uma Outra Economia que já Acontece”. Esta atividade fez parte dos 10 anos do FSM (Fórum Social Mundial) que teve inúmeras atividades em Santa Maria, Porto Alegre e toda região Metropolitana do Rio Grande do Sul”.*

**Pergunta: Quem é o mantenedor do Fórum Mundial de ES?**

**Resposta:** *“O mantenedor do Fórum Social Mundial de Economia Solidária, em primeiro lugar é a base da Economia Solidária, os Fóruns Regionais, Estaduais e Nacional, bem como os Conselhos Regionais e Nacional de Economia Solidária como construção da proposta. Outro lastro, parte do*

*apoio e integração são as diferentes Entidades Parceiras e Apoiadoras deste Fórum Social Mundial de Economia Solidária que são: Projeto Esperança/Coesperança, FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária, Fóruns e Conselhos de Economia Solidária, Cáritas Brasileira e as Cáritas Diocesanas, IMS – Instituto Marista de Solidariedade, Universidades, Pastorais Sociais, Movimentos Populares, Empreendimentos Solidários Urbanos e Rurais, Consumidores Parceiros, Voluntários e parcerias comprometidas, as 60 Comissões de trabalho que organizam junto com uma Comissão Central do Evento. Portanto é um fio condutor que conduz de forma participativa a proposta como uma grande rede de articulação. Outro e importante grupo de apoio, que é através de Patrocínios são as Empresas Patrocinadoras: Governos Federal, Estadual e Municipal, SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária do MTE – Ministério do Trabalho e Emprego, SESAMPE – Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa, BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, PETROBRÁS – Petróleo Brasileiro S.A, SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, FBB – Fundação Banco do Brasil, SDR – Secretaria Estadual do Desenvolvimento Rural, IRGA – Instituto Rio Grandense do Arroz e SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo. O Fórum Mundial de Economia Solidária não tem fundo próprio. A cada evento precisa-se elaborar projetos e fazer a captação de recursos. Após o Evento são feitos os relatórios de comprovação e a prestação de contas. Depois da aprovação de tudo os Patrocinadores repassam os recursos financeiros”.*

**Pergunta: Qual o papel do projeto Esperança/Coesperança na realização do Fórum Mundial de ES atualmente?**

**Resposta:** *“O papel do Projeto Esperança/Coesperança é fortalecer a importância deste evento que nasceu em Santa Maria, e é um braço do FSM - Fórum Social Mundial Global e fortalece cada vez mais no mundo a Economia Solidária. O papel do Projeto Esperança/Coesperança também é de continuar fomentando para que muitas feiras e experiências similares sejam criadas e fortalecidas em outros lugares do RS, Brasil, outros Países e Continente”.*

**Pergunta: Qual a importância do Fórum para o movimento de ES e quais as perspectivas para o futuro do movimento em sua opinião?**

**Resposta:** *“O Fórum Mundial de Economia Solidária tem uma importância muito grande para a Economia solidária do Brasil e do mundo. As Redes Mundiais de Economia Solidária estão hoje presentes em todo o Planeta. O que está em evidencia é o modelo de Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial, construído pela Economia Solidária, pois o Capitalismo selvagem já excluiu muitas pessoas e organizações. A Economia Solidária que trabalha em Rede, com Democracia Participativa, está construindo um Modelo de Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial onde as pessoas se tornam os sujeitos de sua organização, de forma coletiva para o Bem Comum. O Fórum Social Mundial de Economia Solidária que nasceu em Santa Maria, irá se integrar*



nos próximos anos no FSM - Fórum Social Mundial Global em outros Países e Continentes. A **Feira de Santa Maria: Uma Experiência Aprendente e Ensinante**, que já completou duas décadas em julho de 2013, continua sua trajetória em Santa Maria, RS, coordenada pelo Projeto Esperança/Coesperança e muitos parceiros desta luta. Com tudo isso, podemos afirmar com o sábio Provérbio Africano: **“Muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, mudarão a face da terra”**.

### *Considerações Finais*

A investigação documental e entrevistas evidenciaram que os PACs, idealizados por Dom Ivo Lorscheister foram influências decisivas para o surgimento da cultura de ES no Brasil. A partir da experiência dos PACs, funda-se o Projeto Esperança/Coesperança centrado na valorização do trabalho humano. Na prática, o projeto consolidou-se como um modelo alternativo que visava proporcionar oportunidades de trabalho e geração de renda de forma autogestionária e participativa por meio da cooperação, solidariedade e autogestão. A visão de renúncia da cultura de opulência como defesa contra a exploração do trabalho humano, contida na obra do autor africano Albert Tèvoèdjere, foram diretrizes do trabalho iniciado nos PACs em Santa Maria- Rs. Tais ideias tiveram importante significado para a prática e para a construção dos valores que mais tarde se firmaram no Movimento da ES brasileira. Observou-se também que o Projeto Esperança/Coesperança deu início a uma grande rede mundial que está ainda em formação, participando paulatinamente da construção de um modelo de desenvolvimento que tenciona ser solidário, sustentável e regional, contrapondo ao capitalismo selvagem e excludente. “Primeiro porque ele é pioneiro na comercialização coletiva da produção das cooperativas e shopping dos pobres. Segundo, porque vem organizando feiras de âmbito cada vez maior e que agora já ultrapassaram o território nacional, atingindo todo o MERCOSUL. Terceiro, porque o exemplo do Projeto Esperança vem se multiplicando pelo Brasil em muitos projetos de desenvolvimento local de dentro para fora e de baixo para cima” (Singer, 2012).

A experiência que começou nos PACs produziu multiplicadores. Deste modo é importante realçar que as primeiras bases de apoio ao movimento de ES partiram da Igreja Católica, por meio da Cáritas e da sociedade civil. Para além destes atores, as políticas públicas adotadas a partir do ano de 2002 e a criação da SENAES no ano de 2004 são elementos identificados como propulsores deste fortalecimento. Ressalta-se ainda, que no ano de 2004 ocorre **a convergência do trabalho prático** iniciado no começo dos anos 80, por Dom Ivo em Santa Maria-RS, com a produção teórica e acadêmica do docente e militante político Paul Singer, quando este assume no ano de 2004 a SENAES. A partir da criação desta Secretaria no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) a ES é impulsionada e potencializada no país. Partiu-se, assim de um modelo popular de caridade libertadora

para um modelo que propõe a inclusão produtiva como política pública para o desenvolvimento social.

Por fim, a entrevista com uma das fundadoras e atualmente coordenadora do projeto Esperança/ Coopesperança evidencia, por meio de fonte primária, que a Feira Mundial e o Fórum Mundial de Economia Solidária, que se realizam na cidade a partir de 2010, surgiram como uma reação dos movimentos populares frente a tentativas de alguns burocratas governamentais de embarreirar a ES, por meio do cancelamento dos eventos internacionais previstos para o ano de 2009. Uma decisão do Judiciário local, com a justificativa da Gripe Influenza A (H1N1), cancelou as atividades da 16ª FEICOOP, 5ª Feira de Economia Solidária do MERCOSUL e demais programações da ES para o ano de 2009, entretanto, verifica-se que outros eventos de grande porte, previstos para o mesmo período na cidade, foram mantidos. Isso confirma evidências das pesquisas documentais e relatos investigados para este trabalho. A entrevista, traz a lume um episódio marcante, onde representantes de 15 estados brasileiros que já se dirigiam a cidade no momento da intempestiva decisão judicial, juntamente com os integrantes do Projeto Esperança /Cooesperança realizaram no dia 10 de julho de 2009 a **Marcha Da Esperança**, uma grande caminhada que marcou as articulações posteriores para a criação do Fórum Mundial e da Feira Mundial de Economia Solidária em Santa Maria- RS. Diante do exposto, conclui-se que o nexos causal que proporcionou o surgimento destes eventos mundiais está correlacionado aos episódios relatados na entrevista apresentada na íntegra. Por fim, conclui-se que o modelo econômico proposto pela ES no Brasil faz parte um modo de organização, produção e consumo inspirado na obra do sociólogo africano Tèvoèdjere e que se inicia no Brasil com o PACS e com a liderança de Dom Ivo. A forma de tratar o trabalho, o meio ambiente, a vida, as políticas públicas e os valores que se consolidaram na ES brasileira estão fortemente correlacionados com as práticas iniciadas pelo Projeto Esperança Cooesperança. A realização do Fórum Mundial de Economia Solidária em Santa Maria é a expressão máxima destas correlações.

## **Referências**

- ARQUIDIOCESE de Santa Maria. **Revista: 25 anos do Projeto Esperança/Cooesperança**. Santa Maria: Editora Palotti, 2012.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Atlas de Economia Solidária no Brasil 2005**. Brasília: SENAES/MTE, 2006.
- BRASIL, Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Relatório Anual de Gestão - Ano de 2009**. Brasília: SENAES/MTE, 2010. (mimeo)
- FBES- Fórum Brasileiro de Economia Solidária. **IV Plenária Nacional de Economia Solidária: outra economia construindo outros desenvolvimentos**. Brasília: FBES, 2011. Recuperado de: [www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br).
- GIAMBIAGI, F.; ALÉM, A. C. **Finanças Públicas: teoria e prática no Brasil**.- 4 ed. Ver. E atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LIANZA, S.; HENRIQUES, F. C. (orgs). **A economia Solidária na América Latina: realidades nacionais e políticas**. Rio de Janeiro: Pró Reitoria de Extensão UFRJ, 2012.
- MINISTÉRIO do Trabalho e Emprego. **Portaria Ministerial n. 483, de 15 de setembro de 2004**. Dispõe sobre a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária. Brasília: MTE.
- MINISTÉRIO do Trabalho e Emprego. **Portaria Ministerial n. 153, de 12 de fevereiro de 2009**. Dispõe sobre a aprovação dos regimentos internos das superintendências do Ministério do Trabalho e Emprego. Brasília: MTE.
- MOTTA, E.S.M.G. **Plataforma da Economia Solidária**. Brasília: FBES. Recuperado de: [www.Fbes.org.br](http://www.Fbes.org.br). 2004.
- MOTTA, E.S.M.G. **Trajetórias e transformações no mundo da Economia Solidária**. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2010.
- MOTTA, E.S.M.G. Políticas Públicas da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego. In: **Avanços e desafios para as políticas Públicas de Economia Solidária no Governo Federal -2003/2010**. Brasília: MTE/SENAES, 2012.
- MOTTA, E.S.M.G. **Plataforma do Projeto Esperança/Coesperança**. Santa Maria: RS. Recuperado de: <http://www.esperancacoesperanca.org.br/>. 2018.
- NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A.; GOMIDE, A. D.; PIMENTA, D. A. O.. O método de história de vida: exigências de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, p. 0-0, 2017.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SARRIA ICAZA, A. M.; FREITAS, M. R. (orgs.). **O projeto Esperança /Coesperança e a construção da Economia Solidária no Brasil**. Relato de uma experiência. Porto Alegre: Caritas Brasileira, 2006.
- SINGER, P. **A economia Solidária no Brasil: um retrato em 2005**. Brasília: MTE/SENAES, 2006. (mimeo)
- TÉVOÉDJRÈ, A. **A pobreza, Riqueza dos povos: A transformação pela solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

# **Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná - ITCP UFPR e turismo no litoral do Paraná: um estudo sobre as ações realizadas**

Raquel dos Santos Vieira<sup>1</sup>

Sandro Miguel Mendes<sup>2</sup>

Patricia Denkewicz<sup>3</sup>

Luiz Panhoca<sup>4</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta como objetivo analisar as ações desenvolvidas pela ITCP UFPR no setor de turismo do Litoral do estado do Paraná. A pesquisa apresenta abordagem qualitativa e foi realizada a partir de dados primários, envolvendo observação participante e entrevistas; e dados secundários, a partir da pesquisa documental. Os resultados apontaram que as ações desenvolvidas pela ITCP UFPR concentraram-se no Município de Guaraqueçaba, Litoral Norte do Paraná e foram empreendidas a partir dos projetos: “Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários na Cadeia Produtiva do Turismo”, “Projeto de Economia Solidária e Turismo – ETUR” e “Projeto Mutirão Mais Cultura na UFPR”. As ações desenvolvidas objetivaram a organização comunitária local, o estímulo à busca de alternativas de maneira autônoma pela comunidade para resolução de problemas comunitários, a implementação e desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, valorização cultural, formação de novas lideranças locais e capacitação quanto aos princípios da Economia Solidária. Verificou-se que a ITCP UFPR se apresenta enquanto ator importante no que se refere ao desenvolvimento local e territorial comunitário no Município de Guaraqueçaba.

**Palavras-Chave:** ITCP UFPR; turismo; litoral do Paraná.

**Abstract:** The article aims to analyze the actions developed by ITCP UFPR in the tourism sector of the Coast of the state of Paraná. The research presents a qualitative approach and was carried out from primary data, involving participant observation and interviews; and secondary data, from documentary research. The results pointed out that the actions developed by ITCP UFPR were concentrated in the Municipality of Guaraqueçaba, in the Northern Coast of Paraná and were undertaken from the following projects: "Incubation of Solidarity Economic Enterprises in the Tourism Productive Chain", "Solidary Economy and Tourism Project - ETUR" and "Mutirão More Culture Project at UFPR". The actions developed aimed at local community organization, encouraging the search for autonomous alternatives by the community to solve community problems, the implementation and development of community-based tourism, cultural valuation, formation of new local leaderships and training on the principles of Solidarity economy. It was verified that ITCP UFPR is an important actor in relation to local and territorial community development in the Municipality of Guaraqueçaba.

**Keywords:** ITCP UFPR; tourism; litoral do Paraná.

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR. Atualmente está como Turismóloga (residente técnica) na Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e do Turismo do Paraná (SEDEST) atuando diretamente com a Paraná Turismo.

<sup>2</sup> Doutorando em Meio Ambiente e Desenvolvimento – UFPR. Mestre em Turismo – UFPR. Coordenador da ITCP UFPR.

<sup>3</sup> Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2020). É professora no Curso de Turismo e Meio Ambiente da Universidade Estadual do Paraná, campus Campo Mourão-PR.

<sup>4</sup> Professor Associado do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Paraná. Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo.

*Introdução: Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná - ITCP UFPR*

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná (ITCP UFPR) foi constituída enquanto um programa de extensão e pesquisa vinculado à Coordenadoria de Desenvolvimento Social – CDS, órgão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC UFPR). (BERGONSI, 2007). Atualmente, a ITCP UFPR é um programa vinculado à Coordenação de Extensão da UFPR e está sediada em Curitiba, no Paraná.

A ITCP teve início em 1998, a partir da participação de um grupo de professores da UFPR no Seminário Nacional de Divulgação de Incubadoras de Cooperativas promovido pela Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – COPPE/UFRJ. (BERGONSI, 2007; POPP, 2002).

Em novembro de 1998 o programa foi aprovado pelo Comitê de Extensão, sendo que, em 22 de março de 1999, a ITCP UFPR foi institucionalizada como um Programa de Extensão vinculado à Coordenadoria de Apoio à Cidadania, órgão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, com apoio de outras Universidades Públicas Brasileiras, da Unitrabalho e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). (BERGONSI, 2007; POPP, 2002).

Paralelamente à instalação da ITCP UFPR, na ocasião do Seminário “Economia Solidária: Iniciativas de Autogestão e Cooperativismo Popular”, realizado em Curitiba, Paraná, ocorreu o lançamento da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, com a presença de pelo menos cem entidades representativas e apoiadoras. (BERGONSI, 2007; POPP, 2002).

A ITCP UFPR vem atuando na organização de grupos populares e na consolidação de empreendimentos cooperativos de pequeno porte, desenvolvendo ações que objetivam capacitar os trabalhadores para a gestão, valores e princípios do cooperativismo e da autogestão. (BERGONSI, 2007).

Em 2003, a partir da identificação da demanda dos agentes comunitários por capacitação, a ITCP UFPR passa a ofertar cursos básicos de extensão universitária visando à formação em Educação Popular, Metodologia de Intervenção e de Cooperativismo, além de cursos instrumentais com conteúdos administrativos e de base econômico-financeira que possibilitem o exercício da autogestão. (BERGONSI, 2007).

Em 2008 a ITCP/UFPR foi desafiada a aproximar o tema da economia solidária ao turismo, sendo convidada a executar o Projeto “Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários na Cadeia Produtiva do Turismo”, financiado pelo Ministério do Turismo através da Secretaria de Programas de Desenvolvimento do Turismo. (MENDES, DOZSA e D’ARÓZ, s/d). Aproximando-se a partir de então do setor de turismo do Litoral do Paraná.

A proposta da ITCP UFPR apresenta como objetivo promover, através de articulações com as políticas públicas de governo federal e estadual, ações que possibilitem efetivar a proposta de Economia Solidária, com objetivo de geração de trabalho e renda, da qualificação profissional, do desenvolvimento da cidadania e da qualidade de vida, contribuindo desse modo para a inserção social dos trabalhadores e para o desenvolvimento sustentável local (BERGONSI, 2007).

Por se constituir em um programa de extensão, a ITCP UFPR objetiva ainda proporcionar uma educação com uma nova lógica aos estudantes, por acreditar que o cooperativismo é um elemento pertinente em sua formação, uma vez que se fundamenta em valores, responsabilidade individual e coletiva, democracia e solidariedade. Nesse sentido, a ITCP UFPR propicia a oportunidade de os estudantes atuarem enquanto atores significativos do desenvolvimento, visto que se estabelecem fundamentos para a pesquisa aplicada e, através das intervenções destes na comunidade, resulta em uma experiência de trabalho diferente das obtidas em sala de aula (POPP, 2002).

A experiência de aprender e ensinar com a comunidade se configura como elemento gerador de variáveis, como: compreensão das políticas públicas, observação da dinâmica e o papel do educador e da escola na economia local; não previstas na universidade (ZECH et al, s/d).

A ITCP/UFPR trabalha com um arcabouço teórico e metodológico da Economia Solidária (SINGER, SOUZA, 2003), do Desenvolvimento Local (PREVOST, 2011) e com as Tecnologias Sociais (DAGNINO, 2011). Integram o Programa ITCP/UFPR bolsistas extensionistas e voluntários de diferentes áreas – gestão e empreendedorismo, turismo, produção cênica, agronomia, ciências sociais, medicina veterinária, meio ambiente e desenvolvimento, administração, economia, ciências contábeis - em nível de graduação e pós-graduação – mestrado e doutorado - , professores internos e externos da UFPR e um técnico administrativo.

O trabalho da ITCP/UFPR é desenvolvido em duas grandes ações: uma em Tunas do Paraná, localizado no Vale do Ribeira, onde se observa a qualidade técnica, a qualidade do serviço das cooperativas aos cooperados, a organização do grupo, a participação política das cooperativas e a sua inserção no debate local e regional e o empoderamento da cidadania; e outra no litoral do Paraná, a partir do Turismo de Base Comunitária, onde a relação homem x natureza se dá na organização e produção comunitária, aparece a associação de artesãos como grupo empoderado e o reflexo disso aparece na família, na comunidade e na sociedade. (DOZSA, PANHOCA E D'ARÓZ, s/d). O foco deste estudo está centrado nas ações desenvolvidas pela ITCP UFPR no litoral do Paraná.

A ITCP UFPR considera a potencialidade do turismo de Base Comunitária como ferramenta para o fortalecimento da gestão democrática e o desenvolvimento local, respeitando os ecossistemas, valorizando o trabalho e a cultura local e promovendo o estabelecimento de relações igualitárias, seja entre raça, gênero, etnia, território ou idade. (IGREJA *et al*, s/d).

Diante do exposto, o artigo apresenta como objetivo analisar as ações desenvolvidas pela ITCP UFPR no setor de turismo do Litoral do estado do Paraná. A pesquisa foi realizada a partir de dados primários: observação participante e entrevistas; e secundários: pesquisa documental.

O estudo está organizado em quatro seções, incluindo-se esta introdução. Na seção de número dois serão apresentados a metodologia e os procedimentos utilizados para realização da pesquisa. Em seguida, na terceira seção são apresentados os resultados obtidos. Por fim, na quarta seção são tecidas as considerações finais do estudo.

### *Metodologia e Procedimentos*

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa (GODOY, 1995) e caráter descritivo (GIL, 2002).

Para alcançar o objetivo do estudo foram realizadas pesquisas de dados secundários em livros, artigos de eventos e periódicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, bem como foram realizadas observações participantes (CRESWELL, 2010), visto que os autores deste estudo são integrantes da ITCP UFPR. Foram, ainda, realizadas entrevistas (GIL, 2008; LAVILLE E DIONNE, 1999) com informantes chave no decorrer das ações da ITCP UFPR.

### *Turismo no litoral do Paraná*

Os sete municípios do Litoral do estado do Paraná - Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná - formam a Região Turística do Litoral do Paraná. (SAMPAIO, 2006). Os segmentos mais praticados na região são o Turismo Cultural, o Ecoturismo, o Turismo de Aventura e o Turismo de Sol e Praia. (ITCG, 2016). A demanda turística dos municípios, em ordem decrescente é: Guaratuba, Matinhos, Pontal do Paraná, Ilha do Mel, Paranaguá, Morretes, Antonina e Guaraqueçaba. Ademais, o desenvolvimento da atividade turística no litoral paranaense é caracterizado a partir de um crescimento desordenado, onde o turismo convencional e massivo se destaca.

Entretanto, neste estudo, destacaremos o Município de Guaraqueçaba, onde os resultados da presente pesquisa, que serão apresentados na próxima seção, indicaram que estão concentradas as ações empreendidas pela ITCP UFPR.

O município de Guaraqueçaba está localizado no litoral norte do estado do Paraná, Brasil, a 167 km da capital Curitiba. O município faz divisa ao norte com o município de Cananéia (estado de São Paulo), a oeste com os municípios de Antonina e Campina Grande do Sul, ao sul com Paranaguá (PR) e a leste com o Oceano Atlântico (Figura1). Com população estimada em 2017 de 7.923 habitantes e área de 2.020,080 km<sup>2</sup> (IBGE, 2018). O município encontra-se totalmente inserido na Mata Atlântica, tendo sua riqueza natural caracterizada pela elevada diversidade biológica e

significativa ocorrência de endemismo, uma vez que 50% das suas espécies só ocorrem neste bioma. O que faz dessa uma área importante para a conservação da natureza. De tal modo, diversas áreas protegidas estão sobrepostas ao território, dentre as quais está o Parque Nacional do Superagui. (IGREJA *et al*, s/d).

Figura 1: Localização de Guaraqueçaba



Fonte: Brasil Escola (2018); Integra Litoral – PR (2018) adaptado pelos autores (2018).

Além das importantes amostras do ecossistema Floresta Atlântica, Guaraqueçaba abriga a riqueza cultural das comunidades caiçaras que habitam a região, representada pelo artesanato, pela pesca artesanal, pela cataia (cachaça artesanal local), pelo Fandango Caiçara (dança tradicional local), pelas farinheiras e pelas festas populares. (IGREJA *et al*, s/d).

Na Vila de Superagui, uma das comunidades de Guaraqueçaba, vivem aproximadamente 800 pessoas, com economia apoiada principalmente na pesca artesanal e no turismo. O acesso a esta vila, se dá apenas por barco, a partir de embarcações regulares e diretas. O fluxo de turistas para o local é mais concentrado nos meses de verão e durante feriados prolongados. (IGREJA *et al*, s/d).

O turismo em Guaraqueçaba é sazonal, “[...] sendo maior a demanda de dezembro a fevereiro, mas ainda atraindo um público menor durante feriados e finais de semana ao longo do ano [...]”. (BETTI, 2014, p. 107). A demanda turística do município é proveniente, em sua maioria, de Curitiba e têm como objetivo principal o descanso, apreciar a natureza, observar a fauna e flora e prática de caminhadas (SPVS, 2006).

Os atrativos da localidade concentram-se em culturais e naturais. Dentre os culturais destacam-se: o Fandango Caiçara, as festas e outras manifestações populares, a Igreja do Nosso Senhor Bom Jesus dos Perdões, o casario colonial, as farinheiras, o artesanato, as comunidades tradicionais, seus conhecimentos e práticas como a pesca, o extrativismo, as lendas, o tradicional uso da folha da cataia (*Pimenta pseudocaryophyllus*) em aguardente etc. E dentre os naturais os mais



visitados são: o Morro do Quitumbê, a Reserva Natural Salto Morato, a Reserva Natural do Sebuí, o Mirante da Serra Negra, a baía de Guaraqueçaba, a praia da Gamela, a observação de botos-cinzas (*Sotalia guianensis*) e, nas Ilhas Pinheiro e Pinheirinho, a ilha do Superagui e Ilhas das Peças. (BETTI, 2014).

A oferta turística nesses atrativos é simples e reduzida, entretanto, “[...] a atividade turística contribui significativamente na geração de renda local [...]” (BETTI, 2014, p. 110).

### *Resultados e Discussão*

A ITCP/UFPR foi desafiada a aproximar o tema da economia solidária ao turismo, no ano de 2008, ao ser convidada para executar o Projeto financiado pelo Ministério do Turismo, através da Secretaria de Programas de Desenvolvimento do Turismo, intitulado “Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários na Cadeia Produtiva do Turismo”. Na proposta apresentada pela ITCP foram previstas ações a serem desenvolvidas em dois destinos indutores do turismo no estado do Paraná: Foz do Iguaçu e Litoral do Paraná. Dentre os objetivos previstos pelo Ministério do Turismo constavam: Incubação dos Empreendimentos de Economia Solidária na Cadeia Produtiva do Turismo; Construção de referencial conceitual e metodológico; Articulação de políticas públicas de turismo, de Economia Solidária e de promoção do desenvolvimento local e regional e Produção de conhecimento e formação de discentes. (MENDES, DOZSA e D’ARÓZ, s/d).

A proposta elaborada pela ITCP UFPR envolveu os seguintes objetivos: Elaboração do Diagnóstico dos empreendimentos de Economia Solidária na Cadeia do Turismo nos dois destinos indutores; Constituição e formação de uma equipe de incubação local; Incubação de empreendimento de economia solidária na cadeia produtiva do turismo e Sistematização e divulgação dos resultados do projeto. A incubação inicialmente prevista somente para Foz de Iguaçu foi contemplada em um segundo projeto cujas ações se concentraram no litoral do Paraná – Projeto ETUR- Litoral. (MENDES, DOZSA e D’ARÓZ, s/d).

Na sequência, foi elaborado um diagnóstico do destino indutor Paranaguá, que possui como principal atrativo a Ilha do Mel. O diagnóstico contou com um processo de articulação com as principais entidades de pesquisa, de governo, e ou representativas do turismo na Região. (MENDES, DOZSA e D’ARÓZ, s/d).

As ações estavam previstas para serem desenvolvidas na Ilha do Mel. Contudo, os resultados do referido diagnóstico não apontavam as condições que o trabalho pretendia. A Ilha do Mel, enquanto um espaço turístico consolidado e saturado pelo grande número de empreendimentos, pousadas, restaurantes e demais estruturas que não pertencem as populações tradicionais, condição que para equipe foi fundamental para optar pelo trabalho na região de Guaraqueçaba. (MENDES, DOZSA e D’ARÓZ, s/d).

Ao mesmo tempo, a equipe participava de reuniões articuladas com: a Fundação Municipal de Turismo (FUMTUR) e o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) de Paranaguá, com a Agência de Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral do Paraná (ADETUR) e com a UFPR Litoral (participação no III Colóquio Turismo). (MENDES, DOZSA e D'ARÓZ, s/d).

O início efetivo do trabalho com o grupo se deu em reunião onde foram identificadas as principais demandas e elaborado um plano de ação para ser executado no período e vigência do projeto ETUR. (MENDES, DOZSA e D'ARÓZ, s/d).

As atividades do Projeto de Economia Solidária e Turismo – ETUR - foram iniciadas no final de 2013, no litoral do Paraná, no Município de Guaraqueçaba. (ITCP UFPR, 2018).

No referido município, a extensão tem como objetivo desenvolver o Turismo de Base Comunitária (TBC), uma modalidade de turismo que dialoga com as premissas do desenvolvimento local (IRVING, 2009). A partir de observações e do diagnóstico no município buscou-se identificar e aproximar-se de empreendimentos solidários e de comunidades que apresentassem interesse na proposta do Turismo de Base Comunitária. No decorrer das reuniões entre a equipe da ITCP/UFPR e os cooperados, identificaram-se demandas como a revisão do regimento interno e do cumprimento dos acordos feitos entre si e resgate de alguns cooperados. Essa etapa foi concluída com a eleição de uma nova diretoria. (DOZSA, PANHOCA E D'ARÓZ, s/d).

Na Ilha de Superagui, inicialmente, buscou-se entender as dinâmicas sociais. Foram identificadas as relações comunitárias e as lideranças, organizações formais e informais e instituições que atuam no local: igrejas, escola, organização dos barqueiros, pousadas, associação de moradores, ICMBio, Universidades e movimentos sociais.

Na sequência, os moradores foram convidados para uma reunião para apresentação da proposta e participação da construção do projeto. Na referida reunião, realizada com a comunidade da Vila de Superagui, além da apresentação e construção participativa do projeto, foram apresentados o conceito e os pressupostos do Turismo de Base Comunitária.

Na etapa de identificação dos problemas da comunidade, foram identificados que os principais se relacionavam à coleta de lixo, ao abastecimento de água, ao saneamento e a temas relacionados à juventude, como uso de drogas ilícitas e alternativas de trabalho e lazer insuficientes. Destacou-se ainda o pouco envolvimento e interesse da comunidade para a resolução dos problemas citados.

No decorrer das ações do projeto, foram realizadas oficinas para trabalhar os temas identificados, tendo sempre como pano de fundo a importância da organização coletiva e os princípios da economia solidária, visando o desenvolvimento local.

A partir dos diálogos, individuais e coletivos, com os moradores da Vila de Superagui, evidenciou-se o latente desejo de realizar uma festa comunitária, a festa do Camarão Sete Barbas. Nesse contexto foram realizadas uma série de reuniões para o planejamento da primeira Festa do

Camarão Sete Barbas da Vila de Superagui, no ano de 2015. O objetivo da festa foi arrecadar fundos para melhorar a captação de água da Vila, a qual não recebe atendimento da Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR), visto que o saneamento, um dos problemas identificados, se agravava no verão, período de maior visitação turística e quando o abastecimento de água não atendia à demanda.

Devido aos bons resultados alcançados pela comunidade com a realização da festa, a Associação de Moradores realizou com autonomia a segunda Festa do Camarão Sete Barbas da Comunidade de Superagui, mantendo o objetivo da manutenção do sistema de abastecimento de água, da primeira festa e, ainda, com o objetivo de reformar as pontes de madeira da trilha que dá acesso à Praia Deserta, um dos locais mais visitados da Ilha.

Observa-se que a realização da Festa do Camarão Sete Barbas consistiu em um exercício prático e propôs a tomada de decisões do grupo e sua organização solidária para o alcance dos objetivos, além de contribuir com a formação de agentes locais, promovendo a cooperação e a participação, além da constatação do surgimento de lideranças locais. Observa-se, ainda, que um dos resultados obtidos foi a articulação entre os processos associativos protagonizados pela Associação de Moradores e o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária. (IGREJA *et al*, s/d).

Cabe destacar que a partir das ações da ITCP UFPR foi elaborado um mapa turístico da Ilha de Superagui (FIGURA 2).

Figura 2: Mapa Turístico de Superagui



Fonte: Acervo ITCP UFPR (2018)

No ano de 2017 a ITCP UFPR foi convidada a integrar a equipe do Projeto Mutirão Mais Cultura na UFPR, financiado pelo Ministério da Cultura e desenvolvido desde o ano de 2015 sob coordenação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEC – da UFPR. Este projeto apresentou como objetivo:

Criar Planos de Cultura das Instituições Federais de Ensino Superior e das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, por meio da concessão de apoio financeiro a programas, projetos e ações em espaços culturais que articulem a formação, inovação e difusão em arte e cultura, inclusive equipando e reestruturando espaços e ambientes de ensino e pesquisa já existentes, voltados para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais, podendo contar com a participação de outras instituições de caráter cultural, artístico ou educacional. Outro produto esperado é a elaboração de um Plano de Cultura Institucional da Universidade Federal do Paraná. (PROEC, 2018).

A ITCP UFPR integrou os eixos 4 – Diversidade Artístico- Cultural e 6 – Economia Criativa, Empreendedorismo Artístico e Inovação Cultural do projeto Mutirão Mais Cultura na UFPR. (PROEC, 2018). Neste projeto, as ações da ITCP UFPR situaram-se na Ilha de Superagui e na Sede de Guaraqueçaba. Cabe destacar que as ações empreendidas foram indiretamente ligadas ao turismo.

Em Guaraqueçaba, as ações foram voltadas ao fortalecimento da Cooperativa de Artesãos Arte Nossa, que desde janeiro de 2018, constituíram uma loja para comercialização de seus produtos e troca de experiências com turistas e visitantes, com o grupo de Fandango Fandanguará, composto por jovens e adolescentes da comunidade que se preocupam em manter viva a cultura do Fandango Caiçara, e de sua valorização, e com lideranças locais que contribuem para a manutenção e valorização da cultura local, como o Coordenador Pedagógico de um colégio local que, em parceria com o Setor de Educação da UFPR, promoveu com os jovens da comunidade um curso para captação de técnicas artesanais locais a partir da fotografia capturada com celular, o qual foi intitulado como “Artesanias Caiçaras”. O referido curso obteve como resultado mais de mil fotografias que retrataram 25 técnicas artesanais locais que vão desde a produção da coxinha de siri até a confecção da rabeça, instrumento tradicional utilizado no Fandango Caiçara.

Na Ilha de Superagui, as ações do projeto Mutirão Mais Cultura na UFPR envolveram o grupo de Fandango local, Raízes Fandangueras, visando a valorização desta dança local, a Associação de Moradores e a Associação de Mulheres com o objetivo de fortalecimento da organização comunitária na vila.

### *Considerações finais*

O artigo objetivou analisar as ações desenvolvidas pela ITCP UFPR no setor de turismo do Litoral do estado do Paraná. A pesquisa foi realizada a partir de dados primários: observação participante e entrevistas; e dados secundários: pesquisa documental.

Os resultados apontaram que as ações desenvolvidas pela ITCP UFPR se concentraram no Município de Guaraqueçaba, Litoral Norte do Paraná e foram empreendidas a partir dos projetos: “Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários na Cadeia Produtiva do Turismo”, “Projeto de Economia Solidária e Turismo – ETUR” e “Projeto Mutirão Mais Cultura na UFPR”.

As ações desenvolvidas objetivaram a organização comunitária local, o estímulo à busca de alternativas de maneira autônoma pela comunidade para resolução de problemas comunitários, implementação e desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, Valorização Cultural, formação de novas lideranças locais e capacitação quanto aos princípios da Economia Solidária.

Após o estudo, verificou-se que a ITCP UFPR se apresenta enquanto ator importante no que se refere ao desenvolvimento local e territorial comunitário no Município de Guaraqueçaba.

Destaca-se ainda a importância da extensão universitária para as comunidades, bem como ferramenta essencial para promoção do diálogo entre teoria, estudada em sala de aula, e realidade, práticas comunitárias e locais, colaborando para a consciência da reflexão acerca do tripé ensino, pesquisa e extensão.

## Referências

BERGONSI, S.S.; LACERDA G. B de. (Org). **Cooperativismo, Economia Solidária e Inclusão Social: métodos e abordagens**. Curitiba: PROEC, 2007.

BETTI, P. **Turismo de base comunitária e desenvolvimento local em unidades de conservação: estudo de caso na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba e no Parque Nacional do Superagui, Guaraqueçaba - Paraná**. 194 p. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2014.

BRASIL ESCOLA. **Paraná**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/parana.htm>. Acesso em: 04 jul. 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAGNINO, R. P. **Tecnologia Social: base conceitual**. *Revist@ do Observatório do Movimento pela Tecnologia Social da América Latina*. 1(1) 2011. p. 1-12.

DOZSA D.; PANHOCA L.; D'AROS M. S. **A ITCP/UFPR e a extensão universitária como fatores de promoção do desenvolvimento de comunidades**. s/d.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. *RAE*, São Paulo. v. 35 n. 3, p. 20-29, maio/junho 1995.

IGREJA, A.; BETTI, P.; DOZSA, D.; D'AROS, M. S. **Economia Solidária e Turismo de Base Comunitária: Uma proposta metodológica em construção**. s/d.

INTEGRA LITORAL – PR. **O Litoral do Paraná**. Disponível em: <http://integralitoralpr.blogspot.com/2013/12/guaratuba-caioba-matinhos-pontal-do.html>. Acesso em: 04 jul. 2018.

INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E GEOLOGIA DO PARANÁ - ITCG. **Zoneamento ecológico - econômico do estado do Paraná - litoral**. Curitiba: ITCG, 2016.

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO *et al* (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

ITCP UFPR. **E-TUR: Turismo e Economia Solidária no Paraná**. Disponível em: [http://www.itcp.ufpr.br/?page\\_id=233](http://www.itcp.ufpr.br/?page_id=233). Acesso em: 28 jun. 2018.

JUSTINO M. J. **Incubadora Tecnológica De Cooperativas Populares: a experiência da UFPR**. Curitiba: UFPR/ PROEC, 2002.

LAVILLE Christian; DIONNE Jean. **A Construção do Saber: Manual de Metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MENDES S. M.; DOZSA D.; D'ARÓZ M. S. **Capacitação dos cooperados da Arte Nossa: a experiência da ITCP/UFPR**. s/d.

PREVOST, P. **Enjeux didactiques dans la formation des agronomes: cas de lanotion de terroir**. *Natures Sciences Sociétés* 19, 50-55 (2011). p. 50-55.

PROEC – Pró Reitoria de Extensão e Cultura. **Mutirão Mais Cultura na UFPR**. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/maiscultura/index.html>. Acesso em: 04 jul. 2018.

SAMPAIO, R. **Ocupação das orlas das praias paranaenses pelo uso balneário**. Curitiba, 2006. Tese. (Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Paraná). 2006.

SINGER, P., SOUZA, A.R. (org.) **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SPVS. Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental. **Diagnóstico de Serviços e Infraestruturas para o ecoturismo existentes na região da APA de Guaraqueçaba**. Curitiba: SPVS, 2006. Relatório Técnico.

ZECH, D. L.; MARTINS, F. P.; SILVA, K. T. N.; CARNEIRO, L. M.; D'ARÓZ, M. S.; DOZSA, D. **A ITCP e a produção do conhecimento como ferramenta para o desenvolvimento de comunidades**. *Metodologías de Intervención Social. Producción de Conocimiento, Tecnología Social y Experiencias em Incubadoras Universitarias de Economía Solidaria*. Volumen 1, Año 4.

## **Barbearia Autogestionária: Experiência de Capacitação Profissional de Jovens em Cumprimento de Medidas Socioeducativas<sup>1</sup>**

Isabela Aparecida de Oliveira Lussi<sup>2</sup>

Ana Cláudia Esteves dos Reis Fugikaha<sup>3</sup>

Ana Laura de Melo Alves<sup>4</sup>

Claudia Daher Saad<sup>5</sup>

Thauana Leticia Felicio<sup>6</sup>

**Resumo:** A parceria entre o movimento da Economia Solidária e o da Reforma Psiquiátrica possibilitou o desenvolvimento de experiências práticas e de aparato jurídico-político que promoveram o fomento de empreendimentos econômicos solidários constituídos por pessoas que se encontravam excluídas do mundo do trabalho por apresentarem problemática no campo da saúde mental. Neste cenário, a Economia Solidária incorporou o cooperativismo social destinado a pessoas em situação de desvantagem social, entre eles, jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. Este estudo teve como objetivo descrever a metodologia desenvolvida no projeto de capacitação profissional em barbearia autogestionária, de jovens participantes do Programa de Medidas Socioeducativas na modalidade “Liberdade Assistida”, compreendida como tecnologia social. A capacitação foi desenvolvida em três eixos centrais: 1) Construção do Grupo; 2) Formação Técnico-Prática; 3) Inclusão em Grupos. Os resultados mostraram que os impactos da experiência foram bastante positivos na vida dos jovens participantes, tanto segundo eles, na perspectiva de construção de projetos de vida; como segundo seus familiares. Argumentamos que é na construção coletiva que sonhos se tornam realidade, transformam vidas e trilham caminhos menos danosos.

**Palavras-chave:** economia solidária; autogestão; cooperativismo social; juventude; medidas socioeducativas; tecnologia social

**Abstract:** The partnership between the Solidarity Economy and the Psychiatric Reform movement made possible the development of practical experiences and a juridical-political apparatus that promoted the development of solidarity-based economic enterprises constituted by people who were excluded from the working world because they presented problems in the field of mental health. In this scenario, Solidarity Economy incorporated social cooperativism aimed at socially disadvantage participants, including, the youth in compliance with socio-educational measures. This study aimed to describe the methodology developed in

---

<sup>1</sup> Parte deste texto foi apresentada no V Congresso da Rede de ITCPs, ocorrido no período de 1 a 4 de maio de 2019, no Rio de Janeiro-RJ.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. É Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos, vinculada ao Departamento de Terapia Ocupacional, ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional e ao Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol) da UFSCar. Como terapeuta ocupacional, atua na área de saúde mental.

<sup>3</sup> Psicóloga.

<sup>4</sup> Cientista Social pela Universidade Federal de São Carlos. Graduanda em Medicina na Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>5</sup> Psicóloga. Especialista em análise do comportamento humano. Orientadora de Medida Socioeducativa no Salesianos - São Carlos.

<sup>6</sup> Terapeuta Ocupacional. Especialização em Saúde Mental e Psiquiatria com Ênfase em Dependência Química. Graduanda em Políticas Públicas e Socieducação. Coordenadora do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto Salesianos - São Carlos

the project of professional training in a self-managed barbershop of young people participating in the program of Socio-educational Measures in the "Assisted Freedom." modality, understood as social technology. The training was developed in three central axes: 1) Construction of the Group; 2) Technical and Practical Training; 3) Inclusion in Groups. The results showed that the impacts of the experience were very positive in the lives of the young participants, according to them and their relatives, from the perspective of building life projects. We argue that it is in the collective construction that makes dreams come true, transforming lives and helping the youth choose less harmful paths.

**Keywords:** solidarity economy; self-managed; social cooperativism; youth; educational measures; social technology

### *Introdução*

Nos últimos anos, no Brasil, a Economia Solidária se mostrou uma potente estratégia de inclusão social pelo trabalho de pessoas que foram apartadas do mundo do trabalho por apresentarem uma história de sofrimento psíquico, ou de uso problemático de substâncias psicoativas, ou uma deficiência física ou sensorial entre outras situações que podem maximizar os processos de exclusão social.

A partir da aproximação entre o campo da Economia Solidária e o da Saúde Mental, especificamente, foi se desenvolvendo uma séria de experiências práticas e de aparato jurídico-político que promoveram o fomento de empreendimentos econômicos solidários (EES) constituídos por pessoas que se encontravam nesta condição de exclusão do mundo do trabalho.

Neste cenário, a Economia Solidária incorporou o cooperativismo social que teve sua origem, no contexto nacional, com o movimento da Reforma Psiquiátrica (SINGER, SCHIOCHET, 2014). No entanto, a lei nacional do cooperativismo social, Lei 9.867, de 10 de novembro de 1999, inspirada na lei italiana, “[...] não oferta uma base legal para a formalização dos empreendimentos econômicos solidários sociais [...]” (SINGER; SCHIOCHET, 2014, p. 29).

Assim, a parceria entre Saúde Mental e Economia Solidária produziu vários avanços visando a concretização das cooperativas sociais, entre eles, a publicação do Decreto nº 8.163, de 20 de dezembro de 2013, que instituiu o Programa Nacional de Apoio ao Associativismo e Cooperativismo Social – Pronacoop Social (BRASIL, 2013), com a finalidade de fomentar o desenvolvimento das cooperativas sociais e dos empreendimentos econômicos solidários sociais. Com a criação deste Programa se criou também seu Comitê Gestor com o objetivo de elaborar o Termo de Referência do Cooperativismo Social no Brasil (TYGEL, 2017).

O cooperativismo social inclui outros segmentos sociais para além de pessoas com problemas de saúde mental, definidas como pessoas em situação de desvantagem social. O Comitê Gestor do Pronacoop Social redefiniu a categoria de pessoas em situação de desvantagem social que podem compor as cooperativas sociais. São eles: Pessoas com transtorno mental; Pessoas com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas; Pessoas privadas de liberdade, em cumprimento de



penas e medidas alternativas, ou egressas do sistema prisional; Pessoas com deficiência; Jovens, em idade adequada ao trabalho, que estejam em situação de vulnerabilidade juvenil, em especial aqueles que estão cumprindo medidas socioeducativas ou egressos do sistema socioeducativo; População em situação de rua; Pessoas que vivem da coleta, seleção e processamento de material reciclável, que provêm de famílias em situação de pobreza extrema, que não estão adequadamente organizadas em EES e cujo trabalho ainda é realizado em “lixões” ou nas ruas de forma precária, individual ou desarticulada (TYGEL, 2017).

Considerando este contexto do cooperativismo social, temos trabalhado com capacitação profissional de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas na perspectiva da economia solidária, articulando autogestão e desejo dos jovens em relação à atividade profissional.

De acordo com Freire (2005), os processos de inclusão social e o modo como adquirimos conhecimento se torna mais prazeroso e eficaz quando buscamos por experiências que aproximem nossos desejos. Em seus vastos estudos sobre a realidade da sociedade brasileira, Freire elucida a importância de nos reconhecermos no que fazemos como traçamos nossas vivências e relações. O mesmo ocorre no mundo laboral, ao atribuirmos sentido e identificação ao trabalho este flui e cria raízes com forte potência para mudança social.

Tal apontamento vai ao encontro do trabalho realizado no Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto na cidade de São Carlos-SP, serviço desenvolvido pela instituição Salesianos junto a adolescentes de 12 a 18 anos, excepcionalmente até os 21, aos quais se atribuem a prática de um ato infracional, a partir de determinação judicial. As medidas acompanhadas consistem na Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, segundo o previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Junto aos adolescentes acompanhados, a equipe do Programa de Medidas visa a responsabilização pelo ato infracional cometido, em consonância com a promoção de experiências, fazeres e vivências que possibilitem a (re)construção de trajetórias desvinculadas do universo infracional, bem como a aproximação dos desenhos e sonhos e a participação social.

De forma a alcançar tais objetivos, busca-se parcerias para promoção de atividades fomentadoras de novos aprendizados, conhecimentos e experimentações nas diferentes áreas (esporte, cultura, lazer, educação etc.), sendo a profissionalização considerada um desafio devido à baixa oferta de cursos profissionalizantes no município e/ou território, com rotinas e cargas horárias intensas e sem oferta de transporte, que incluam o perfil de um adolescente com defasagem idade série, dificuldades de aprendizagem e com a necessidade de retorno financeiro rápido/imediato para atender as demandas de vulnerabilidade socioeconômica. A inclusão no mercado de trabalho também se mostra uma tarefa desafiadora, considerando as exigências quanto à escolaridade e experiência, bem

como os estigmas vivenciados devido ao território de residência, a estética (tais como o preconceito a tatuagens e forma de vestuário), a linguagem, entre outros.

De forma a contextualizar esta reflexão, apresentamos os dados do ano de 2018, coletados nos instrumentais produzidos mensalmente pela equipe técnica do Programa de Medidas, no que se refere à inserção em cursos profissionalizantes e mercado de trabalho, em específico na medida de Liberdade Assistida (L.A.).

No que se refere a cursos profissionalizantes, na medida de L.A. houve a média de onze adolescentes inseridos por mês, sendo oito em cursos oferecidos no próprio Programa de Medidas e três externos (Centro Profissionalizante Dom Bosco – Panificação, SENAC, SENAI e CEFA). Já quanto a inserção no mercado de trabalho, houve uma média mensal de quatorze inseridos (11 sem vínculo e 3 com vínculo empregatício) em funções nas áreas de construção civil, lava rápidos e oficinas mecânicas, lanchonetes e supermercados, entre outras.

Assim, a possibilidade de realizar um trabalho com o qual nos identificamos somado à perspectiva de organização do mesmo nos moldes da Economia Solidária, que tem a autogestão como um de seus princípios, fez com que o projeto de sensibilização para a Economia Solidária de jovens de 14 a 17 anos, participantes do Programa de Medidas Socioeducativas na modalidade “Liberdade Assistida – L.A.”, em São Carlos/SP, pudesse ser construído em conjunto com os participantes, envolvendo seus desejos e sonhos desde o início. O projeto foi desenvolvido pela equipe da Linha de Ação “Inserção Laboral de Pessoas em Desvantagem Social”, do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em parceria com a equipe do Programa de Medidas Socioeducativas em meio aberto de São Carlos, com apoio do Programa de Extensão Universitária (ProExt) do Ministério da Educação (MEC), da Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar e do CNPq.

O projeto teve como objetivo a capacitação profissional de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto (LA) na perspectiva da Economia Solidária. A capacitação foi em barbearia autogestionária.

Partindo da compreensão de tecnologia social como o “conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL, 2004, p. 130), entendemos a metodologia desenvolvida na Capacitação Profissional em Barbearia Autogestionária como uma tecnologia social.

O objetivo do presente estudo é descrever a metodologia desenvolvida no projeto de capacitação profissional em barbearia autogestionária, de jovens de 14 a 17 anos, participantes do Programa de Medidas Socioeducativas na modalidade “Liberdade Assistida – L.A.”.

### *Desenvolvimento*

A equipe do projeto foi composta pela coordenadora da Linha de Ação “Inserção Laboral de Pessoas em Desvantagem Social”, por uma técnica de incubação, por duas estudantes extensionistas, uma educadora de medidas socioeducativas e um barbeiro.

É importante esclarecer, que faz parte da nossa metodologia partir sempre do desejo em relação à atividade profissional dos envolvidos e também do acúmulo profissional dos mesmos, quando se trata de pessoas adultas com histórico ocupacional. A atividade de barbearia foi escolhida pelos jovens envolvidos no projeto.

A Capacitação foi realizada nas dependências da Instituição Salesianos São Carlos, sede do Programa de Medidas Socioeducativas em meio aberto da cidade.

Parte da Capacitação foi voltada para o ensino-aprendizagem da técnica, na qual eles aprendiam o corte de cabelo discutindo a técnica e o manuseio das ferramentas de trabalho e outra parte focalizou a autogestão, na qual discutíamos as dificuldades da inserção no trabalho, os interesses na área profissional, as possibilidades de trabalho associado como alternativa ao mercado de trabalho tradicional, a divisão de tarefas e a construção de processos coletivos.

Por meio de atividades de formação de grupo, com exercícios de construção coletiva de um possível empreendimento econômico solidário e do aprendizado coletivo do ofício da barbearia, descrevemos o encontro desses jovens com as práticas da autogestão, cooperação e construção de relações interpessoais saudáveis e da possibilidade de geração de renda lícita, autônoma e não opressora.

Para tal o projeto foi desenvolvido seguindo três eixos centrais: 1) Construção do Grupo; 2) Formação Técnico-Prática; 3) Inclusão em Grupos.

Para o Eixo 1) Construção do Grupo, realizamos atividades de identificação de potencialidades dos jovens para atividades laborais, seus sonhos e desejos para o trabalho, por meio de dinâmicas para construção de vínculos e autopercepção, posteriormente, atividades para criação do logotipo e nome para a Barbearia. Ademais, construção dos objetivos coletivos para o espaço físico da Barbearia, dinâmicas para imaginar o espaço físico e o que existiria para ofertar neste espaço, quais os trabalhos e outros. Realizamos um quadro que dispunha sobre a distribuição de tarefas, organização do espaço e execução dos cortes, conforme o interesse dos jovens, garantindo a participação de todos os interessados na aprendizagem prática da barbearia por meio da rotatividade entre eles. Realizamos uma festa de confraternização final com os jovens e suas famílias, entregamos álbuns individuais com fotos do trabalho e das atividades realizadas, uma linha do tempo da participação dos jovens nos encontros semanais, construímos também de maneira coletiva uma

camiseta para a barbearia e cartões de visita, sendo a primeira entregue aos jovens no último dia de atividades.

No Eixo 2) Formação Teórico-Prática, houve a divisão do trabalho em dois momentos, A) Formação Teórico-Prática no Ofício de Barbearia e B) Formação Teórico-Prática em Economia Solidária. Para o primeiro começamos buscando um profissional no ofício de barbearia que tivesse interesse no escopo do projeto, compreendendo suas especificidades e demandas. Depois de realizada uma seleção com barbeiros da cidade de São Carlos/SP, começamos a formação técnica com os jovens. Durante as atividades práticas o ofício foi apresentado, bem como materiais de trabalho, normas de segurança e higiene no trabalho, construção de um cronograma para o aperfeiçoamento técnico: apresentação das medidas da cabeça e face; manipulação dos equipamentos e introdução aos cortes básicos e estilizados.

Para o segundo, realizamos atividades e dinâmicas introdutórias de Economia Solidária, abordando os princípios da mesma, o que é um E.E.S e as formas de organização coletiva no trabalho, autogestão e administração de um E.E.S, por meio de organização e identificação de material e espaço, comunicação visual e oral, listas de tarefas e distribuição destas, em conjunto a gestão de pessoas. Comercialização solidária, abordamos sobre oferta de serviços, propaganda e marketing solidário, fortalecimento da comunidade e daqueles que compõem um E.E.S, bem como o comércio justo e solidário. Em relação às vendas trabalhamos o estudo de viabilidade econômica (E.V.E). Por fim, trabalhamos o tema da formalização de um E.E.S..

No eixo 3) Inclusão em Grupos, tínhamos como ideia central realizar visitas as barbearias da cidade, aos espaços de Economia Solidária e estreitar os vínculos entre esses dois espaços, barbearia e EcoSol. Contudo, no que diz respeito às visitas em barbearias, tivemos bastante dificuldade, pois, apesar de conseguirmos uma rede de barbeiros que demonstraram interesse nas visitas, por eventualidades e outras demandas não foi possível a concretização das mesmas. As visitas aos EES foram realizadas.

### *Resultados*

Os impactos da experiência foram bastante positivos na vida dos jovens participantes, tanto segundo eles, na perspectiva de construção de projetos de vida; como segundo seus familiares, uma das mães relatou que este foi o único projeto, até o momento, que seu filho participou do início ao fim. Ao final da capacitação os jovens receberam dois certificados, um referente à capacitação em barbearia e outro referente à capacitação em autogestão. Argumentamos que a Economia Solidária pode oferecer subsídios para construção de ferramentas de prevenção psicossocial para populações em situação de vulnerabilidade social. Por meio da interface entre a inclusão social pelo trabalho e o

cooperativismo social, entendemos a importância de trabalhos que acolham e possibilitem nova perspectiva para o futuro de jovens em vulnerabilidade social.

A Equipe do Programa de Medidas avaliou a experiência como extremamente positiva para os jovens participantes. Observou-se assiduidade dos jovens inseridos acima da média dos outros grupos que aconteceram no mesmo período no Programa. Foram levantadas hipóteses pela equipe para explicar tal fenômeno, como a sensação de pertencimento grupal (já que era um grupo fechado, com pouca rotatividade), a temática profissionalizante passada de forma acessível, adaptada às demandas do grupo e de possibilidade de aplicação com baixo investimento, além de uma tecnologia de ensino que trouxe a possibilidade do reconhecimento de habilidades de cada participante. Vale frisar que os participantes apresentavam histórico de “fracasso” escolar, e bastante resistência ao processo de ensino formal. Observou-se em alguns casos específicos que a vinculação com o grupo facilitou os atendimentos individuais de L.A., o interesse de retorno escolar e a busca por outros cursos profissionalizantes.

Ao fim de 18 encontros semanais de sensibilização para a EcoSol e Ofício de Barbearia, com duração de 2 horas por encontro, desenvolvidos durante 4 meses com os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, compreendemos que o processo desenvolvido se caracteriza como uma tecnologia de inclusão social, entendida como “[...] metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social [...]” (REDE..., 2009, s/p).

Está sendo construída uma cartilha com a descrição da tecnologia social desenvolvida a ser distribuída em todos os Programas de Medidas Socioeducativas do Brasil visando estimular a reaplicação da metodologia desenvolvida.

### *Reflexões finais*

Apontamos a importância da parceria com a equipe do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto da cidade de São Carlos para o desenvolvimento do projeto, inclusive com a participação de uma educadora de medidas na equipe de trabalho. O vínculo prévio desta profissional com os jovens facilitou sobremaneira o entrosamento inicial da equipe com eles.

A equipe do Programa de Medidas se mostrou consideravelmente impressionada com a rápida e forte construção de vínculos, especialmente por terem encaminhado ao grupo jovens com experiência de difícil convivência e baixa vinculação. Avaliou que as atividades realizadas com o grupo impactaram positivamente os atendimentos individuais e as perspectivas de convivência e trabalho dos jovens.

Finalizamos este trabalho com reflexões que os encontros com os jovens neste projeto nos proporcionaram: numa manhã ensolarada em meio a uma sala que construiu fortes laços entre pessoas que nunca haviam conversado entre si como grupo, o sol entra pela janela e se estende aos corpos compassados que em meio ao sono se entusiasmam com um novo reencontro, entre navalhas, desejos, músicas, tesouras e conversas, eis o encontro de si, o encontro com outros e com o futuro. Os sorrisos e os olhares de acolhimento sempre foram presentes nesse espaço. No resgate de memórias os sonhos são transformados em potenciais de mudança, as palavras amigas e o sentimento de pertencer florescem. Resgatar sonhos e possibilitar sua existência no plano físico é uma tarefa diária que caminha entre aprender, germinar, cuidar e fomentar. Os olhos cheios de entusiasmo daqueles que acompanharam este projeto entendem que no país que a cada 23 minutos um jovem negro periférico é morto, no país em que o racismo estrutural ocorre de forma desenfreada, palavras e trabalho pautado na identificação destes com suas vivências e sentimentos podem acolher e cuidar. Tornam-se potenciais na transformação da vida de jovens que vivenciam a negligência estatal, genocida e racista, que não oferece oportunidades de geração de trabalho, renda e estudo, de saídas para a situação de vulnerabilidade social. É na construção coletiva que sonhos se tornam realidade, transformam vidas e trilham caminhos menos danosos.

## Referências

- BRASIL. **Lei nº 9.867**, de 10 de novembro de 1999. Dispõe sobre a criação e o funcionamento de Cooperativas Sociais, visando à integração social dos cidadãos, conforme especifica. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9867.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9867.htm). Acesso em: 18 jun. 2019.
- BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em 18 jun. 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 184p.
- INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. In: LASSANCE JR, Antonio. E. et al. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Fundação Banco do Brasil: Rio de Janeiro, 2004. p. 117-133.
- REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL. Disponível em: <http://www.rts.org.br>. Acesso em: 23 set. 2009.
- SINGER, Paul.; SCHIOCHET, Valmor. Economia solidária e saúde mental: a construção da política nacional de cooperativismo social. In: PINHO, Kátia Liane Rodrigues; PINHO, Leonardo Penafiel; LUSSI, Isabela Aparecida de Oliveira; MACHADO, Maria Lucia Teixeira **Relatos de experiências em inclusão social pelo trabalho na saúde**. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2014. p. 25-9.
- TYGEL, Daniel. **Trilhas da inclusão: envolver o mundo com o cooperativismo social**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. 88p.